

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

ELIANE VEIGA PORTA

**Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920**

São Paulo  
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

## **Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920**

Eliane Veiga Porta

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antonio Novais

São Paulo  
2008

*Em memória*

Prof. Dr. Emanuel Soares da Veiga Garcia,  
mestre inspirador e amigo.

## ***Agradecimentos***

---

Inicio esta vasta lista de agradecimentos pelo meu orientador, Prof. Dr. Fernando Antonio Novais, que me acolheu em um momento delicado de minha trajetória acadêmica.

Sou especialmente grata à Profa. Dra. Vera Lúcia Amaral Ferlini, que nos momentos mais delicados de minha permanência no Programa de Pós-Graduação em História Econômica, mostrou-se generosa em acompanhar o meu crescimento intelectual, ajudando-me com críticas rigorosas e construtivas para o desenvolvimento desta pesquisa. Com ela aprendi a amar a História...

Aos Profs. Drs. Lincoln Ferreira Secco e Wilson do Nascimento Barbosa, participantes da banca de qualificação, que com seus comentários em muito enriqueceram o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários do Centro Espanhol, da Fundação Arquivo e Memória de Santos, da Cia. Docas de Santos e do Rio de Janeiro, da Associação Comercial de Santos e do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Aos funcionários da Biblioteca Central e do CAPES, onde pesquisei livros e teses defendidas junto a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Aos funcionários e pesquisadores da Cátedra Jaime Cortesão (USP), cujos comentários enriqueceram o desenvolvimento da pesquisa.

Aos meus pais, irmãos, cunhada e demais familiares, em especial a minha sobrinha, afilhada e “elfa escrivinhadora” Nathália, fiel seguidora e companheira durante todo esse processo. Aos inúmeros amigos, colegas e

alunos que me acompanharam, incentivaram e torceram pela conclusão deste trabalho.

Ao meu amigo-irmão André Figueiredo Rodrigues, pela força, ajuda e paciência. Tenha certeza de que jamais encontrarei palavras para agradecer sua benevolente amizade.

A todos, mais uma vez, muito obrigada!

## ***Resumo***

---

### **Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920**

Esta pesquisa pretende reconstituir a trajetória da emigração espanhola que, no período compreendido entre 1882 e 1920, abandonou as adversidades de sua pátria para atravessar o oceano Atlântico em busca da prosperidade e de melhores condições de vida amplamente propagadas pelos agenciadores de mão-de-obra para a lavoura cafeeira paulista.

O porto de Santos e suas atribuições em decorrência da exportação do café tornaram-se um atrativo aos que ali desembarcavam, notadamente os imigrantes espanhóis que muito se identificaram com a vida urbana daquele local. Convidados por patrícios ou vindos por vontade própria, elegeram a cidade de Santos como ponto de partida para se estabelecerem em busca de seus sonhos e objetivos, fossem trabalhando nas docas ou nas muitas atividades que se apresentavam em seu entorno. Não raro, muitos dos que subiram a serra com destino ao Oeste Paulista retornaram ao porto para engrossar o contingente espanhol em seu envolvimento com outros trabalhadores que atribuíram à cidade santista a alcunha de “Barcelona brasileira”.

PALAVRAS-CHAVE: Emigração espanhola; Imigração; Imigrantes espanhóis em Santos; Cidade de Santos; “Barcelona brasileira”.

## ***Abstract***

---

The purpose of this research is to recover the trajectory of the Spanish emigration, which between 1880 and 1920, abandons the adversities of their homeland in order to cross the Atlantic searching for prosperity and better standards of living which were widely divulged by labor agency workers for coffee plantations in São Paulo State.

The harbor in Santos city and its role due to the export of coffee became an attraction to those disembarking there, mainly Spanish immigrants who identified themselves with an urban life. Invited by fellow countrymen or not, they chose Santos city as a starting point to settle down to search for objectives and make dreams come true, either working in the docks or in other activities offered around them. Frequently many of those who had gone up the mountains heading for the west region of the state would return to the harbor to increase the number of Spanish workers in their involvement with other workers who attributed to Santos city the nickname of “Brazilian Barcelona”.

KEYWORDS: Spanish emigration; Immigration; Spanish immigrants in Santos; “Brazilian Barcelona”.

## LISTA DE MAPAS, FIGURAS E TABELAS

### MAPAS

1	Área espacial da cidade de Santos	33
2	Visão geral da Espanha	68
3	Espanha – locais de saída de imigrantes	126

### FIGURAS

1	Fachada da primeira sede do Centro Espanhol de Santos	82
2	Detalhe da fachada da fábrica À Leoneza Comercial e Industrial	141
3	Fachada da fábrica À Leoneza Comercial e Industrial	142
4	Anúncio da Casa de Banhos de José Caballeros (1887)	146
5	Casa de Banhos de José Caballeros	148

### TABELAS

1	Café exportado por Santos, 1890-1920	40
2	Movimento bruto de passageiros por mar (1882-1920): saldo entre entradas e saídas	64
3	Quadro comparativo da evolução do movimento dos emigrantes espanhóis com destino à América Latina, 1882-1920	65-66
4	Emigrantes espanhóis com destino ao Brasil saídos de portos espanhóis	79
5	Origem dos espanhóis associados ao Centro Espanhol, de Santos (1886 a 1920)	125
6	Nacionalidade de estrangeiros em Santos	131



## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b>	3
<b>Resumo</b>	5
<b>Abstract</b>	6
<b>Lista de Mapas, Figuras e Tabelas</b>	7
<b>INTRODUÇÃO</b>	
1 – O tema	10
2 – Discussão bibliográfica	12
3 – Descrição dos capítulos componentes da Tese	20
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>Santos: porto do café, porto de imigração</b>	22
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O Centro Espanhol</b>	81
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Sonhos e realidade na “Barcelona brasileira”</b>	127
<b>CONCLUSÃO</b>	151
<b>Fontes</b>	155
<b>Bibliografia</b>	157
<b>Anexos</b>	
1 – Livro de sócios do Centro Espanhol e valores doados	165
2 – Relação dos sócios listados no Livro de Matrícula do Centro Espanhol	183

## ***Introdução***

---

## 1. O tema

A imigração ocorrida no final do século XIX e início do século XX ainda hoje é motivo de curiosidades e, principalmente, de esclarecimentos para os muitos descendentes desses povos que chegaram ao Brasil com dificuldades e sonhos.

Existe intensa produção bibliográfica sobre grupos de imigrantes italianos, portugueses e japoneses que aqui chegaram; entretanto, no que se refere aos espanhóis, essa produção é pequena. Foi justamente essa ausência que nos levou a buscar os caminhos percorridos por esse povo que também procurou melhorar suas condições de vida e prosperidade.

A presença de espanhóis no Brasil remonta à época do descobrimento e que pela proximidade do idioma, facilmente conviveu com os portugueses, dividindo espaço nos mais diversos trabalhos e atividades. A convivência pacífica entre eles resultou, a princípio, em uma confusão entre as nacionalidades, percebida nos registros documentais.

No marco cronológico desta pesquisa – de 1882 a 1920 –, o Brasil passava por profundas transformações: inseria-se no mundo capitalista com a exportação de café; politicamente entrávamos na República e, socialmente, abolíamos a escravidão. Frente a essas reformas, os imigrantes desembarcavam nos portos para substituir a mão-de-obra escrava utilizada nas lavouras de café.

A escolha do período de 1882 a 1920 explica-se por ser a primeira data, a do ano inicial, em que o governo da Espanha passou a controlar a saída de migrantes para o Brasil; a segunda, ao recenseamento de 1920, que indicou que no Brasil havia 1.565.961 estrangeiros, sendo que destes 219.142 eram espanhóis. O Estado de São Paulo contava, naquela ocasião, com 78,2% desse total. Parcela significativa desses imigrantes residia em Santos, exercendo atividades economicamente ativas.

É sabido que o primeiro grupo de imigrantes que chegou às fazendas de café era constituído por italianos. Em questões numéricas, coube aos portugueses e aos espanhóis, o segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Diante de escassa bibliografia, em nossa pesquisa buscamos conhecer os imigrantes espanhóis que chegaram ao Porto de Santos, convidados por amigos e parentes ou mesmo clandestinamente, e que permaneceram no litoral paulista, dando apoio aos espanhóis já estabelecidos no comércio e na intermediação de embarque no porto. As perguntas iniciais que fizemos foram: Por que ingressar em atividade rural, se a tradição do povo espanhol o colocava como personagem tipicamente arraigado ao cenário urbano? Por que iniciar a vida no Brasil em uma fazenda de café, se era possível tentar a sorte em uma cidade como a de Santos? Estariam estes imigrantes qualificados para o trabalho no cafezal? A vida rural estava entre seus planos de prosperidade?

Nossa pesquisa buscou identificar a presença de espanhóis na cidade de Santos, que oferecia as melhores condições aos recém-chegados da Espanha. No final do século XIX, a cidade passou por transformações advindas da exportação do café, o que levou a modernização e a construção de um porto mais adequado às embarcações direcionadas para a produção cafeeira que chegava do interior paulista pela ferrovia Santos-Jundiaí. Como e por que a cidade de Santos é conhecida pela alcunha de “Barcelona brasileira”? Quais as possibilidades de trabalho que a cidade santista oferecia? Como se articulavam os espanhóis no plano urbano santista?

Os espanhóis também estiveram presentes na cidade de São Paulo. Mas como este não é o foco de nossa pesquisa, não nos determos ao estudo dos imigrantes que subiram a serra do Mar e nem em direção às fazendas de café no interior paulista, onde grupos imigrantes espanhóis substituíram os italianos nas lides agrícolas, embora muitos deles serviram como referência para entendermos o movimento e a essência desse povo trabalhador.

Nesta pesquisa, portanto, mostraremos a participação da imigração espanhola junto ao povo santista.

## 2.

### Discussão bibliográfica

Para desenvolver o estudo da emigração espanhola na cidade de Santos, utilizamos como base bibliográfica alguns estudos, como a pesquisa de Cláudio Aguiar, *Os espanhóis no Brasil*, que nos interessou por trazer à tona questionamentos sobre os motivos que levaram milhões de espanhóis, tanto no passado, quanto na atualidade, a atravessarem o oceano Atlântico com a finalidade de se radicarem na América Latina, inclusive em território brasileiro.<sup>1</sup>

Retomando a historiografia européia e/ou latino-americana mais recente, Cláudio Aguiar desmistificou atitudes isoladas que colocavam o migrante como herói, pela travessia ser entendida como um ato de coragem e bravura. Segundo ele, o fenômeno migratório, na segunda metade do oitocentos, não deve ser considerado um aspecto de purificação da raça, como então se acreditava; apesar de se considerar a máxima “povoar para civilizar” como palavra de ordem no século XIX. Essa expressão apresenta sentido pejorativo e racista e foi utilizada por alguns governos latino-americanos, em relação a determinadas correntes migratórias, em detrimento de outras, que estivessem preparadas e carentes de uma oportunidade no “Novo Mundo”.

Partindo da decadência da Conquista e a formação dos chamados “Estados Nacionais”, a obra de Aguiar procurou mostrar vários matizes que salientavam uma ordem em plena evolução social. Ficaram estabelecidos os novos ordenamentos jurídico-constitucionais, com a maioria dos Estados independentes, já na metade do século XIX, como resultado da transformação socioeconômico e cultural. Dentro desse contexto organizado, mas não seletivo e qualificado, a partir de 1884, desembarcam oficialmente no porto de Santos, os primeiros grupos de imigrantes espanhóis.

Ainda que o cultivo do café tenha sido a causa fundamental para o processo migratório para São Paulo, também se deve considerar, por exemplo, a crise econômica sofrida pela Argentina, a partir de 1890. Isso, indiretamente, concorreu para o aumento de imigrantes espanhóis no Brasil.

---

<sup>1</sup>. AGUIAR, Cláudio. *Os espanhóis no Brasil*: contribuição ao estudo da imigração espanhola no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

A retração da economia espanhola (principalmente, depois das insuperáveis “crises de subsistência” nos anos de 1856 e de 1868) que, até o final do século XIX, assolaram algumas comunidades espanholas, especialmente a Andaluzia e a Galícia, acarretando processos migratórios para outras regiões, dentro ou fora da Espanha, foram cruciais para transparecer a despreocupação de uma dinastia de senhores em relação ao destino dos menos favorecidos.

A queda do chamado “Antigo Regime Espanhol”, reorientou o fluxo migratório dos espanhóis para os cafezais paulistas. Desde então seu ritmo jamais seria superado. Entre 1884 e 1914, os migrantes espanhóis representavam, aproximadamente, 14% do total da população estrangeira ali situada, constituindo a terceira força imigratória, superada apenas pela portuguesa, com 32% do total de imigrantes, e a italiana, com 29% das entradas estrangeiras. Há clara predileção dos imigrantes espanhóis por se fixarem em São Paulo. O censo brasileiro de 1920 indicou que dos 219.142 imigrantes espanhóis então existentes no país, cerca de 80% preferiram viver no estado paulista.

Somente no período de 1915 a 1942 constatou-se queda na emigração espanhola para o Brasil, provavelmente decorrente de fatores econômicos agravados pelas guerras européias (I Guerra Mundial, Guerra Civil Espanhola e II Segunda Mundial). Entretanto, em 1945, terminada a Segunda Grande Guerra, a emigração espanhola retornou ao Brasil.

Diferentemente do apontado acima é possível demonstrar trajetórias diferenciadas dos espanhóis em território brasileiro. Ao contrário do exposto por Aguiar, que observou os espanhóis dirigindo-se para a zona cafeeira no interior paulista, pode-se avançar na idéia de que muitos outros permaneceram em Santos, vislumbrando oportunidades de trabalho, tanto nos serviços internos do porto quanto nas demais atividades comerciais que serviram de suporte para sua permanência na cidade, discordando em parte das afirmações desse autor, que não explorou tal possibilidade.

Ao lado de Aguiar, outro estudo interessante e que nos coube foi a pesquisa de Marília Dalva Klaumann Cánovas, *A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930*. Neste estudo, a autora reconstruiu o processo de formação e de

evolução da comunidade de Villa Novaes, cujas origens se vincularam às transformações introduzidas pelo avanço da agricultura cafeeira na região e à presença progressiva de espanhóis naquela localidade. Cánovas buscou apreender as raízes e as múltiplas dimensões do fenômeno migratório espanhol, articulando-o com aspectos no país de destino. Mais, particularmente, com o universo revelado pela localidade que serviu como objeto de investigação, ela elaborou tentativa de montar um quadro referencial integrado e orgânico.<sup>2</sup>

Partindo da premissa comparativa, no artigo de José de Souza Martins, *A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força-de-trabalho na economia cafeeira: 1880-1930*, se analisa a especificidade da migração espanhola em relação à italiana, que veio, em parte, a substituir, após 1902. Segundo ele, ao se falar em imigração para o Brasil, no período correspondente ao final do século XIX e início do século XX, tornou-se comum associá-la à substituição da mão-de-obra escrava e que todos os imigrantes espanhóis tinham o perfil do imigrante italiano, supondo-se que os imigrantes das várias nacionalidades que aqui chegaram tiveram a mesma trajetória. Este fato, aliás, foi veementemente contestado pelo autor.<sup>3</sup>

Sua proposta recaiu sobre os diferentes modos da absorção do imigrante na sociedade brasileira, os relacionados às mudanças que vão ocorrendo nessa sociedade, o que colocou cada imigrante que aqui chegava em circunstâncias e condições que tornaram diferentes as chegadas até mesmo de imigrantes da mesma nacionalidade.

Para fundamentar essa perspectiva, José de Souza Martins valeu-se da comparação entre imigrantes italianos e espanhóis que aqui chegaram em épocas e circunstâncias diversas, determinando o destino de cada um daqueles grupos e sua forma de integração na sociedade brasileira. As diferenças entre esses dois grupos foram substantivas ao se observar a inserção do imigrante espanhol na economia cafeeira em São Paulo, tendo

---

<sup>2</sup>. CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. *Hambre de tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930*. São Paulo: Lazuli, 2005.

<sup>3</sup>. MARTINS, José de Souza. A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força-de-trabalho na economia cafeeira: 1880-1930. *Revista de História*, São Paulo, n. 121, p. 5-26, ago./dez. 1989.

em vista que este veio substituir os italianos que partiram e os que não chegavam.

São claras as condições enfrentadas pelos imigrantes espanhóis, muito diferentes daquelas pelas quais transitaram os imigrantes italianos substituindo a força de trabalho escrava nas crises geradas pela abolição e, também, em consequência da grande expansão cafeeira. Era um momento em que não se pensava apenas na substituição do escravo, mas onde se abriam espaços e oportunidades econômicas que a liberação de capitais advindas do fim do tráfico negreiro, apostava em diversificações econômicas, como a criação de bancos, indústrias e a grande expansão do café para o oeste. A forma de atrair imigrantes para o Brasil devia acenar com a possibilidade de enriquecimento, aguçando aqueles que sonhavam em serem proprietários de terras, provando assim a inexistência do imigrante escravizado. Entretanto, a economia agrícola estava relativamente fechada para a transformação de imigrantes em proprietários de terras, já que os fazendeiros necessitavam de mão-de-obra à disposição, fato que não se repete na indústria e tão pouco no comércio que, como território livre, podia ser facilmente ocupado pelos imigrantes, predominantemente, italianos.

O destino dos imigrantes espanhóis foram os cafezais das novas zonas cafeeiras de São Paulo, concorrentes dos cafezais das zonas mogiana e Paulista, já que o fluxo da imigração italiana estava suspenso pelo Decreto Prinetti, de 1902, que proibia a imigração subvencionada para o Brasil.

Ao chegarem nessas regiões agrícolas cafeeiras, os espanhóis já encontraram um novo momento, onde o colonato já se havia modificado pelas ações e pressões dos italianos, sobressaindo à ampliação do pagamento em dinheiro com acertos mensais e não mais anuais; pagamento esse que empobrecia ainda mais o imigrante.

São escassos os espanhóis proprietários de terra em São Paulo, conforme estatísticas de 1904-1905, apresentadas por José de Souza Martins. Segundo ele, somente 415 proprietários de terra espanhóis apareceram nos registros. Em todo o Brasil, ainda de acordo com este autor, havia 267 estabelecimentos industriais pertencentes individualmente a espanhóis, dos quais 128 localizavam-se em São Paulo.



Em comparação com os imigrantes italianos, as conquistas espanholas foram diminutas, validando a tese defendida por Martins de que a vinda de espanhóis, por ser tardia, não possibilitou amplas oportunidades de negócios.

Ainda assim, acreditamos ser de grande importância para nossa pesquisa investigar os caminhos trilhados pelos espanhóis que possam aparecer como proprietários de terras ou de indústrias, desde que estes estejam localizados na Baixada Santista, o foco espacial de nossa tese.

O livro de Sérgio Coelho de Oliveira, *Os espanhóis*,<sup>4</sup> rebate as afirmações de Herbert Klein, em seu livro *A imigração espanhola no Brasil*,<sup>5</sup> e de Elda Gonzalez Martinez, em *Reflexiones em torno a 500 años de Historia de Brasil*,<sup>6</sup> de que “não houve bairros tipicamente espanhóis nas cidades do interior ou na capital, ao contrário do que ocorreu com os italianos”. Seu relato recaiu sobre a cidade de Sorocaba e o bairro Além Ponte, reduto dos espanhóis que começaram a chegar à cidade a partir de 1892 e, especialmente, na primeira década do século XX, após uma passagem pelas fazendas de café.

Sérgio Coelho retomou a saga dos espanhóis que se radicaram em Sorocaba, reconstruindo através de entrevistas e depoimentos recolhidos há mais de dez anos, junto aos imigrantes mais antigos, a história de vida de suas famílias. Ainda que não tenha nenhuma descendência espanhola, ele nasceu e ainda vive no bairro Além Ponte, onde cresceu cercado por vizinhos espanhóis que se dedicavam ao plantio de cebolas, laranjas e hortaliças; posteriormente, passaram a comercializar seus produtos informalmente pelas ruas de Sorocaba, a fim de permanecerem em terras brasileiras.

O interesse do autor pela população espanhola foi aumentando a partir das reportagens publicadas pelo jornal *Gazeta do Além Ponte*, editado em parceria com o jornalista Alberto Dini, durante quase um ano, levando-o a pouca bibliografia existente e a percorrer os pequenos “pueblos”, de onde procediam às inúmeras famílias radicadas em Sorocaba e na região, em viagem que empreendeu à Espanha acompanhado de seu filho.

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. *Os espanhóis*. Sorocaba: TCM, 2002.

<sup>5</sup> KLEIN, Herbert S. *A imigração espanhola no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1994.

<sup>6</sup> GONZALEZ MARTINEZ, Elda E. Identidad y representación coletiva de un grupo migrante: Los españoles en São Paulo – 1950-1970. In: *Reflexiones em torno a 500 años de historia de Brasil*. Madrid: Catiel, 2001.

Sérgio Coelho de Oliveira nos possibilitou conhecer detalhes interessantes da vida difícil e corajosa dessas famílias que marcaram não só sua vida pessoal, como também a vida dos sorocabanos que ainda hoje abriga seus descendentes mais afortunados.

De seus relatos, podemos empreender que outras situações parecidas existiram em cidades do Estado de São Paulo, por possuir imigrantes que têm muito a contar sobre a existência de espanhóis aqui radicados no período de nosso estudo, indicando, inclusive, o caminho daqueles que saíram das fazendas de café rumo à Baixada Santista.

Em *Ventos do mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*, de Maria Lúcia Caira Gitahy, encontramos grande contribuição à nossa pesquisa, tendo em vista o relato pormenorizado da cidade de Santos.<sup>7</sup> Preocupando-se com um minucioso trabalho de reconstrução do período compreendido entre 1889 e 1914, a autora escreveu detalhes da construção do Porto de Santos e da transformação urbana dela decorrente, bem como os movimentos operários que se desenrolavam nesse período, não deixando de mostrar as substantivas mudanças ocorridas não só na cidade, mas, também, as vivenciadas pelos seus habitantes.

A reconstrução histórica de um novo porto que abrigará elevado contingente de trabalhadores livres, escravos e imigrantes perpetua a idéia formulada por Karl Marx de que “a emancipação da classe operária deve ser feita por ela mesma”.

Além dos movimentos operários, a cultura urbana de Santos não é esquecida, mas tornou-se pano de fundo para os trabalhadores que figuraram nos momentos da grande transformação de nossa história.

Muitas informações sobre a formação e o crescimento da cidade de Santos foram encontradas no livro *Uma cidade em transição: Santos 1870-1913*, na qual sua autora, Ana Lúcia Duarte Lanna, expôs de maneira os diversos acontecimentos que colaboram com o nosso trabalho de pesquisa.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

<sup>8</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição – Santo: 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Ela trouxe em seu texto a formação da cidade santista, juntamente com a dinâmica de uma vida urbana no Brasil e suas imbricações com as relações trabalhistas que se vão configurando nesse período.

O porto exportador de nossa maior riqueza nacional, o café, a partir das últimas décadas do século XIX, exigiu reformas que transformaram Santos em região pioneira em intervenções urbanísticas com características de plano geral. A população trabalhadora da cidade era composta por nacionais e imigrantes. Como Santos teria sido grande reduto abolicionista, contava, também, com trabalhadores negros fugidos e ex-escravos sempre a engrossar a força de trabalho.

Santos era um município com predominância urbana e, desde o processo de sua colonização, mantinha estreita relação com o planalto. Isto explica as formas e os momentos em que se deu o crescimento santista, bem como a tensão gerada pelas propostas de uma possível transferência da capital da província para a cidade portuária.

Ana Lúcia Duarte analisou os processos de transformação da cidade, enfatizando a inauguração do porto e da ferrovia. A cidade portuária e comercial de Santos se consolidou e trouxe consigo o problema das epidemias e das questões sanitárias, constituindo confronto de poderes e uma sistemática perda da autoridade municipal. A demolição e a reconstrução dos lugares ocupados, a criação de novos espaços e o movimento de seus habitantes estão presentes na análise da autora. As classes trabalhadoras aparecerem na pesquisa com a intenção de se percorrer as relações de trabalho livre e a vida urbana.

Outro texto significativo foi *Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil*, de Lúcia Maria Paschoal Guimarães e Ronaldo Vainfas, que nos instigou a investigar as condições em que se deram as imigrações espanholas para o Brasil e como muitos escolheram a cidade de Santos para se estabelecer, a ponto de lhe conferir a alcunha de “Barcelona brasileira”.<sup>9</sup>

Na tese de doutoramento de Marília Klaumann Cánovas, publicada com o título *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana*,

---

<sup>9</sup>. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; VAINFAS, Ronaldo. *Sonhos galegos: 500 anos de espanhóis no Brasil*. In: *Brasil: 500 anos de povoamento*. IBGE, cap. 5, 2000.

1890-1922, encontramos informações detalhadas sobre os motivos que trouxeram os imigrantes espanhóis das regiões rurais de São Paulo para buscarem no centro urbano paulista a realização de seus sonhos de ascensão social.<sup>10</sup>

Em São Paulo, Marília Cánovas indicou a trajetória profissional de inúmeros espanhóis cadastrados junto ao Consulado Geral da Espanha participantes do comércio de secos e molhados da região cerealista da Cantareira e, também, do comércio varejista em mercearias e empórios em outras regiões da cidade. Outros territórios de trabalho em que os espanhóis se destacaram também foram detalhados, como as fábricas de calçados, a participação no setor hoteleiro, de entretenimento e de lazer, o pioneirismo com a coleta e a venda de sucata, a participação na construção civil e em ofícios autônomos. Passo a passo a autora nos levou a conhecer as muitas trajetórias profissionais desses imigrantes que escolheram São Paulo como sua região de fixação. Mostrou-nos, por exemplo, suas práticas associativas e seu lazer que, além de serem atividades recreativas, traziam em seu bojo discussões político-anarquistas. Sobre isto, Cánovas dedicou capítulo exclusivo às expressões da militância e da propaganda libertária. Este minucioso trabalho, portanto, colaborou em vários aspectos com nossa pesquisa, já que identificou, através de documentos consulares, a existência dos espanhóis que encontramos estabelecidos em Santos e cuja documentação, na maioria das vezes, é inexistente, mostrando as ligações estabelecidas no comércio, entre as associações de auxílio mútuo e os trabalhadores envolvidos em movimentos grevistas, que também é por nós estudado.

---

<sup>10</sup>. CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. *Imigrantes espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. São Paulo, 2007 (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

### 3.

#### **Descrição dos capítulos componentes da Tese**

A partir do exposto acima, pretendemos, no primeiro capítulo, apresentar as condições estruturais da cidade de Santos e seu crescimento devido à construção de um novo porto pela Companhia Docas, que cresceu juntamente com o aumento da produção cafeeira no Oeste Paulista e com a exportação desse produto. As questões da urbanização, das moléstias contagiosas e das providências de saneamento são abordadas nesta etapa do trabalho, indicando-se a chegada dos imigrantes espanhóis que, a convite de parentes e amigos, ou clandestinamente, permaneceram na cidade, incluindo-se nas várias atividades profissionais que se exercia no local, ora em empresas com filiais em São Paulo, ou trabalhando como concessionárias e/ou representantes de empresas espanholas paulistas.

Para melhor entendimento mostramos a trajetória dos imigrantes espanhóis ainda em sua terra natal e as dificuldades enfrentadas antes de optarem pela travessia transatlântica. As características peculiares de cada região espanhola acrescida das políticas governamentais (Ordens Reais) apontam as causas de expulsão, enquanto apresentamos os fatores de atração que variavam em cada país latino, conforme o momento sócio, político e econômico que enfrentava.

No segundo capítulo pretende-se mostrar a dinâmica dos espanhóis na cidade de Santos e, para tanto, relatamos a história da fundação e das atividades envolvendo o Centro Espanhol, que tinha por objetivo ações de caráter educativo, beneficente e recreativo.

No terceiro, destacamos o significado da alcunha de “Barcelona brasileira” para a cidade de Santos. Este apelido, como veremos, divulgado pela historiografia, faz referência às constantes atividades grevistas dos trabalhadores espanhóis do porto de Santos. Mas, será que esta alcunha se refere, corretamente, a essa referência propagada pela historiografia? Os sonhos e a realidade enfrentada pelos espanhóis ao dividirem espaços com os demais imigrantes e com a população nacional local, a fim de contribuírem para

a formação de uma cidade urbanizada e que progredia graças à exportação do café, também serão discutidas nessa parte da Tese. Indicamos, como ilustração, seis casos específicos de espanhóis associados ao Centro Espanhol, mostrando os passos analíticos de sua ascensão social.

Por fim, apresentamos as Fontes e a Bibliografia utilizada neste estudo e os Anexos, que contêm a transcrição de alguns documentos por nós compulsados e que serviram ao desenvolvimento de nossa pesquisa.

## ***Capítulo I***

---

**Santos, porto do café, porto da imigração**

O desenvolvimento do capitalismo, ao longo do século XIX, ocasionou o crescimento e a transformação de países que, como o Brasil, procuravam se inserir em um mundo de doutrina econômica e modos de vida diferentes até então.

A manutenção da expansão cafeeira após o fim do tráfico negreiro em 1850 colocou de forma urgente e preocupante a questão da transformação das relações de trabalho escravo em livre e incrementou a expansão das cidades já que necessitavam de crescente e complexa rede de atividades de comercialização e exportação, todas de caráter urbano.<sup>11</sup>

No Brasil, crescer significava reorganizar a sociedade nos moldes europeus e, para tanto, a exportação do café garantia que mudanças diversas se realizassem ao construir e ao expandir as redes ferroviárias que garantiam o escoamento da produção cafeeira e asseguravam a demanda de bens de consumo e equipamentos.

As ferrovias, de acordo com Ana Lúcia Lanna, foram mais do que um meio de transporte: elas simbolizavam mudanças fundamentais na maneira de vida dos brasileiros, pois além da exportação do café, que garantia a riqueza de muitos, integrava o urbano e o rural, conquistava o interior e tinha em suas estações o ponto de encontro para viajantes, trabalhadores, imigrantes e o traslado de produtos e mercadorias que garantiam o processo de desenvolvimento no Brasil.<sup>12</sup>

Nas palavras de Ana Lúcia Lanna, “ainda que a população brasileira permanecesse predominantemente rural”, os núcleos urbanos apresentaram um crescimento apontando como responsáveis as elites que passaram a residir em belas casas e palacetes que muito se diferenciavam das casas coloniais, o que conseqüentemente exigia uma rede de serviços e melhoramentos urbanos, que foram implementados pelo capital estrangeiro.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição*: Santos 1870-1913. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 15.

<sup>12</sup>. Idem. Ferrovias: progresso e modernidade. *História Viva*. Edição Especial Temática nº 1 – Temas Brasileiros – Um país chamado café. São Paulo, p. 38, 2005.

<sup>13</sup>. Idem. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 15.



A questão da urbanização também chegou ao Estado que reconhecendo a relevância do assunto e preocupando-se com as cidades e seus habitantes formulou políticas específicas para elas. Instituíram a Comissão Sanitária e de Saneamento que deveria combater as diversas epidemias, através do saneamento básico da cidade, dos programas de vacinação e da eliminação dos cortiços.

Moradores das cidades que estavam passando por esse momento de crescimento e transformação, como era o caso de Santos, perceberam um movimento de ruptura que vai desde a resistência até a adoção de medidas adequadas de civilidade e convivência.<sup>14</sup> As resistências aparecem na dificuldade de aceitação da perda de espaços e formas de lazer; na transferência de moradia; na negação à internação nos hospitais de isolamento; e ainda que não fosse o caso da cidade santista, na negação a vacinação, como foi o caso do Rio de Janeiro que provocou uma agitação popular conhecida como Revolta das Vacinas, ou Liga dos Inquilinos em São Paulo. Foram identificados descontentamentos com a ordenação das construções que poderiam separar fisicamente a elite e os desprovidos.<sup>15</sup>

A criação de um código de bem viver não é o suficiente. O Código Penal de 1890 passou a determinar a punição e a regeneração dos transgressores, garantindo que a melhor forma de participar dessa nova sociedade era através do trabalho. “O trabalho era a forma privilegiada para a inserção em padrões de comportamento social ditos desejáveis”.<sup>16</sup>

O Brasil buscava nos modelos europeus a maneira de intervir nas cidades, de modo que pudesse ter a nova ordem social sob controle.

O aparecimento de uma visão técnica sobre as cidades e de uma percepção dos trabalhadores como classes perigosas foram elementos decisivos nas formas de intervenção e controle que então se estabeleceram.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup>. Ibidem, p. 16.

<sup>15</sup>. Ibidem, p. 168.

<sup>16</sup>. Ibidem, p. 228.

<sup>17</sup>. Ibidem, p. 17.

Apesar das distinções entre as muitas cidades européias em expansão, decorrente da economia capitalista, todas elas apresentavam em comum a existência da mobilidade interna e um constante deslocamento de pessoas, o que ocasionou a necessidade de linhas de transportes coletivos e de zoneamento urbano, onde funções e nacionalidades se separavam e facilmente se adaptavam aos cortiços para acomodação.

A ascensão do mundo burguês permitiu a expansão da vida urbana e das cidades, caracterizando-as pela aglomeração de trabalhadores diferenciados pela concepção de riqueza, como os pobres, mas que usufruem o centro do comércio, do transporte, da administração e da variedade de serviços que atendam as suas necessidades e também as das elites.

A visão do trabalhador pobre e livre, remanescente das antigas relações econômicas e em adaptação as novas relações de exploração capitalista, é o que melhor retrata o momento europeu. No Brasil, estes trabalhadores serão aqueles oriundos do final da escravidão e dos recém-chegados em São Paulo, subsidiados pela imigração no ano de 1884.<sup>18</sup>

A diversidade da população brasileira do mundo urbano, composta por muitos estrangeiros e libertos trouxe a questão de difícil adaptação aos princípios de civilidade, que salientavam ainda mais o contraste entre a pobreza indesejável e a riqueza com seus meios de produção até o momento em que a adaptação conveniente beneficie a ambos.

Assim, as elites brasileiras buscavam os espaços urbanos mais europeizados e civilizados para viver e afastavam dessas áreas os trabalhadores nacionais, imigrantes ou ex-escravos para o outro lado da cidade que traduzia e aceitava as diferentes formas de socialização, criando, dessa forma, o que chamamos de segregação social que é uma das “mais relevantes características das cidades burguesas”.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup>. Sobre este tema, conferir os trabalhos de: SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume, 1998; e de: OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização. São Paulo, 1850-1900*. São Paulo: Alameda, 2005.

<sup>19</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 20. Cabe citar, também, o capítulo 2: “Em busca da presença dos nacionais pobres: espaços urbanos, trabalho, cultura e transgressão”, de: SANTOS, Carlos José Ferreira. op. cit., p. 65-134.

Compartilhar o espaço urbano não significava o convívio próximo, mas, sim, estabelecer limites, tais que essa parcela da população passasse totalmente despercebida. Redefinia o espaço público e privado garantindo as condições de produção e reprodução capitalista que tinham como objetivo o consumo.

Uma nova vida urbana moderna que pretendia romper e negar suas raízes coloniais passou a ser marcada pela diversidade de pessoas, serviços e mercadorias e pôde ser vista “nas relações que vão se constituindo entre e com seus habitantes. Valorizar o trabalho livre significava desqualificar o trabalho nacional ou ex-escravo, idealizando agentes civilizadores nos imigrantes”.<sup>20</sup>

Portanto, apesar de imersa em circunstâncias distintas podemos entender o crescimento das cidades, a partir de fins do século XIX na Europa e no Brasil, como resultantes da consolidação do mundo capitalista. Em todas elas nos defrontamos com a busca de afirmação de valores e modo de vida burguês. A civilidade, a visão técnica, a crença no progresso são elementos presentes em todas as intervenções e modelos constituídos. As cidades serão os locais privilegiados de definição de novas formas ditas desejáveis de viver.<sup>21</sup>

## 1.1 UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Santos, a partir da segunda metade do século XIX, era uma cidade de perfil urbano, na qual as relações do trabalho livre apontavam para o maior porto do país, local de onde se exportava o café, que era a maior riqueza brasileira do período.

As atividades de importação e exportação no porto santista e as epidemias locais de febre amarela, de varíola, de impaludismo, de peste bubônica ou de tuberculose, supostamente ocasionadas pelo lodo existente no

---

<sup>20</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 21. Esta idéia também está presente na pesquisa de Maria Luiza Oliveira sobre as relações sociais e as experiências da urbanização na São Paulo da segunda metade do século XIX. Conferir: OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. op. cit..

<sup>21</sup>. Ibidem, p. 21.

porto exigiam a implementação de obras urbanas em caráter de urgência que levassem Santos ao pioneirismo em intervenções urbanísticas.

A população trabalhadora era constituída por imigrantes e nacionais, que, atraídos pelo reduto abolicionista, encontravam na cidade sua inserção ou exclusão na sociedade.<sup>22</sup>

A relação entre Santos e São Paulo teve início desde os primórdios da colonização; colocando Santos na condição de município a partir de 1700 e garantindo a predominância da população urbana que, por vezes, provocavam tensões quando se sugeria a transferência da capital para a cidade portuária.

Na formação das cidades européias do século XIX sempre se verificaram certos receios da população, seja pelo temor que o novo e desconhecido sempre traz, ou pelo contraste entre a vida no campo junto à natureza harmônica e ao progresso das “cidades viciadas, com milhares de olhos devoradores”.<sup>23</sup> A nova realidade urbana se constituirá da mescla das multiplicidades de relações e emoções.

A constituição das cidades brasileiras “simbolizava um lugar viciado e perverso para formação de qualquer cidadão”. Ainda de acordo com Ana Lúcia Lanna, Santos era “vista como a terra da promessa, da liberdade” e, também, como uma região insalubre, com “sezões e bexigas” ou, ainda, conhecida como a “Barcelona operária brasileira cada uma destas imagens recortada de modo específico determinado aspecto da vida social desta cidade, enfatizando um tipo de relação, problema e possibilidade de intervenção”.<sup>24</sup>

Santos não abandonou a cidade resultante da experiência humana e de suas realidades sociais que apresentavam os aspectos em transformação em si mesmo e do país como um todo.

O antigo aspecto colonial das casas baixas de beirais largos, situadas em ruas estreitas e tortuosas, não desapareceu da arquitetura das cidades brasileiras que se urbanizavam, tão pouco de Santos, que também guardava o aspecto de pobreza, de doença e de promiscuidade. Foi com o movimento no comércio, nas obras do porto e com a chegada de novos moradores que a

---

<sup>22</sup>. Ibidem, p. 23.

<sup>23</sup>. Ibidem, p. 23.

<sup>24</sup>. Ibidem, p. 24.

população santista percebeu a expansão do perímetro central para novos bairros e loteamentos que se configuravam no momento de mudança.

A década de 1870 foi para Santos a entrada em novos tempos quantitativamente acelerados e de processos evolutivos profundos, radicais, ligados ao desenvolvimento do planalto que, graças às proximidades geográficas, garantem a articulação e a inter-relação entre São Paulo e Santos.<sup>25</sup>

Em 1880, já se encontrava um forte comércio importador e exportador que crescia o mais próximo possível do cais, onde o poder público também procurava se instalar e construir seus edifícios. O porto funcionava com o trabalho braçal, grandes carroças transportando as sacas de café até o cais e o processo de embarque se dava graças à força humana.

Nos anos de 1890, aceleram-se os processos para uma cidade livre e moderna, onde se definiram as formas e poderes que intervieram no problema sanitário transformando a cidade em um território da “técnica” e da “razão”.<sup>26</sup>

Desde sua colonização, a cidade de Santos existe como núcleo urbano e ponto de acesso ao planalto, distinguindo-se das demais cidades, por não possuir áreas rurais ou desenvolver a agricultura predominantemente em sua área geográfica. Santos intermediava as entradas e saídas para o mar e para os sertões, o que resultou, ainda no século XVI, a um deslocamento para o oeste do litoral, sentido Cubatão que, até a chegada da ferrovia São Paulo Railway, “a inglesa”, inaugurada em 1865, Santos era o entreposto necessário para se alcançar a cidade de São Paulo.<sup>27</sup>

No início de 1867, a São Paulo Railway, com 139 quilômetros de distância, que ligava as cidades de Santos a Jundiaí, interligando outras ferrovias particulares, representava um grande corredor de exportação para o qual era imprescindível a construção de docas em Santos.<sup>28</sup>

Enquanto cidade atrelada aos modelos coloniais, Santos marcava presença com sua igreja e vida religiosa igualmente importante.

---

<sup>25</sup>. Ibidem, p. 25.

<sup>26</sup>. Ibidem, p. 26.

<sup>27</sup>. Ibidem, p. 39.

<sup>28</sup>. KALTMAN, Hélio. *Docas de Santos: uma empresa através dos séculos*. Rio de Janeiro: Agir, 2000, p. 21.

As capelas, outeiros, mosteiros, conventos constituíam importante marco de referência urbana. No entanto, específica dessa cidade outros marcos associados à condição portuária e de ponto de acesso ao interior, que melhor explicarão os movimentos de transferência, expansão e conflito na cidade.<sup>29</sup>

O marco inicial da cidade era o Outeiro de Santa Catarina<sup>30</sup>, posteriormente viriam o hospital e a Câmara e, em oposição, no ponto terminal da cidade colonial, no Valongo, ficava o convento dos franciscanos.

No lado antigo da cidade ficavam as pessoas ocupadas com a pescaria e o corte do mangue. No lado novo estabeleceram-se as famílias abastadas. Nesta região ficava o convento dos franciscanos e a igreja de Santo Antonio do Valongo, onde se concentrava boa parte do movimento de carga e descarga das mercadorias do Porto do Bispo, assim conhecido a partir de 1797, quando o bispo dom Mateus de Abreu Pereira desembarcou no então Porto das Canoas, para substituir dom Manuel da Ressurreição no bispado da província paulista. A permanência do novo bispo por quase um mês na região visitando capelas e fiéis agradou a população católica santista que, em agradecimento, o acompanhou na hora da partida para São Paulo até o porto.

O Porto do Bispo contribuiu para que o Valongo se tornasse um bairro de progresso comercial, o que acarretou uma rivalidade histórica com o bairro dos quartéis, que não admitiam a hegemonia social e econômica dos “valongueiros”.

Os Quartéis foram construídos nesse primeiro núcleo de ocupação em 1776. Para facilitar o acesso ao planalto ocorreram movimentos de transferência das terras iniciais de povoamento em direção a Cubatão, até o século XVIII, levando a vila a expandir-se junto ao mar graças às funções portuárias.

---

<sup>29</sup>. Ibidem, p. 40.

<sup>30</sup>. No início da povoação de Santos, o Outeiro recebeu uma ermida em homenagem a Santa Catarina que foi destruída em 1591, pelo corsário Thomas Cavendish que lançou a Santa ao mar. Em 1663, 72 anos depois, a santa foi encontrada por escravos dos jesuítas. A imagem de Santa Catarina de Alexandria encontra-se no Museu de Arte Sacra de Santos. Disponível no site: <<http://www.novomilenio.inf.br/Santos>>. Acesso em: 20 maio 2008.

No século XVIII, os núcleos do Valongo e dos Quartéis constituíam a vila. O Valongo caracterizava-se pelo comércio, enquanto o dos Quartéis, composto por uma população que vivia da pesca e da extração da lenha nos mangues preocupava-se com as funções militares e administrativas.<sup>31</sup> Muitas foram as desavenças entre esses dois núcleos, o que pedia a intervenção policial, chegando a paz em conjunto com o cenário abolicionista.

A construção da ferrovia, iniciada a partir de 1860, passava pelas terras dos franciscanos e permaneceu como ponto final da cidade.

Em 1867, o bairro ganhou o prédio da Estação Ferroviária da São Paulo Railway e, em frente, ficavam os sobrados do marquês de Monte Alegre, dois edifícios de construção idêntica, de 1867 e 1872, que formam um, compostos de dois pavimentos monumentais complementares. O prédio foi construído para abrigar o governo da Província que seria transferido para Santos, o que, aliás, nunca aconteceu. Abrigou a Câmara e a Prefeitura até 1939, quando foram transferidas para o Paço.<sup>32</sup>

Com exceção da encosta do Monte Serrate, onde se fixava o refúgio de Pai Felipe e do Quilombo do Jabaquara, que desde 1881 era protegido por Quintino de Lacerda que também ajudava na chegada de escravos fugitivos, os morros santistas só começaram a ser ocupados na virada do século, primeiramente por portugueses e ilhéus e pelos trabalhadores que se valiam da proximidade da área portuária e do aluguel de custo mais baixo. As desvantagens ficavam por conta da falta do suprimento de água, do saneamento básico e das dificuldades de acesso pelas íngremes ladeiras, principalmente em dias de chuva. Construíram chalés de madeira, também encontrados na Vila Mathias e na Vila Macuco para onde os imigrantes se mudavam, ocupando o morro uma população tão numerosa quanto a que habitavam as favelas.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 41.

<sup>32</sup>. Informação extraída do site: <<http://www.novomilenio.inf.br/Santos>>. Acesso em: 20 maio 2008.

<sup>33</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 130.

A Vila Mathias abrigava estivadores, doqueiros e ensacadores de café. Pela proximidade com o Centro ganhou construções caprichadas, mas com o tempo passaram a ter muitas casas comerciais e armazéns de secos e molhados, como o Vera Cruz e o Armazém Paraná e sua padaria de mesmo nome, que funcionou até 1914.

Por iniciativa do jornalista e professor José Cesário Bastos foi fundada a primeira escola pública de Santos, em 1900: o Colégio Cesário Bastos. Foi também na Vila Mathias, entre 1910 e 1914, que se construiu a Hospedaria dos Imigrantes, instalada à Rua Silva Jardim nº 95, utilizada como depósito de café e como Entreposto de Bananas.<sup>34</sup>

Nos finais de semana, a atração do morro de Nova Cintra, típica aldeia de ilhéus, já quase na saída da cidade, eram as reuniões dominicais dos apreciadores da “morrão”, cachaça fabricada no local. As esposas e os filhos dos ilhéus mantinham pequenas propriedades rurais para que os maridos tivessem onde trabalhar na velhice, o que não as impediam de trabalhar na cidade como lavadeiras ou catadoras de café nos armazéns. Os homens eram trabalhadores do porto, dos armazéns e puxavam carroças.

O Monte Serrate também era muito visitado aos domingos, já que de seu alto avistava-se a antiga capela da protetora de Santos, Nossa Senhora de Monte Serrate, construída em 1602 e mantida pelos beneditinos.<sup>35</sup> No início do século XX, construíram-se no alto deste morro um edifício, com terraços superiores e mirantes, e um cassino, que era alcançado por dois bondinhos pertencentes a uma sociedade entre seis espanhóis.<sup>36</sup>

Ainda que os morros abrigassem trabalhadores urbanos ou portuários, o recenseamento de 1913 os considerou como população rural, por habitarem entre as matas das encostas.<sup>37</sup>

Os morros de São Bento e do Pacheco eram diferentes, pois suas chácaras deram lugar às moradias proletárias a partir da segunda década do século XX. A subida do morro denunciava sua ocupação desorganizada, onde

---

<sup>34</sup>. Informações constantes no site: <<http://www.novomilenio.inf.br/Santos>>. Acesso em: 20 maio 2008.

<sup>35</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do mar...* op. cit., p. 130.

<sup>36</sup>. Ver capítulo 3, destinado aos casos especiais.

<sup>37</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 130.



chalés espalhados na ausência de arruamento mantinham alguma privacidade de seus moradores e permitiam alguma independência impossível de se encontrar nos cortiços superlotados do centro. Os homens eram portuários, operários, carroceiros ou de ocupações semelhantes. As mulheres eram lavadeiras ou empregavam-se como selecionadoras de grãos de café nos armazéns, preparando a mistura, enquanto as filhas costuravam os sacos de café.<sup>38</sup>

As famílias que habitavam os morros eram, em sua maioria, de origem portuguesa, ilhéus, espanhóis ou brasileiros, incluindo-se negros e mestiços. “Um pequeno comércio também se desenvolvia nestes morros e sempre o típico mascate sírio era visto pelas ladeiras”.<sup>39</sup>

A Vila Mathias abrigava os trabalhadores da Companhia City que começou fornecendo apenas água à população, mas posteriormente passou a ter o monopólio de fornecimento de gás, eletricidade e bondes.

Na Vila Macuco, o maior bairro de operários de Santos, residiam os numerosos trabalhadores da Cia. Docas. No morro da Penha moravam os ferroviários já que estavam próximos da estação. Estivadores e portuários também viviam lá.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup>. Ibidem, p. 130.

<sup>39</sup>. Ibidem, p. 130.

<sup>40</sup>. Ibidem, p. 130.



No período da manhã, o Largo da Banca recebia essa multidão e, também, os que vendiam e comprovam peixe, frutas, verduras e outros gêneros alimentícios. Muito cedo chegavam embarcações de formatos diferentes para atender pequenos comerciantes e fregueses madrugadores. O dia todo garantia um aglomerado de gente falante, comprando, conversando, trabalhado e brigando. Em 1902, este mercado foi transferido para um edifício construído especialmente para este fim, o Mercado Municipal da Praça Iguatemi Martins, o que não foi suficiente para retirar os ambulantes do local.<sup>41</sup>

O primeiro estabelecimento de varejo alimentício, em Santos, funcionou na Rua Brás Cubas, esquina com a Rua 7 de Setembro, e chamava-se Mercado Luiz XV S.A., de propriedade dos herdeiros dos irmãos Flores, espanhóis proprietários da fábrica de doces À Leoneza.<sup>42</sup>

Na Rua XV de Novembro, também chamada Wall Street Santista, concentravam-se numerosos escritórios do café, estabelecimentos bancários, a Associação Comercial de Santos, a casa onde nasceu o patriarca da Independência José Bonifácio, a Tipografia Brasil (fundada em 1893), o Palácio da Bolsa do Café e a casa de banhos do espanhol José Caballero, que fornecia 20 banhos diários.<sup>43</sup>

A Rua Direita, na época o principal logradouro de Santos, ligado ao comércio cafeeiro e exemplo da exterioridade riqueza emanada dos estabelecimentos comerciais dos senhores do café, era servida por bondinho puxado a burro e por engraxates que não descansavam enquanto estivessem instalados em seu meio-fio.<sup>44</sup>

O porto de Santos sempre foi importante e seu crescimento iniciou-se com a exportação do açúcar ainda no século XVIII, atingindo seu ápice com o café no século XIX, quando a cidade passou a ter o maior porto exportador do país.

---

<sup>41</sup>. Ibidem, p. 131.

<sup>42</sup>. Ver capítulo 3, sobre casos especiais.

<sup>43</sup>. Ver capítulo 3, sobre casos especiais.

<sup>44</sup>. Site: <<http://www.novomilenio.inf.br/Santos>>. Acesso em: 20 maio 2008.

O grande movimento da cidade de Santos pode ser compreendido pela associação do porto com a ferrovia, sua ligação com o planalto e o considerável número de pessoas envolvidas nesses processos, especialmente em função do café.

A economia cafeeira do Vale do Paraíba atingiu seu auge em 1850; entretanto, os limites geográficos que impossibilitavam avanços às terras acidentadas ou com grandes declives e com o forte processo de erosão provocaram baixa rentabilidade e queda no preço do café. Enquanto isso, o oposto acontecia no Oeste Paulista, cuja disponibilidade de terras permitia a incorporação contínua de novas áreas, com solo de alta produtividade, conhecido por terra roxa, e com clima favorável à lavoura cafeeira.

Ainda que precários, o uso do arado e do despolpador significaram avanços tecnológicos na região.<sup>45</sup> Esse momento histórico deve ser lembrado: enquanto na nova região ocorria a acumulação de capital e preconizava a necessidade de alternativas para mão-de-obra; a área cafeeira do Vale do Paraíba, que se desenvolveu antes e que contava com o uso da mão-de-obra escrava, entrou em retração produtiva. De acordo com Boris Fausto, a economia do Oeste Paulista deu origem a uma nova classe social denominada burguesia do café.<sup>46</sup>

São Paulo teve sua expansão urbana ligada aos processos e/ou dificuldades da economia cafeeira. O ritmo de crescimento da cidade, bem como o ritmo de vida estava definido pelo café: o ano se moldava às safras e entressafras e colheitas. O comércio também era movido pela dinâmica do café e pelas conseqüências de suas cotações. “A cidade, as pessoas, a sobrevivência e até seu temperamento e conduta dependiam drasticamente da sorte de um único produto: o ouro verde”.<sup>47</sup>

A partir das últimas décadas do século XIX, a região de São Paulo entrou em um processo de acumulação de capital que se iniciou com a produção cafeeira e que, combinado com ferrovias, bancos e comércio, chegou

---

<sup>45</sup>. FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 110.

<sup>46</sup>. *Ibidem*, p. 111.

<sup>47</sup>. MATOS, Maria Izilda S. de. A cidade que mais cresce no mundo: cotidiano, trabalho e tensões. In: CAMARGO, Ana Maria (Coord.). *São Paulo: uma longa história*. São Paulo: CIEE, 2004.

à diversificação da economia e à formação de um mercado de terras, de produção e de consumo.<sup>48</sup>

A direção da produção do café era “Santos, que se tornou o Porto do Café, como porta de saída da produção cafeeira em expansão, tornou-se, também o porto de entrada de maciça imigração”.<sup>49</sup>

As precárias condições do que se poderia chamar de atracação e operacionalidade do “porto” de Santos mostravam-se inadequadas para atender a revolução provocada pelo aumento de navios envolvidos com a exportação do café e pelas ondas sucessivas de imigrantes que, a partir de 1860, começam a chegar ao Brasil, fato que exigia sua imediata reformulação.

Em 1870, por decreto imperial, concedeu-se ao conde de Estrela e a Francisco Andrade Pertence o privilégio de explorarem o porto. Após dez anos, suas tentativas viram-se fracassadas. O governo imperial, pelo decreto nº 8.800, de 27 de fevereiro de 1882, autorizou o governo da província de São Paulo a realizar obras no local, que, por falta de resultados práticos, também foi cancelada em fevereiro de 1886.

Em 1888, um grupo de empresários liderados por Cândido Gafrée e Eduardo Palacin Guinle venceu a concorrência aberta pelo governo imperial e foram contratados pelo prazo de 39 anos para a realização das obras de construção do cais. O contrato incluía o aterro entre a antiga ponte da São Paulo Railway e a Rua Braz Cubas, e a construção de armazéns para guardar mercadorias, com uma linha férrea com bitola de 1,60 metros.

Em 1890, pelo decreto nº 966, de 7 de novembro, já sob o governo republicano de Francisco Glicério, a concessão foi ampliada para 90 anos, o máximo permitido na época.<sup>50</sup>

Não se podiam negar as vantagens do termo de concessão e do monopólio de escoamento do café do Oeste Paulista, entretanto, não foram poucas as dificuldades que a Cia. Docas teve que enfrentar.

---

<sup>48</sup>. FAUSTO, Boris. op. cit., p. 111.

<sup>49</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 19.

<sup>50</sup>. Dados extraídos do site: <[http://www.geocities.com/ferrovias\\_brasil/cds-historia.htm](http://www.geocities.com/ferrovias_brasil/cds-historia.htm)>. Acesso em: 24 maio 2005.

Inicialmente, a Cia. Docas encontrou dificuldades: o estado sanitário da cidade era deplorável. A população morria nas ruas, vítima da febre amarela, da varíola, do impaludismo, da peste bubônica ou de tuberculose, já que o terreno onde se estabeleceram as fundações da muralha do cais era de lodo até grande profundidade, onde proliferava toda sorte de insetos e ratos. “A faixa de lodo a ser dragada para construção do primeiro trecho do cais superou os estudos previstos de 105.933 m<sup>3</sup> de lodo para 498.689 m<sup>3</sup>”.<sup>51</sup> Faltavam pessoal técnico e operário especializados para a execução dos trabalhos, pois as obras do porto de Santos foram as pioneiras do gênero, a serem executadas no Brasil.<sup>52</sup>

Para que se iniciasse a construção, a Cia. Docas entrou em litígio com os “donos” das 23 pontes e trapiches que ocupavam o local, inclusive a São Paulo Railway e a Alfândega, defendidas pela Câmara Municipal.<sup>53</sup> A partir daí, estabeleceu-se à rivalidade entre as Docas e o comércio de Santos, que entre os interesses mais diversificados, pretendia controlar o processo de embarque e desembarque de mercadorias, além de se negarem a ter uma só empresa que determinasse o valor das taxas a serem pagas. Sob a argumentação do Governo que alegava irregularidade na arrecadação dos impostos alfandegários sobre as mercadorias que transitavam pelos antigos trapiches, venceu a Cia. Docas, mais uma vez.<sup>54</sup>

O porto representava o símbolo de modernidade, necessidade de desenvolvimento e forma de garantir a expansão econômica do Estado. Sua reforma e ampliação representavam uma solução para o desenvolvimento econômico da província, agilizando não só a exportação do café, como, também, a distribuição dos imigrantes subvencionados que se dirigiam ao

---

<sup>51</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 24.

<sup>52</sup>. LICHTI, Fernando. Poliantéia Santista. In: SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. Santos: Prodesan, 1996, v. 3, p. 100.

<sup>53</sup>. Em 1870, existia o Trapiche da Alfândega, o Trapiche do Arsenal, o Trapiche 11 de Junho, o Trapiche da Praia, o Trapiche do Consulado, o Trapiche da Capela, o Trapiche do Sal, o Trapiche da Banca, o Trapiche do Bispo e o Trapiche da Estrada de Ferro que por pontes de madeira intermediavam a carga ou descarga de mercadorias com as embarcações que ficavam a mais de 100 metros de distância. Transitavam entre elas escravos ou trabalhadores do porto transportando nas costas a maioria das espécies de carga, além das centenas de sacas de café. In: *Ibidem*, p. 100.

<sup>54</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 26.

interior paulista e as mercadorias importadas que suprissem a crescente demanda urbana.<sup>55</sup>

Associado a construção do novo porto estava também à necessidade de intervenções sanitárias, uma vez que a construção do caís e a execução dos aterros proporcionariam o desaparecimento dos lodaçais da margem do estuário próximo a cidade, formando o “cinturão sanitário de Santos”, como determinado por Saturnino de Brito, mais tarde.<sup>56</sup> Santos estava em posição estrategicamente importante para o escoamento do café e à possibilidade de contaminação com as diversas epidemias, podendo levá-las ao interior.

O grande desafio enfrentado pela Comissão Sanitária foi a remoção dos cortiços e das habitações coletivas que povoavam a área central da cidade. Entretanto, ainda que esta apontasse a necessidade de se construir uma vila operária para a transferência dos muitos moradores que ficariam desalojados, não houve, por parte do Município, intervenção adequada.

A expansão da área urbana levou, muito além dos olhares civilizados, os indivíduos a se aglomerarem e disputarem o menor espaço possível dentro das moradias coletivas. Estas moradias serviam também como local de trabalho, ou ainda pior, na falta de espaço para se alojarem, homens e animais compartilhavam as cocheiras.

Cortiços e habitações coletivas foram considerados como foco de doenças físicas e morais. Nelas misturavam-se promiscuidade, coexistiam o público e o privado e com a inexistência da separação dos cômodos e das funções, havia o bloqueio ao desenvolvimento de um espírito familiar e organização do espaço de trabalho e de viver.

A confirmação do diagnóstico de que a febre amarela estava alojada na área central e não em seu exterior, aumentou a repressão sobre tais formas de moradias, que eram péssimas construções feitas com tábuas e coberta com telhados de zinco, sem banheiro ou latrinas, o que era mais comum, fazendo com que os dejetos fossem jogados nos quintais ou terrenos baldios vizinhos.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 61.

<sup>56</sup>. LICHTI, Fernando. op. cit. p. 100.

<sup>57</sup>. Ibidem, p. 113-117.

As grandes cidades brasileiras contavam com inúmeros cortiços para abrigar a população; em Santos, os cortiços primavam pelo excesso de pessoas e pela precariedade que ofereciam condições inaceitáveis de vida à imensa maioria da classe trabalhadora.<sup>58</sup>

A existência e a resistência em pôr fim às habitações coletivas explicam-se pelos conflitos dos moradores com a municipalidade, que renovava ou fornecia licenças e alvarás de funcionamento. “E seria a sua convivência com especuladores e ineficiência para construção das vilas operárias e familiarstérias a causa fundamental da dificuldade de resolver o problema sanitário fornecendo condições de vida dignas para a população.”<sup>59</sup>

O primeiro trecho do cais, com a extensão de 260 metros, foi concluído em 1892 e inaugurado, no prazo previsto, quando o vapor Nasmith, de bandeira inglesa, atracou no porto de Santos.

O ritmo da construção se intensificou e foi preciso um investimento de grande porte para continuação.<sup>60</sup> A construção do porto e o saneamento da cidade são obras interligadas, fazendo parte de um processo que, nesse momento, reorganizaria o trabalho e a própria face da cidade, com a drenagem do lodo negro que cercava toda cidade, o aterro de um largo trecho e de ruelas a beira-mar, e canalização dos riachos existentes nesse local.<sup>61</sup>

Como observarmos na Tabela 1, o crescimento das exportações de café aparece numa crescente importante para a economia brasileira, justificando o crescimento nas construções do porto.

---

<sup>58</sup>. Ibidem, p. 118.

<sup>59</sup>. Ibidem, p. 124.

<sup>60</sup>. A firma Gaffrée, Guinle & Cia e seus oito sócios subscreveram o capital inicial de 4 mil contos de réis. Em poucos meses, o capital da empresa foi elevado a 15 mil contos de réis a fim de fazer face aos grandes gastos iniciais. Em 3 de novembro de 1892, com o porto já em operação, Gaffrée, Guinle e Cia foi incorporada para formar a Cia. Docas de Santos. Além da construção e exploração do porto, a nova sociedade tinha como objetivos expressos nos seus estatutos o comércio em geral e os serviços de comissários, agências de navegação e transportes terrestres. In: KALTMAN, Hélio. op. cit., p. 26-27.

<sup>61</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 29.



**TABELA 1**  
**Café exportado por Santos, 1860-1920**

<b>Ano</b>	<b>Sacas (60 quilos)</b>	<b>Ano</b>	<b>Sacas (60 quilos)</b>
<b>1860</b>	36.250	<b>1906</b>	10.166.257
<b>1870</b>	437.580	<b>1907</b>	11.470.116
<b>1880</b>	1.204.328	<b>1908</b>	8.940.149
<b>1882</b>	1.524.486	<b>1909</b>	13.453.104
<b>1889</b>	2.041.503	<b>1910</b>	6.834.712
<b>1890</b>	2.952.372	<b>1911</b>	8.719.742
<b>1891</b>	3.686.084	<b>1912</b>	8.934.719
<b>1892</b>	3.255.936	<b>1913</b>	10.229.245
<b>1893</b>	1.770.275	<b>1914</b>	8.493.557
<b>1894</b>	3.904.080	<b>1915</b>	12.119.741
<b>1895</b>	3.135.196	<b>1916</b>	9.943.158
<b>1896</b>	4.960.067	<b>1917</b>	7.845.089
<b>1897</b>	6.053.521	<b>1918</b>	5.390.913
<b>1898</b>	5.535.361	<b>1919</b>	9.426.335
<b>1899</b>	5.742.362	<b>1920</b>	8.480.887
<b>1900</b>	5.849.114	<b>1921</b>	8.770.042
<b>1901</b>	9.613.080	<b>1922</b>	8.329.729
<b>1902</b>	8.774.182	<b>1923</b>	9.668.233
<b>1903</b>	7.994.395	<b>1924</b>	9.505.808
<b>1904</b>	6.571.509	<b>1925</b>	9.101.065
<b>1905</b>	7.453.752	<b>1926</b>	9.218.311

Fonte: Associação Comercial de Santos. 1971.

O porto, que em 1860 exportou 36.250 sacas de café, passou a exportar 3.135.196 sacas em 1895 e 13.453.104 de sacas em 1909. “Na década de 1890 já eram numerosas as casa exportadoras e consignatárias que trabalhavam com o comércio de café”.<sup>62</sup>

<sup>62</sup>. Ibidem, p. 30.

Paralelamente a construção do porto, a cidade adquiria características próprias: casas de alvenaria que se misturavam aos cortiços que abrigavam cada vez mais trabalhadores, o calçamento das ruas, os trilhos dos bondes se estendendo até localidades vizinhas, o recolhimento do lixo, o movimento de negociantes e trabalhadores envolvidos com as negociações de exportação e importação, fazendo circular enormes quantidades de dinheiro.

Ao ampliar o cais, crescia o número de armazéns construídos de ferro e munidos de guindastes, linhas de trilhos e giradores para a movimentação das mercadorias. A iluminação pública a gás foi substituída pela elétrica. Avenidas foram abertas até as praias e sinalizavam uma mudança de comportamento dos moradores da cidade.

As praias de Embaré e Itararé tornaram-se opções de lazer, assim como a presença itinerante e esporádica dos circos de cavalinhos e dos concertos executados pela banda dos Bombeiros nas praças públicas. Estes eventos completavam-se com a festa, em setembro, no Monte Serrate.<sup>63</sup> No perímetro urbano foram criados edifícios e escritórios, além de se erigirem novos bairros, devido ao aumento da população.

O porto em construção envolveu todo um trabalho de aterro, saneamento, edificação de amuradas ainda que os pátios de movimentação, instalação de máquinas, armazéns e produção de energia (o Porto de Santos é o único do País que possui usina hidrelétrica para o seu próprio consumo), concomitantemente continuava o tráfego de mercadorias propriamente dito, além da manutenção do porto envolvendo desde rebocadores à drenagem do estuário, as oficinas de reparação de barcos e outras máquinas.<sup>64</sup>

Santos era um porto em construção, mas a cidade passou a ser local privilegiado das mudanças socioeconômicas e políticas que aceleraram o processo de urbanização.

Também na década de 1890, graças aos trabalhos médicos da Comissão Sanitária vê-se a eficiência no combate das epidemias que dizimavam muitas vidas. No período de 1889 a 1892, por exemplo, ocorreram

---

<sup>63</sup>. Ibidem, p. 30.

<sup>64</sup>. KALTMAN, Hélio. op. cit., p. 28.

mais de 3.500 mortes ocasionadas pela construção do porto.<sup>65</sup> Medidas de saneamento foram tomadas em toda a cidade. Foram estendidos os assentamentos urbanos em direção ao Atlântico, construíram-se canais e se levantou novos bairros, expressão de uma estrutura social mais complexa.

Construir e reformular as condições portuárias significava investir em medidas saneadoras em Santos, já que as epidemias afastavam os trabalhadores, os viajantes e até mesmo os moradores, o que provoca problemas no andamento econômico e impossibilita a comunicação com o exterior, além de expor o interior paulista às mesmas epidemias.<sup>66</sup>

Ana Lúcia Duarte Lanna em seu estudo sobre trabalhadores na cidade de Santos buscou compreender o mundo do trabalho aproximando-se da análise proposta por Eric Hobsbawm, em *Mundo do trabalho*:

Quem eram os habitantes desta cidade? De onde vinham, como se relacionavam e como se configuravam as distâncias sociais? Nosso estudo focaliza basicamente a vida dos trabalhadores e pobres em geral procurando inseri-los, através de suas múltiplas experiências nesta cidade em transformação.<sup>67</sup>

Imigrantes de origem portuguesa e espanhola compunham, basicamente, a população da cidade de Santos, além de nacionais e escravos chegados quase que nos anos finais da luta por sua libertação. Os trabalhadores acreditavam que esta seria a cidade de liberdade e de melhoria de vida, ou ainda, da proximidade para retornar a terra de origem. Entretanto, para as elites e as autoridades, a cidade ideal deveria enquadrar a população trabalhadora nos novos moldes de vida, tão renovados quanto a cidade. A falta de adaptação aos novos hábitos só poderiam resultar em conflitos e tensões. Os projetos das elites enquadravam as práticas populares como contravenção, dificultando todo e qualquer esforço das classes trabalhadoras incorporarem, ao seu modo, os novos padrões aceitáveis de viver e, portanto, não conseguiram ser implantados em sua essência. Havia uma resistente disputa

---

<sup>65</sup>. Ibidem, p. 28.

<sup>66</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 61.

<sup>67</sup>. Ibidem, p. 167.

entre os próprios setores dominantes e a resistência dos grupos e segmentos sociais a serem atingidos.<sup>68</sup>

A cidade de Santos passava por processos de transformação de maneira rápida, vivenciada de maneira truculenta pelos “proletários que se reconhecem trabalhadores”. De acordo com Maria Lúcia Gitahy, “o nervo político é a ‘questão social’, em sintonia com a formação de um mercado de trabalho livre, com a expansão do café no Estado e a articulação internacional acentuada pelas contínuas entradas e saídas dos imigrantes”.<sup>69</sup> Estas foram as características que renderam à cidade de Santos a alcunha de Barcelona brasileira.<sup>70</sup>

Em 1913, a presença de estrangeiros significava 44,7% da população de Santos que chegava a 39.802 habitantes. Entre os imigrantes encontravam-se 25% de portugueses, 9% de espanhóis e 3% de italianos.<sup>71</sup>

Enquanto isso, a população branca cresceu significativamente devido ao aumento das atividades comerciais e à imigração. Em 1872, 55,3% da população total eram brancos. Os estrangeiros representavam 17,2% da população total e 31,5% da população branca. Agora, 54,7% da população total eram homens enquanto 45,3% eram mulheres. (...) Nota-se que o número de homens ultrapassa o número de mulheres, um traço típico da imigração. (...) A cidade mestiça da Independência foi esquecida no ativo porto da *belle époque*. Os imigrantes representavam 42,5% do total da população da cidade em 1913. As principais colônias eram, por ordem de tamanho, a portuguesa, a espanhola, a italiana, a turca e a japonesa. Em cada cem habitantes santistas 25 eram portugueses, 9 espanhóis, 3 italianos e 1 turco ou japonês.<sup>72</sup>(\*)

Com total apoio do Estado e do Governo Federal, a Cia. Docas contribuiu para modernização da cidade de Santos.

---

<sup>68</sup>. Ibidem, p. 167.

<sup>69</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 67.

<sup>70</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 168.

<sup>71</sup>. Ibidem, p. 170.

<sup>72</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 41-42. (O erro nos cálculos está presente na obra)

É aqui que se reunirá o primeiro contingente significativo de trabalhadores urbanos do Estado, ligado ao escoamento do café, setor estratégico, e a construção do próprio espaço urbano, este proletariado travará suas primeiras lutas em uma cidade, cujo caráter próprio está sendo moldado.<sup>73</sup>

Os portugueses emigravam para o Brasil fugindo da proletarização no país e na busca de fortuna fácil. Portugal e Espanha, países promissores e hegemônicos no século XVI, chegaram ao século XIX com sérias dificuldades para se alinharem ao desenvolvimento provocado pelo capitalismo e, portanto, transformaram-se em exportadores de mão-de-obra.<sup>74</sup>

O governo imperial, numa primeira política de colonização, tentava atrair estrangeiros com capital para formarem núcleos coloniais em troca de terras. Mas, com o fim do tráfico internacional de escravos em 1850, tem sua preocupação voltada para urgente substituição dessa mão-de-obra, principalmente quando se observava o ritmo de expansão cafeeira na região do Oeste Paulista. O tráfico interprovincial provocava receio de conflitos semelhantes às revoluções americanas das Guerras de Secessão, já que esses escravos pareciam difíceis de serem controlados.

Em 1850 aventou-se a possibilidade de imigrantes substituírem a mão-de-obra escrava. Discutiu-se qual trabalhador estrangeiro melhor serviria para os propósitos de substituição da mão-de-obra escrava e da idéia de branquear São Paulo. Elegeram os italianos como grupo migratório que melhor atenderia aos ideais políticos de atração de “braços para lavoura”, o que de certa forma resolveriam os dois problemas.<sup>75</sup>

A política imigratória definida no Império foi mantida com o advento da República subsidiando as passagens dos imigrantes contratados para trabalhar nas fazendas, o que não se repetiu como atração para a mão-de-obra em Santos.<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup>. Ibidem, p. 33.

<sup>74</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 169-171.

<sup>75</sup>. Ibidem, p. 172. Cabe citar também as obras de: COSTA, Emilia Viotti da. *Da senzala à Colônia*. 4 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998; BELGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*. São Paulo: Pioneira, 1968.

<sup>76</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 172.

Os imigrantes portugueses não faziam parte do fluxo imigratório subvencionado para a grande lavoura. A maioria dos imigrantes usou recursos próprios ou valeu-se de empréstimos de parentes para empreenderem viagem.<sup>77</sup> O sistema de imigração subsidiada pelo governo brasileiro e o regime de trabalho assalariado atraíram o europeu que, fugindo da pobreza, vislumbrava a possibilidade de trabalho e a oportunidade de ascender socialmente.

No caso dos imigrantes espanhóis vê-se no pequeno proprietário empobrecido o perfil correspondente aos que aqui chegaram. Ainda na Espanha, depois de tentativas fracassadas de sobreviver do quando produzido em sua pequena propriedade, viram-se obrigados a vendê-la para sustentar a família. Frente a esse panorama desfavorável candidataram-se ao trabalho oferecido no Brasil.<sup>78</sup>

Apenas os pequenos proprietários espanhóis poderiam emigrar, pois à custa da viagem equivalia ao salário de um jornaleiro por um ano e meio, que era de 600 a 800 pesetas por ano. Assim, somente aqueles que tivessem bens ou propriedades para vender teriam condições de embarque. Parece claro que os mais necessitados de uma oportunidade de sobrevivência não teriam como economizar para empreenderem viagem.<sup>79</sup>

A expansão do café no Oeste Paulista e a consolidação da libertação dos escravos exerciam enorme pressão sobre os fazendeiros que buscaram com urgência a mão-de-obra européia para as frentes agrícolas.

Ainda que os fazendeiros não estivessem preparados para lidar com homens livres e que o embate entre estes e os escravos fossem constantes, a possibilidade de retomarem suas vidas e garantir a união e a sobrevivência de suas famílias fazia com que os imigrantes atravessassem o Atlântico em busca de soluções para o momento difícil que vivenciavam em sua terra de origem.

---

<sup>77</sup>. Ibidem, p. 173.

<sup>78</sup>. CÁNOVAS, Marília Klaumann. *Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930*. São Paulo: Lazuli, 2005, p. 104.

<sup>79</sup>. Ibidem, p. 105.

a carência de informações seguras e sistematizadas decorrentes de alguns fatores conjugados, salientando-se a forte incidência de entradas e saídas clandestinas, bem como a precariedade dos registros portuários brasileiros, que raramente discriminavam os dados pessoais sobre a nacionalidade, estado civil, idade, profissão, grau de instrução e destino dos imigrantes. (...) O Instituto Espanhol de Emigração estima que entre 1890 e 1940 aproximadamente 3,5 milhões de pessoas deixaram o Reino em direção ao Brasil.<sup>80</sup>

Não foi diferente com os imigrantes espanhóis que aqui chegaram com um contrato de trabalho na agricultura cafeeira. Desembarcavam no porto de Santos ou na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, e eram reembarcados em trens que os levavam à Hospedaria do Brás, hoje Hospedaria dos Imigrantes ou Memorial dos Imigrantes, em São Paulo, para que fossem encaminhados pelos agenciadores às fazendas de café.

Entretanto, como pretendemos demonstrar em nossa tese, nem todos os imigrantes espanhóis seguiram esse caminho. De conformidade com as estatísticas oficiais,<sup>81</sup>

no período da grande emigração em massa, de cada dez imigrantes desembarcados no Porto de Santos, oito deles destinavam-se às zonas cafeeiras. Especula-se que, do restante, parte tenha permanecido na própria cidade de Santos, burlando a fiscalização de desembarque.<sup>82</sup>

Ao chegarem à Hospedaria dos Imigrantes eram recepcionados, alojados e, posteriormente, encaminhados às fazendas contratantes. Cabia à Hospedaria, por exigência contratual entre os agentes oficiais que intermediavam os acordos com os fazendeiros, mantê-los pelo período de oito dias até que seguissem viagem para o interior.

---

<sup>80</sup>. GUIMARÃES, Lúcia Maria; VAINFAS, Ronaldo. Sonhos galegos, 500 anos de espanhóis no Brasil. In: *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, p. 109.

<sup>81</sup>. Ministério da Agricultura, Ind. e Com. Directoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1962. Apud. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. 2007. Tese (Doutoramento em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 54.

<sup>82</sup>. *Ibidem*, p. 54.

Ao chegarem ao interior, os imigrantes espanhóis se deparavam com a dura realidade de substituir os italianos no trabalho de abertura e limpeza das áreas virgens para o plantio de café. Frente às dificuldades da adaptação, muitos deles se engajaram na construção da Estrada de Ferro Araraquara ou se mudaram para outras cidades, onde o grupo de espanhóis tivesse conseguido melhores condições, como ocorreu em Sorocaba.<sup>83</sup>

Como todos os imigrantes, os espanhóis também ambicionavam tornarem-se proprietários rurais. Muitos desistiram frente às dificuldades que se interpunham entre seus sonhos e a realidade de uma economia agrária dominada por latifundiários. Alguns, entretanto, viram crescer suas roças de cebolas e hortaliças e delas puderam dar continuidade aos sonhos e a vida.<sup>84</sup>

A imigração espanhola no Brasil teve um caráter predominantemente urbano. Valendo-se do subsídio governamental, chegaram à Hospedaria do Brás famílias espanholas que, de fato, não possuíam qualquer contrato com destino ao interior paulista, para a agricultura cafeeira, mas porque foram orientados pelos agentes de imigração a se declararem lavradores para terem acesso à passagem subvencionada.

Findo o prazo estabelecido pela hospedaria de oito dias, essas famílias partiam em busca de patrícios ou familiares já estabelecidos na cidade.

O entorno da Hospedaria, o bairro do Brás, pouco a pouco passou a desenvolver um movimento paralelo de hotéis, pensões, pequenos negócios, locação de serviços e até “agentes de trabalho que se estabeleciam ao redor do edifício para aliciar os imigrantes”.<sup>85</sup>

Por não serem reclusos, os imigrantes provocaram uma mobilidade espacial intensa, buscando outras fazendas ou seguindo para os centros urbanos em busca de outras oportunidades.<sup>86</sup>

O colonato, que substituiu a experiência fracassada da parceria, possibilitou aos imigrantes a produção de gêneros alimentícios, entre as filas de cafezais novos, que seriam suficientes para seu sustento, como também

---

<sup>83</sup>. OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. *Os espanhóis*. Sorocaba: TCM, 2002, p. 44.

<sup>84</sup>. *Ibidem*, p. 45.

<sup>85</sup>. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 109.

<sup>86</sup>. FAUSTO, Boris. op. cit. p. 160.



para serem vendidos para os mercados locais. Assim sendo, ao mesmo tempo em que a produção cafeeira aumentou, “ocorreu em São Paulo uma diversificação agrícola que se liga à ascensão dos imigrantes”.<sup>87</sup>

A partir de 1886, a capital do Estado de São Paulo prosperou graças ao afluxo de imigrantes espontâneos e dos que abandonavam as atividades agrícolas. A cidade oferecia oportunidades aos artesões, aos construtores, ao comércio de rua, às fábricas de fundo de quintal e a profissionais liberais e

como opção mais precária, era possível empregar-se nas fábricas nascentes ou no serviço doméstico. A capital paulista era também o grande centro distribuidor dos produtos importados, o elo entre a produção cafeeira e o porto de Santos e a sede do governo. Aí se encontravam a sede dos maiores bancos e os principais empregos burocráticos.<sup>88</sup>

Ao desembarcarem no porto de Santos, os imigrantes eram imediatamente conduzidos para a capital pelo terminal ferroviário situado na mesma área do porto e sob orientações expressas de que não deveriam sequer pernoitar na cidade. Havia o temor das enfermidades e, também, a necessidade de se evitar a dispersão dos imigrantes antes que se fizesse contrato com os fazendeiros, o que justificava sua chegada para suprir a mão-de-obra da grande lavoura cafeeira. Entretanto, nem todos seguiam o mesmo caminho.

Eric Hobsbawm, em *A era do capital*, legou-nos uma interessante sentença: “Por que pessoas migravam?” Para responder a essa indagação apontou as razões econômicas como preponderantes. Para ele, as pessoas migravam “porque eram pobres” e/ou porque buscavam ascensão econômica.<sup>89</sup>

O processo imigratório espanhol em território brasileiro seguiu caminho semelhante. Aqui, imigrantes espanhóis ficaram conhecidos por sua ambição e pela dedicação ao trabalho, em busca da acumulação de um pecúlio, ainda que fosse para retornar à terra natal.

---

<sup>87</sup>. Ibidem, p. 160.

<sup>88</sup>. Ibidem, p. 160. Esta idéia também está presente em: SANTOS, Carlos José Ferreira. op. cit..

<sup>89</sup>. HOBBSAWM, Eric. *A era do capital*. Trad. Luciano Costa Neto. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 280.

Assim como os portugueses, os espanhóis moradores de Santos e já estabelecidos na cidade convidavam parentes e amigos a buscarem prosperidade econômica anunciada no Brasil. Muitos chegavam com as “cartas de chamada” de parentes e amigos que se tornavam responsáveis por sua imediata acomodação em suas casas. “Chegavam já com ocupações urbanas definidas e sustentadas, em muitos casos, por redes de relações pessoais e familiares”.<sup>90</sup>

Alguns imigrantes espanhóis que também escolheram a cidade de Santos para se estabelecerem vieram com seus próprios recursos, ou com a ajuda dos patrícios que aqui já se encontravam. As passagens subsidiadas estavam direcionadas àqueles que se declaravam agricultores e, por total falta de condições para empreenderem viagem, recebiam a ajuda daqueles que já contratados pela lavoura cafeeira, se dirigiam ao interior, o que também não invalida o retorno dos mesmos à Baixada Santista, após experimentarem as condições oferecidas pelos fazendeiros, como já relatado anteriormente.

Entretanto, em Santos, podemos observar a existência dos imigrantes espanhóis nas mesmas atividades econômicas atribuídas aos portugueses, que dentro dos domínios do porto trabalhavam como estivadores, carregadores, ensacadores, ou então no comércio de bares, tavernas, restaurantes, pensões, hotéis e ambulantes.<sup>91</sup>

Enquanto realizávamos nossas pesquisas na Fundação Arquivo e Memória de Santos, foi-nos relatada a história, muito conhecida pelos santistas, de um tal senhor Enrique, espanhol que acolhia espanhóis recém-chegados e lhes dava abrigo até que estes encontrassem trabalho. Por se tratar de informação sem comprovação empírica, ficou descartada até que, por coincidência, encontramos essa mesma pessoa referenciada na obra de Cánovas, como relato da Sra. Márcia Dieguez, neta de Don Enrique Alvarez Corisco, residente em Santos, em entrevista à autora:

---

<sup>90</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 174.

<sup>91</sup>. Conforme nossa pesquisa junto a Fundação Arquivo e Memória de Santos, a Associação Comercial de Santos, o Museu do Porto e o Centro Espanhol.

Don Enrique Alvarez Corisco, proprietário de um restaurante na entrada da cidade de Santos, no local conhecido como bairro chinês, o qual, nas primeiras décadas I do século XX I acolhia em sua casa os “paisanos” desembarcados no cais do Valongo.<sup>92</sup>

Conta a neta:

Eles chegavam – segundo a vó Josepha – em um estado lastimável, as roupas imundas; cheios de piolhos. Minha bisavó Thereza I esposa de D. Enrique I queimava toda aquela roupa no fundo do quintal, enquanto eles se banhavam. Depois eram alimentados e a primeira providência I de D.Enrique I era fazê-los sócios do Centro Español y Repatriación de Santos. Só saiam dali quando eram empregados e instalados em alguma moradia.<sup>93</sup>

O sistema de trabalho ocasional que apareceu historicamente como a resposta dos empregadores às flutuações de carga e descarga de mercadorias que constantemente ocorre nos portos. Este sistema consistia, basicamente, em extrema flexibilidade para contratação de trabalhadores, o que podia significar emprego por um dia ou por algumas horas para a multidão de candidatos que se aglomeram nos portões do porto.

Este sistema de contratação, que no Brasil é conhecido como “parede”, levou à criação e manutenção de uma reserva de mão-de-obra permanente na área portuária, aos quais os empregadores recorriam nos momentos de maior movimento no porto.<sup>94</sup>

Em momentos históricos diferentes, os empregadores, os trabalhadores e o Estado intervêm no controle deste processo. A disputa concreta entre estes atores sociais tem definido historicamente o grau que cada um controla o processo de contratação.<sup>95</sup>

---

<sup>92</sup>. Paisano é o mesmo que conterrâneo. Da citação, a referência é: CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 119.

<sup>93</sup>. Relato à autora concedido pela neta de dona Enrique, Sra. Márcia Dieguez, residente em Santos, em 11 de abril de 2003. Apud. *Ibidem*, p. 119.

<sup>94</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 105.

<sup>95</sup>. *Ibidem*, p. 106.

Os trabalhadores vêm-se imobilizados no contexto do trabalho ocasional, tendo em vista seu desenvolvimento profissional em especializações específicas que se efetivam aos trabalhadores que permanecem na “parede”, levando-os a não mais trabalharem em outras atividades. Entretanto, eles estão entre os preferidos na hora da competição da mesma.

A competição que ocorre dentro do porto devido ao sistema ocasional, em Santos, tomou forma na disputa entre nacionais e imigrantes. A *Tribuna Operária*, jornal da Sociedade Internacional Sindicato dos Operários, dedicava inúmeros artigos à união entre os trabalhadores combatendo sempre a “divisão entre as raças”. O jornal também denunciava administradores que organizavam suas equipes baseando-se no fator racial.<sup>96</sup>

A disputa por postos de trabalho não se limitava ao cais, mas também para o trabalho de armazenagem realizado no interior dos navios, que sempre significava um aumento no pagamento e melhores qualificações, além da oportunidade desses indivíduos se unirem em núcleos sindicais estáveis e combativos, como é o caso da Sociedade dos Estivadores de Santos, fundada em 1919.<sup>97</sup>

A infinidade de detalhes concernentes à organização, às condições e à própria natureza do trabalho, interagem com outros fatores, por exemplo, as condições de vida dos trabalhadores, sua nacionalidade, a grande variedade de empregadores.<sup>98</sup>

Enquanto o porto era construído, verificava-se o crescente movimento de trabalhadores encarregados do tráfego de mercadorias, propriamente dito, e com os que se dedicavam à manutenção do porto (rebocadores, drenagem do estuário, oficinas de reparação de barcos e outras máquinas), além daqueles que estavam envolvidos com o trabalho de aterro, saneamento, construção de amurada com os respectivos pátios de movimentação, instalação de máquinas, armazéns e mesmo produção de energia. Todo esse conjunto de atividades supõe o controle da Cia. Docas sobre um grande número de trabalhadores.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup>. Ibidem, p. 106.

<sup>97</sup>. Ibidem, p. 108.

<sup>98</sup>. Ibidem, p. 112.

<sup>99</sup>. Ibidem, p. 112.

Também podemos identificar alguns grupos operacionais-chave que, no porto, trabalham na construção da trajetória do café. Transportado por carroças da ferrovia, o café chegava aos armazéns onde eram classificados, misturados e ensacados. Daí partia em carroças do porto, onde os carregadores de café o levavam aos navios, sendo finalmente acondicionado nos porões dos mesmos. Os trabalhadores dos armazéns, incluindo ensacadores, estavam sob o controle das casas exportadoras e eram pagos por produção.

Observamos nos Livros de Receitas e Despesas da Câmara, que foram expedidas licenças para carroceiros e carregadores, em nome de imigrantes espanhóis, ainda que exercessem atividades nos armazéns que envolviam os fiéis do armazém (o capataz) e, no caís, o contramestre, o mestre e os estivadores que efetuavam todo o carregamento do navio, que aparecem nos Registros da Folha de Pagamento da Cia. Docas, encontrados no Museu do Porto.<sup>100</sup>

Nestes registros também encontramos a informação de que a maioria dos espanhóis desembarcados era originária da Galícia e foram contratados para os canteiros de obras na função de calceteiros<sup>101</sup>, atividade tradicional desenvolvida na Galícia que consiste na confecção de muros e calçamentos em pedras cortadas e justapostas e que, pela habilidade, era transmitido de pai para filho.

Ainda que os registros sejam deficitários, há vestígios da presença espanhola em todos os setores da cidade: empregados de bares, restaurantes, padarias, pedreiros, funcionários das estradas de ferro e casas de pasto.<sup>102</sup>

Nos Livros de Receitas e Despesas da Câmara, no período compreendido entre 1882 e 1920, encontramos o nome dos senhores Manuel Covas Perez, Antonio Martins Ruas, José Caballeros, Damas Vasquez Estevan, Feliciano Rua, Romão Perez, Antonio José Castelloes, Ignácio Antonio Garcia, Manuel Antonio Lopes, Amélio Caetano Gil, Antonio Lopez y

---

<sup>100</sup>. Livros de Receitas e Despesas da Câmara pertencentes ao Arquivo Permanente da Fundação Memória de Santos e Livro de Registro de Folha de Pagamentos existente no Museu do Porto que fazem parte de nossa pesquisa.

<sup>101</sup>. Calceteiros são as pessoas responsáveis por erguer muros de pedra cortadas e sobrepostas que executam assentamento de paralelepípedos em calçamento e recuperação de ruas.

<sup>102</sup>. Casas de Pasto é o mesmo que um restaurante doméstico, onde a própria dona da casa cozinhava, enquanto os demais familiares serviam os fregueses.

Andrade, Sebastião Fernandes, Manuel Perez e Irmão, Borges e Cia, José R. Blanco, Manuel Rodrigues Peres, Angel Cajañas, Nunes e Irmãos, Garcia Lascale, Fernandez e Vasquez, Antonio Flores y Cia, Amales Caetano Gonzalez, Augusto Nunes, Souza e Rodrigues, Manoel Lopes Gil efetuando o pagamento de suas licenças para casas de pasto, restaurantes e tabernas, onde poderiam vender bebidas alcoólicas, o que requeria o pagamento de outra licença.

Os pequenos restaurantes de comidas típicas espanholas se espalharam pela cidade. A qualidade oferecida era irrepreensível, o que elegeu essas casas a condição de restaurantes especializados, como o Restaurante Quatro Nações, a casa Espéria e o Restaurante do Marreiro.<sup>103</sup>

A participação espanhola também pode ser encontrada na *À Leoneza*, fundada pela família Flores, a fábrica de doces, principalmente com bananas, era uma das tradições da cidade santista.<sup>104</sup>

O comércio de secos e molhados tinha, freqüentemente, à frente o proprietário espanhol que iniciou suas atividades em pequenos estabelecimentos e que cresceram graças ao esforço destes que se dedicavam até 20 horas de trabalho por dia.

F. Vallejo e Cia. é a mais antiga importadora do Estado de São Paulo e uma das primeiras no Brasil. Otávio Vallejo conta que o pai, Felisindo Vallejo, começou com uma pequena casa de secos e molhados no varejo; em sociedade com um parente, Odon Vallejo. Mais tarde, enquanto Felisindo se dedicava ao atacado e às importações, que eram seu maior objetivo naquele tempo, os estabelecimentos mistos, que trabalham com produtos importados e nacionais, eram chamados 'submarinos'. Hoje, a F. Vallejo é uma das firmas mais conceituadas da comunidade.<sup>105</sup>

Nos Livros de Despesas e Receitas da Câmara também localizamos os nomes dos senhores Esteves e Cia, Francisco Gonzáles, Ignácio Antonio Garcia, Garcia, Irmão e Cia., Perez e Mattos, Antonio José Castellões,

---

<sup>103</sup>. CARVALHO, Beth Capelache. *A colônia espanhola*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/Santos>>. Acesso em: 20 maio 2005.

<sup>104</sup>. Ibidem. Ver capítulo 3, de casos especiais.

<sup>105</sup>. Ibidem.

Raymundo Corvello, Leonel José Rodriguez, que obtiveram suas licenças para comercializar secos e molhados, importados e/ou casa comissária.

Na minuciosa pesquisa realizada por Cánovas, em sua tese de doutoramento, encontramos registros que corroboram nossa hipótese quanto aos muitos espanhóis atuando em diversas atividades, algumas com filiais ou representantes em Santos.

Ortiz & Cia., Rua Paula Souza, 65, com filial em Santos, compra e vende cereais, café e algodão, pagando os melhores preços da praça, cobrando comissão mínima e prestando contas rápidas.<sup>106</sup>

Os espanhóis mais prósperos no meio comercial também trabalhavam como comissários<sup>107</sup>, recebendo comissão e representação de produtos mais restritos, além de aparecem nos anúncios publicitários pesquisados por Cánovas, em *El Diário Espanhol*, que divulgavam desde uma variedade de produtos e gêneros alimentícios até maquinários. Mais uma vez, nossa pesquisa se comprova com as afirmações de que:

era em Santos, que se localizava a maioria de seus escritórios, também assíduos nas páginas do *El Diário Espanhol*, onde compareciam com grandes anúncios, proporcionando os extensos inventários de produtos que representavam e / ou exportavam. Apenas para constar, uma das maiores, senão a maior delas, a Troncoso & Hermanos<sup>108</sup>, pertencia aos irmãos Secundino e Silvano, espanhóis, cuja diversidade de funções era admirável: importadores, agentes marítimos, casa de câmbio, além de serem representantes de diversas marcas de produtos alimentares espanhóis.<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup>. Anúncio encontrado no *El Diário Espanhol* em 12 de março de 1922. Apud. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 255.

<sup>107</sup>. *Ibidem*, p. 255. Segundo supõe a autora, o trabalho em comissão era uma modalidade que se dava apenas com produtos de oferta mais restrita, onde o preço era estipulado de comum acordo entre produtor e comerciante que recebia uma porcentagem pela venda.

<sup>108</sup>. Empresa encontrada por nós nos registros da Associação Comercial de Santos, cujos proprietários participavam do Centro Espanhol, conforme se verifica nos anexos e no capítulo de casos especiais encontrados.

<sup>109</sup>. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 263.

Os importadores Zerrenner Büllow & Co. Importadora, com sede também em Santos e participantes da Associação Comercial de Santos, conforme nossos registros, são apontados na tese de Cánovas como proprietários de uma fazenda situada a dez quilômetros de Bauru, no Noroeste, onde viviam 250 famílias, sendo sua maioria de espanhóis originários de Almeria e Granada.<sup>110</sup>

*El Diálogo Español*, jornal de veiculação na capital paulista e, também, em Santos, anunciava em página inteira, sob o título “Grande leilão de louça esmaltada”, leilões públicos promovidos por espanhóis em que se vendiam “grande quantidade de *ollas, cacerolas, jofáinas*”<sup>111</sup> e outros recipientes de diversas classes pelo leiloeiro matriculado no depósito judicial, à Rua Piratininga”.<sup>112</sup>

No setor hoteleiro, encontramos nos Livros de Receitas e Despesas da Câmara o registro do Sr. Faustino Vazquez, proprietário do Hotel Madri<sup>113</sup>, Sr. Agapito Alvarez, proprietário do Hotel Continental, com matriz em São Paulo<sup>114</sup>, e o nome dos senhores Francisco de R. Roman, Ignacio Antonio Garcia, Luis Monterrozo e Pereira, Antonio Caetano Domingues, Abílio Rodrigues Redondo que obtiveram suas licenças para abrirem seus hotéis (cujas razões sociais não aparecem), venderem bebidas alcoólicas e possuir bilhar.

Ainda de acordo com Cánovas, encontramos as seguintes referências:

O empresário Mariano Fernandez mantinha em sociedade com Serafim da Cruz, em 1913, o Hotel Europa instalado no nº 16 da Rua Washington Luis e o Hotel Esmeralda, nos nºs 25 e 27A, antes instalado na Rua Brig. Tobias e com filial em Santos.

Membros mais abastados da colônia, comerciantes, importadores e demais setores emergentes deleitavam-se com os piquiniques ou passeios pelo litoral, onde encontrariam dois estabelecimentos pertencentes a espanhóis: o Recreio Astúrias, de Nicolás Lopez (...) e o

---

<sup>110</sup>. Ibidem, p. 263.

<sup>111</sup>. *Ollas, cacerolas, jofáinas* = panelas, caçarolas, bacias ou vasilhas.

<sup>112</sup>. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 274.

<sup>113</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição...* op. cit., p. 209.

<sup>114</sup>. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 278.



Petit Cassino, também no Guarujá, pertencente a Francisco Lasso de la Vega....<sup>115</sup>

Não é difícil imaginar que os investidores que desembarcavam em Santos podiam escolher entre acomodar-se na cidade ou dirigir-se a São Paulo, para realizar seus negócios, até mesmo com empresas que tinham representantes e filiais estabelecidos no porto.

Os hotéis não tinham apenas a função de hospedagem, já que seus proprietários obtinham licenças junto à Câmara de Santos para manterem concomitantemente restaurantes, vender bebidas alcoólicas e possuir mesa de bilhar, o que significava a preocupação de seus proprietários em manter um atendimento diferenciado.

Foi trabalhando no porto que os espanhóis uniram-se em associações que lutaram por melhores condições de trabalho e salário. Por se tratar de pesquisa mais específica, nossa apreciação dos documentos do porto recai sob o aspecto profissional que eles desenvolviam e não sobre sua atuação nos movimentos grevistas de qualquer posição política.

Para os comerciantes espanhóis que se estabeleceram e ganharam visibilidade no comércio santista significava, antes de tudo, o reconhecimento de uma ascensão social que ultrapassava os limites da colônia, para figurarem juntamente com as elites locais que exibiam suas conquistas no novo status que exigia certo refinamento e adequação ao código social. Seu reconhecimento tornava-se público ao fundarem e dirigirem agremiações e sociedades culturais e beneficentes que os aproximassem definitivamente das elites e os distanciassem das camadas inferiores de seus conterrâneos que permaneciam nos trabalhos pesados das docas.

A colônia mais antiga e mais numerosa era a dos portugueses. Eram encontrados em todas as atividades econômicas da cidade. Por ser a colônia imigrante mais antiga, os portugueses fundaram a Beneficência Portuguesa em 1859. Em 1870, construíram seu segundo hospital, colaborando com a redução dos atendimentos prestados pela Santa Casa de Misericórdia, o primeiro hospital a ser fundado no Brasil.

---

<sup>115</sup>. Ibidem, p. 283.

Nesse período, fundaram-se, também, o Grêmio Português e a Associação Portuguesa de Socorros Mútuos Dom Carlos I (1902), o Real Centro Português (1897) e a Sociedade Protetora dos Portugueses Desvalidos (1902).<sup>116</sup>

A colônia espanhola que aparece em segundo lugar em números de imigrantes, também criou suas instituições como o Centro Español (1895), a Sociedad Española de Repatriación (1902) e a Sociedad Española de Socorros Mútuos y Instrucción (1900).<sup>117</sup>

O Centro Español de Santos, fundado em 6 de janeiro de 1895, merece especial atenção de nossa parte e pode ser conhecido em capítulo a parte, destinado a contar a sua trajetória e a de seus associados.

Graças aos registros encontrados no Centro Espanhol foi possível reconhecer em nossa pesquisa muitos dos espanhóis que trabalhavam no comércio santista ou que, de alguma forma pagavam por licenças junto à Câmara Municipal de Santos, e posteriormente na Prefeitura Municipal de Santos, cujo material também tivemos acesso.

Nos arquivos pesquisados no Centro Espanhol encontramos informações que vão desde as despesas com a construção do prédio, as doações feitas e recebidas pelos associados, os destaques das ações de alguns de seus membros junto à comunidade santista durante os períodos das graves epidemias. Infelizmente, o Centro Espanhol não dispõe de registros sobre as atividades desenvolvidas por seus filiados no mercado de trabalho santista.

O sucesso do Centro Espanhol entusiasmou a criação de outro grupo espanhol que, contando com outros interessados e, também, com muitos sócios do próprio Centro formam a Sociedade Espanhola de Repatriação de Santos. O objetivo dessa sociedade era oferecer a oportunidade de repatriação aos associados que com suas mensalidades em dia, adquirissem o direito de partir quando necessário. Alugou-se uma casa e já na primeira reunião estabeleceram um estatuto que deixava clara as condições para a repatriação, levando-se em conta a sindicância que selecionaria os casos de maior

---

<sup>116</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 42.

<sup>117</sup>. Ibidem, p. 42.

gravidade. Mais tarde esta sociedade se fundiu com o Centro, transformando-se no Centro Espanhol y Repatriación de Santos.

Fundada em 1902, à Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos cabia estabelecer convênios com médicos e hospitais para dar atendimento aos espanhóis e a qualquer outro necessitado que a ela se associasse.

Outros imigrantes também criaram suas instituições, como a Associação Comercial, fundada em 1870. Ela funcionava como instituição-chave à elite multinacional que abrigava empresários, homens de negócios, diretores das grandes companhias, como a Cia. Docas e a São Paulo Railway, e donos de imobiliárias. Estes, já em 1869, freqüentavam o Clube XV, pertencente à Associação Comercial, fundado na chácara dos Martins.<sup>118</sup>

As associações de auxílio-mútuo não estavam preocupadas em socorrer apenas o crescente contingente proletário que vivia em condições precárias, ou com ações beneficentes em anos de epidemias, como a febre amarela ou a varíola. Elas também disponibilizavam aos seus freqüentadores um espaço onde se apresentavam oportunidades próprias de seus costumes de lazer, cultura e aprendizagem.

Além das sociedades beneficentes foram criadas as sociedades mutualistas como a Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio (1879); a União Operária (1890), fundada pelos trabalhadores da construção civil; a Sociedade Beneficente Tipografia de Santos (1902); a Sociedade Beneficente 2 de Fevereiro (1902) e a Associação Feminina Beneficente e Instrutora (1902), sendo esta última dedicada à educação de moças, à criação das pré-escolas para crianças necessitadas e à assistência aos pobres e doentes.<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup>. Ibidem, p. 42.

<sup>119</sup>. Ibidem, p. 42.

## 1.2 ESPANHÓIS E IMIGRAÇÃO – NÚMEROS E CORRENTES: FATORES DE EXPULSÃO E ATRAÇÃO

Nos últimos anos do século XIX observou-se um aumento de imigrantes que deixavam suas terras devido aos problemas econômicos decorrentes de uma estrutura arcaica e do tardio desenvolvimento industrial espanhol.

Cerca de dois terços da população espanhola vivia direta ou indiretamente do cultivo da terra até o ano de 1900, mas, na medida em que a taxa de natalidade crescia nas áreas rurais, reduziam-se os investimentos no campo, mantendo-se certas práticas senhoriais, como o pagamento de altas taxas de impostos.<sup>120</sup>

Um dos maiores focos de imigrantes para o Brasil vinha da Galícia, onde se tornara impossível sobreviver da lavoura. Do campo, migravam para as cidades em busca de emprego na indústria ou no comércio, mas, a falta de qualificação para o trabalho fabril e a grande maioria de analfabetos, levava-os a rejeição imposta pelas condições urbanas. Não lhes restava outro caminho que não fosse em direção ao porto para embarcar rumo ao novo mundo.

Os agentes de emigração encontravam-se por toda à parte difundindo as oportunidades de trabalho e acesso fácil a terras e a fortuna. Para tanto, as agências arregimentadoras de mão-de-obra ofereciam passagens gratuitas, 20 libras esterlinas por pessoa e terrenos para a fundação de colônias. Entretanto, a propaganda, muitas vezes, mostrou-se falsa e enganosa.<sup>121</sup>

É preciso lembrar que essa era a oportunidade esperada pelas famílias de muitos jovens que, sem recursos para fugirem ao compromisso com o exército colonial espanhol, investiam suas poucas economias para atravessarem o Atlântico.

Ainda que os motivos de expulsão das terras espanholas nos pareçam claras, devemos lembrar que o governo espanhol não foi tão omissivo quanto à saída desses emigrantes.

---

<sup>120</sup>. GUIMARÃES, Lúcia Maria; VAINFAS, Ronaldo. op. cit., p. 111.

<sup>121</sup>. Ibidem, p. 112.

O governo espanhol tentou estabelecer condições restritivas ao movimento emigratório através de algumas disposições extemporâneas, como as enunciadas na *Real Ordem* (R.O.), de 24 de dezembro de 1834, colocando as primeiras exigências aos indivíduos que pretendiam obter a autorização para deixar o país.

As primeiras exigências referiam-se ao descumprimento de qualquer “dívida” junto a quaisquer autoridades e de fugir à obrigatoriedade do serviço militar; aliás, esta era, de fato, a principal preocupação do legislador espanhol e o único fator restritivo para emigrar até as primeiras décadas do século XX. Atribuía-se a fuga do serviço militar como a principal razão das emigrações clandestinas, levando as autoridades espanholas a uma nova R.O., de 1º de março de 1838, proibindo a emissão de passaporte aos espanhóis do sexo masculino que tivessem entre 17,5 anos e 25 anos, caso não efetuassem um depósito pecuniário. A idade restritiva ampliou-se, mais tarde, iniciando-se aos 16 anos.<sup>122</sup>

A R.O., de 16 de setembro de 1853, preocupava-se em dificultar a emigração para as novas colônias espanholas independentes, mas incentivava o fluxo da mão-de-obra para as colônias do Caribe, em especial para Cuba, que enfrentava escassez de trabalhadores após a suspensão do tráfico de escravos em 1817. A R.O. de 1853 é considerada o primeiro marco legislativo moderno sobre emigrações, ainda que se limitasse às imigrações as colônias espanholas e aos estados da América do Sul e México, desde que existissem representantes ou delegados de Sua Majestade no local.<sup>123</sup>

Essa R.O. expressava pela primeira vez a função tutelar do Estado sobre os imigrantes, onde se estabeleciam dois tipos de controle. O primeiro controle restringia a saída dos homens em idade militar e as emigrações coletivas por contrato, que exigiam passaporte concedido mediante a uma série de condições, tais como: livre decisão para emigrar, autorizações para os menores de idade e para as mulheres casadas e depósito pecuniário na ordem de 6.000 *reales* para os homens com idade militar.<sup>124</sup>

---

<sup>122</sup>. CÁNOVAS, Marília Klaumann. *Hambre de Tierra...* op. cit., p. 50.

<sup>123</sup>. Ibidem, p. 51.

<sup>124</sup>. Ibidem, p. 51.

O segundo tipo de controle era inédito e incidia sobre os contratantes e transportadores, bem como sobre os meios de transporte: as expedições, a partir de então, necessitavam de uma autorização real. A principal condição era a limitação do número de passageiros em função das características da embarcação.<sup>125</sup>

As exigências dessa R.O. eram especiais, pois interferiam sobre a qualidade e quantidade de alimentos a serem servidos aos que fizessem à travessia; estabeleciam prazo nunca inferior a dois anos para o pagamento das passagens pelos emigrantes; pretendia também que o emigrante tivesse liberdade de escolha da função ou ofício quando em seu destino.<sup>126</sup>

Como garantia do cumprimento de tudo quanto era exigido nos contratos, o responsável pelo transporte deveria depositar uma fiança de 320 reales por passageiro transportado ou o dobro, caso o depósito fosse efetuado em "fincas", ou seja, quando tivesse por garantia alguma propriedade imóvel rural ou urbana.<sup>127</sup>

A R.O., datada de 12 de janeiro de 1865, faz referência ao Brasil, desaconselhando o embarque com esse destino em razão da propaganda enganosa que na maior parte das vezes era feita. Segundo ela, estavam os imigrantes proibidos de utilizar o valor integral de seus salários como pagamento de transporte e sustento durante a travessia, podendo valer-se apenas de um terço desse valor.

No caso específico do Brasil, o texto admitia a possibilidade de o emigrante romper o contrato estabelecido se, em até seis dias após a sua chegada, este não houvesse sido ratificado na presença da autoridade consular espanhola.<sup>128</sup>

---

<sup>125</sup>. Ibidem, p. 51.

<sup>126</sup>. Ibidem, p. 51.

<sup>127</sup>. Essa possibilidade foi eliminada em 1856 e em 1873 se extinguiu definitivamente a obrigatoriedade da fiança, passando-se então, a estabelecer multa de 200 a 500 reales por passageiro, em caso do não cumprimento, e até punindo com suspensão de novas expedições. Essas medidas vigoraram durante todo o período das emigrações em massa, com pequenas variações que reiteravam seu cumprimento ou aumentavam o controle sobre os transportes e contratadores de expedições. Apud. Ibidem, p. 51.

<sup>128</sup>. Ibidem, p. 52.

Com a aceleração do volume de emigrações, a R.O., de 21 de agosto de 1874, em sua exposição de motivos, reconhecia pela primeira vez o caráter negativo da emigração para o Brasil. Apesar dos crescentes rigores exigidos pelos governos provinciais para a concessão de permissão de embarque cresciam as saídas clandestinas.

Optar pela saída clandestina significava fugir do chamado “depósito de redenção” no valor de 1.500 pesetas, além das despesas com os custos do “imposto de timbre”, como se lê abaixo:

Os requisitos para que um jovem de 20 anos obtivesse a autorização incluíam: cédula de identidade, autorização dos seus pais ou tutores, certidão de batismo, certificado de encontrar-se livre de toda a responsabilidade da *quinta* e de haver efetuado o depósito de 1.500 pesetas em espécie (chamado depósito de redenção), certificado de não estar processando e nem com qualquer pendência judicial, expedido pelo juiz de instrução da comarca correspondente. Todos esses documentos deveriam receber os vistos do alcaide ou do funcionário responsável, no pueblo, onde o interessado deveria pagar ainda 15 pesetas para fazer frente ao custo do papel timbrado (imposto do timbre).<sup>129</sup>

A nova R.O., de 18 de julho de 1881, estabelecia a criação de uma comissão especial para analisar as questões que envolviam as origens migratórias e seus desdobramentos junto às 17 províncias de maior fluxo emigratório, entre elas estavam Múrcia, Almeria, Granada, Málaga e Ilhas Canárias.<sup>130</sup> Essa comissão realizou uma espécie de pesquisa para conhecer

---

<sup>129</sup>. Ibidem, p. 52.

<sup>130</sup>. A R.O., de 1881, foi motivada pelo episódio ocorrido na Argélia, quando várias famílias espanholas foram massacradas. Apud. Ibidem, p. 52. A Argélia, pela proximidade geográfica, pelas similaridades entre clima, paisagem, ambiente e custo de vida mais baixo representou destino de atração aos emigrantes espanhóis até 1895. Os alicantinos, valencianos, murcianos, e almerienses em movimentos sazonais, dirigiam-se a Argélia com a certeza de encontrarem trabalho nos meses de abril/maio a junho/julho, momento em que trabalhavam na colheita e no plantio, conhecidos como emigrações “golondrinas”. As “golondrinas”, tradução de *andorinhas*, era a prática emigratória sazonal exercida pelos espanhóis que saíam da Espanha e entravam na Argélia para trabalhar na agricultura conforme a necessidade do calendário agrícola. Em finais do século XIX, do total emigrado, em média 20% se dirigiram à Argélia. O declínio do fluxo pode ser atribuído às insurreições dos nativos, a partir das quais cresce o interesse por novos destinos como a América; já em 1912 essa cifra havia baixado para 11,6%. Conferir: Ibidem, p. 85.

melhor as condições e os problemas de cada localidade, a ser respondida “pelos sociedades econômicas, ingenieros e y otras personas ilustradas”.<sup>131</sup>

Chamamos a atenção para a criação da R.O., de 6 de maio de 1882, que criava um *Negociado de Emigrantes*, repartição da *Dirección General de Instituto Geográfico y Estadístico* (IGE), que coletava as informações necessárias sobre a saída de emigrantes, uma vez que até aquele momento não havia uma instância regular que averiguasse o número de emigrados. Estes passam a ser os primeiros registros efetuados pelos legisladores espanhóis e por esse motivo, estabelecemos nossas pesquisas a partir desse marco, apesar das controvérsias em relação aos dados coletados.

Instituído como um organismo administrativo, o *Negócio de Emigraciones* tinha como função quantificar o fluxo emigratório e avaliar suas causas através de estatísticas anuais. Essa atividade já tinha sido atribuída aos *Ayuntamientos*, que, segundo o *Instituto Geográfico y Estadístico* não cumpria a determinação de recensear a população a cada cinco anos com retificações nos anos seguintes.<sup>132</sup> Posteriormente essas listagens passaram a ser elaboradas pelo Serviço Sanitário da Capitania dos Portos, com base nos dados provenientes do impresso oficial, entregue pelos capitães de navios.<sup>133</sup>

Embora consistam em uma série ininterrupta, tais estatísticas apresentam problemas evidentes, refletindo apenas parcialmente a realidade do movimento emigratório espanhol, em decorrência da estatística mal elaborada e das inúmeras disposições para evitar as saídas clandestinas. (conforme Tabela 2, a seguir)<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup>. Tal questionário, denominado *El estado y necesidades de la clase obrera*, procurava indagar sobre o fluxo dos que emigravam, mas também dos que retornavam, a influência na demanda e na oferta de trabalho e se eles haviam conseguido melhoria nas condições de vida. Apud. *Ibidem*, p. 53.

<sup>132</sup>. Para o *Diccionario Castellano Enciclopédico Ilustrado*, de Manuel Gonzalez de La Rosa, Paris: Garnier, 1891, p.101, seria a reunião de alcaides que formam o governo municipal de uma cidade ou pueblo (tradução nossa). Hoje, *Ayuntamientos* designam as Prefeituras Municipais das Províncias. Apud. *Ibidem*, p. 55.

<sup>133</sup>. *Ibidem*, p. 55.

<sup>134</sup>. *Ibidem*, p. 55.



TABELA 2

**Movimento bruto de passageiro por mar (1882-1920):  
saldo entre entradas e saídas**

<b>1882</b>	13.286	<b>1892</b>	8.258	<b>1902</b>	-6.630	<b>1912</b>	133.994
<b>1883</b>	3.901	<b>1893</b>	19.833	<b>1903</b>	2.573	<b>1913</b>	72.653
<b>1884</b>	4.839	<b>1894</b>	14.691	<b>1904</b>	30.144	<b>1914</b>	-62.481
<b>1885</b>	596	<b>1895</b>	64.472	<b>1905</b>	64.030	<b>1915</b>	-19.084
<b>1886</b>	4.589	<b>1896</b>	98.864	<b>1906</b>	52.863	<b>1916</b>	3.806
<b>1887</b>	14.152	<b>1897</b>	-9.156	<b>1907</b>	51.288	<b>1917</b>	-5.164
<b>1888</b>	23.554	<b>1898</b>	-77.695	<b>1908</b>	71.362	<b>1918</b>	-14.877
<b>1889</b>	72.404	<b>1899</b>	-62.722	<b>1909</b>	50.675	<b>1919</b>	19.933
<b>1890</b>	11.064	<b>1900</b>	5.638	<b>1910</b>	91.922	<b>1920</b>	87.214
<b>1891</b>	5.180	<b>1901</b>	3.843	<b>1911</b>	70.512	<b>TOTAL</b>	<b>914.323</b>

Fonte: CÁNOVAS, Marília K. *Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista 1880-1930*. São Paulo: Lazuli, 2005, p. 309. Tabela adaptada por nós para o período compreendido entre 1882 e 1920.

Essas séries são consideradas imperfeitas por computarem o contingente migratório com a diferença entre a entrada e a saída pelos portos espanhóis, não considerando os que embarcavam nos portos portugueses de Lisboa e do Porto, por onde emigrantes galegos, em sua maioria, embarcavam com passaportes portugueses, especialmente com destino ao Brasil “e também os que embarcavam em portos franceses pelos quais os bascos e navarros [seguiram] com destino a outras localidades americanas.”<sup>135</sup>

Os que embarcavam em Gibraltar, então colônia inglesa, também não faziam parte dessas estatísticas. Aliás, Gibraltar era o porto preferido pelas companhias de transporte, já que não sofria a tutela das autoridades espanholas e pelos clandestinos que não podiam embarcar legalmente pela Espanha. Conforme a exigência, ali se criava famílias fictícias e falsificavam-se profissões. Os recrutados na Andaluzia amontoavam-se à espera dos navios, onde embarcavam na terceira classe.

Tendo por base apenas o movimento bruto, o resultado da diferença entre as cifras de entrada e saída, ignorando-se os clandestinos, se tem uma série que apresenta discrepâncias quando comparadas com as estatísticas

<sup>135</sup>. Ibidem, p. 55.

elaboradas pelos países receptores, como se observa na Tabela 3, também por nós adaptada para o período compreendido entre 1882 e 1920:

**TABELA 3**

**Quadro comparativo da evolução do movimento dos emigrantes espanhóis com destino à América Latina, 1882-1920**

<b>Ano</b>	<b>Emigrantes</b>	<b>Argentina</b>	<b>Brasil</b>	<b>Cuba</b>	<b>Uruguai</b>	<b>Outros</b>
<b>1882</b>	22.361	3.210	2.210	13.830	925	2.150
<b>1883</b>	24.825	4.201	1.130	16.079	964	2.451
<b>1884</b>	30.481	6.806	526	10.039	1.003	12.107
<b>1885</b>	18.364	5.789	384	7.939	977	3.275
<b>1886</b>	24.546	7.051	329	14.363	1.052	1.751
<b>1887</b>	34.364	13.517	541	16.654	1.644	2.008
<b>1888</b>	48.117	22.288	2.522	18.344	1.933	3.030
<b>1889</b>	96.555	57.710	7.529	20.268	3.733	7.315
<b>1890</b>	42.352	9.334	5.127	20.239	1.806	5.846
<b>1891</b>	39.001	3.644	9.315	20.574	728	4.740
<b>1892</b>	40.309	4.378	3.382	28.558	608	3.383
<b>1893</b>	50.248	6.613	11.004	26.995	624	5.012
<b>1894</b>	42.936	6.894	3.817	27.636	764	3.825
<b>1895</b>	30.210	7.580	10.183	9.160	954	2.333
<b>1896</b>	33.537	11.420	11.951	6.526	838	2.802
<b>1897</b>	32.359	9.793	8.104	10.504	637	3.321
<b>1898</b>	25.078	12.633	3.833	5.709	676	2.227
<b>1899</b>	30.960	9.945	2.284	14.976	512	3.243
<b>1900</b>	37.958	12.675	3.296	17.449	785	3.753
<b>1901</b>	33.568	11.168	2.838	15.376	633	3.553
<b>1902</b>	23.184	8.777	1.120	9.715	504	3.068
<b>1903</b>	32.191	14.192	1.591	12.152	530	3.726
<b>1904</b>	57.138	28.589	5.333	18.681	473	4.062
<b>1905</b>	90.649	32.735	17.861	34.957	573	4.523
<b>1906</b>	95.506	47.796	19.585	20.551	646	6.928
<b>1907</b>	98.674	57.608	4.660	21.857	978	13.571
<b>1908</b>	124.862	90.315	4.827	18.959	1.177	9.584

<b>1909</b>	113.974	69.587	11.889	22.848	1.993	7.657
<b>1910</b>	153.756	101.629	13.541	27.714	2.327	5.845
<b>1911</b>	138.738	92.788	5.846	30.560	2.817	6.727
<b>1912</b>	203.494	151.989	8.885	33.391	2.730	6.499
<b>1913</b>	164.961	108.377	9.562	35.755	3.198	8.069
<b>1914</b>	81.062	45.736	4.473	22.836	2.267	5.750
<b>1915</b>	61.225	23.413	2.320	30.371	1.297	3.824
<b>1916</b>	73.319	21.086	2.088	41.247	1.187	7.711
<b>1917</b>	53.604	12.439	1.114	31.629	589	7.833
<b>1918</b>	26.972	9.440	749	14.771	551	1.461
<b>1919</b>	83.466	23.776	2.206	48.367	3.844	5.273
<b>1920</b>	163.438	38.144	2.924	97.569	3.187	21.614

**TOTAL = 2.578.342**

Fonte: NARANJO, Consuelo. Análisis cuantitativa. In: HISTORIA General de la emigración española a Iberoamérica. Madrid: Cedeal, 1992, v. 1, p. 186-6. Apud. CÁNOVAS, Marilia K. *Hambre de Tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista 1880-1930*. São Paulo: Lazuli, 2005, p. 311.

Como se verifica, o total de emigrados no período de 1882 a 1920, de acordo com as séries espanholas, foi de 914.323; contrariando os números apresentados pelos países da América Latina que serviram de destino aos imigrantes espanhóis: 2.578.342.

Esses dados nos permitem acreditar que “se as cifras espanholas estão subestimadas, é bastante provável que as séries dos países receptores estejam superestimadas”.<sup>136</sup> Uma das razões a ser considerada é a duplicidade de registros, resultantes dos traslados de um mesmo imigrante de um país para outro, sem passar pela Espanha. Esse movimento parece ter sido habitual no período, por exemplo, entre o Brasil e a Argentina.<sup>137</sup>

Num momento em que a preocupação oficial recaia na normatização do processo emigratório, a questão da clandestinidade teve lugar de destaque, já que não somente a fuga do serviço militar foi apontada como motivação. Os tramites legais demandavam tempo e dinheiro, o que, provavelmente, levou os interessados a buscarem, também, esse caminho, tendo em vista a falta de

<sup>136</sup>. Ibidem, p. 56.

<sup>137</sup>. Ibidem, p. 56.

recursos suficientes para depositarem a fiança, pagar a documentação necessária ou mesmo comprar documentação falsa para saírem legalmente.

Em Portugal, especificamente, foram constatados casos de pessoas que substituíram seus registros de identidade pelos documentos de outra pessoa, o que na época era muito simples, uma vez que os documentos não possuíam fotografias. Ainda que essa prática fosse ilegal, estes não eram considerados clandestinos para efeitos estatísticos, tendo em vista que eram computados normalmente.<sup>138</sup>

Ao simplificarem o processo em 1902, quanto às autoridades passaram a exigir apenas a carteira de identidade para o embarque, exceto para menores e mulheres casadas que viajassem sozinhas, a clandestinidade continuava a ser interessante apenas para os jovens em idade militar sem a quantia para efetuarem o depósito necessário para saírem pelas vias legais.

Podemos concluir que nesse período de fluxos maciços preocupava aos legisladores espanhóis apenas a saída do contingente populacional do sexo masculino indispensável para a defesa das últimas colônias ultramarinas, sendo necessário reforçar os controles que evitassem a clandestinidade, ainda que houvesse o incentivo aos emigrantes que se encaminhassem às colônias ultramarinas, oferecendo-lhes inclusive a passagem gratuita.<sup>139</sup>

A R.O. de 08 de março de 1888 consolidava e reorganizava a legislação utilizada até o momento, permanecendo em vigor até 1902, ou seja, em plena vigência do movimento emigratório que demandava o Brasil.<sup>140</sup>

Sem grandes alterações, esse panorama se manteve até o final dos anos de 1920, ainda que os governantes espanhóis tentassem, através da legislação, frear esse êxodo; o que não impedia que, na prática, as autoridades fizessem vista grossa nos portos de saída. “Sabe-se, hoje em dia, que a partir de 1890, os recursos remetidos pelos imigrantes foram decisivos no processo de industrialização espanhola.”<sup>141</sup>

---

<sup>138</sup>. Ibidem, p. 57.

<sup>139</sup>. Ibidem, p. 58.

<sup>140</sup>. Ibidem, p. 53.

<sup>141</sup>. GUIMARÃES, Lúcia Maria; VAINFAS, Ronaldo. op. cit., p. 113.

Independentemente das intervenções oficiais, percebemos que seu alcance foi relativo no que se refere à emigração em massa, que crescia e chegava a números inesperados, impulsionados pelos subsídios concedidos pelo governo brasileiro que financiava a passagem do emigrante e de seus familiares.

No mapa 2, a seguir, observamos as diversas trajetórias percorridas pelos migrantes espanhóis até os portos de onde partiriam com destino à América.

**MAPA 2**



Fonte: *Espanha*. Imagem disponível em: <<http://www.etni-cidade.net/espanhóis.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

### Visão geral da Espanha

Nas décadas finais do século XIX, os portos do Levante<sup>142</sup> (Alicante, Valência e Barcelona) foram os escolhidos pelos emigrantes, seguidos por Múrcia e Cádiz, no extremo sul da península Ibérica. Na primeira década do século XX, observou-se mudança nas saídas. Em primeiro lugar estava o porto de Vigo (Galícia), seguido pelos portos de Almeria (Andaluzia) e Barcelona (Catalunha) e La Coruña (Galícia).

Eles concentraram 70% de toda a emigração nacional. Os 30% restantes, provinham dos seguintes portos: Santander (Astúrias), Bilbao (País Basco), Cádiz e Málaga (Andaluzia), Las Palmas e S. Cruz Tenerife (Canárias), Valência e Palma de Maiorca. Pela Real Ordem de 06.03.1909 foram suspensas, embora por pouco tempo, as habilitações de Cartagena e Alicante.<sup>143</sup>

Podemos observar distinções entre as fases anteriores e uma nova característica ao novo movimento. A emigração espanhola tinha, neste instante, destinos diversos para países na Europa quanto para a América e não era resultante apenas de opção pessoal, mas de fatores com forte influência como

as conexões portuárias, os subsídios concedidos pelos países receptores, as cartas de chamada de parentes e amigos já emigrados e estabelecidos, bem como a acirrada propaganda levada a efeito pelos 'ganchos', que acabavam criando expectativas – nem sempre tangíveis como constatava o emigrante.<sup>144</sup>

ao confrontar-se com a realidade no país de destino.

Dos emigrantes que optaram pela América Latina, temos prioritariamente a Argentina como escolha, seguida pelo Brasil, Cuba e Uruguai. O contingente local não se distribuiu de maneira uniforme para um único destino, mas por dois ou três, bem como contingentes emigrados de províncias diferentes podiam eleger um mesmo local de destino.

<sup>142</sup>. Levante = termo que designava as regiões mediterrâneas.

<sup>143</sup>. TABANERA, Nuria. Aportaciones castellano-manchegas a la emigración española a Iberoamérica. In: VIVES; VEGA; OYAMBURU. *História general de la emigración española a Iberoamérica*. Madri: Cedeal, 1992, p. 173-204. Apud. CÁNOVAS, Marilia K. *Hambre de Tierra...* op. cit., p. 59.

<sup>144</sup>. Ibidem, p. 60.

De origens distintas, os emigrantes espanhóis que chegaram ao Brasil, podem ser estudados a partir das regiões de sua origem:

## **GALÍCIA**

Localidade de crescimento populacional elevado, cuja economia agrícola de subsistência oferecia poucas oportunidades aos seus moradores. O baixo desenvolvimento industrial associado a esses fatos incentivavam os galegos a tentarem a vida nas Américas.

Além disso, no início do século XX, quando se dá à ocupação do Marrocos pela Espanha, guerra iniciada em 1909 que se estendeu até 1927, e a Guerra entre Espanha e Cuba, os espanhóis com idade entre 17 e 25 anos passam a ter a obrigatoriedade do serviço militar, portanto, deixar a Espanha tornou-se uma necessidade das famílias com maridos e filhos na idade de seguirem para as frentes de batalha e a única maneira de evitar que isso acontecesse seria através da emigração, fato esse que chegou a expressiva soma de 800 mil emigrados até 1940.

No período compreendido entre 1887 e 1895 registraram-se saídas correspondentes a 29% a 34% do movimento de passageiros, chegando a 50% no período que antecede a I Guerra Mundial.<sup>145</sup>

No Brasil, os galegos

- se dispersaram entre as cidades do Pará, recrutados para trabalhar em colônias agrícolas, mas preferiam se dedicar ao setor terciário, principalmente no ramo de hotelaria, fixando-se em Belém;
- juntaram-se, no Amazonas, aos construtores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, estrada que deveria conectar a Bolívia a uma saída marítima pelo Brasil;

---

<sup>145</sup>. Ibidem, p. 62.

- constituíram, no Rio de Janeiro, colônia em torno do comércio de produtos alimentícios e do setor hoteleiro. Entretanto, carentes de qualificação profissional e sem escolaridade, misturavam-se à multidão de jornaleiros, ambulantes e agregados urbanos que perambulavam pela antiga capital federal, aceitando qualquer tipo de trabalho, realizando tarefas que antes eram desempenhadas pelos escravos, já que consideravam a situação de pobreza como transitória. “A comunidade hispânica aglomerava-se nos espaços centrais, nos distritos de Santa Rita, Sacramento, São José, Santo Antonio, Espírito Santo, este último situado na zona portuária”.<sup>146</sup> Concentravam-se nas áreas de habitações coletivas, os populares “cortiços”, compartilhando do mesmo padrão de vida dos segmentos menos favorecidos da população carioca.

Os galegos, graças às suas afinidades étnicas, lingüísticas e culturais, como os portugueses, enraizaram-se no Rio de Janeiro, onde a expressão “galego” servia para designar os espanhóis e os portugueses. “Ao que tudo indica, algumas entidades beneficentes deram origem às primeiras organizações de trabalhadores, tanto no Rio de Janeiro, como em Santos”.<sup>147</sup>

Explica-se, assim, a marcante presença espanhola na gênese do movimento operário brasileiro. Sua militância foi tão ativa, que durante muito tempo, nos maiores centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, o trabalhador espanhol de modo geral era rotulado de “anarquista”. Por um lado, não se pode negar a inspiração libertária que animavam as lideranças daquele movimento. Por outro, a pecha que recaiu sobre os espanhóis evidencia o preconceito de uma sociedade, recém saída do regime de mão-de-obra escrava, que se atemorizava diante das reivindicações do trabalho organizado.<sup>148</sup>

Fundaram o Centro Galego em 1900.

---

<sup>146</sup>. GUIMARÃES, Lúcia Maria; VAINFAS, Ronaldo. op. cit., p. 115.

<sup>147</sup>. Ibidem, p. 115.

<sup>148</sup>. Ibidem, p. 116.



- em São Paulo, encontravam-se em núcleos urbanos tanto na Capital como também em Santos e Campinas, não seguindo para as fazendas do Oeste Paulista para engrossar a mão-de-obra necessária para o café. O Centro Galego paulista foi fundado em 1902 e existiu até 1970.<sup>149</sup> Além do Centro, fundaram em 1897 o periódico *La Voz de España* que circulou até 1922;
- na Bahia, os galegos se evidenciaram ao formarem logo as primeiras “colônias” de imigrantes e iniciaram-se como pequenos empresários, com numerosos negócios no ramo hoteleiro e de padarias. Não vieram através do programa de imigração subsidiada e, quando não traziam dinheiro para iniciarem seus pequenos negócios, já chegavam com empregos garantidos por patrícios e parentes.

Já em 1884 fundaram a *Real Sociedad Española de Beneficença*, a mais antiga de Salvador e que existe ainda hoje.

A presença galega também apareceu na Argentina, aonde chegaram a representar 55% dos emigrados espanhóis nos finais do século XIX e em Cuba e no Uruguai.

As características marcantes do povo galego estão na preferência e dedicação pelo trabalho em setores de serviço e comércio, trabalhos tipicamente urbanos.<sup>150</sup>

## PAÍS BASCO

Diferente das demais regiões espanholas, o País Basco, devido ao considerável avanço industrial da época, era pólo de atração de emigrantes desde o final do século XIX, quando o desenvolvimento de uma poderosa indústria pesada, juntamente com a venda de minério de ferro a países europeus, sobretudo à Inglaterra, recrutava mão-de-obra em todas as partes da

---

<sup>149</sup>. CÁNOVAS, Marília K. *Hambre de Tierra...* op. cit., p. 63.

<sup>150</sup>. Ibidem, p. 64.

Espanha, mas numa dinâmica própria, embarcavam seus conterrâneos para os Estados Unidos (Califórnia), Cuba, Uruguai, Argentina e Paraguai.

A dificuldade de estender suas bases econômicas para a agricultura, devido à carência de terras disponíveis para o plantio, o espanhol do País Basco encontrou na emigração sua sobrevivência, principalmente devido ao seu caráter camponês e sua resistência à industrialização, o que urbanizava a região. O Brasil não será país de atração para esse povo.<sup>151</sup>

## **PRINCIPADO DE ASTÚRIAS**

Precocemente, os asturianos já pesquisavam as possibilidades de emigrarem tomando por base o acúmulo de circunstâncias endêmicas relacionadas com a estrutura sócio-econômica formada por uma sociedade rural concentrada em núcleos familiares numerosos e com baixos rendimentos.

O serviço militar obrigatório que pesava principalmente para as classes menos favorecidas que não tinham como exercer a “redención” – pagamento de determinado valor ou a compra de um substituto – elevavam o número de desertores e fugitivos que queriam escapar da Guerra do Marrocos, fato esse que levava os jovens asturianos a emigrarem cada vez mais cedo.

Este fato também marca uma diferenciação entre os demais emigrantes quanto à composição, ou seja, não embarcavam em grupos familiares, mas apenas um ou dois elementos da família; geralmente, os homens de idade entre 14 e 20 anos de idade, que buscavam parentes e amigos já estabelecidos.

Quando não podiam custear a viagem, as famílias chegavam a hipotecar ou vender bens, o que explica a remessa de dinheiro da América, no sentido de recuperar o bem empenhado.

O destino preferencial dos asturianos era Cuba, Argentina e México. Por volta de 1900, contabilizou-se que praticamente a metade dos habitantes da província estava na América.<sup>152</sup>

---

<sup>151</sup>. Idem, p. 66.

<sup>152</sup>. Idem, p. 67.

## ILHAS CANÁRIAS

Pouca foi a participação dessa população imigrante no Brasil: 10,21% do total. Os Ilhéus, no período, partiram para Cuba (83%) e lá deram origem ao *guajiro*, ou seja, o camponês cubano branco, basicamente homens (70%) com menos de 25 anos, embarcados com passagem e contrato de trabalho.<sup>153</sup>

## CANTABRIA

No século XIX, o fluxo da população montanhesa emigrada para a América foi significativa: no biênio 1885-1886, os imigrantes da Cantabria corresponderam a um decréscimo de 7,4 habitantes por mil, e que chegaram a 14 habitantes por mil em 1911.

Localizada ao Norte da Espanha e banhada pelo mar Cantábrico, com população predominante rural, “Santander era o único núcleo urbano da cordilheira cantábrica, representando 20% da população regional”.<sup>154</sup>

## ARAGÃO

Os problemas econômicos da região de Aragão reduziram a participação dos aragoneses no processo emigratório para a América. A América estava em segundo plano quando os aragoneses buscavam um destino, já que Saragoza, sua principal cidade, ou Barcelona, que possuía um grande centro industrial, estavam em primeiro. Ainda que apareça em dados estatísticos, a preferência de destino recai sobre a Argentina e Cuba.<sup>155</sup>

---

<sup>153</sup>. Ibidem, p. 67.

<sup>154</sup>. Ibidem, p. 68.

<sup>155</sup>. Ibidem, p. 68-69.

## VALÊNCIA

A motivação dos valencianos foi a mesma de sua vizinha Andaluzia. A figura do “cacique”, ou seja, de um grande proprietário que “cuidava” do povoado por conta do governo, em troca de certos privilégios, como, por exemplo, o monopólio sobre a água potável, associado à falta de alimentos e a escassez de moradias, principalmente para as camadas mais carentes, assumem características motivacionais bastante decisivas no processo de emigração.<sup>156</sup>

## ANDALUZIA (imigração tardia)

No final do século XIX, a corrente emigratória proveniente da província da Andaluzia se apresentava de maneira sutil, mas chegou com toda força no início do XX e, por isso, aparenta caráter tardio em relação as demais, encaminhadas ao Estado de São Paulo para engrossar o contingente de trabalhadores no café do oeste paulista.

O processo vivenciado pelos emigrantes andaluzes justifica a influência de movimentos locais envolvendo questões mais amplas relacionadas à economia internacional.<sup>157</sup>

A supremacia inglesa nas questões financeiras, tecnológicas e navais consolidou, efetivamente, a articulação de um mercado mundial que apoiasse sua crescente industrialização, superando o modelo mercantilista de protecionismo comercial de até então, abrindo espaço para a nova ideologia econômica do liberalismo comercial.

Novas relações econômicas se estabeleceram exigindo parceiros diferenciados, ainda que criasse relações de desigualdade. No centro dessa nova ordem social estão os países aonde a industrialização alcançou certo nível de divisão interna do trabalho. Em segundo plano, ficaram os países predominantemente agrários, como a Espanha e outros mediterrâneos e do

---

<sup>156</sup>. Ibidem, p. 69.

<sup>157</sup>. Ibidem, p. 71.

Leste Europeu. E, ainda mais distante, encontravam-se os países teoricamente independentes, mas economicamente subordinados à exportação de matérias primas para os centros industriais garantindo seus interesses. Restavam ainda os espaços coloniais que, no século XIX, tinha reduzida importância econômica.<sup>158</sup>

A emigração também faz parte dessa nova dinâmica e ao transporem o oceano garantirão sua sustentabilidade.

As desigualdades constatadas entre as diversas áreas desse processo mundial serão naturalmente identificados como “fator de expulsão” populacional. Nas áreas que apresentam dificuldade de ajuste à economia aos novos tempos teremos o “fator de atração”.<sup>159</sup>

Estruturalmente, a partir de 1880, os deslocamentos populacionais ou a emigração em massa, solidificam as condições históricas desse momento, responsável efetivamente por 70% do volume total dos deslocamentos entre 1880 a 1921, ainda que exigissem um aporte institucional tanto dos países receptores, quanto dos emissores, conforme especificava cada situação.<sup>160</sup>

Nesse período, 60 milhões de europeus (e 10 milhões de asiáticos) cruzaram o oceano nas seguintes direções:

- 71% deles teriam se dirigido aos Estados Unidos da América;
- 21% para a América Latina;
- 7% para a Austrália.

Dos 21% (ou 11 milhões de pessoas) que vieram para a América Latina:

- 5,5 milhões teriam se dirigido para a Argentina, representando quase a metade do total;
- 36% para o Brasil;
- 5% para o Uruguai;

---

<sup>158</sup>. Ibidem, p. 72.

<sup>159</sup>. Ibidem, p. 72.

<sup>160</sup>. Ibidem, p. 73.

- 9% distribuíram-se em países menores situados ao sul dos Estados Unidos.

Desses 11 milhões de pessoas que se dirigiram à América Latina nesse período, 38% eram italianos, 28% espanhóis e 11% portugueses.

Focalizando especificamente o caso espanhol, tem-se, portanto, cerca de 3 milhões de pessoas no período. Sua representatividade é tardia, os italianos predominaram no período de 1860 a 1905, e a partir daí os espanhóis se converteram no grupo mais expressivo.<sup>161</sup>

Para os espanhóis que enfrentaram esse dilema, a sorte estava lançada, ainda que sua preferência fosse por países de língua e costumes espanhóis, como a Argentina ou Cuba, mas, devido ao subsídio da passagem, muitos optaram pelo Brasil.

Cuba recebeu nas décadas finais do século XIX, após a abolição da escravidão, em 1886, trabalhadores livres vindos da Espanha e das Ilhas Canárias para substituírem os escravos na produção açucareira que graças aos elevados índices econômicos possibilitaram viagens transoceânicas a custos muito baixos, frente aos ganhos nas plantações, pensando ainda no trabalhador que muitas vezes fazia seu trabalho sazonal e retornava à Espanha, jamais conseguiu ser suficientemente sedutor para influenciar os espanhóis a trocarem essa vida pela possibilidade de terras para colonização, nem o crescimento da industrialização que demandava mão-de-obra.<sup>162</sup>

A Argentina, provavelmente, era o sonho de todos os espanhóis já que entre 1880 e 1930 foi o país receptor do principal contingente de espanhóis com a chegada de 2 milhões e o assentamento definitivo de 60% desse total.

A Argentina passou a concentrar, nas primeiras décadas do século XX, a metade da população de imigrantes de origem espanhola que cruzara o Atlântico em direção às costas americanas (1,2 milhões de imigrantes), uma estatística não

---

<sup>161</sup>. Ibidem, p. 74.

<sup>162</sup>. MOTES, Jorge Maluguer de. A Imigração e o emprego em Cuba (1880-1930). In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 554.

superada por nenhum outro destino da emigração ultramarina peninsular.<sup>163</sup>

Na Argentina, os espanhóis ocupavam o segundo lugar, já que os italianos estavam em primeiro com 1,5 milhões de imigrantes. Entretanto, é preciso destacar que a maioria dos espanhóis viajou com recursos próprios, o que os distingue dos imigrantes subsidiados que se dirigiram para o Brasil. A Argentina ofereceu subsídio para passagens apenas no final de 1897 a 1889, e, provavelmente, pelo esforço das companhias de navegações envolvidas no processo, recebeu espanhóis que se colocavam em outras categorias profissionais: trabalhadores braçais e diaristas agrícolas. Além desse aspecto, ressalta-se que esses espanhóis emigraram com suas famílias, o que também não fazia parte dos padrões migratórios gerais.<sup>164</sup> Após esta experiência, a Argentina voltou a receber imigrantes que pagavam por seus gastos.

Aos poucos os espanhóis passaram a observar o Brasil como nova orientação migratória, principalmente, porque a ampla propaganda na Europa em geral, e na Espanha, em especial, destacava os benefícios que os trabalhadores encontrariam se optassem em vir para o Brasil, contando ainda com a possibilidade de viajar de graça, o que passou a ser o diferencial para o caso dos espanhóis. Verifica-se que a entrada de 5.764 pessoas<sup>165</sup> passa a ter significado na década de 1880 a 1889 que contava com 29.166 indivíduos.<sup>166</sup>

Na Tabela 4, a seguir, se indicam as estatísticas brasileiras referentes às entradas de Espanhóis no Brasil no período de quase 50 anos, de 1882 a 1930, que caracterizaram os anos de migração maciça para o Brasil.<sup>167</sup>

---

<sup>163</sup>. SILBERSTEIN, Carina Frid de. A imigração espanhola na Argentina 1880-1930. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. op. cit., p. 93.

<sup>164</sup>. Ibidem, p. 93-105.

<sup>165</sup>. Dados estatísticos brasileiros extraídos de: SAITO, Hiroshi. *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1980, p. 176. Apud. MARTINEZ, Elda Evangelista Gonzalez. *O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis*. In: Ibidem, p. 240.

<sup>166</sup>. Ibidem, p. 240.

<sup>167</sup>. Na Espanha, os registros estatísticos migratórios iniciaram-se em 1882 quando a Ordem Real de 16 de agosto estabeleceu que se recolhessem dados sobre o movimento de passageiros em barcos – entrada e saída – em todos os portos espanhóis, não incluindo, entretanto, os espanhóis que emigravam por portos estrangeiros. In: Ibidem, p. 240.

TABELA 4

**Emigrantes espanhóis com destino ao Brasil  
saídos de portos espanhóis**

Período	Indivíduos
1882-1884	3.914
1885-1889	11.410
1890-1894	34.513
1895-1899	36.674
1900-1904	14.510
1905-1909	59.551
1910-1914	44.745
1915-1919	7.264
1920-1924	10.864
1925-1929	15.294
<b>TOTAL</b>	<b>238.739</b> <sup>168</sup>

Fonte: MARTINEZ, Elda Evangelista González. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 240.

Podemos, ainda, mencionar o Censo de 1913, que indicava a presença de 8.343 espanhóis entre os 39.802 habitantes da cidade santista.<sup>169</sup>

Ainda que as pesquisas não tenham se esgotado, nosso interesse naqueles imigrantes espanhóis que não subiram a serra, rumo ao interior paulista, para trabalhar na cafeicultura, permanecendo em Santos, parece ter apresentado bons resultados, já que observamos sua participação em diversas atividades, como nas docas, no comércio, na construção civil, na hotelaria, nas casas de pasto e em restaurantes, botequins, padarias, até na inusitada casa de banhos.

<sup>168</sup>. Elda Gonzalez Martinez. Presencia española en São Paulo: Notas sobre la emigración andaluza. *Ciência e Cultura*, v. 42, n. 10, p. 781, out. 1990. Apud. Ibidem, p. 240.

<sup>169</sup>. Prefeitura Municipal de Santos. *Recenseamento da Cidade e Município de Santos em 31 de dezembro de 1913*, p. 116-119.



Alguns casos motivaram pesquisa mais específica, tendo em vista que o cruzamento das informações encontradas nos revelou um pouco mais sobre esses imigrantes que, aparentemente, ficaram em Santos, a princípio, por sugestão de algum patrício que, provavelmente, tenha conseguido estabelecer uma vida melhor naquela localidade.

Não foi difícil comprovar a dedicação desses indivíduos em todas as atividades que abraçaram, já que seu sucesso dependeu, antes de tudo, do seu trabalho em qualquer área, até mesmo naquelas em que outras pessoas rejeitavam, ainda que não fosse sua especialidade.

A presença dos espanhóis não se restringiu ao âmbito econômico, mas chegou também às lutas operárias por condições e salários mais dignos, aspecto esse de grande importância, ainda que não o tenhamos abordado.

Passemos, a seguir, a outro aspecto relevante da presença do espanhol na sociedade santista – sua presença em sociedade mutualista que, durante muitos anos, foi a única entidade a socorrer os imigrantes que precisavam de auxílio, ao mesmo tempo em que preservava o idioma natal, as tradições e seus costumes da Espanha.

Observando a data de fundação de todas as associações santistas, o Centro Espanhol foi a primeira sociedade espanhola a ser fundada na cidade. Segundo Marília Cánovas, esta associação teria sido a primeira do Estado de São Paulo, já que a forte concentração de imigrantes espanhóis estava estabelecida na cidade de Santos.<sup>170</sup>

---

<sup>170</sup>. CÁNOVAS, Marília K. *Hambre de Tierra...* op. cit., p. 299.

## ***Capítulo II***

---

**O Centro Espanhol**

A frase “Somos porque podemos e podemos porque queremos”, simboliza a máxima do povo espanhol distante de sua terra natal.

Em 1º de janeiro de 1895, atendendo a um anúncio publicado por José V. Bojart, no diário da cidade de Santos, reuniram-se à Rua Marquês de Herval, nº 78, os senhores José Pascual Gómez, Eduardo B. Parada, Juan V. Bojart, Segundo Lobarriñas Fernandez e Evasio Pérez Rodriguez que aprovaram a idéia do compatriota para fundar uma sociedade de caráter educativo, beneficente e recreativa.<sup>171</sup>

### FIGURA 1



**Fachada da primeira sede do Centro Espanhol de Santos**

Fonte: Fachada da primeira sede do Centro Espanhol de Santos. Imagem disponível em: <<http://www.centroespanholdesantos.com.br/conteudo.php?cod=1>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

---

<sup>171</sup>. Acreditamos que José Pascual Gómez trata-se do mesmo indivíduo citado na tese de Marília Cánova, proprietária de Agência de Passagens, sita à Rua Boa Vista, n. 58, com matriz em Santos. A Empresa Pascual Gómez & Cia. (agentes marítimos e despachantes de aduana), com importação de gêneros nacionais e estrangeiros já era anunciante do EDE desde 1913. Seus escritórios ficavam na Praça da República, n. 1, no 1º andar. Apud. CÁNOVAS, Marília K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 318.

Nova reunião foi marcada para 6 de janeiro de 1895, para a Rua Itororó, n. 25, para nomearem uma Junta Diretiva Provisória, na presença de todos os espanhóis residentes na cidade de Santos e arredores que comparecessem ao ato solene. Realizou-se a segunda reunião como previsto e a Sociedade se iniciou indicando como presidente da Junta Diretiva Interina, Manuel Troncoso que em seu discurso falou da necessidade de se estabelecer uma sociedade com bases sólidas que não desaparece como tantas outras e lembrou aos presentes a necessidade de se reunirem fundos suficientes para aquisição de um local para edificarem a Sociedade.

Estas propostas foram aceitas pelos presentes e no dia 13 de janeiro daquele ano, com a presença dos membros da colônia espanhola e dos membros da Comissão Iniciadora, batizaram a sociedade como “Casino Español”, elegendo sua primeira diretoria.<sup>172</sup>

Entusiasmados, os espanhóis marcaram uma nova reunião para o dia 14 de fevereiro de 1895, cuja pauta era a discussão do projeto de construção do edifício. Um mês depois, ou seja, em 14 de março, foi adquirido um terreno com 750 metros quadrados, na Rua Aguiar de Andrade, no Bairro do Paquetá, no valor de 7:000\$000 réis, cuja escritura foi lavrada no Cartório de D. Joaquim Fernandez Pacheco, no livro 50, folha 95, pelo preço de 647\$200 réis. A compra do terreno só fez aumentar o entusiasmo e já no dia 2 de maio realizou-se uma festa para comemorar o início das obras, que significava o marco do lançamento da pedra fundamental; data de comemoração anual no Centro Espanhol. Contando com muita dedicação e patriotismo foi possível vencer as dificuldades financeiras e a falta de recursos para se erguer a primeira sede da instituição espanhola que em seguida, mudou seu nome para

---

<sup>172</sup>. A primeira diretoria foi compunha pelos seguintes membros: *Presidente*: Manuel Troncoso; *Vice-Presidente*: Justino Flores Fernandez; *Secretário*: Gerardo Santiago Alvarez; *Vice-Secretário*: José V. Bojart; *Tesoureiro*: Juan Estevez Martinez; *Contador*: José Maria Molinos; *Procuradores*: Antonio Vazquez Quintela, Manuel Alonso Fernandez, Felipe Vidal Ribas; *Membros da Junta*: Guilherme Linares, Eduardo Parada, Francisco Gimeno, José Rodriguez Pérez, Segundo Lobariñas Fernandez, Juan V. Bojart, Francisco Gómez Fernandez, José Fernandez Dominguez, José Souto Dominguez, Rufino Fernandez, Antonio Araújo, Juan Antonio Cividanes; *Bibliotecário*: José Pascual Gómez; *Síndicos*: Antonio Alonso Fernandez, Miguel Garcia e Miguel Vazquez. Nova diretoria era eleita a cada ano, conforme verificamos. Vale indicar que todos os dados relativos ao Centro Espanhol foram pesquisados e/ou fornecidos pelo próprio Centro e por nós traduzidos.

“Centro Español” que mais se aproximava dos objetivos de caráter educativo, beneficente e recreativo.

Para atender aos gastos com a construção do edifício, a Junta Diretiva concordou com a contratação de um empréstimo por ações no valor de 50\$000 réis cada.<sup>173</sup> Os Procuradores do Centro Antonio Vasquez Quintela e José Pascual Gómez ficaram encarregados da venda e cobrança das ações ao maior número de associados.

Para administrarem os gastos e andamento da obra elegeram Juan Estevez Martinez, José Souto Dominguez e Justino Flores Fernandez para a Comissão de Obras.

Foram emitidas 205 ações, representando um capital de 8:420\$000 réis, do qual deduzindo-se os donativos na importância de 1:050\$000 réis, restou 7:370\$000 réis.

A importância considerada como doação veio de colaboradores com o resgate de cinco ações cada por parte de Juan Estevez Martinez, José Fernandez Dominguez e Gerardo Santiago Alvarez, enquanto Francisco Antonio Alonso resgatou quatro ações e Felipe Vidal Ribas resgatou duas ações, restando 184 ações a serem resgatadas, o que se efetuará na medida em que sejam integralizadas.

Um novo aporte de ações foi necessário em 1902, no valor de 4:000\$000 réis, realizáveis em duas vezes, quando a sociedade resolveu construir um teatro e uma escola, além de adquirir o terreno contíguo à sede para ampliação da entidade.

Elegeram-se uma comissão formada por José Maria Molinos e Juan Estevez Martinez, que ficou encarregada de todas as negociações em relação à aquisição do terreno contíguo ao edifício-sede, pela quantia de 10:917\$000 réis, desempenho esse que foi agraciado com um voto de gratidão e confiança aos ditos senhores, pelo interesse e boa vontade apresentada na ocasião.

---

<sup>173</sup>. Sobre os dados econômicos do empréstimo contratado, conferir a Tabela 4 – Preços correntes entre 1895 e 1900, constante no artigo de: FALEIROS, Rogério N. *Homem do café: relações de trabalho em Franca/SP 1890-1920*. Versão reduzida de sua dissertação – *Homens do café: Franca 1880-1920*, apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp. Calculamos que o preço da ação do Centro Espanhol equivaleria a 53.248 quilos de açúcar branco ou 72.611 quilos de café ou 177.494 litros de arroz.

Em 1903, devido ao endividamento em que se encontrava o Centro Espanhol, foi sugerido pela diretoria analisar a possibilidade de novo empréstimo junto aos associados através de ações, o que foi aprovado pela Junta Diretiva. Além da emissão de ações, verificamos a existência de empréstimos realizados junto aos seus associados ou dirigentes para efetuar o pagamento das dívidas do Centro.

Acompanhando as atas do Centro Espanhol percebemos as dificuldades de manutenção da entidade pela preocupação da Junta Diretiva em garantir a arrecadação de mensalidades entre os seus associados, já que esta era a única verba pré-estipulada destinada à manutenção das despesas com obras ou com prestação de assistência aos afiliados que necessitassem de ajuda financeira no momento em que não pudessem trabalhar, ou ainda, com o pagamento das despesas hospitalares ou fúnebres. Este era um dos motivos pelos quais as doações recebidas sempre motivaram agradecimentos registrados em ata.

A contratação de serviços de obras se dava através de licitações, vencidas por quem apresentasse melhores preços. Constavam nas atas das assembléias a apresentação da empresa vencedora e as comissões formadas pelos associados para acompanhar a realização das obras.

Em 1896, foram nomeadas comissões de obras para adquirir materiais de construção para a edificação do prédio. Cada comissão estava encarregada pela compra de um determinado material:

- “armação” = Manuel Troncoso, Manuel Senra Bouzas, Miguel Alonso Rodriguez, Manuel Alonso Fernandez e Anastásio Troncoso;
- “ladrilhos” = Felipe Vidal Ribas, José Pascual Gómez, Juan V. Bojart, Francisco Flores Fernandez<sup>174</sup> e Juan Antonio Cividanes;
- “madeiramento” = José Souto Dominguez, Justino Flores Fernandez<sup>175</sup>, José Maria Molinos, Gerardo Santiago Alvarez e José Fernandez Dominguez;
- “telhas” = Juan Estevez Martinez e Francisco Alonso.

---

<sup>174</sup>. Ver no capítulo 3, o caso da Família Flores e a sua participação na sociedade santista.

<sup>175</sup>. Idem.

Podemos observar a presença constante dos senhores anteriormente indicados nas muitas comissões nomeadas pelo Centro Espanhol no decorrer do período pesquisado (1895-1920), bem como na Junta Diretiva da instituição.

A Sociedade recebeu doação de materiais de Juan Francisco, José Vieira Souto, Vicente do Pazo, do Rio de Janeiro, Bernardino Costa Andrade, Manuel Ferreira Marques e Joaquim Cardoso Ferrán, que equivaliam a 869\$000 réis, a quem foram feitos expressos agradecimentos em ata. Em 1896, Manuel Troncoso, primeiro Presidente do Centro Espanhol, foi diplomado com o título de Presidente Honorário da entidade, tendo livre acesso às reuniões.

Com o ingresso de 28 novos sócios foi possível contabilizar a entrada de 725\$000 réis, o que certamente garantiria o andamento previsto para as obras, ainda que durante este ano, a falta de pedra para construção no mercado santista tenha feito o Centro Espanhol paralisar temporariamente as obras do edifício.

Os primeiros associados a serem agraciados com o diploma de Sócio Benfeitor foram os senhores: Vicente do Pazo, do Rio de Janeiro, que fez doação no valor de 400\$000 réis<sup>176</sup>, considerada bastante vultosa e digna dessa deferência e ao italiano doutor Juan Eboli, pelos graciosos serviços médicos ofertados ao Centro, o que no caso tem valor inimaginável. Foi concedido o diploma de Sócio Benemérito, também, a José Ladeira que doou materiais para as obras do edifício, no valor de 546\$000 réis.

Contabilizaram-se os gastos com o funeral de um associado, no valor de 93\$000 réis, quantia considerada elevada para os padrões da época.<sup>177</sup> Como não houve registro ou qualquer referência sobre o falecido não podemos avaliar se ele fazia parte dos fundadores que colaboravam com somas elevadas ou se ele era simplesmente mais um dos associados do Centro Espanhol.

---

<sup>176</sup>. De acordo com Rogério Faleiros, o valor de 400 mil réis equivalia a 425.984 quilos de açúcar branco ou 580.888 quilos café ou, ainda, de 1.419.952 litros de arroz. Conferir: FALEIROS, Rogério N. *Homem do café: relações de trabalho em Franca/SP 1890-1920*.

<sup>177</sup>. Com 93 mil réis era possível comprar 98.847 quilos de açúcar branco ou 134.791 quilos de café ou, ainda, 329.489 litros de arroz. Conferir: *Ibidem*.

Consta dos registros contábeis do Centro Espanhol o recebimento em 1895 de 147 doações efetuadas por associados espanhóis e de pessoas sem identificação do país de saída ou, ainda, de não associados.

Presidindo a Junta Diretiva do Centro Espanhol, em 1897, estava Juan Estevez Martinez. Infelizmente não dispomos da ata da Assembléia Geral deste ano.

Durante a Assembléia Geral de associados de 1898, a preocupação da Junta Diretiva recaiu sobre alguns semanários e diários com o título de “Espanhóis”, tanto na cidade de Santos quanto em outras localidades do Brasil, onde pessoas passando-se por representantes de órgãos da colônia espanhola nestas terras e palatinos da união dos espanhóis nela residentes, só semeavam a discórdia e a desunião, dando em suas colunas espaço para artigos difamatórios da reputação solidamente edificada e trazendo ao público a vida particular de muitos, desmoralizando tantos os indivíduos quanto a Sociedade. O desconhecimento do motivo que os levavam a tais atitudes poderia ser atribuído provavelmente à mesquinha inveja ou ao fato de não conseguirem alcançar suas infundadas aspirações.

O presidente da Junta pediu solenemente a todos que representam a união da colônia que nunca amparem a parcialidade e não percam o caráter de independência que o Centro representa, ao dar ouvidos as baixas intrigas de aduladores e despeitados que almejam a dissolução de uma sociedade que se ergueu com generosos sacrifícios da colônia espanhola.

Foram distribuídos diplomas de Sócios Beneméritos a Juan Estevez Martinez e a Delfina M. de Barros pela doação de um lindo espelho. Concedeu-se, também, o título de Sócia Honorária a escritora espanhola Eva Canel.

A Junta Diretiva agradeceu-se a Francisco Mesa, de São Paulo, pela doação de um magnífico espelho, oferecido em nome de sua família com o diploma de Sócio Benfeitor.<sup>178</sup> A diretoria também decidiu substituir o título de Sócio Honorário, doado a José Maria Molinos pelo de Sócio Benemérito.

---

<sup>178</sup>. Supomos que esse senhor seja parente de José Mesa, dono da Fábrica de Alpargatas de José Mesa, instalada na Rua do Gasômetro, n. 104, que comercializava, além de produtos acabados, os solados trançados e tranças feitas à máquina. Sobre ele, conferir: CANOVAS, Marília D. K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia 1890-1922*. op. cit., p. 233.



A diretoria considerou como Sócio Remido Juan Antonio Cividanes, pela doação de 400\$000 réis, correspondente a oito ações que ingressaram na caixa social. Deliberou-se em reunião como Sócio Fundador Manuel Perez Rodriguez, pela doação de 250\$000 réis. Nesse ano (1898), contabilizou-se a entrada de mais 31 sócios, totalizando 367 e 109 doações.

Infelizmente não dispomos das atas referentes aos anos de 1899 e 1900. Neste período, a Junta Diretiva do Centro Espanhol foi presidida por Juan Estevez Martinez.

Do ano de 1899, contamos com dados referentes aos gastos de 35\$000 réis com os funerais de um associado e o recebimento de 34 doações. Em 1900, contamos apenas com informações sobre 51 doações ofertadas ao Centro Espanhol. Em 1901, verificamos a reeleição de Juan Estevez Martinez como presidente.

A diretoria, ao pensar na segurança da nova sede, aprovou, em 1901, a contratação de um seguro contra incêndio. Encontramos nova referência ao assunto na renovação que se fez deste seguro na ata do ano de 1903. Acreditamos que este seguro tenha sido renovado nos anos posteriores, embora tenhamos registros nas atas de assembléias somente até 1905.

Verificamos um crescimento das atividades junto ao Centro Espanhol, pois encontramos a solicitação de contratação de um funcionário, o que significou ter algum exclusivamente direcionado para atender às necessidades dos associados. Somente em 1905 foi nomeada comissão encarregada da elaboração do Regulamento Interno do Centro Espanhol e, também, da parte beneficente e administrativa.

O Regulamento Interno foi elaborado por uma comissão composta por: Francisco Canellas, Eduardo B. Parada e Benito Prieto. O Regulamento referente aos Socorros contou com os seguintes eleitos: Gerardo Santiago Alvarez, José Alonso Fernandez e Faustino Vazquez.<sup>179</sup> Para confeccionar o Regulamento da Biblioteca, elegeu-se Manuel Carou y Suarez e Antonio Ribas Pages. Para regulamentar a comissão de obras foram eleitos José Alonso

---

<sup>179</sup>. Ver no capítulo 3, o caso de Faustino Vazquez e sua participação na sociedade santista.

Fernandez, Melquiades Rocha e Francisco Flores Fernandez. E para comissão de sindicância, Secundino Troncoso e Francisco Bouzas.<sup>180</sup>

A Comissão Beneficente foi composta pelos senhores Faustino Vazquez e Secundino Troncoso, que deliberavam sobre a concessão de socorro de conformidade com o quanto estabelecido no Regulamento Interno.

A diretoria aprovou a rifa feita por Faustino Vazquez dos objetos que sobraram da quermesse, cuja importância de 500\$000 réis deu entrada no caixa social. Como podemos observar nos últimos três parágrafos, a atuação do senhor Faustino Vazquez dentro do Centro Espanhol é bastante efetiva, o que se confirma em outras atuações que apontaremos durante a análise das próximas atas, como por exemplo, na ata de novembro do mesmo ano, encontramos os agradecimentos da diretoria a Faustino Vazquez pela doação dos mosaicos colocados na entrada do edifício, no valor de 358\$100 réis, ou ainda, em 1902, quando a Junta decidiu comissionar Faustino Vazquez para gerenciar junto a Câmara Municipal, a substituição da iluminação pública do edifício social pelo de gás incandescente.

Foi concedido o título de Sócio Benfeitor ao português Antonio Francisco Russo, pela doação de 500\$000 réis a Comissão de Madeirame, em 1897. Neste mesmo ano, foram registrados agradecimentos a Domingo Savarelli pelo donativo feito ao Centro Espanhol de vários adornos para a entrada do edifício; a M. Frontera Guardiola pelos livros presenteados a Biblioteca e a Praxedes Gil Orozco, pela oferta do livro *História da Espanha*, de Miguel Morayta.

Foram registrados agradecimentos a Manuel Fernandez Alvarez, pela doação que fez através do senhor Secundino Troncoso, bem como aos senhores Isidoro de Campos e ao Reverendo Pároco pela oferta de serviços em prol do Centro Espanhol e a Antonio Suares Suarit, pela colocação de papel de parede, por sua conta, no interior do edifício da Sociedade. Agradeceu-se, também, a Manuel M. Perdigão por doação. Não computamos mais nenhuma outra doação ou gastos efetuados durante o ano de 1897.

Em 1901 computou-se a entrada de 114 novos associados. No ano seguinte, foi eleito presidente da Junta Diretiva, José Maria Molinos.

---

<sup>180</sup>. Acreditamos tratar-se da mesma pessoa que era membro da *Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução*, fundada em 1898, em São Paulo. Conferir: CANOVAS, Marília D. K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia 1890-1922*. op. cit., p. 302, nota de rodapé.

Verificamos neste ano, a primeira subscrição entre amigos feita por Saturnino Alonso ao arrecadou 500\$000 réis para aquisição de 300 cadeiras nas condições propostas pela empresa Almeida e Co., ficando o presidente da Sociedade encarregado de entender-se com a mesma. Observamos que essa aquisição colocou o Centro Espanhol em situação diferenciada frente a demais associações, sendo que as menos favorecidas requeriam o empréstimo das cadeiras para realizarem suas reuniões ou eventos. A Sociedade União Operária foi a associação que mais requereu o empréstimo das mesmas, como se verificou até o ano de 1905. Neste ano, a sociedade Portuguesa de Beneficência e a Sociedade de Auxílio da Instrução também solicitaram emprestadas as cadeiras do Centro.

Outra subscrição foi feita no mesmo ano para a compra de um piano. A diretoria autorizou que a comissão composta por Carou, Faustino Vazquez e Camba comprasse um piano, cujo valor não excedesse 800\$000 réis. Este gasto não deveria afetar a caixa social do Centro Espanhol, posto que fosse ressarcido com o importe da subscrição iniciada por Jose Cabot e, se necessário, com o produto líquido do espetáculo que para esse fim se realizou.

Aprovaram as contas apresentadas por Faustino Vazquez e cujo produto líquido chegou a 819\$800 réis, do qual deduzido os 800\$000 réis emprestados para o piano, restou 19\$800 réis, que deu entrada na caixa social. Se o status do Centro Espanhol já apresentava um diferencial por possuir 300 cadeiras, a presença de um piano destacou-o ainda mais.

Neste ano, foram gastos 700\$000 réis para pagamento das obras realizadas no prolongamento de seu piso até a sala de bilhar, bem como para a compra de uma mesa de bilhar e seus acessórios.

Também foi autorizada pela diretoria, a convocação de concorrentes para participarem de licitação com o objetivo final de determinar o melhor preço para a execução das obras do salão contíguo ao dos bilhares.

Na sessão seguinte, a diretoria adjudicou a Melquíades Alonso, único concorrente que se apresentou para a licitação aberta na reunião anterior, pela soma de 3:660\$000 réis.

Foram feitos agradecimentos a Salvador Prieto Blanco e Antonio Penelas pelas obras doadas ao Centro Espanhol; a José Eiras Garcia pela doação de treze obras<sup>181</sup>; a Vicente do Pazo pelas obras doadas; a Vicente Pérez Rodriguez pela doação de um livro de contas-corrente, a Manuel da Costa Oliveira pela doação de uma prensa de copiar, por intermédio do sócio Juan Antonio Cividanes, e à Salvador José Losada pelas obras literárias doadas à Biblioteca.

Todos os presentes recebidos pelo Centro Espanhol mereciam os agradecimentos da diretoria, feitos em ata, nas reuniões da Junta Diretiva; como é o caso da senhora Elena Krum de Molinos, citada por ter presenteado a Sociedade com uma bandeira contendo as iniciais do Centro Espanhol e duas toalhas; assim como Pascual Rodriguez pela doação de um metro quadrado de mosaico; Eduardo Lamonche por um bilhete de loteria de São Paulo, 1ª série, nº 5695; e a Francisco Flores Fernandez pela doação de uma mesinha para filtro.

Outros agradecimentos foram feitos durante o ano de 1902, como verificamos: a José Maria Molinos e a Vicente Perez Rodriguez pela doação de livros para escola elementar, cuja fatura existente na secretaria remonta o valor de 106'60 pesetas. Agradeceu-se, igualmente, a Manuel Troncoso pela doação de um magnífico e completo quadro cronológico de todos os chefes de Estado havidos na Espanha, desde Ataulfo até Alfonso XIII. Manuel Carbacho Tenório doou quatro ações integralizadas e recebeu os agradecimentos da Junta Diretiva.

Prestaram agradecimento às senhoras Ana M. de Buscaglia (italiana) e Catalina Sanchez de Jimenez, e aos senhores Eduardo Jimenez, Hércules Buscaglia (italiano), Aurélio Del Valle, José Salgado Piña, Luis Requeijo, Benjamin de Cesare e José Alonso por sua co-participação como amadores do Grupo Dramático, nos espetáculos dos dias 9 de novembro e 28 de dezembro.

---

<sup>181</sup>. O Sr. José Eiras Garcia, espanhol do ramo hoteleiro, em 1882 era proprietário do *Hotel España*, na Rua Brigadeiro Tobias, n. 104, em São Paulo, e que em 1912, ao ser vendido a Celestino Costa, galego da Coruña, passou a chamar-se *Grande Hotel Eiras Garcia*. Além disso, foi proprietário do jornal *El Diário Español*, fundado em 1898, ano em que também participou da diretoria da *Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução*, em São Paulo. Conferir: *Ibidem*, 33; 276; 302.

A diretoria permitiu a Benjamim de Cesare e a Hércules Buscaglia, juntamente com sua esposa, freqüentarem a Sociedade por tempo indeterminado, como reconhecimento aos repetidos e bons serviços que prestaram, desinteressadamente, ao Centro Espanhol: o primeiro como dramaturgo e caracterizadores e os dois seguintes como amadores, sendo considerados como Sócios Transeuntes. E, no final do ano, pela proposta de Antonio Araújo, Hércules Buscaglia e sua esposa, tiveram esse título substituído pelo de Sócio Benfeitor, como recompensa pelo interesse dispensado ao Centro, demonstrado por sua cooperação nos espetáculos realizados.

Leonardo A. Gutierrez, Vice-Cônsul da Espanha em Belo Horizonte, recebeu os agradecimentos da diretoria por sua visita ao Centro e pelo donativo de 50\$000 réis.

Nem só de agradecimentos vivia o Centro Espanhol, pois verificamos que a diretoria solicitou a reemissão da petição dirigida ao Governo Espanhol, referente à isenção de “responsabilidade da quinta” em que incorreram a maioria dos espanhóis residentes na cidade, aproveitando a solenidade da próxima coroação do Rei dom Alfonso XIII.

A Junta Diretiva também resolveu cooperar com as demais sociedades espanholas do Brasil para conseguir que aportassem em Santos e em outros portos da República os navios da Cia. Transatlântica Espanhola, a fim de desenvolver o comércio hispano-brasileiro, o que daria à colônia espanhola novo *status* na sociedade brasileira.

Foi acordado entre os diretores, oficial a Comissão de Obras para que a mesma comunicasse os projetos a serem realizados com a quantia de 2:600\$000 réis; valor este em poder da tesouraria, proveniente das ações emitidas.

José Maria Molinos, Segundo Lobarriñas e Juan Estevez Martinez foram nomeados para administrarem a execução das obras de instalação dos cenários no salão contíguo ao dos bilhares e demais trabalhos necessários, sendo seu importe resultado do produto líquido das funções que nele e para esse fim se realizarem e, quando não, na medida em que as condições da caixa social permitir.

A diretoria tomou em consideração o ofício da Sociedade de Repatriação participando da constituição definitiva da dita sociedade e da tomada de posse da Junta Diretiva, a qual se ofereceu o salão principal do Centro para celebrar suas sessões, enquanto não dispusessem de local adequado. Observamos que esta sociedade não conseguiu estabelecer-se até 1905, pois neste ano solicitou à diretoria permissão para colocar um armário de seus arquivos no Centro, até que encontrassem um local adequado para sua sede. Mais tarde, esta sociedade fundiu-se ao Centro Espanhol formando o Centro Español y Repatriación de Santos.<sup>182</sup>

O Centro Espanhol passou a ter instalações adequadas para reuniões e comemorações e muitas sociedades pediam, a título de empréstimo, os salões, o palco cênico, o piano para suas mais diversas atividades. Neste ano, a diretoria determinou conceder o salão de reuniões, cenário e piano à Associação Feminina de Santos para um evento beneficente em favor das mesmas. A partir daí, tornou-se prática constante a concessão dos espaços internos da instituição, bem como aos associados que solicitavam os salões para ensaiarem os bailes. Em 1903, concedeu à Comissão representada por Antonio Freitas Guimarães Sobrinho a permissão para realizar nos salões do Centro um concerto em benefício da ilustre cantora Neira Silva. O teatro social foi cedido pela diretoria, a apresentação do digno sócio José Eiras Garcia e da artista espanhola Maria de Las Mercedes.

Concederam à Comissão de Sócios, representada por P. Rodriguez, a permissão solicitada para realizar nos salões do Centro uma reunião de segurança, assim como o salão principal do Centro ao Club das Perpétuas para seu baile inaugural.

Em 1904, emprestou ao prestigiado espanhol Nurat o salão e o palco cênico para realização de um espetáculo, de cujo resultado ofereceu 40% a caixa social do Centro; concedeu o salão social ao professor de canto Manuel Soares de Albergaria Monteiro para realização de um concerto vocal e instrumental; aprovou igualmente a concessão dos salões sociais a Sócia Honorária Delfina de Barros, a favor do compatriota José Martinez Toboso, para realizar um concerto instrumental pelo terceto do qual é diretor.

---

<sup>182</sup>. Conferir estas informações em: <<http://www.centroespanholdesantos.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

O salão social foi cedido ao ilusionista espanhol Mauri para realização de um espetáculo. A diretoria concedeu à Sociedade Recreativa Lyra Internacional, os salões sociais para realização de uma sessão solene com a finalidade de empossar a nova Diretoria. Atendendo à solicitação dos senhores Arthur Ascagne e Carlos Guimarães, o salão nobre foi emprestado para a realização de um concerto. A senhora Carolina Pola solicitou o teatro social para a apresentação de um espetáculo de sua jovem filha Elisabeth. A Sociedade Feminina Santista emprestou os salões sociais para realização de atividades escolares. O presidente também cedeu o salão social a uma comissão de cavalheiros para tratar da fundação de uma sociedade beneficente. Também solicitaram os salões sociais a Sociedade Beneficente D. Pedro II, para efetuar a Assembléia de Instalação e posse de sua Junta Diretiva.

Para que os eventos acontecessem sem maiores transtornos, em 1903, a diretoria proibiu a entrada dos espanhóis não associados e que residissem a mais de seis meses na cidade, o que de certa forma forçava os patrícios a se filiarem o mais rápido possível.

Na ata geral de 1905, encontramos os salões do Centro Espanhol emprestados aos associados para uma Reunião de Confiança, conforme solicitação dos associados José Lopez Conde e Miguel Alonso. Concedeu-se ao Diretor do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, o teatro social para a realização do espetáculo de encerramento do ano escolar. Solicitado por uma comissão de sócios, representada por Joaquim Rivas, o teatro social foi emprestado para a realização de um espetáculo em benefício de Nicasio Costillas. Também o senhor Olympio Lima, diretor do periódico local, *A Tribuna*, solicitou emprestado o teatro social para realizar um espetáculo teatral em benefício do jornalista Cruz Gómez.

Ainda em 1902, encontramos a deliberação da diretoria em enviar a Seção de Estatística e Arquivo de São Paulo um exemplar do Estatuto Social do Centro Espanhol, reclamado pelo diretor da mesma. Nos anos seguintes, encontramos menção nas atas quanto a devolução ao senhor Diretor de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo, devidamente preenchido, o questionário do movimento social da sociedade, bem como o questionário do movimento da biblioteca.

Observou-se o ingresso de 161 novos sócios no ano de 1902, chegando ao total de 431. Foram contabilizadas 17 doações. Em 1903, foi reeleito como presidente do Centro Espanhol José Maria Molinos.

O Centro Espanhol comemora, no dia 2 de maio, seu aniversário ou o dia em que foi lançada sua pedra fundamental. Com o passar dos anos, verificamos que as festividades foram aumentando e, até possibilitando o convite, por meio de ofício, da imprensa local, da *La Voz de España*, de São Paulo, e as sociedades beneficentes e mutualistas, além das autoridades civis e militares da cidade.

Para a realização de tão importante evento, comissionavam-se associados especiais como, por exemplo, a comissão de 1905, os senhores Vallejo, Martinez, Prezado e Arias, para que fizessem uma subscrição entre os demais associados e amigos para que as comemorações fossem condizentes com crescimento e importância do Centro Espanhol na sociedade santista.

Em 1903, a diretoria agradeceu ao periódico *Cidade de Santos* a deferência feita ao Centro estampando os retratos de seus Presidentes no número do dia 2 de maio.

Em julho de 1903, a Junta Diretiva registrou o recebimento de um ofício por parte do associado Juan Bernils e que deu origem às seguintes deliberações: aprovar as bases e condições apresentadas pelo senhor Bernils, na qual se encarregava da direção da Escola Social; nomear uma comissão composta por cinco associados para adquirir os móveis e demais objetos escolares, além de organizar o plano de estudos e respectivo regulamento.

Empenhados em dar andamento aos objetivos de Centro Espanhol, em relação à educação, no mês de agosto, procederam à leitura e discussão do Regulamento Escolar apresentado pela Comissão nomeada, tendo-se deliberado: realizar um espetáculo cujo produto seja aplicado à aquisição de utensílios e móveis escolares e o anúncio pela imprensa local e pela *La Voz de España*, de São Paulo, da abertura de matrículas para as aulas, cuja inauguração ocorreu em 15 de setembro. Importante lembrar que a diretoria eximiu do pagamento de matrícula os sócios e filhos de sócios que desejassem frequentar as aulas do Centro.



Para angariar fundos em prol da execução do projeto educacional, Antonio R. Monte Alegre e a sua filha, assim como às senhoras Juanita Gómez da Silva e Maria das Dores Serpa, prestaram importante colaboração por ocasião do espetáculo efetuado em benefício das aulas. A diretoria apresentou seus agradecimentos a todos os associados que colaboraram para a constituição da escola.

Não há menção sobre o salário oferecido ao professor até o ano de 1905, quando a diretoria passou a comissionar os senhores Felisindo Vallejo, Angel Dominguez e Ricardo Fernandez para que entre os associados se organizasse uma lista com os nomes dos que voluntariamente quisessem contribuir com uma cota mensal para gratificar o professor da escola primária. Coube aos membros da Junta Diretiva subscreverem o valor de 5\$000 réis cada um. Anualmente encaminhava-se ao Inspetor Literário Municipal o mapa de freqüência dos alunos à escola.

Pelos agradecimentos feitos pela diretoria a todas as redações de periódicos que enviaram seus exemplares durante o ano, percebemos o crescimento e envolvimento do Centro Espanhol com a sociedade santista, bem como com os compatriotas paulistas.<sup>183</sup>

Chamou-nos atenção a nota da ata de 14 de junho, em que a Junta Diretiva vetou o ingresso às reuniões familiares aos que não tivessem família legalmente constituída e que fosse portadora de título de ingresso assinado pela presidência.<sup>184</sup>

A diretoria apresentou especiais agradecimentos a Rogelio Monteiro pela doação da ação n. 52, de 50\$000 réis; Manuel Alonso Gonzalez, pela doação das ações n. 73 e nº 74, de 100\$000 réis; Manuel Martinez pela doação das ações n. 214 e 215, de 100\$000 réis; Manuel Martinez Ozores pela doação da ação n. 295, de 50\$000 réis; e a Sebastián Munté pelas quatro ações, n. 199, 200, 212 e 213, de 200\$000 réis. Agradeceu-se a Saturnino Alonso pela doação das ações que possuía seu finado irmão Manuel, no valor de 120\$000 réis.

---

<sup>183</sup>. Citamos, como exemplo, *El Diario Español*, de propriedade do associado Eiras Garcia, editado em São Paulo, também circulava em Santos.

<sup>184</sup>. Interessante notar o valor dado às famílias legalmente constituídas, ou ao preconceito àquelas que não fossem legalizadas e que precisavam de ingresso autorizado pela presidência.

Registrou-se o recebimento de um ofício do associado José Souto Dominguez, em que doava ao Centro, em nome de seu filho José Manoel de Souza Souto, as dez ações que possuía, no valor de 500\$000 réis, pelo qual se deliberou conceder-lhe o título de Sócio Benfeitor.

Concedeu-se o título de Sócio Benfeitor a José Carneiro Bastos em testemunho de gratidão pela doação de livros no valor maior a 800\$000 réis. Constatou em ata agradecimentos a Juan Francisco López Conde pela manutenção dada aos relógios da Sociedade; ao senhor Secretário, a doação de 11\$300 réis, importe da franquia de correspondências do Centro durante o ano; a Ribeiro dos Santos e Cia. pela doação de uma copiadora; a Manuel Gil Alonso pelas cinco pesetas no bilhete n. 450 de *La Loteria de España*; a Júlio Conceição (brasileiro) e Juan Lorenzo da Silva por suas doações de 100\$000 réis cada um; a Manuel Dominguez Pinto pela doação de 20\$000 réis feita por intermédio de Faustino Vazquez.

Agradeceu-se a Saturnino Alonso Fernandez pela doação de 5\$000 réis, a Rodolpho M. Guimarães o donativo de 10\$000 réis e a Agapito Gonzalez, o de 60\$000 réis, importe de três ações com a entrada que possuía e pagar, por conta particular dos membros da Diretoria, a quantia de 52\$000 réis, importância de gastos feitos com a recepção do Grupo Crecentino.

A assembléia reuniu-se para deliberar o pagamento de 3:385\$470 réis, importe de obras executadas no salão contíguo aos dos bilhares, cujo pagamento foi feito da seguinte forma: 1:385\$470 réis da caixa social e 2:000\$000 réis que, para esse fim, foi emprestado pelo presidente, sem interesse.<sup>185</sup>

O movimento de sócios desse ano contou com a entrada de 81 novos sócios, chegando ao um total de 512. Durante o ano de 1903, foram contabilizadas 29 doações.

Em 1904, elegeu-se José Maria Molinos como presidente da Junta Diretiva, pela terceira vez consecutiva. A diretoria iniciou o ano nomeando novas comissões. Foram eleitos Fernando Rodriguez Gil, Marcial Lorenzo Adán e Antolin Rocha Fernandez para a comissão de obras; Jesus Estevez Curty, Aquelino Regadas e Ricardo Alvarez, pela sindicância; Silvano

---

<sup>185</sup>. Encontramos por diversas vezes a expressão “sem interesse” ao que deduzimos significar sem cobrança de juros.

Troncoso, Antonio Araújo e Ricardo F. Santiago pelo botequim e bilhar; Francisco Flores Fernandez, Diretor Beneficente; Felisindo Vallejo fiscal das reuniões de segurança e Manuel Perez Salgado, auxiliar do senhor bibliotecário. Na reunião seguinte, foi nomeado Juan Manuel Carou y Suarez como diretor fiscal para as aulas; Francisco Bouzas para substituir Antonio Araújo que declinou do cargo. Nomeou-se o conselheiro cobrador com salário mensal de 60\$000 réis mais 8% de comissão sobre as cobranças, comissão esta que passou a 10% no ano seguinte, sempre que as mensalidades recebidas não chegassem à quantia de 1:000\$000 réis por mês.

Todas as ações e atividades desenvolvidas pelo ou no Centro Espanhol contavam com comissões eleitas pela diretoria. Vemos a eleição dos senhores Parada e Bernils para, em comissão, contratar, a quem o faça em melhores condições, a impressão da compilação de Memórias do Centro, assim como nomearam em comissão os senhores Parada, Molinos e Vallejo para representar o Centro na conferência realizada pela Associação Feminina Santista.

Nomeou-se uma comissão composta pelos senhores Gerardo S. Alvarez, Juan Estevez Martinez, Felisindo Vallejo e Juan Bernils para organizarem um espetáculo no teatro social em benefício das vítimas da seca no Norte deste país, com a maior brevidade possível.

Quando a comissão não se elegia antes do evento, era apresentado posteriormente para aprovação da Junta, o procedimento do presidente que, acompanhado pelos senhores Vallejo, Parada e Bernils, foi à estação de trem esperar um membro do Centro, o Exmo. Sr. Ministro da Espanha nesta República. Durante essa visita, a pedido do presidente, concedeu-se o título de Sócio Honorário ao Exmo. Sr. Manuel Maria Araguren, Ministro da Espanha, nomeando-se os senhores Molinos, Vallejo, Parada e Bernils para fazerem a entrega do mesmo. Na mesma ata encontramos agradecimentos a Benito Prieto Cubelas pela cooperação prestada como orador oficial no espetáculo de gala realizado em honra do visitante.

A diretoria autorizou e promoveu um espetáculo no Teatro Guarani, em benefício das obras projetadas para o terreno social, nomeando-se para execução uma comissão composta pelos senhores Molinos, Vallejo e Faustino Vazquez. Após a realização do evento, encontramos em ata os

agradecimentos dirigidos ao Exmo. Sr. Intendente Municipal, a Sociedade Coral e Internacional Pierrot, a The City of Santos Company Limited e ao senhor Antonio Peixoto de Carvalho pelos serviços prestados ao Centro por ocasião do espetáculo. Na prestação de contas recolheu-se à caixa social o produto líquido do espetáculo, resultando em 2:408\$600 réis, e mais a quantia de 2:265\$600 réis, referente às doações recebidas para as obras do muro e cerca, o que totalizam 4:170\$500 réis.

Como reconhecimento, a Junta Diretiva concedeu-lhe o título de Sócio Benfeitor por ter feito parte da comissão de aquisição de materiais para construção do edifício social e pelos relevantes serviços prestados ao Centro desde sua fundação aos senhores Manuel Troncoso, José Maria Molinos, Miguel Alonso, Anastácio Troncoso, José P. Gómez, Juan V. Bojart, Francisco Flores Fernandez, Manuel Senra Bouzas, Juan Antonio Cividanes, Gerardo Santiago Alvarez, Francisco Antonio Alonso, Melquíades Alonso, José Alonso Fernandez, Sândalo Martinez, Benito P. Cubelas e Eduardo B. Parada.

Expediu-se em favor do sócio Manuel Troncoso, certificado dos cargos por ele desempenhados na Sociedade desde sua fundação, dos títulos que lhe foram concedidos e do conceito recebido por sua conduta.

O presidente comunicou aos associados que, por proposta do senhor bibliotecário, havia pedido ao Vice-Cônsul da Espanha que, aproveitando sua próxima viagem a Espanha, interpusesse sua influência junto ao Governo da Pátria, escritores e editores espanhóis para que se dignassem a enviar livros à Biblioteca do Centro.

Percebemos o prestígio do Centro Espanhol entre as demais sociedades pelo elevado número de agradecimentos feitos pela diretoria aos que enviaram correspondências de apoio e simpatia dirigidas à sociedade e à sua Junta Diretiva. Entre estas sociedades encontramos a Sociedade Espanhola de Repatriação, o Club Internacional de Regatas, a Sociedade Beneficência Portuguesa, a Sociedade Dois de Fevereiro, a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio e Velo Club Internacional, o Real Centro Português e Musical Colonial Portuguesa, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, de São Paulo, Musical, Humanitária e Club Carnavalesco Infantil, de Santos, a Sociedade Espanhola de Beneficência, da Bahia, o Gabinete de Leitura Xavier da Silveira, de Santos, a Coletividade Associação Protetora da Infância

Desvalida, a S. H. dos Empregados do Comércio, de São Paulo, o Centro Galego, de São Paulo, a Sociedade Coral e Instrumental Pierrot, a Sociedade Internacional União dos Operários e a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, de Ribeirão Preto, o Centro Italiano, a Sociedade Espírita Anjo da Guarda; o Centro da Guarda Nacional, de Santos, e a Sociedade Portuguesa D. Carlos I.

Algumas sociedades enviavam correspondência participando a posse de novas diretorias, como foi o caso do Grêmio Espanhol de Piracicaba, Cassino Espanhol, do Rio de Janeiro, União Operária e Auxiliadora de Instrução, desta cidade, ou ainda enviando seu regulamento e estatuto, como as Sociedades A Previdente e Feminina de Santos, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, de Campinas, Humanitária dos Empregados no Comércio, de Santos e de São Paulo, a Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, a e Sociedade Internacional União dos Operários.

Encontramos nos registros os agradecimentos feitos a Rodolpho M. Guimarães pelo donativo de 11\$500 réis; a José Souza Neto pelas várias obras em 15 volumes destinadas à Biblioteca; a Segundo Lobarinas Fernandez por suas ações integralizadas, no valor de 50\$000 réis; a Salvador José Losada, a doação de uma ação no valor de 50\$000 réis; a Empresa El Gráfico, de Madri, pelo envio de tão importante periódico à Biblioteca; ao Engenheiro Chefe da Cia. Docas, pela doação de pedras e saibro ao Centro Espanhol.

A Junta Diretiva também atendeu a solicitação feita por seu associado para que efetuassem o pagamento de tratamento hospitalar no valor de 72\$000 réis. Contabilizaram-se os gastos com tratamentos hospitalares na ordem de 1:092\$000 réis no transcorrer do ano de 1904. Os gastos com funerais chegaram a 221\$000 réis. Naquele ano, contabilizaram-se 18 doações feitas por associados ou não.

Em 1905, o Centro Espanhol voltou a ser presidido por Juan Estevez Martinez. Como era o costume e já havia sido feito em anos anteriores, às despesas realizadas no dia da posse corriam por conta particular dos Diretores, que também pagavam a quantia de 20\$000 réis ao pianista por seus serviços profissionais na Sociedade.

Novas comissões foram eleitas, conforme segue: Jesus Estevez Curty, Melquíades Alonso e Melquíades Rocha Perez para a Comissão de Sindicância; Melquíades Alonso, Victorino Estevez Sobreira e Generoso Alvarez, para a Comissão de Obras; Ricardo Fernandez Santiago e Angel Dominguez Perez para a Comissão de Bebidas e Bilhares; Francisco Bouzas, encarregado do Teatro Social; Ramón Rodriguez Alvarez, Diretor Beneficente e Felisindo Vallejo, Diretor do Salão de Baile.

Na reunião seguinte foram nomeados José Alonso Fernandez, Maximino Pascual Gómez e Aurélio del Valle Garcia, para substituírem os componentes da Comissão de Sindicância, que apresentaram suas demissões do cargo.

Nas atas foram registrados agradecimentos as sociedade que enviaram seu estatuto, ou somente uma correspondência amigável ao Centro Espanhol, ou ainda comunicaram a posse de nova diretoria. São elas: a Sociedade 1º de Maio; a Sociedade Athletic Club Internacional; a Sociedade Dançante Feminina Princesa D. Isabel; a Sociedade Auxiliadora da Instrução; a Sociedade Portuguesa de Socorros Mútuos D. Carlos I; a Sociedade Coral e Instrumental Pierrot; Musical Colonial Portuguesa, de Santos; a B. Grêmio Espanhol, de Piracicaba; a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio, de São Paulo; o Centro Galego, do Rio de Janeiro; a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução; a Sociedade Beneficência Portuguesa, de Santos; a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio; a Sociedade Espanhola Beneficência, do Rio de Janeiro; a Sociedade de Socorros Mútuos, de Porto Alegre; a Sociedade Espanhola de Beneficência, da Bahia; a Sociedade Feminina Santista e Protetora da Infância Desvalida, de Santos; o Centro Galego, de São Paulo; a Sociedade Espanhola de Beneficência, de Curitiba; a Sociedade de Obreros Agricultores, de Goyan; ao Centro Gallego, de Havana; a Santa Casa de Misericórdia, de Santos; a Sociedade União Operária, de Santos; a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, de Ribeirão Preto; a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução, de Santos; a Sociedade Beneficente Dois de Fevereiro; Sociedade Espírita Anjo da Guarda; o Centro da Guarda Nacional, de Santos. Agradeceu-se, também, ao senhor Presidente da Câmara Municipal pela deferência em comunicar o Centro Espanhol sobre sua eleição ao cargo.

Foi autorizado pela diretoria a realização de um espetáculo beneficente em prol da caixa social, sendo nomeados os senhores Felisindo Vallejo, Angel Dominguez e Nicolas Arcos para tratar de tudo o que se relacione ao assunto.

Aprovou-se em reunião o procedimento do senhor presidente por haver dado aos senhores Bouzas e Vallejo a autorização para representar o Centro no solene ato que a Associação Feminina Santista realizou no dia em que lançou a pedra fundamental de seu edifício.

A diretoria aprovou também a realização de uma peça teatral e de um baile, em 2 de maio, data comemorativa de aniversário do lançamento da pedra fundamental do edifício do Centro Espanhol, sendo nomeados os senhores Nicolas Arcos, Ricardo F. Santiago, Angel Domingues, Ramón Rodriguez Alvarez e Felisindo Vallejo em comissão para, entre os sócios, arrecadar recursos destinados aos gastos previstos para os festejos.

Mais uma vez aprovou-se o procedimento do senhor presidente ao nomear os senhores Vallejo e Losada para representar o Centro na conferência realizada na Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio; aos senhores Bouzas, Parada e Arcos por igual missão nos festejos realizados na Sociedade Internacional União dos Operários; aos senhores Vallejo, Estevez e Parada para representar o Centro nos festejos realizados na Sociedade Portuguesa de Beneficência; aos senhores Estevez e Vallejo, nos festejos realizados na Sociedade Auxiliadora da Instrução e aos senhores Parada e Angel Dominguez na Conferência realizada pela Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio. Aprovou-se também a nomeação do senhor Felisindo Vallejo para representar o Centro na missa que, pelo falecimento do Dr. Godoy, foi celebrada nesta cidade.

A Junta Diretiva aprovou a realização, no Teatro Guarani, de um espetáculo em benefício dos fundos sociais, cujo resultado líquido foi destinado aos gastos originados das obras de reparação do edifício. Para tanto, nomeou-se uma comissão composta pelos senhores Estevez, Vallejo, Parada, Monteiro Fernandez e Fernandez Santiago. Ao Intendente Municipal foi solicitada a isenção de pagamento de licença para este espetáculo, bem como ao Gerente da The City Impowerment Co. para que não cobrasse o gás do Teatro Guarani nessa noite.

Para a realização deste evento pediu-se a colaboração da Sociedade Musical Colonial Portuguesa, que aceitou participar do evento, recebendo os agradecimentos da diretoria.

Aprovaram as contas apresentadas pelo senhor tesoureiro com relação ao espetáculo realizado no Teatro Guarani, cujo saldo de 1:691\$300 réis entrou em caixa.

Percebemos constante movimentação dentro do Centro Espanhol que ora se preocupava com os estudos dos conterrâneos, ora com o lazer, elegendo uma comissão dos senhores Vallejo, Ribas e Bouzas para que, entre os associados do Centro, organizasse um Grupo Coral, conforme idéia apresentada em ofício por Joaquim Ribas, diretor do Grupo Artístico Lírico Dramático, desde que o mesmo não traga despesas.

Aprovou-se em ata o Regulamento a que devem sujeitar-se os sócios que fazem parte do Coral. A diretoria agradeceu a Manuel Soares Albergaria Monteiro e sua distinta esposa pelos serviços prestados como diretores do Grupo Coral e como maestro concertista.

Agendou-se uma Reunião de Confiança em honra a Santiago Apostolo, patrono da Espanha e cujos gastos correrão por conta dos membros da Junta.

Foram enviadas congratulações à Santa Casa de Misericórdia desta cidade, por terem empossado em seus cargos os senhores que vão administrá-la nos anos 1905 e 1906, conforme comunicado ao Centro.

Em conseqüência de haver chegado aos ouvidos da Junta que na Alta Administração da Cia. Docas de Santos fez referências pouco favoráveis a este Centro, motivado pela greve ocorrida na cidade, foi deliberado oferecer ao engenheiro-chefe da dita companhia notificação de que neste Centro não se tratou de assuntos que não se relacionem com os interesses de seus associados, encaminhando-lhe exemplar dos Estatutos e Memórias publicados para que se interem, através destes, a que fins se destinavam esta Sociedade.

Nesta mesma sessão se deliberou submeter à sanção da próxima assembléia a proposta do senhor presidente, aprovada por toda a Junta, de ser colocada nos salões do Centro um retrato a óleo do Sócio Benemérito José Maria Molinos, em recompensa ao muito que fez pela Sociedade, desde sua fundação.



Foram nomeados os senhores Ramón Rodriguez Alvarez e Ciriaco Gonzalez para cuidar da pintura externa do edifício social. Lançaram em ata um voto de dor por ele que em vida foi sócio deste Centro, Aparício Rodriguez, cujos funerais foram pagos pelos fundos sociais do Centro Espanhol.

A diretoria mandou officiar ao senhor Manuel Troncoso, temporariamente na Espanha, para que, por todos os meios possíveis, procure pela coleção de livros que nos foi concedido pelo Governo e prontamente nos remeta, uma vez que deles se havia encarregado.

Agradeceu-se a Manuel Solo Monterroso a importante doação da *História da Espanha*, por Modesto Lafuente, dividida em 25 volumes luxuosamente encadernados, os quais vieram enriquecer nossa biblioteca social.

Acordou-se em socorrer com o valor de 170\$000 réis arrecadados entre os membros da Junta Diretiva e diversos sócios, a um associado que, por algum tempo, estará impossibilitado para o trabalho e, conseqüentemente, bastante necessitado. Agradeceu-se a Rodolpho M. Guimarães a doação de 10\$000 réis e de 4\$000 réis e informou-se que esta Junta Diretiva está tomando as devidas providências para com a proposta apresentada.

A diretoria do Centro Espanhol também agradeceu ao diretor do periódico Heraldos Guardes, o envio deste.

Foi aprovado o procedimento do Presidente que mandou pagar, por conta dos fundos sociais, os gastos do enterro do sócio Eulogio Estevez Oliva.

A Junta Diretiva do Centro Espanhol aprovou o procedimento do presidente do Real Centro Português e Centro Italiano, autorizando ao senhor Dr. Manuel Homem Bittencourt para tratar em comum dos interesses dos sócios das três sociedades que foram privadas de sua liberdade durante as greves havidas na cidade e havendo o doutor Bittencourt desempenhado de forma correta seu trabalho registrou-se os agradecimentos prestados através de officio.

Contabilizou-se o total de gastos com atendimento hospitalar para os associados no valor de 505\$000 réis e 200\$000 réis com funerais. Nos registros das doações foram contabilizadas 17 doações de associados e não associados realizadas durante o ano de 1905.

A partir de 1906 não contamos mais com as atas das Assembléias Gerais realizadas com os Associados do Centro para apresentarem as deliberações ocorridas durante o ano. Entretanto, temos conhecimento dos senhores que fizeram parte das Juntas Diretivas até 1920, o número de novos associados a cada ano e também a contabilização de gastos com benefícios e a arrecadação recebida.

Em 1906, presidiu a Junta Diretiva Juan Estevez Martinez, reeleito na última Assembléia. Nesse ano foram admitidos 164 novos associados e contabilizou-se 196 doações. Contabilizaram-se os gastos com os associados que ficaram internados em hospitais no valor total de 1:450\$000 réis. Foram gastos 95\$000 réis nos funerais dos associados.

Na Assembléia Geral dos Associados de 1907 foi novamente reeleito como presidente Juan Estevez Martinez. Contabilizou-se a entrada de 43 novos associados, o recebimento de 31 doações e gastos de 263\$000 réis com os funerais de seus associados e 1:805\$000 réis com despesas hospitalares.

Em outubro de 1907, foi enviado donativo no valor de 200\$000 réis às vítimas da inundação ocorrida em Málaga. Na Assembléia Geral dos Associados de 1908 figurava como presidente da Junta Diretiva José Pascual Gómez. Foi contabilizado o ingresso de 80 novos associados. Foram feitas nove doações e gastos no valor de 3:085\$000 réis com tratamentos hospitalares dos associados e 559\$000 réis com funerais. Presidiu a Assembléia Geral dos Associados de 1909, José Manuel Nieto Conde. Contabilizaram os gastos hospitalares realizados com os associados no total de 2.262\$500 réis. Nesse ano contabilizaram-se sete doações.

A Assembléia Geral dos Associados de 1910 foi presidida por José Maria Molinos, contabilizando a entrada de 29 sócios e 12 doações. Gastou-se 1:350\$000 réis com tratamentos hospitalares.

É bastante interessante observar que em todos os dados obtidos com os gastos hospitalares realizados com os associados não encontramos a presença de nenhuma mulher, que fosse mãe, esposa ou filha de um associado, ainda que com raríssimas exceções elas apareçam como associadas ou fazendo doações.

Em 1911, continuava presidindo a Assembléia Geral dos Associados, José Maria Molinos. Não possuímos dados referentes aos gastos hospitalares realizados nesse ano. Foram contabilizadas as entradas de 22 novos sócios e 43 doações.

Infelizmente não contamos com a composição da Junta Diretiva que assumiu os anos de 1912 e 1913. Entretanto, sabemos que foram admitidos cinco sócios em 1912 e 60 sócios em 1913. Contamos apenas com oito doações em 1913.

Em 1914, presidiu a Assembléia Geral dos Associados Jose Montero Fernandez que contou com a entrada de 17 novos associados.<sup>186</sup> Foram contabilizadas quatro doações. José Montero Fernandez foi reeleito presidente para a gestão de 1915 junto a Assembléia Geral de Associados do Centro Espanhol. Foram admitidos 23 novos associados. Contabilizou-se 40 doações.

Foi eleito presidente da Junta Diretiva do Centro Espanhol para o ano de 1916, Felisindo Vallejo e a admissão de 14 novos associados.

Nesse ano, o Centro Espanhol teve uma importante atuação na sociedade santista servindo de abrigo aos sobreviventes do naufrágio do vapor Príncipe das Astúrias, transatlântico espanhol proveniente de Barcelona que afundou na Ponta do Boi, no dia 4 de março desse ano, fazendo 445 vítimas fatais.<sup>187</sup> Nessa ocasião o Centro Espanhol uniu-se as outras duas entidades espanholas existentes em Santos, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e a Sociedade Espanhola de Repatriação e arrecadaram junto aos compatriotas, moradores e negociantes da cidade e também de São Paulo, o valor de 6:850\$000 réis, valor esse que foi distribuído entre os passageiros e tripulantes sobreviventes, cabendo a cada um deles 73\$600 réis, a exceção da passageira Marina Vidal que recebeu 78\$800 réis, conforme registros encontrados no Centro Espanhol. Foram contabilizadas 92 doações.

No ano de 1917, Felisindo Vallejo foi reeleito para a presidência da Junta Diretiva do Centro Espanhol que nesse ano recebeu 24 novos associados. Foram contabilizadas apenas quatro doações.

---

<sup>186</sup>. Consideramos 1914 um ano atípico, tendo em vista o início da I Guerra Mundial.

<sup>187</sup>. O navio zarpou de Barcelona, em 17 de fevereiro de 1916, com 578 passageiros e tripulantes oficialmente registrados, sendo que destes 445 morreram na explosão de suas caldeiras. Conferir: <<http://www.naufragiodobrasil.com.br/naufprincesaasturias.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Em 1918, Benito Prieto Cubelas foi eleito presidente da Junta Diretiva do Centro Espanhol e recebeu 92 novos associados. Infelizmente, para este ano, não se encontrou registros de doações feitas ao Centro Espanhol. Momento marcante ocorrido neste ano deu-se com a epidemia de febre espanhola que transformou a Associação em hospital. O edifício do Centro foi oferecido às autoridades sanitárias que instalaram leitos no salão de bilhar, no teatro, no salão nobre e até na secretaria. Durante quinze dias ali ficaram internados 128 enfermos, dos quais 24 vieram a óbito.<sup>188</sup>

A Assembléia Geral de Associados de 1919 tinha como presidente Felisindo Vallejo que recebeu apenas cinco novos associados. Foram contabilizadas cinco doações. Na ocasião, foi eleito presidente do Centro, para o ano de 1920, Agustín Flores Nieto e foram matriculados 18 novos associados. Foram recebidas apenas três doações feitas por pessoas físicas ou jurídicas que não se associaram ao Centro.

Entre os anos de 1896 a 1920, encontramos, portanto, 905 doações efetivadas. Observamos doações realizadas por associados e, também, por pessoas físicas e jurídicas não associadas. O menor valor encontrado foi 600 réis, sendo a maior doação realizada por pessoa física de 1:500\$000 réis (Antonio Fernandez) e 3:000\$000 réis, por pessoa jurídica (Fernandez & Bernils).

Computamos 83 espanhóis que fizeram mais de uma doação; 120 espanhóis que fizeram apenas uma doação; e 81 prováveis espanhóis que fizeram doações, 8 estrangeiros, associados ou não, que fizeram doações, além de 243 doações recebidas de pessoas físicas e jurídicas, não associados ao Centro Espanhol.

Apresentaremos a seguir algumas doações que consideramos importantes e o envolvimento de seu doador com o Centro Espanhol. Vejamos alguns casos:

---

<sup>188</sup>. Informações extraídas de: <<http://centroespanholdesantos.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

a-) Agapito Gonzalez – proveniente de Creciente, matriculou-se em 1895 e fez sua primeira doação em 1896, no valor de 100\$000 réis, o que julgamos um valor elevado, já que corresponderia a compra de duas ações do Centro.<sup>189</sup> Duas outras doações foram feitas nos valores de 60\$000 réis e 2\$000 réis, nos anos de 1903 e 1906. Não há registros de sua participação na administração do Centro Espanhol;

b-) Alejandro Rolan Fernandez – oriundo da Espanha, matriculou-se em 1895 e fez sua primeira doação em 1896, no valor de 30\$000 réis, o que corresponde a 60% do valor de uma ação. Em 1906, fez duas doações no valor de 3\$000 e 5\$000 réis;

c-) Antolin Rocha Fernandez – proveniente de Espanha, filiou-se ao Centro em 1895. Fez seis doações durante o período pesquisado. Sua maior doação foi no valor de 100\$000 réis em 1911, e a menor em 1904, no valor de 18\$000 réis. Foi eleito contador da Junta Diretiva nos anos de 1910 e 1911;

d-) Antonio Araújo – espanhol matriculado em 1895, fez três doações ao Centro nos valores de 100\$000 réis, 10\$000 réis e 40\$000 réis. Presente desde a fundação do Centro Espanhol foi eleito Membro da Junta Diretiva nos anos de 1895, 1897, 1903, 1904 e 1920;

e-) Antonio Perez Valeije – matriculado em 1895, natural de Pontevedra, contribuiu pela primeira vez em 1896, com o valor de 50\$000 réis, o equivalente a uma ação. Em 1899, fez uma vultosa doação no valor de 250\$000 réis. Eleito Membro da Junta Diretiva em 1899 e tesoureiro do Centro Espanhol, em 1900;

---

<sup>189</sup>. De acordo com Faleiros, com este valor teríamos 106.496 quilos de açúcar branco ou 145.222 quilos de café ou 354.998 litros de arroz. Conferir: FALEIROS, Rogério N. *Homem do café: relações de trabalho em Franca/SP 1890-1920*. op. cit..

f-) Antonio Vazquez Fernandez – espanhol matriculado em 1895, fez sua primeira doação no valor de meia ação, ou seja, 25\$000 réis. Duas novas doações são registradas em 1915 e 1916, nos respectivos valores: 5\$000 réis e 10\$000 réis. Em 1914, foi eleito Membro da Junta Diretiva. Participante do comércio local, onde constatamos o pagamento de uma licença para quitanda, em 1887, junto a Câmara Municipal de Santos;<sup>190</sup>

g-) Antonio Vazquez Quintela – natural de Lugo, filiou-se em 1895 e fez uma doação no valor de 100\$000 réis. Elegeu-se na primeira diretoria do Centro Espanhol, como Procurador; na segunda, como Membro da Junta Diretiva. Em 1896 e 1897 foi eleito Contador;

h-) Benigno Arias – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895. Fez doação no valor de 25\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva nos anos de 1904 e 1905;

i-) Ciriaco Gonzalez – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895 e fez sua primeira doação em 1896, no valor de 20\$000 réis. Constatou-se que ele ofereceu outras nove doações ao Centro Espanhol, no período compreendido por esta pesquisa. O maior valor doado foi 299\$000 réis, em 1907, e o menor, de 10\$000 réis, em 1915. Participou da Junta Diretiva nos anos de 1905, 1915, 1917 e 1919;

j-) Eduardo B. Parada – espanhol de Creciente, associou-se ao Centro em 1895, e em sua primeira doação demonstrou seu entusiasmo em participar da Junta Diretiva, com o valor de 100\$000 réis, o equivalente a duas ações. Outras seis doações foram encontradas em seu nome nos anos por nós pesquisados. O menor valor doado foi 5\$000 réis, em 1915. Participou da Junta Diretiva, basicamente, em todos os anos, até 1919, principalmente, como secretário;

---

<sup>190</sup>. Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Santos.

k-) Justino Flores Fernandez – natural de Pontevedra, participou desde a fundação do Centro Espanhol, sendo eleito vice-presidente da primeira Junta Diretiva. Matriculou-se em 1895, e no ano seguinte fez uma doação de 100\$000 réis, o que equivalia ao valor de duas ações;

l-) Francisco Flores Fernandez – natural de Goyan, matriculou-se em 1895, e no ano seguinte fez uma primeira doação no valor de 50\$000 réis, seguidas de outras sete. Foi eleito em 1895, 1899, 1910, como Membro da Junta; nos anos de 1904 e 1911, como vice-presidente e, em 1918, foi Tesoureiro;

m-) Augustin Flores Nieto – natural de Leon, se filiou em 1905, e fez uma primeira doação, cinco anos depois, em 1911, no valor de 50\$000 réis, o que correspondia ao valor de uma ação do Centro. Nos anos de 1915 e 1916, encontramos novas doações nos valores de 5\$000 réis em cada ano. Presidiu a Junta Diretiva em 1920. Em nossas pesquisas junto à Câmara Municipal não encontramos pagamentos de licenças para o funcionamento da fábrica de doces pertencentes aos irmãos Flores;

n-) Faustino Vazquez – fez sua primeira doação em 1896, equivalente a ação no valor de 50\$000 réis. Natural da Coruña, matriculou-se no Centro em 1895, e fez outra doação no valor de 25\$000 réis, em 1900. Apesar das poucas doações, sua presença foi marcante nas atividades desenvolvidas no Centro Espanhol, como apresentado anteriormente, sendo eleito para participar da Junta Diretiva nos anos 1900, 1901, 1902, 1910, ou ainda, como 1º vice-presidente da Mesa das Assembléias nos anos de 1908, 1909, 1911 e para compor as diversas comissões relatadas anteriormente. Participou do setor hoteleiro e do comércio de Santos a partir de 1882, de acordo com os pagamentos para licenças de um hotel, um bilhar e para vender bebida alcoólica, conforme encontrado nos livros da Câmara Municipal de Santos;<sup>191</sup>

---

<sup>191</sup>. Ibidem.

o-) Felipe Vidal Rivas – matriculou-se em 1895 e doou 100\$000 réis ao Centro Espanhol. Elegeu-se Procurador na primeira diretoria (1895) e bibliotecário na segunda. Em 1898, assumiu o posto de vice-presidente da Junta Diretiva;

p-) Fortunato Perez – filiou-se em 1895. Fez três doações nos seguintes valores: 50\$000 réis, 5\$000 réis e 20\$000 réis;

q-) Francisco Antonio Alonso – espanhol da Cañiza, matriculado em 1895, também fez sua primeira doação em 1896, no valor de 50\$000 réis. Posteriormente fez mais quatro novas doações, sendo o maior valor doado de 75\$000 réis e o menor de 2\$000 réis;

r-) Francisco Canellas Novell – natural de Orense, matriculou-se em 1895, e no ano seguinte fez sua primeira doação no valor de 100\$000 réis, o que comparamos a aquisição de duas ações. Em 1897, fez uma vultosa doação no valor de 505\$225 réis. No ano seguinte, fez duas doações no valor de 107\$000 réis e 31\$200 réis. Quatro anos depois, encontramos uma nova doação no valor de 100\$000 réis. Participou como Membro da Junta Diretiva nos anos de 1895 e 1897 e como 1º Vice-Presidente e Presidente da Mesa da Assembléia nos anos de 1900, 1901 e 1910, respectivamente;

s-) Gerardo Santiago Alvarez – natural de Goyan, matriculou-se no Centro em 1895, e no ano seguinte fez uma primeira doação no valor de 100\$000 réis. Nos anos seguintes, contribuiu com mais oito doações. Em 1895, na primeira e na segunda eleição da Junta Diretiva ocupava a função de secretário. Em 1896, foi eleito Presidente do Centro. Presidiu a Mesa das Assembléias nos anos de 1899, 1900, 1902, 1903, 1905, 1906 e 1907. Nos anos de 1910 e 1911 foi Membro da Junta;

t-) José Caballero – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895 e no ano seguinte fez sua primeira doação no valor de 100\$000 réis e, em 1897, doou a vultosa soma de 500\$000 réis. Conhecido na cidade santista por sua casa de banho, estabelecida desde 1876, deixou sua fortuna para a Santa Casa de



Misericórdia, ao morrer.<sup>192</sup> Encontramos o pagamento de licença para seu estabelecimento em 1882 e nos anos subsequentes, quando solicitou também licença de funcionamento do botequim e para vender bebida alcoólica, junto a Câmara Municipal de Santos;<sup>193</sup>

u-) José Fernandez Dominguez – espanhol matriculado no ano da fundação do Centro, elegeu-se como Membro da Junta Diretiva nas duas diretorias eleitas em 1895. Fez apenas uma doação no valor de 100\$000 réis em 1896. Encontramos registros de sua participação no comércio santista, em 1890, quando pagou licença para um botequim e para vender bebida, na Câmara Municipal de Santos;<sup>194</sup>

v-) José Maria Molinos – figura de importância dentro do Centro Espanhol, era natural de Santiago e registrou-se em 1895, por ocasião da fundação do mesmo. Sua primeira doação no ano de 1896, equivalente a duas ações, no valor de 100\$000 réis. Nos anos seguintes, contribuiu com elevados valores, como, por exemplo, em 1907, quando doou 1:000\$000 réis. Participou efetivamente nas atividades do Centro Espanhol, sendo eleito nos anos 1902, 1903, 1904, 1910 e 1911 como Presidente da Junta Diretiva;

w-) José Pascual Gómez – natural de Creciente, matriculou-se em 1895, e no ano seguinte fez sua primeira doação no valor de 100\$000 réis. Encontramos outras quatro doações nos registros do Centro Espanhol. Presente na primeira diretoria do Centro Espanhol, como bibliotecário, em 1908, presidiu a Junta Diretiva;

x-) José Rodriguez Perez – matriculado em 1895, não participou da administração do Centro Espanhol, mas fez cinco doações em valores que vão de 10\$000 réis, a menor, a 100\$000 réis, a maior;

---

<sup>192</sup>. Informações extraídas do site: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0256htm>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

<sup>193</sup>. Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Santos.

<sup>194</sup>. Ibidem.

y-) José Souto Dominguez – matriculado em 1895 e oriundo de Pontevedra. Em 1895, participou como Membro da Junta da primeira Diretoria do Centro Espanhol e, como vice-presidente, na segunda, voltando a se reeleger no mesmo cargo no ano seguinte. Fez duas doações: a primeira no valor de 100\$000 réis e a segunda de 500\$000 réis;

z-) Juan Antonio Cividanes – participou como Membro da Junta Diretiva, em 1895 e 1898, era natural de La Guardia, matriculou-se em 1895, e sua primeira doação foi no valor de 100\$000 réis. Outras quatro doações foram contabilizadas pelo Centro Espanhol;

a1-) Juan Estevez Martinez – natural de Goyan, matriculou-se em 1895. Presidiu a Junta Diretiva por oito anos não-consecutivos. Fez uma primeira doação, em 1896, no valor de 100\$000 réis; numa segunda doação ofereceu a quantia de 1:215\$920 réis, o que provavelmente chega a ser assustador, se comparado às demais doações encontradas. Foram dezessete doações entre os anos de 1896 e 1917. O menor valor doado foi de 6\$000 réis;

b1-) Juan V. Bojart – natural de Creciente, participou da primeira reunião de fundação do Centro Espanhol filiou-se em 1895 e fez duas doações: uma no valor de 50\$000 réis e outra de 40\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva em 1895, vice-secretário em 1897 e Secretário nos anos de 1898, 1899 e 1900;

c1-) Manuel Alonso Gonzalez – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895 e fez sua primeira doação no valor de 30\$000 réis. Outras quatro doações foram computadas nos anos seguintes. O menor valor doado foi 1\$000 réis e o maior 100\$000 réis. Em 1914, foi eleito Vice-Presidente da Junta Diretiva do Centro Espanhol;

d1-) Manuel Covas Perez – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895, e fez uma primeira doação em 1896, no valor de 20\$000 réis, valor que consideramos muito abaixo do esperado de um comerciante que, desde 1885, pagava licenças à Câmara Municipal para o funcionamento de casa de pasto,

restaurante, botequim, taverna e para vender bebida alcoólica.<sup>195</sup> No período pesquisado verificamos apenas mais duas doações: 150\$000 réis em 1899 e 10\$000 réis em 1916. Uma única vez elegeu-se Membro da Junta Diretiva do Centro Espanhol, em 1911;

e1-) Manuel Martinez – natural de Pontevedra, filiou-se ao Centro em 1895. A partir de 1896, fez quatro doações, sendo a maior no valor de 103\$500 réis e a menor no valor de 5\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva nos anos de 1900, 1903 e 1904;

f1-) Manuel Penelas Vazquez – natural da Coruña, registrou-se em 1895, doando o valor de 25\$000 réis em 1895. Fez outras duas doações nos valores de 10\$000 réis e 5\$000 réis. Não participou da Junta Diretiva para a administração do Centro;

g1-) Manuel Perez Rodriguez – natural de Pontevedra, filiou-se em 1895 e fez três doações nos seguintes valores: 25\$000 réis, 5\$000 réis e 50\$000 réis;

h1-) Manuel Prezado – natural de Orense, matriculou-se em 1895. Fez duas doações nos valores de 25\$000 réis e 10\$000 réis. Em 1909, elegeu-se Membro da Junta Diretiva do Centro Espanhol;

i1-) Manuel Troncoso, primeiro Presidente Interino e, também, Presidente Honorário do Centro era oriundo de Goyan e matriculou-se no dia da fundação em 1895. Consta nos registros sua primeira doação no ano de 1896, o valor de 100\$000 réis, o que equivaleria ao valor de duas ações. Nova doação aparece em 1903, no valor de 72\$000 réis. Em 1902, tornou-se Cônsul da Espanha no Brasil;

j1-) Secundino Troncoso – provavelmente irmão de Manuel Troncoso, foi vice-presidente do Centro Espanhol, em 1901. Natural de Goyan, também se matriculou em 1895, e fez sua primeira doação no ano seguinte no valor de

---

<sup>195</sup>. Ibidem.

50\$000 reis. Foram sete doações durante o período estudado. O maior valor foi 106\$000 réis, em 1911;

k1-) Silvano Troncoso, irmão de Secundino Troncoso, também natural de Goyan, matriculou-se em 1895 e fez uma primeira doação em 1896, no valor de 50\$000 e em 1907, doou mais 6\$000 réis. Eleito Tesoureiro da Junta Diretiva em 1907 e 1º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias em 1918;

l1-) Anastásio Troncoso – natural de Pontevedra, também se matriculou no Centro em 1895 e no ano seguinte fez uma primeira doação no valor de 25\$000 réis, o equivalente a 50% de uma ação. Dez anos depois, fez nova doação no valor de 5\$000 réis. Foi eleito 2º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias em 1899;

m1-) Sérgio Blanco Troncoso – proveniente de Creciente, matriculou-se 1897, e fez uma doação no valor de 3\$000 réis em 1906. Posteriormente, fez duas outras doações de 50\$000 e 5\$000 réis, em 1911 e 1915, respectivamente. Foi eleito Membro da Junta Diretiva, em 1911, e Membro Suplente, em 1918;

n1-) Mariano Majo y Pi – matriculou-se em 1895 e fez uma doação no valor de 100\$000 réis. Nos anos de 1901 e 1902, elegeu-se 2º e 1º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias;

o1-) Melquiades Alonso – natural de Pontevedra, filiou-se em 1895, e sua primeira doação ao Centro correspondia a 50% do valor de uma ação, ou seja, 25\$000 réis. Fez mais quatro doações nos anos de 1904, 1905, 1907 e 1916. Foi eleito Membro da Junta nos anos de 1898 e 1902;

p1-) Melquiades Rocha Perez – também natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895, fazendo uma primeira doação no valor de 25\$000 réis, no ano seguinte. Outras duas doações de 10\$000 réis foram contabilizadas em 1906 e em 1915. Nos anos de 1900, 1906 e 1916 participou como Membro da Junta Diretiva ou suplente;

q1-) Miguel Vazquez Martinez – presente desde a primeira reunião que daria origem ao Centro Espanhol, natural de Creciente, matriculou-se em 1895, e no ano seguinte fez uma primeira doação no valor de 100\$000 réis. Sete outras doações foram efetuadas entre os anos de 1897 e 1916, sendo a menor delas no valor de 20\$000 réis. Foi eleito tesoureiro nos anos de 1898 e 1899. Em 1900, foi Vice-Presidente da Junta Diretiva e em 1919 ocupou o cargo de Vice-Tesoureiro;

r1-) Pascual Rodriguez – espanhol de Pontevedra, matriculou-se em 1895, e fez sua primeira doação no valor de 100\$000 réis no ano seguinte. Cinco novas doações, de valores menores, foram feitas nos anos seguintes;

s1-) Ramon Luis de Castro – natural da Espanha, matriculou-se em 1895, fez duas doações no valor de 50\$000 réis, cada. Não há registros de participação na administração do Centro Espanhol;

t1-) Ramon Rodriguez Alvarez – natural de Pontevedra, matriculado em 1895, participou do Centro Espanhol com três doações nos valores de 25\$000 réis, 6\$000 réis e 10\$000 réis. Eleito Membro da Junta Diretiva em 1905;

u1-) Ricardo Fernandez Santiago – matriculado em 1895, era natural de Goyan, ofereceu duas doações: 50\$000 e 40\$000 réis, respectivamente. Foi eleito 2º Vice-Presidente, Secretário e Vice-Secretário da Mesa das Assembléias do Centro, nos anos de 1903, 1904 e 1906;

v1-) Rogelio Montero – natural de Creciente, matriculou-se em 1895, e fez sete doações, sendo a maior no valor de 50\$000 réis, em 1896 e a menor em 1910, no valor 8\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva em 1903 e Vice-Secretário em 1910;

w1-) Sândalo Martinez – natural de Pontevedra, filiou-se em 1895 e participou da segunda diretoria eleita neste ano, como Membro da Junta Diretiva. Fez uma doação no valor de 25\$000 réis;

x1-) Saturnino Alonso Fernandez – natural de Goyan, matriculou-se em 1895, e sua primeira doação feita em 1896, era de 50\$000 réis. Outras oito doações foram feitas no período pesquisado, onde o menor valor foi de 5\$000 réis e o maior de 500\$000. Participou como Membro da Junta Diretiva em 1897 e como bibliotecário em 1900. Em 1904 e 1907, foi eleito 2º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias do Centro Espanhol;

y1-) Sebastian Monte Bernet – oriundo de Barcelona, filiou-se em 1895, e participou com três doações nos seguintes valores: 25\$000 réis, 200\$000 réis e 5\$000 réis. Elegeram-se Membro da Junta Diretiva do Centro Espanhol, em 1903;

z1-) Segundo Lobarriñas Fernandez – está presente no Centro Espanhol desde sua fundação; natural de Creciente, matriculou-se em 1895, ano em que foi eleito Membro da Junta Diretiva. Em 1896, participou como bibliotecário e nos anos de 1900, 1902 e 1903, como Contador. No ano de 1896, fez uma primeira doação no valor de 100\$000 réis, seguidas de mais quatro nos anos de 1904, 1905 e 1906;

a2-) Teolindo Nieves – natural de Orense, filiou-se em 1895, e doou ao Centro Espanhol 25\$000 réis e 5\$000 réis;

b2-) Ventura Ferro Peon – matriculou-se em 1895 e participou do Centro Espanhol com duas doações nos valores de 20\$000 réis e 10\$000 réis. Em 1920, elegeram-se Vice-Presidente da Junta Diretiva;

c2-) Vicente Perez Rodriguez – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1895. Participou com três doações nos valores de 25\$000 réis, 70\$000 réis e 64\$000 réis;

d2-) Benito Prieto Cubelas – natural de Creciente, filiou-se ao Centro Espanhol, em 1897, e fez três doações a partir do ano seguinte nos valores de 237\$700 réis, 30\$000 réis e 50\$000 réis. Foi eleito Vice-Secretário da Junta Diretiva em 1901, Secretário em 1910 e 1914, Membro Suplente da Junta em 1911, Bibliotecário em 1915 e 1916 e Presidente em 1918;

e2-) Francisco Bouzas – matriculou-se em 1897 e fez uma única doação no valor de 20\$000 réis, em 1911. Nos anos de 1901 e 1904, elegeu-se Membro da Junta Diretiva do Centro Espanhol, Vice-Presidente em 1905 e Secretário em 1907;

f2-) Francisco Salgado Gallego – natural de Orense, matriculou-se em 1897. Fez seis doações com o maior valor em 201\$780 réis e o menor em 5\$000 réis. Não há registros de sua participação nas Juntas Diretivas do Centro;

g2-) Francisco Viu Garcia – filiou-se em 1897 e fez duas doações nos valores de 4\$000 réis e 12\$000 réis. Em 1908, elegeu-se Membro da Junta Diretiva do Centro Espanhol;

h2-) José Manuel Nieto Conde – matriculou-se em 1897, e fez seis doações que variaram de 5\$000 réis a 20\$000 réis. Elegeu-se Vice-Presidente da Junta Diretiva em 1908, e Presidente em 1909. Durante seis anos participou da Mesa das Assembléias e, em 1920, estava na Diretoria Beneficente do Centro;

i2-) Manuel Chavez Blanco – natural de Goyan, matriculou-se em 1897 e fez duas doações ao Centro Espanhol nos valores de 5\$000 réis cada;

j2-) Ramon Martinez – filiado em 1897, participou com nove doações, sendo o maior valor de 20\$000 réis e o menor de 5\$000 réis. Eleito Membro da Junta Diretiva em 1907, e Vice-Presidente nos anos de 1915 e 1916;

k2-) Temístocles Perez Rodriguez – natural de Goyan, filiou-se em 1897 e fez três doações nos valores de 120\$000 réis, 20\$000 réis e 5\$000 réis;

l2-) Vicente Rodriguez Carrera – matriculado em 1897, tendo feito duas doações: uma no valor de 125\$000 réis e, a outra, de 20\$000 réis;

m2-) Ramon Fernandez Carvajal – filiou-se em 1898 e fez três doações nos valores de 15\$000 réis, 24\$000 réis e 106\$000 réis;

n2-) Severino Torrezilla – matriculado em 1898, fez sete doações ao Centro Espanhol. O menor valor doado foi 5\$000 réis e o maior 44\$000 réis. Participou da Mesa das Assembléias nos anos de 1907, 1910 e 1911;

o2-) Bruno Rocha Perez – natural de Goyan, matriculou-se em 1899 e fez duas doações nos valores de 10\$000 réis e 22\$500 réis. Elegeu-se Membro Suplente da Junta Diretiva em 1918;

p2-) Francisco Rodriguez Carrera – filiou-se em 1899 e fez uma doação no valor de 15\$000 réis. Elegeu-se 2º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias em 1903;

q2-) Nicolas Arcos – filiou-se em 1899 e fez três doações nos seguintes valores: 6\$000 réis, 2\$000 réis e 5\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva em 1905;

r2-) Felisindo Vallejo – natural de Orense, filiou-se em 1900 e fez dez doações ao Centro Espanhol. A menor no valor de 2\$000 réis e a maior de 154\$000 réis. Esteve na diretoria da Junta Diretiva por oito vezes: no cargo de presidente nos anos de 1916, 1917 e 1919; como vice-presidente, nos anos de 1906, 1908 e 1909; como benéfico em 1915 e tesoureiro em 1904 e 1905.

A família Vallejo esteve presente na composição de várias diretorias do Centro Espanhol: Candido Vallejo elegeu-se Membro da Junta Diretiva em 1914; Manuel Vallejo também foi Membro da Junta em 1911;<sup>196</sup> Odon Vallejo foi eleito contador em 1914 e tesoureiro em 1920 e Teodomiro Vallejo vice-secretário em 1918;

s2-) Odon Vallejo – filiou-se em 1906 e fez duas doações ao Centro Espanhol nos valores de 5\$00 réis e 20\$000 réis;

---

<sup>196</sup>. Ver capítulo 3, caso especial de Manuel Vallejo. Sobre a família Vallejo, conferir informações detalhadas na página 53, do nosso primeiro capítulo, e, também, dados constantes em: CARVALHO, Beth Capelache. *A colônia espanhola*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/Santos>>. Acesso em: 20 maio 2005.



t2-) Manuel Vallejo – sócio do Cassino Monte Serrate, também fez duas doações nos valores de 25\$000 réis e 50\$000 réis. Teodomiro Vallejo fez uma doação no valor de 10\$000 réis;

u2-) José Manuel Carou y Suarez – filiou-se em 1900 e fez duas doações nos valores de 212\$000 réis e 10\$000 réis. Elegeu-se bibliotecário nos anos de 1902, 1904, 1906, 1908, 1909, 1911. Em 1910, foi Secretário da Mesa das Assembléias e nos anos de 1916 e 1917, 2º Vice-Presidente da Mesa;

v2-) José Montero Fernandez – natural de Creciente, matriculou-se em 1900 e fez oito doações nos anos seguintes em valores que vão de 8\$000 réis a 106\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva nos anos de 1905 e 1908; Tesoureiro em 1911, Presidente do Centro Espanhol, em 1914 e 1915; e Vice-Presidente em 1918;

w2-) Modesto Nunez Martinez – matriculou-se em 1900 e fez cinco doações nos valores de 10\$000 réis, 20\$000 réis e 5\$000 réis. Elegeu-se Membro Suplente da Junta Diretiva em 1905 e Membro da Junta em 1906; 2º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias em 1909;

x2-) Salvador José Losada – natural de Creciente, filiou-se em 1900 e fez duas doações nos anos seguintes nos valores de 50\$000 réis e 10\$000 réis. Elegeu-se Vice-Secretário do Centro Espanhol, em 1906;

y2-) Urbano Vazquez – natura de Creciente, matriculou-se em 1900 e participou com três doações ao Centro Espanhol, nos valores de 6\$000 réis, 55\$000 réis e 30\$000 réis. Eleito Membro da Junta Diretiva nos anos de 1906 e 1907 e Vice-Tesoureiro em 1920;

z2-) Francisco Borrego Roman – matriculou-se em 1901 e fez duas doações, em 1906, nos valores de 20\$000 réis e 2\$000 réis. Encontramos sua

solicitação de licença para hotel e para vender bebida junto a Câmara Municipal de Santos já em 1888;<sup>197</sup>

a3-) José Fontenla – matriculou-se em 1901 e fez cinco doações ao Centro Espanhol, sendo quatro no valor de 2\$000 réis, em 1906, e uma na quantia de 20\$000 réis, em 1907;

b3-) Laureano Pereira – natural de Creciente, filiou-se em 1901 e fez quatro doações nos anos seguintes. O maior valor doado foi 40\$000 réis e o menor 5\$000 réis. Elegeu-se Membro Suplente da Junta Diretiva do Centro Espanhol, nos anos de 1902 e 1906; e Contador em 1908;

c3-) Maximo Pascual Gómez – natural de Creciente, matriculou-se em 1901 e fez quatro doações nos anos seguintes de 2\$000 a 50\$000 réis. Eleito Secretário da Mesa das Assembléias em 1909 e 1918; Vice-Secretário da Mesa em 1916 e 1917;

d3-) Salvador Prieto Blanco – natural de Zamora, matriculou-se em 1901. Participou com duas doações nos valores de 100\$000 réis e 5\$000 réis;

e3-) Agapito Perez – matriculado em 1902 fez duas doações no valor de 3\$000 réis e 2\$000 réis, em 1906. Não sabemos se as suas doações foram anteriores ou posteriores aos 61 dias em que ficou hospitalizado por conta do Centro, que despendeu 305\$000 réis para pagamento destes gastos. Encontramos nos registros da Câmara Municipal de Santos que esse senhor já pagava por licenças para o funcionamento de um hotel, um bilhar e para vender bebida alcoólica desde 1885, o que nos indica sua participação no setor hoteleiro;<sup>198</sup>

f3-) Melchor Maestre Prada – filiou-se em 1902 e só em 1916 fez uma doação no valor de 20\$000 réis. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva em 1909;

---

<sup>197</sup>. Conforme Livro de Receitas e Despesas da Câmara Municipal de Santos.

<sup>198</sup>. Ibidem.

g3-) Ramiro Sierra Rodriguez – matriculou-se em 1902 e durante os anos seguintes participou do Centro Espanhol com cinco doações, em valores que vão de 12\$000 réis a 112\$000 réis;

h3-) Juan Bernils y Bernal – filiou-se em 1903 e fez duas doações no valor de 12\$000 réis e 60\$000 réis, em 1906. Elegeu-se Secretário da Mesa das Assembléias em 1906 e Presidente dessa mesma Mesa nos anos de 1916 e 1917;

i3-) Gervasio Fernandez Sobreira – natural de Goyan, filiou-se em 1904. Fez cinco doações ao Centro Espanhol, nos anos seguintes, de valores que vão de 5\$000 réis, o menor, a 100\$000 réis, o maior. Elegeu-se Membro da Junta Diretiva em 1906 e 1º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias em 1920;

j3-) Jesus Perez Rodriguez – natural de Pontevedra, matriculou-se em 1904, mas, em 1896, doou ao Centro Espanhol a quantia de 25\$000 réis. Em 1906 fez duas doações nos valores de 3\$000 réis e 1\$000 réis. Elegeu-se Tesoureiro do Centro, em 1908;

k3-) Manuel Fernandez – natural de Pontevedra, filiou-se em 1906 e fez duas doações ao Centro Espanhol: a primeira no valor de 10\$000 réis e, a segunda, de 174\$000 réis;

l3-) Antonio Fernandez – natural de Orense, matriculou-se em 1907. Foi sua a maior doação de uma pessoa física ao Centro Espanhol, no valor de 1:500\$000 réis, em 1905. Nos anos de 1916, encontramos mais duas doações nos seguintes valores: 10\$000 réis e 600\$000 réis. Na Câmara Municipal encontramos solicitação de licença para vender aguardente e para o trabalho como amolador.<sup>199</sup> Em 1910, foi eleito bibliotecário e em 1915, 2º Vice-Presidente da Mesa das Assembléias do Centro Espanhol;

---

<sup>199</sup>. Ibidem.

m3-) Manuel Moreno – natural de Pontevedra, filiou-se em 1909 e fez três doações nos valores de 20\$000 réis e 10\$000 réis. Elegeu-se Secretário da Mesa das Assembléias em 1908; Presidente da mesma Mesa em 1909, 1910 e 1920. Em 1919, ocupou o cargo de diretor beneficente. Em 1912 solicitou licença junto a Prefeitura Municipal de Santos para comércio de doces e pastas;<sup>200</sup>

Não foram apenas espanhóis que colaboraram e se esforçaram para que o Centro Espanhol tivesse vida longa. Observamos a contribuição de estrangeiros filiados conforme segue:

- Antonio Domiguez Pinto – português, matriculado em 1897, fez uma doação no valor de 1:050\$000 réis;
- Juan Lorenzo da Silva – português, filiou-se em 1897, fez uma doação no valor de 100\$000 réis, em 1903;
- Manuel Dominguez Pinto – português, filiou-se em 1897, fez duas doações. A primeira, no ano de sua entrada para o Centro, no valor de 1:050\$000 réis, e, a segunda, de 20\$000 réis, em 1903;
- Antonio Francisco Russo – português, não se associou, mas fez uma doação em 1898, no valor de 500\$000 réis;
- Júlio Conceição – brasileiro, matriculou-se em 1900 e neste mesmo ano doou 1:000\$000 réis. Em 1903, fez nova doação no valor de 100\$000 réis.

Foram contabilizadas várias doações realizadas por pessoas jurídicas, mas destacaremos apenas as que fizeram doações acima de 100\$000 réis:

- Bento de Souza & Co. – doou 200\$000 réis, em 1900;
- Fernandez & Bernils – doou 300\$000 réis e 3:000\$000 réis, em 1906;
- Marcos Valle & Co. – doou 200\$000 réis, em 1900;
- Neumann Gepp & Co. – doou 200\$000 réis, em 1900;
- Telles Quirino & Nogueira – doou 1:000\$000 réis, em 1900.

---

<sup>200</sup>. Ibidem.

Destacamos, também, alguns valores especiais doados por pessoas físicas que não estão matriculadas no Centro Espanhol:

- Bernardino Costa Andrade fez doação de 780\$000 réis, em 1897;
- Emilia Rosales fez doação de 180\$000 réis, em 1899;
- Francisco Amaro fez doação de 135\$000 réis, em 1903;
- José Enrique Bastos fez doação de 200\$000 réis, em 1897;
- José Maria Bouzas fez doação de 200\$000 réis, em 1897;
- Juan Azçarate fez doação de 600\$000 réis, em 1898;
- Manuel Corbacho Tenório fez três doações, sendo duas no valor de 50\$000 réis, em 1896 e 1898, e outra no valor de 200\$000 réis, em 1902;
- Primitivo Martinez doou 500\$000 réis, em 1899;
- Severiano Martinez fez duas doações de 200\$000 e 50\$000 réis, nos anos de 1897 e 1898, respectivamente.

Ao finalizarmos a análise dos associados ao Centro Espanhol chegamos a um total de 1.459 registros, entre 1895 e 1920, onde se constatou que o maior número de afiliados identificados era proveniente da Galícia (44,49%), seguidos de imigrantes da região de Castela e Leão (3,29%) e por imigrantes da Andaluzia (2,55%), como se observa na Tabela 5, a seguir:

TABELA 5

**Origem dos espanhóis associados ao Centro Espanhol, de Santos  
(1895 a 1920)**

<b>Província de origem</b>	<b>%</b>
Galícia	44,49
Castela e Leão	3,29
Andaluzia	2,55
Catalunha	1,37
Canárias	0,76
Madri	0,48
Valência	0,28
Múrcia	0,28
Extremadura	0,21
País Basco	0,14
Aragão	0,14
Astúrias	0,07
La Rioja	0,07
Localidades não identificadas	0,21
<b>TOTAL</b>	<b>54,34<sup>201</sup></b>

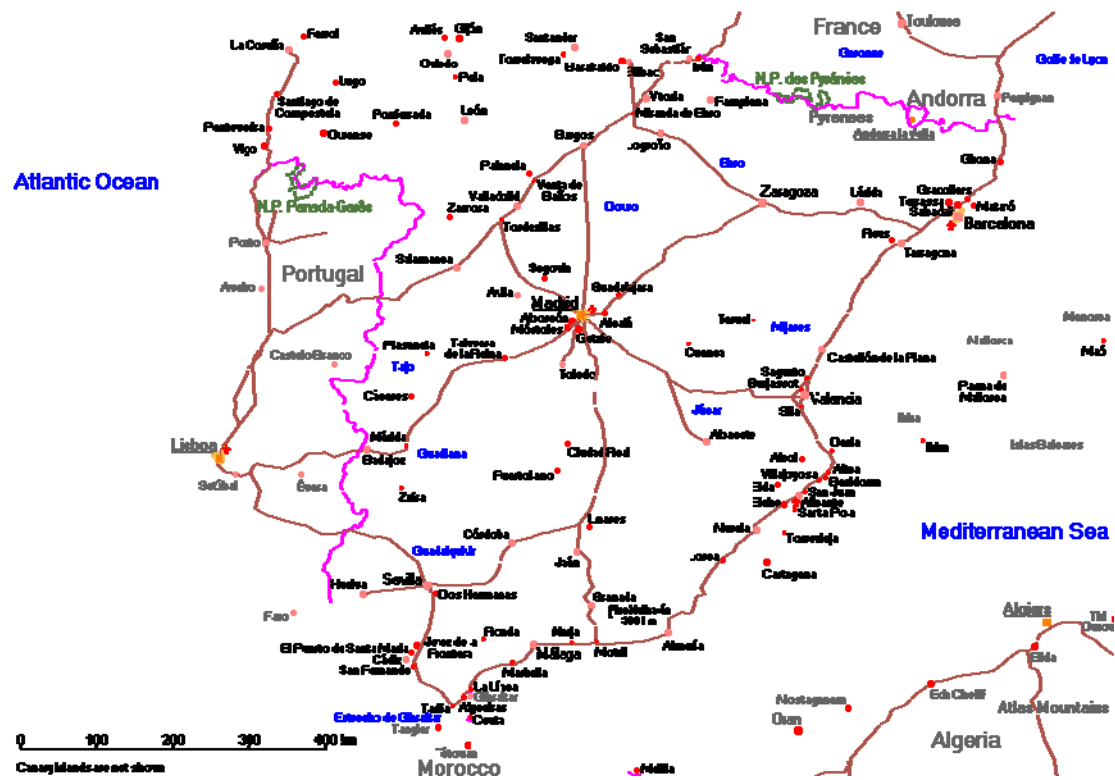
Fonte: Livro de Registros de Associados do Centro Espanhol.

Os associados que não apresentam identificação de origem correspondem a 43,04% e dos associados estrangeiros, contamos com: brasileiros (1,85%), portugueses (0,55%), italianos (0,21%) e argentinos (0,07%), que correspondem a 2,67% do total.

O mapa, a seguir, dá-nos visão geral dos pontos de saída dos imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil:

<sup>201</sup>. Para a elaboração desta Tabela foi utilizada padronização de duas casas decimais, o que levou a existência de uma diferença de 0,05, ocasionada pelos arredondamentos.

MAPA 3



Fonte: Mapa disponível em: <<http://www.etni-cidade.net/espanhóis.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

### Espanha – locais de saída de imigrantes

## ***Capítulo III***

---

**Sonhos e realidade na “Barcelona brasileira”**



É comum encontramos escrito que a cidade de Santos é conhecida pela alcunha de “Barcelona brasileira”. Por que Santos ganhou este apelido?

O cognome de “Barcelona brasileira” foi atribuído à cidade de Santos pela existência, naquela cidade litorânea paulista, de um morro chamado Montserrat que, de nome idêntico, homenageia a montanha espanhola Montserrat, localizada em Barcelona. Registros históricos indicam que seu nome deveu-se à imagem de Nossa Senhora que se encontrava escondida em uma caverna na serra de Monte Serrate, desde o século VI. Séculos depois, durante o pontificado de Leão XIII, aquela imagem foi localizada na região e, devido a isto, conferiu-se à santa a designação de padroeira da Catalunha.<sup>202</sup>

D. Francisco de Sousa, espanhol que foi nomeado governador-geral do Estado do Brasil e capitão-geral da Bahia, em 1590, pelo rei Felipe II da Espanha e I de Portugal, teria introduzido o culto a Virgem de Montserrat na época do domínio espanhol sobre o Brasil. Devoto da Santa construiu em Tacagipe, na Bahia, capela em sua reverência, introduziu sua imagem no Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, em São Sebastião, no Rio de Janeiro, e ergueu ermida na vila de São Paulo no local onde atualmente se encontra o Mosteiro de São Bento.<sup>203</sup>

Deveu-se, também, a dom Francisco a primeira imagem da santa na vila de Santos, quando realizou visita pastoral às capitanias do sul, mandando que se erguesse capela sob a invocação da virgem.<sup>204</sup>

As semelhanças da Barcelona espanhola com a cidade santista estariam restritas aos aspectos geográficos ou esta alcunha sofreu releitura dos historiadores que a utilizaram como referência?

Parece-nos importante retomar as referidas abordagens para melhor entender o que significa o epíteto “Barcelona brasileira”.

---

<sup>202</sup>. Montserrat = serra montanhosa, (Monte Serrate, na forma aportuguesada), nome dado a um grupo de montanhas na região espanhola da Catalunha, cerca de 40 quilômetros a noroeste de Barcelona que, vista de longe, lembra uma serra de madeira. Informação extraída do site: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

<sup>203</sup>. Informação extraída do site: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

<sup>204</sup>. LICHTI, Fernando Martins. *Poliantéia Santista*. In: SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. Santos: Prodesan, 1996, v. 3, p. 153.

Nem todos os autores pesquisados fazem referência à alcunha recebida pela cidade de Santos como a “Barcelona brasileira”, principalmente, aqueles que estudaram a presença espanhola no Brasil de forma mais ampla, ou os que focaram seus interesses no interior paulista e/ou na cidade de São Paulo.

O texto apresentado por Lúcia Maria Guimarães e Ronaldo Vainfas discorre sobre a presença dos espanhóis desde os primórdios da colonização até a última década do século XX, com a chegada da empresa espanhola Telefônica que, num processo de privatização, substituiu a estatal Telesp, no sistema de telefonia do Estado de São Paulo. No texto, lê-se:

A cidade de Santos ganhara o apelido de “Barcelona brasileira”, não só porque abrigava uma numerosa colônia espanhola, que se espraiava nas cercanias da zona portuária, mas também porque se tornara um centro de agitação e organizações operárias, dominadas pelos imigrantes ibéricos, desde o início do século XX.

Tal como acontecia em Barcelona do Mediterrâneo, onde muitos já haviam estado, a luta pela sobrevivência na Baixada Santista era árdua. Os recém-chegados, embora contassem com uma certa guarida dos patrícios já estabelecidos na cidade, disputavam desde as ofertas de emprego menos qualificados, até os espaços de moradia junto aos segmentos mais pobres da população local, sobretudo mestiços e negros que também tomaram o rumo da cidade, após a Abolição da Escravatura. Se, por um lado, a convivência cotidiana constituía-se num fator de assimilação, favorecendo inclusive os casamentos interétnicos, por outro, a concorrência com a mão-de-obra nacional gerava conflitos freqüentes.<sup>205</sup>

Entendemos que a citação de Santos como a “Barcelona brasileira” relaciona-se com os fatos ocorridos em diversos portos pelo mundo, onde as reivindicações trabalhistas sempre ocasionavam lutas e greves que marcaram a história de cada porto.

Alinhar os problemas do Porto de Santos com o do porto de Barcelona, provavelmente, residia no elevado índice de trabalhadores espanhóis envolvidos nos movimentos grevistas que marcaram a cidade por suas reivindicações e pela repercussão em outros portos brasileiros.

---

<sup>205</sup>. GUIMARÃES, Lúcia Maria; VAINFAS, Ronaldo. op. cit., p. 114-115.

Ainda que as condições financeiras desses homens que atravessaram o Atlântico em busca de trabalho e prosperidade em terras brasileiras fosse nenhuma, cabe lembrar que sua cultura e entendimento político estavam muito além do encontrado entre os trabalhadores nacionais que, como os espanhóis, formavam a maior parte da mão-de-obra na Cia. Docas.

Ora, não poderíamos imaginar que trabalhadores espanhóis admitidos em várias atividades nas docas e em seu entorno não influenciassem os nacionais com os quais dividiam suas experiências nas agruras diárias, seus conhecimentos quanto ao valor de seu trabalho e sua participação em movimentos políticos.

Muitos dos espanhóis aqui chegados declaravam-se analfabetos, mas isto não significava a perda de interesse pelos conhecimentos divididos entre os alfabetizados que liam os jornais espanhóis que circulavam na cidade, ou aqui impressos, como a própria Maria Lucia C. Gitahy relacionou em sua pesquisa, o que significava acesso às informações de maior importância ocorrida pelo mundo.<sup>206</sup>

Para Ana Lúcia D. Lanna, os processos rápidos e violentos de transformação pela qual a cidade de Santos passava, fez com que as classes trabalhadoras os vivenciassem com especial truculência, o que lhe rendeu a alcunha de “Barcelona brasileira”, sinalizando que estas mudanças não ocorreram apenas no universo do trabalho onde foram construídas as identidades entre os trabalhadores da cidade. Para ela, é possível perceber:

pequenas resistências cotidianas expressas, por exemplo, na negação à vacinação e à internação nos hospitais de isolamento; na transferência de moradia; na perda dos espaços e formas de lazer; na dificuldade de aceitação de novos padrões de identificação. Mas também existiram na cidade movimentos – que poderiam ser vistos como motins – que expressavam o descontentamento com os novos ordenamentos em construção.<sup>207</sup>

As tensões existentes não se restringiam às formas e aos locais de trabalho, como a difícil relação que estabeleciam entre si e com a sociedade e valores dominantes que tratavam os trabalhadores como promíscuos, viciosos

<sup>206</sup>. GITAHY, Maria Lúcia Caira. op. cit., p. 49-51.

<sup>207</sup>. LANNA, Ana Lúcia D. *Uma cidade na transição: Santos, 1870-1913*. op. cit., p. 168.

e vagabundos. Marginalizados e excluídos, os trabalhadores reagiram de maneiras diversas. Entretanto, as diferenças entre eles causavam profundas tensões, definidas por questões de nacionalidade.<sup>208</sup>

A presença de imigrantes na cidade de Santos foi substancial. Em 1913, os estrangeiros compunham 44,7% da população santista, em um total de 39.802, conforme observamos na Tabela 6.

**TABELA 6**  
**Nacionalidade dos estrangeiros em Santos**

Nacionalidade dos estrangeiros em Santos	População Urbana			Total da população estrangeira		
	Homem	Mulher	TOTAL	Homem	Mulher	TOTAL
Alemanha	344	267	611	389	314	703
Áustria-Hungria	111	85	196	140	106	246
Argentina	56	71	127	67	77	144
Bélgica	67	11	78	68	12	80
Chile	7	1	8	7	3	10
Espanha	4.033	3.043	7.076	4.828	3.515	8.343
Estados Unidos	226	43	269	227	46	273
França	130	115	245	144	122	266
Holanda	23	15	38	46	30	76
Inglaterra	683	95	778	704	112	816
Itália	1.852	1.348	3.200	2.066	1.488	3.554
Japão	358	285	643	364	287	651
Paraguai	6	3	9	7	3	10
Portugal	12.000	6.766	18.865	14.986	8.069	23.055
Rússia	80	115	195	83	120	203
Suíça	25	15	40	36	23	59
Turquia	572	307	879	602	309	911
Uruguai	13	15	28	14	17	31
Africanos em geral	8	3	11	8	4	12
Americanos em geral	18	5	23	20	7	27
Asiáticos em geral	31	3	34	31	3	34
Europeus em geral	189	62	251	202	72	274
Nacionalidade ignorada	11	6	17	16	8	24
<b>TOTAL</b>	<b>20.933</b>	<b>12.679</b>	<b>33.612</b>	<b>25.055</b>	<b>14.747</b>	<b>39.802</b>

Fonte: Recenseamento da cidade e do município de Santos. 1913, p. XVII. Apud. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição: Santos 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 170.

<sup>208</sup>. Ibidem, p. 169.

Os imigrantes portugueses que vinham para a cidade de Santos em busca de propriedade e prosperidade econômica, não faziam parte do fluxo imigratório subvencionado para a grande lavoura. Na maioria das vezes vinham por conta própria ou ajudados por parentes já estabelecidos na cidade.

De acordo com Ana Lúcia Lanna:

Predominavam nos serviços do porto os portugueses e os espanhóis. Sua participação nos movimentos grevistas e como formadores das primeiras associações operárias foi decisiva para constituir uma das muitas imagens da cidade, a de Barcelona Brasileira.<sup>209</sup>

As greves espalhavam-se por várias atividades profissionais e paralisavam a cidade. Representantes consulares eram, por vezes, requisitados a intervir e intermediar o conflito. As paralisações do trabalho resultavam em processos criminais contra os líderes e participantes dos movimentos, chegando à deportação dos estrangeiros envolvidos. A questão do trabalho era tratada pela polícia e não como problema social.<sup>210</sup>

O sonho de “fazer a América”, tão comum no imaginário italiano, não é diferente do sonho espanhol. Abandonar parentes e amigos, vender propriedades, ferramentas e animais e embarcar com destino ao desconhecido, só seria possível ao se acreditar que havia a possibilidade de recuperação econômica e financeira, além do emocional e do psicológico. Podemos considerar que o sucesso dos agentes de imigração só ocorria na medida em que os anseios e as expectativas dos indivíduos fossem elevados.

Os imigrantes espanhóis partiram de suas terras acreditando que a crítica situação enfrentada em seu país seria passageira e que havia possibilidade de retornar. Ficavam para trás a penúria e as crises econômicas e políticas motivadas pelas guerras coloniais.

Corroborando a difícil situação daqueles que emigravam, mesmo clandestinamente, estava à travessia do Atlântico em navios abarrotados onde as condições precárias e insalubres matavam muitos antes da chegada. Os

---

<sup>209</sup>. Ibidem, p. 175.

<sup>210</sup>. Ibidem, p. 195.

espanhóis não conheciam o local de desembarque. Aqueles que seguiram para o planalto com destino ao interior, assinavam contratos não lidos que os colocavam no trato do café, atividade que desconheciam, assim como também desconheciam o país, a língua, os costumes, a vizinhança e até os hábitos alimentares.

O sonho de crescimento e melhorias logo se transformava em arrependimento e muitos passaram a nutrir a idéia de rápido regresso. Para o imigrante, voltar por meio da repatriação ou sem qualquer evolução financeira significava admitir seu fracasso publicamente, com a agravante de pedir auxílio às autoridades para retornar. A repatriação também se destinava às mulheres viúvas e seus filhos, além daqueles que ficavam impossibilitados para o trabalho em função de acidentes ou enfermidades.

Retornar sem a prosperidade alcançada significava enfrentar tamanha humilhação, que, por vezes, preferiam seguir marginalizados e na pobreza, trabalhando no que fosse possível durante 20 horas por dia para chegarem às condições mínimas de sobrevivência. Entretanto, foram esses dedicados imigrantes que aparecem em vários postos de trabalho que sinalizam certa evolução social, uma vez que deixaram seu país de origem, na qual trabalhavam como lavradores e aqui chegaram como mão-de-obra destinada à substituição do escravo liberto e do imigrante italiano. O caráter retardatário criou um descompasso entre as oportunidades efetivas e as expectativas criadas antes do embarque.

As características urbanas do povo espanhol levaram-no a buscar as cidades depois de descobrirem que a vida rural no trato do cafezal, atividade que eles desconheciam e para qual não estavam qualificados, era muito diferente do que a propaganda feita pelos agenciadores de imigrantes e o engodo do subsídio da passagem. Os maus tratados sofridos pelos patrões acostumados a lidar com escravos, o desconhecimento do país, da língua, dos costumes, dos hábitos alimentares impulsionaram muitas famílias a buscarem as cidades depois de abandonarem as fazendas, muitas vezes fugidos.

A opção daqueles que não subiram a serra certamente se embasa em algum prévio conhecimento dessas circunstâncias. Ficar em Santos significava estar próximo do retorno, caso houvesse arrependimento. Quem sabe nesse momento as condições geográficas que lembrassem a velha pátria não fossem

mais um aspecto motivador para elegerem a cidade santista como porto de chegada.

A adaptação daqueles que ali se estabeleceram parece-nos evidentemente mais fácil do que a enfrentada pelos que seguiram para as fazendas de café. Reorganizar a vida num lugar que se assemelha a antiga morada reduzia a ansiedade, ainda que tivessem que enfrentar as moradias coletivas e as epidemias que se multiplicavam pela falta de saneamento e de higiene.

Não se pode negar a dureza do trabalho rural ou do trabalho no cais; em ambos reconhecemos as dificuldades e agruras enfrentadas pelos trabalhadores. Eram muitas as dificuldades que uma cidade em desenvolvimento apresentava. Seguir adiante implicava em agarrar-se ao sonho recorrente de voltar à terra natal, o que evidenciava a intenção declarada de transitoriedade pelo Brasil.

Enquanto o retorno se distanciava da realidade do dia a dia, verificamos o esforço de sobrevivência exercido pelos espanhóis menos abastados, o que representava a grande maioria dos emigrados, engajando-se nos mais variados postos de trabalho e procurando aproximar-se cada vez mais das entidades que pudesse oferecer respaldo.

Os espanhóis que compunham parte da camada melhor aquinhoadas trataram de criar entidades visando o amparo à massa de desfavorecidos. Não se limitaram à formação de sociedades, mas denunciaram em jornais as ações dos fazendeiros, ou ainda, assumiram ações diretamente ligadas à militância política, de tal sorte que sua presença na cidade fosse viabilizada.

Inúmeras foram às associações e agremiações que tentaram se estabelecer, o que revelou evidente fragilidade sistêmica e muitos interesses obscuros por parte das elites econômicas e intelectuais. Aqueles que não conseguiam participação efetiva na vida pública e política do país tentavam descarregar suas ambições na vida associativa da colônia.

Distantes dessa possibilidade de participar da política e mantidos à margem da vida pública, esses imigrantes que acreditavam na ascensão social pela via do trabalho, passam a ocupar novos espaços na vida da comunidade através das agremiações que reverenciavam a solidariedade étnica.

De acordo com Cánovas:

Apenas uma minoria dos espanhóis que aportaram na América conhecia a experiência associativa ou havia participado de alguma associação na Espanha. As sociedades de base étnica, imbuídos do auxílio social aos menos favorecidos procuravam imprimir nos emigrados uma consciência de pertencimento étnico por meio do processo de construção cultural da etnicidade, o que se dará prioritariamente na conjuntura das emigrações em massa.<sup>211</sup>

A construção da etnicidade não ocorreu de forma linear e permanente, uma vez que dependeu da importância que a colônia espanhola foi assumindo em cada país. Dependeu também das relações estabelecidas com as classes dirigentes desses países e de como os espanhóis participavam do imaginário coletivo, aspecto esse que ganhou relevância na medida em que se desfizeram os preconceitos anti-hispânicos nas antigas colônias. Somente o esforço coletivo de colaborar com a metrópole na guerra de 1898, contra os Estados Unidos resultante de um reforço do hispanismo em quase toda a América Latina, ultrapassou o período da guerra e culminando na criação de instituições culturais espanholas nas cidades latino-americanas.<sup>212</sup>

Consta ter sido a cidade de Santos, de forte concentração espanhola, a primeira cidade do Estado a exibir uma agremiação étnica, o Centro Espanhol criado em 1895, sendo o precursor das que se seguiram tanto na capital como no interior.

As ações descontínuas junto aos compatriotas forjam um meio de expressão política que os retiram da marginalização a que se viam submetidas. A vida associativa e cultural transformava a vida dos participantes que através das festas, círculos de conferências, concertos musicais, jornais e teatro dramático passam a ter um espaço de convívio social.

Segundo Cánovas:

---

<sup>211</sup>. CÁNOVAS, Marília D. K. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. op. cit., p. 299.

<sup>212</sup>. *Ibidem*, p. 299.



Há uma estreita e complexa relação entre os espaços da vida comunitária e a identidade cultural que se anseia preservar através deles, pela manutenção de mecanismos capazes de manter viva a memória coletiva do grupo. Podemos notar, no entanto, nas transformações decorrentes do processo de assimilação e integração ocorridos, um redesenho, matizado pela dinâmica da cidade.<sup>213</sup>

As atividades desenvolvidas dentro do Centro Espanhol nos deixa perceber a existência do espanhol e não do galego, do andaluz ou do asturiano. A individualidade desaparece frente ao grupo e se efetiva quando as associações pessoas que se estabelecem na busca do crescimento profissional ultrapassam os muros da associação.

Muitas eram as atividades desenvolvidas na associação entre elas festas comemorativas, concertos musicais, bailes, apresentações teatrais amadoras e dramáticas, reuniões familiares, além das inúmeras reuniões realizadas pela Junta Diretiva, que passaram a ser mais constantes com a elevação do número de afiliados. Por ter construído uma sede própria razoavelmente grande, cedia constantemente os salões para atividades realizadas por outras entidades, conforme já relatamos no capítulo anterior.

Tendo como objetivos principais a beneficência, a educação e a recreação, verificamos a preocupação com a criação de uma escola onde os sócios e seus filhos pudessem estudar.

A grande preocupação com as camadas menos favorecidas levavam os dirigentes da entidade a custearem as despesas com internações hospitalares, com as situações de desemprego e também auxiliando nos funerais.

Observamos ainda a necessidade da arrecadação mensal para que houvesse numerário suficiente para muitas atividades, além das muitas doações feitas pelos associados e por outros tantos que se preocupavam com as dificuldades enfrentadas.

A vida e as atividades desenvolvidas pelo Centro Espanhol foi motivo de nosso capítulo anterior, motivo pelo qual não nos deteremos aqui.

---

<sup>213</sup>. Ibidem, p. 439.

Através de alguns casos específicos analisamos a dinâmica de vida de alguns espanhóis filiados ao Centro Espanhol. Se eles não alcançaram o “sonho de fazer a América”, certamente ficaram muito próximos.

### ANTONIO VAZQUEZ FERNANDEZ

Natural da Espanha, Antonio Vazquez Fernandez matriculou-se no Centro Espanhol no ano de sua inauguração.<sup>214</sup> Entretanto, encontramos nos registros da Câmara Municipal de Santos, em 1887, seu pagamento de licença para o funcionamento de uma quitanda.<sup>215</sup> Em 1889, pagou licença para um letreiro e, em 1890, pagou licença por três carroças. Acreditamos que ele participou do pequeno comércio santista, como carroceiro, transportando mercadorias que vendia em sua quitanda. Não podemos avaliar a complexidade de seus negócios, mas é certo que tenha trabalhado muito para se manter nessa atividade.

Sua participação junto ao Centro nos possibilita avaliar uma ascensão econômica, tendo em vista que no período de 20 anos pesquisados foram encontradas apenas três doações consideradas intermediárias, ou seja, sua primeira doação correspondia a 50% de uma ação do Centro Espanhol, 25\$000 réis. A segunda, o equivalente a 10% de valor de uma ação e a terceira, 20% do valor de uma ação, além de terem ocorrido num espaço de tempo considerável, pelo menos entre a primeira e a segunda doação passaram-se 19 anos. A terceira doação ocorreu no ano subsequente à segunda.

Ao observar as solicitações de pagamento de licença na Prefeitura Municipal de Santos, em 1912, encontramos dois pedidos: um para vender pão em cesta e outro para manutenção.<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup>. Livro de Memórias do Centro Espanhol com os demonstrativos de atividades dos associados.

<sup>215</sup>. Livro de Despesas e Receitas da Câmara Municipal de Santos.

<sup>216</sup>. Nos Livros de Despesas e Receitas da Câmara Municipal de Santos ou de Arrecadação de Diversos Impostos da Prefeitura Municipal de Santos encontramos por diversas vezes o pagamento de licença por “manutenção”, o que nos faz acreditar que seja pela manutenção de licença anteriormente solicitada.

Pela diversificação em suas licenças acreditamos que Antonio Vazquez Fernandez tenha se esforçado bastante para permanecer no comércio, e que entre a quitanda, os transportes e a venda de pães.

Observamos, em 1943, em um documento de compra e venda, que o senhor Vazquez vendeu seu Botequim e Café Santo Antonio, situado à Rua Tuiuty, n. 38, com todas as suas mercadorias, móveis e utensílios, por Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).<sup>217</sup> Este fato nos leva a acreditar que esse senhor tenha dedicado sua vida às atividades comerciais, e que não foi de todo ruim, pois a indicação da venda desse comércio mostrou que ele ficou com algum dinheiro.

### CIRIACO GONZALEZ

A presença de Ciriaco Gonzalez no Centro Espanhol evidencia-se nas comissões de obras e nas participações que atuou na Junta Diretiva nos anos de 1905, 1915 e 1917.<sup>218</sup>

As informações disponíveis nos indicam sua presença no ramo da construção civil, enquanto o Centro era construído. Entretanto, acreditamos que ele ainda não era autônomo, já que só em 1912 encontramos solicitação para pagamento de licença para obras, andaimes e placas junto à Prefeitura Municipal de Santos.<sup>219</sup>

Natural de Pontevedra, na Espanha, sabemos que ele se matriculou, em 1895, no Centro Espanhol. Observamos sua evolução como profissional da área da construção civil nos vários anos em que aparece como associado e participante da Sociedade, e que, com o passar do tempo, tenha empreendido outras obras fora da associação, tendo em vista o padrão de suas doações ao Centro que vão sofrendo sensível melhoria.

---

<sup>217</sup>. Arquivo do Cartório de Registro de Títulos, nº 3, p. 8, nº de ordem 1103, de 24 de agosto de 1943. Cartório Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas, Comarca de Santos, Estado de São Paulo, 2008.

<sup>218</sup>. Livro de Memórias do Centro Espanhol com os demonstrativos de atividades dos associados.

<sup>219</sup>. Livro de Arrecadação de Diversos Impostos da Prefeitura Municipal de Santos.

Localizamos nove doações realizadas ao Centro Espanhol, no período de 1896 a 1920. Sua primeira doação, em 1896, no valor de 20\$000 réis, correspondente a 20% do valor de uma ação, que equivalia a 50\$000 réis. A segunda doação foi efetuada em 1905, ou seja, nove anos após a primeira, no valor de 12\$000 réis. Em 1906, foram feitas três doações, nos valores seguintes: 16\$000 réis, 30\$000 réis e 10\$000 réis. No ano subsequente, empreendeu vultosa doação da quantia de 299\$000 réis. Quatro anos depois, em 1911, nova doação foi realizada no valor de 100\$000 réis. Novamente, após quatro anos, em 1915, doou 10\$000 réis. E, em 1916, encontramos a indicação de sua última doação no valor de 50\$000 réis.<sup>220</sup>

Acreditamos que, em um primeiro momento, seu trabalho não era classificado como qualificado, porque ele não possuía registros junto à Câmara ou Prefeitura Municipal de Santos; entretanto, após alguns anos de dedicação e esforços, seus objetivos foram alcançados, o que o levou a ser reconhecido nos meios santista como construtor que passaram a solicitar seus serviços.

Seu envolvimento, tanto com a colônia espanhola radicada em Santos quanto com o ramo da construção civil, levou-o a se associar a Antonio Alonso Gonzalez, Manuel Vallejo e aos Irmãos Flores, para explorar a circulação dos bondinhos do Monte Serrate, que começaram a funcionar em 1927, sob a designação de Sociedade Anônima Elevadores Monte Serrate.<sup>221</sup>

No ano de 1940, encontramos o senhor Ciriaco Gonzalez, domiciliado à Av. Presidente Wilson, n. 20, comprando um automóvel novo, marca Plymouth sedan, de quatro portas, com mala, tipo 1939, no valor de 17:109\$300 réis, em 12 parcelas de 316\$100 réis, com entrada de 13:316\$100 réis.<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> . Livro de Memórias do Centro Espanhol.

<sup>221</sup> . LICHTI, Fernando Martins. op. cit..

<sup>222</sup> Arquivo do Livro de Registro de Títulos nº C.2, p. 57, nº de Ordem 4024, do Cartório Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas, Comarca de Santos, Estado de São Paulo, 2008.

## FAMÍLIA FLORES E À LEONEZA

O nome “Flores” está presente desde a fundação do Centro Espanhol, em 1895, quando Justino Flores Fernandez<sup>223</sup> foi eleito vice-presidente da 1ª Junta Diretiva da Associação e Francisco Flores Fernandez como Membro da Junta.<sup>224</sup>

Naturais da cidade de Goyan, na Espanha, os Flores tiveram participações importantes na manutenção e funcionamento do Centro colaborando para obtenção de uma administração que garantisse os objetivos de seus fundadores de manterem as tradições e a união dos conterrâneos espanhóis.

Encontramos nos Livros de Memórias do Centro Espanhol a presença de Francisco Flores Fernandez na Junta Diretiva do Centro, nos anos de 1895, 1899, 1904, 1910, 1911 e 1918, em diversos cargos, sendo em 1920, o 1º Vice-Secretário da Mesa do Conselho Diretor, enquanto Agustín Flores Nieto assumia a Presidência da Junta Diretiva.

Localizamos também matriculados no Centro A. Flores (Agustín Flores) e Felix Flores Nieto, não havendo possibilidade de identificação de parentesco entre eles.

É provável que a família Flores tenha conseguido um padrão de riqueza acima do de outras famílias espanholas e essa constatação pode ser feita através das doações feitas por eles em todos os anos pesquisados.

Em 1896, Justino Flores fez uma doação no valor a 100\$000 réis, o que correspondia a duas ações do Centro, enquanto Francisco Flores Fernandez doava 50\$000 réis, o valor de uma ação.

Francisco Flores Fernandez fez várias doações durante o período analisado (1895 a 1920). Em 1902, doou 15\$000 réis. Nos anos de 1906 e 1907 empreendeu a doação de 8\$000 réis em cada ano. Em 1911, fez doação

---

<sup>223</sup>. Importante lembrar que os registros espanhóis colocam o sobrenome do pai primeiro do que o sobrenome da mãe. No Brasil, ocorre exatamente o contrário. Outra observação relevante a ser feita é quanto ao uso de “z” na finalização dos nomes espanhóis, que ao serem grafados no Brasil passam a ser feitos com “s” ou “z”.

<sup>224</sup>. Livro de Memórias do Centro Espanhol com os demonstrativos de atividades dos associados.

da quantia de 107\$000 réis. Em 1913, fez duas doações nos valores de 22\$500 réis e 42\$000 réis. Em 1915, doou 5\$000 réis.

Não sabemos se os irmãos Flores vieram para o Brasil com passagem subsidiada, mas certamente sua trajetória não deve ter sido nada diferente dos demais espanhóis que sonhavam com uma vida melhor e se dedicaram ao trabalho como única arma de prosperidade ou de sobrevivência. Não há registros de que tenham iniciado sua fábrica de doces de forma caseira e que, com o passar dos anos e com o esforço conjunto tenham chegado em 1904 como fundadores da *À Leoneza Comercial e Industrial*, fábrica de doces, principalmente, à base de banana, na Rua da Constituição, que ficou muito conhecida não apenas na comunidade santista.<sup>225</sup>

**FIGURA 2**



Fonte: Detalhe da fachada da fábrica de doces À Leoneza, em Santos. Imagem disponível em: <<http://www.novomilenio.info.br/santos/h0094a.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

### **Detalhe da fachada da fábrica À Leoneza Comercial e Industrial**

<sup>225</sup>. Informações disponíveis no site: <<http://www.novomilenio.info.br/santos/>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

A origem do nome *Leoneza*, de acordo com Samanta Ullmann, explica-se pela origem do próprio termo banana: “a palavra banana é originária das línguas serra-leonesa e liberiana (costa ocidental da África)” e “foi simplesmente incorporada pelos portugueses à sua língua”. A banana sempre foi um produto muito associado à baixada santista, por ser através do Porto de Santos que foi escoada parcela importante da produção nacional dessa fruta. O auge do “ciclo da banana” deu-se na metade do século XX e quando do seu declínio significativo tanto para a exportação quanto para a industrialização, provavelmente a época em que a fábrica tenha sido desativada.

**FIGURA 3**



Fonte: Fachada da fábrica de doces À Leoneza, em Santos. Imagem disponível em: <<http://www.novomilenio.info.br/santos/h0094a.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

### **Fachada da fábrica À Leoneza Comercial e Industrial**

Conta-se nos meios santistas que À Leoneza tenha sempre comparecido aos eventos que poderiam beneficiar os necessitados. Um dos eventos registrados na historiografia santista é a confecção de um hidroavião inteiramente fabricado de doce e trabalhado com capricho a ser leiloado durante a festa em homenagem aos pilotos portugueses, Contra-Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral, que fizeram à travessia aérea do Atlântico e que visitaram Santos em julho de 1922. O dinheiro arrecadado

(160\$000 réis), com o leilão, foi destinado às famílias dos marujos brasileiros que pereceram no naufrágio do Avaré, mostrando assim a participação da colônia espanhola nas atividades da sociedade Santista.<sup>226</sup>

Encontramos referência da família Flores também na sociedade com outros espanhóis para a exploração dos bondinhos do Monte Serrate que começou a funcionar em 1927, na Sociedade Anônima Elevadores Monte Serrate, dirigida por Antonio Alonso Gonzalez, Ciriaco Gonzalez, Manuel Vallejo e irmãos Flores.<sup>227</sup>

Outra informação interessante é a presença dos herdeiros dos irmãos Flores como proprietários do primeiro estabelecimento de varejo alimentício, em Santos, o Mercado Luiz XV S.A. que adotou o sistema de *pegue e pague*, usando fileira de caixas registradoras para o processo de contabilização de mercadoria e pagamento.<sup>228</sup>

### FAUSTINO VAZQUEZ

Natural de Coruña, Faustino Vazquez já marcava presença na cidade de Santos por volta de 1870, quando, a autora Ana Lúcia Duarte Lanna<sup>229</sup> analisa a evolução do lazer na cidade e comenta as freqüentes perturbações das noites santistas em função das brigas e má conduta dos freqüentadores do hotel Madri, conforme relata:

No início da década de 1870, a cidade foi agitada por conflitos em torno de dois famosos hotéis que abrigavam prostitutas – Hotel América, propriedade de Manuel Teixeira Alves Bastos e o Hotel Madri, cujo proprietário era Faustino Vasquez. Vasquez será, mais tarde, tutor dos filhos de Quintino de Lacerda, considerado homem probo e digno para exercício desta função. Foram feitos abaixo assinados e sucessivas reclamações por

---

<sup>226</sup>. Ibidem.

<sup>227</sup>. LICHTI, Fernando Martins. op. cit..

<sup>228</sup>. Informações disponíveis no site: <<http://www.novomilenio.info.br/santos/>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

<sup>229</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na Transição - Santos: 1870-1913*. op. cit..



causa das gritarias, cenas de baixo-calão a que seriam obrigadas a conviver as “famílias de bem”, vizinhas a esses prostíbulos, aparentemente freqüentados por todos, independente de posição social.<sup>230</sup>

Na mesma obra, volta a citar Faustino Vazquez em 1898, quando do enterro de Quintino de Lacerda:

Foram enviadas muitas coroas de flores, dentre elas as de Américo Martins dos Santos, abolicionista, Faustino Vasquez, futuro tutor dos filhos de Quintino e sogro de um deles, Alzira que se casou com seu filho Manuel Vasquez, e o Partido Republicano Federal.<sup>231</sup>

E, mais adiante, ao tratar do litígio pelo arrendamento de terras entre Quintino de Lacerda e Benjamin Fontana, quando este pediu o cancelamento da tutoria, alegando que Faustino Vazquez não era capacitado para administrar os bens deixados por Quintino, “tendo em vista seu passado de mau negociante, e o fato de ele não estar depositando em juízo os rendimentos das 60 ou 70 casas e capinzais que deveriam render cinco contos de réis por mês”.<sup>232</sup>

Podemos identificar, primeiramente, a participação de Faustino Vazquez no setor hoteleiro de Santos, o que se confirmará em nossa pesquisa com as solicitações das diversas licenças para hotel, bilhar e venda de bebida alcoólica junto a Câmara Municipal de Santos já em 1882 e que se repetem até 1888.<sup>233</sup> A partir de 1912, as licenças solicitadas são para área de cocheira, animal e condutor, o que poderia significar uma participação no setor de transportes.<sup>234</sup>

Percebemos nas colocações feitas por Ana Lúcia D. Lanna que houve momentos em que a sociedade santista considerou o proprietário do Hotel Madri como figura indesejada para o bem-estar da cidade, que estava em busca de uma nova identidade e passando por profundas modificações. Em contraponto, parece identificar nesse indivíduo, alguém capaz de assumir a

---

<sup>230</sup>. Ibidem, p. 143.

<sup>231</sup>. Ibidem, p. 195.

<sup>232</sup>. Ibidem, p. 209.

<sup>233</sup>. Livro de Despesas e Receitas da Câmara Municipal de Santos.

<sup>234</sup>. Livro de Arrecadação de Diversos Impostos da Prefeitura Municipal de Santos.

criação dos filhos de uma figura proeminente nos meios santistas, mas que é desconsiderado por ter reputação de mau negociante e mau pagador, segundo alegações de alguém que gostaria de substituí-lo na função.

Como associado do Centro Espanhol, percebemos um grande envolvimento com as causas da associação, principalmente quando estas ações resultam em melhorias para o edifício, ou ainda como colaborador da administração ou participante da Junta Diretiva do mesmo, com a realização dos objetivos de manter as tradições e a colônia espanhola unida.<sup>235</sup>

### JOSÉ CABALLERO

Ainda que José Caballero não tenha marcado presença no Centro Espanhol, como seus conterrâneos, sabemos que ele o fez em benefício da Santa Casa de Misericórdia de Santos, que recebeu sua fortuna quando este faleceu em 16 de dezembro de 1903. Como gratidão, a Irmandade fez erguer um busto nos jardins do hospital em sua homenagem.<sup>236</sup> A obra coube ao escultor Egisto Bertozzi e foi inaugurada em 24 de junho de 1920. O monumento apresenta uma “faixa” com três palavras latinas que expressam os sentimentos de seus beneficiários: *Labor*; *Charitas*; *Fraternitas* (Trabalho; Caridade; Fraternidade).

Santos com seu clima abafado, quente e sem ventilação e, principalmente pela falta de encanamento de água para as residências, fez prosperar um tipo de estabelecimento bastante diferenciado no século XIX: as casas de banho. Duas delas foram instaladas na cidade Santista.<sup>237</sup>

Por volta de 1870, na Praça dos Andradas, n. 25, surgiu a primeira casa de banhos com o nome *Ao cisne Santista*, de propriedade de J. J. Marty. Em 1884, seu proprietário passou a ser Bernardo Ferrero dos Santos, que não se dando bem com o negócio, passou-o no ano seguinte à firma Valentim João

---

<sup>235</sup>. Livro de Memórias do Centro Espanhol com os demonstrativos de atividades dos associados.

<sup>236</sup>. Ibidem.

<sup>237</sup>. Informação extraída do site: <<http://www.novomilenio.info.br/santos/h0256.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2008.

Pereira & Cia. que após ampliação e reformas, colocou na casa bilhares e jogo de bolas.

José Caballero, solteiro espanhol natural de Vigo, foi proprietário da segunda casa de banho de Santos, datada de 23 de maio de 1876, localizada na Rua Antonina, n. 7, atual trecho da Rua XV de Novembro, entre a Rua Frei Gaspar e a Rua do Comércio.<sup>238</sup> A casa tinha a capacidade de oferecer até vinte banhos diários.

**FIGURA 4**

**CASA DE BANHOS**  
**N. 90**  
RUA 25 DE MARÇO

---

Banhos frios e quentes á qualquer hora

BANHOS DE CHUVA

---

PREÇOS :

1 banho .....	1\$000
Assignatura por mez (30 banhos).....	20\$000

---

*Casa preparada com todas as commodidades, tendo um bem sortido BOTEQUIM onde se encontra bebidas das melhores marcas, cervejas geladas, etc.*

---

Proprietario **JOSE' CABALLERO**

Fonte: Anúncio da Casa de Banhos de José Caballero, em 1887. Publicado no Indicador Santista, de 1887, de Adauto Lima, Vicente de Carvalho e Moraes Jr., impresso na Tipografia a Vapor do *Diário de Santos*, em Santos (São Paulo), no ano de 1887. Acervo: Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos.

### **Anúncio da Casa de Banhos de José Caballero (1887)**

<sup>238</sup>. Nos registros do Centro Espanhol declarou-se original de Pontevedra.

Se a primeira casa de banhos, depois de reformada, passou a oferecer aos seus clientes um salão para jogo de bolas e bilhar, a casa de José Caballero oferecia um botequim onde se podiam consumir bebidas sortidas da melhor qualidade e, também, cerveja gelada.

As casas de banho tinham bom movimento e clientela própria, o que depois de muitos anos de dedicação e muito trabalho, transformou José Caballero num homem de recursos financeiros admiráveis. Não temos registros que indiquem se o senhor Caballero tenha vindo para o Brasil com algum dinheiro ou não, mas certamente soube tirar proveito de seu trabalho na casa de banhos.

Encontramos referências sobre esse imigrante espanhol na pesquisa realizada por Ana Lúcia Duarte Lanna que, ao referir-se ao tratamento dispensado as mulheres, contou-nos:

Em 1880, Antonia Lessa residente em Santos há quase doze anos e proprietária de uma loja de fazendas e miudezas, entrou na justiça com processo de injúria contra José Caballero. Este era um importante negociante local, proprietário de terrenos nos morros e também de “modernas casas de banhos” na cidade. Dizia a referida senhora que, além de ter sido “atrozmente injuriada e ameaçada” e receosa de alguma “afinidade brutal”, foi refugiar-se na casa de seu vizinho João Manuel Alfaia Rodrigues, também comerciante local. Caballero foi a casa de Alfaia e continuou insultando a ofendida, chamando-a de “puta ordinária e safada, dentre outras coisas”. Na carta enviada a justiça afirmava que “residindo ela entre famílias estas não a obrigassem com o auxílio da lei a conter-se em ordem e não atacar o pudor, honra e tranqüilidade das mesmas famílias. É princípio que a lei é igual para todos mas quando um homem esquece seus direitos e ofende a uma mulher de qualquer condição que seja parece que essa tem direito de esperar da justiça maior proteção tanto quanto pode dispensar.”<sup>239</sup>

Observando as indicações de tal processo, podemos imaginar que esse senhor possa ter sido enganado pela mulher e que ao buscar satisfações,

---

<sup>239</sup>. LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição: Santos 1870-1913*. op. cit., p. 233-234. Referente ao *Processo por injúria de Antônio Lessa contra José Caballero*. 1880, AGFCS, caixa 140. Em 11 de dezembro de 1880 o advogado escreve uma carta desistindo do processo, pois Caballero teria ameaçado entrar com vários processos na justiça contra a ofendida. É muito comum que os processos por injúria acabem por desistência do pretensamente ofendido. Apud. Ibidem, p. 234.

tenha se excedido no tratamento da questão. Parece pouco provável que tal situação tenha interferido em seus relacionamentos sociais.

Em 1886, José Caballero tirou a sorte grande de Montevideú, ganhando a bolada de 50.000 pesos. Distribuiu essa fortuna entre amigos e pessoas necessitadas e à Sociedade Portuguesa de Beneficência, à Humanitária dos Empregados no Comércio, à Emancipadora 27 de Fevereiro e à Santa Casa de Misericórdia, onde participava como Irmão da Santa Casa, de cuja Irmandade se afeiçoou.

É bem provável que suas ligações com os portugueses das diversas associações mencionadas tenham tido laços mais fortes do que com seus conterrâneos espanhóis, uma vez que sua participação no comércio de Santos remonta ao ano de 1876, onde não se conhece qualquer associação que agregasse os imigrantes espanhóis que vivessem na cidade.

**FIGURA 5**



Fonte: *Ribs. Casa de Banhos de José Caballero. Bico-de-pena.*

### **Casa de Banhos de José Caballero**

## MANUEL VALLEJO

Em 1900, Manuel Vallejo veio sozinho de Creciente, Espanha, para o Brasil, aos 11 anos de idade. Começou a trabalhar como ajudante de padeiro e dormia em cima de sacos de farinha para juntar dinheiro.<sup>240</sup>

Em 1906, então com dezessete anos, encontramos Manuel Vallejo filiando-se ao Centro Espanhol e podemos observar que o nome Vallejo aparece com bastante frequência entre vários associados e colaboradores da sociedade, o que nos faz supor que outros parentes ou irmãos de Manuel, também já estivessem vindos para o Brasil ou o aguardariam aqui.<sup>241</sup>

Manuel Vallejo juntamente com mais seis sócios espanhóis construíram o Cassino do Monte Serrat, inaugurado em 3 de setembro de 1927, e que era muito procurado por empresários e autoridades que não queriam ser vistos numa mesa de jogo. Para tanto, o Cassino, também responsável pelo sistema de funiculares, mantinha as cortinas do bondinho fechadas até chegarem ao topo do monte.<sup>242</sup> Aliás, não se tratava apenas de um cassino, mas um complexo que reunia cassino, bondinho e salões de festa. O cassino possuía uma sala no piso inferior, cuja entrada era proibida às mulheres e franqueada apenas aos homens que quisessem jogar “pesado”.

Com a denominação de Cassino Elevadores Monte Serrat S.A, o complexo passou a ser administrado individualmente por Manuel Vallejo a partir de janeiro de 1946. Com a sua morte, assumiram a responsabilidade da empresa que passou a chamar-se Monte Serrat – Cassino Elevadores Ltda., os filhos Gines, Manuel e Cândido Vallejo.<sup>243</sup>

---

<sup>240</sup>. Informação extraída do site: <<http://www.novomilenio.info.br/santos>>. Acesso em: 10 jun. 2008. Matéria de 20 de agosto de 2006, assinada por Tatiana Lopes. *Cassinos: 60 anos sem o glamour dos jogos*. Estas notas aparecem como relato de Carolina Vallejo Ozores, cujo dois bisavôs construíram o cassino.

<sup>241</sup>. Livro de Memórias do Centro Espanhol com os demonstrativos de atividades dos associados.

<sup>242</sup>. O bondinho foi inaugurado em 1º de julho de 1927, pela Sociedade Anônima Elevadores Monte Serrat, dirigida por Antonio Alonso Gonzalez, Ciriaco Gonzalez, Manuel Vallejo e irmãos Flores. Conferir: LICHTI, Fernando Martins. op. cit..

<sup>243</sup>. Ibidem.

Mesmo depois da proibição dos jogos de azar no Brasil, em 1946, o Cassino continuou funcionando clandestinamente e o Monte Serrate era visto como local estratégico, já que a fiscalização policial precisaria subir pela escada ou pelo bonde, o que dava tempo suficiente para que os freqüentadores se espalhassem.

Em 1998, os salões do cassino passaram a servir à festas, contando com bondes restaurados. Naquele local funcionou uma cafeteria que mantinha uma réplica do balcão original dos tempos do cassino.

Atualmente, no alto do antigo edifício onde funcionava o cassino, estão apenas as instalações de retransmissores de TV da capital e os amplificadores radiofônicos da Secretaria de Segurança, assim como um posto de observação do Serviço Semafórico de Santos.<sup>244</sup>

---

<sup>244</sup>. Informação extraída do site: <<http://www.novomilenio.info.br/santos>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

## ***Conclusão***

---



Nesta Tese procuramos, com base na análise de dados coletados sobre a imigração espanhola, compreender a dinâmica que se estabeleceu na cidade de Santos, a partir de 1882, com a chegada dos espanhóis que permaneceram na urbe litorânea paulista, não seguindo o fluxo da maioria dos imigrantes que se destinavam ao Oeste Paulista, a engrossar o contingente da mão-de-obra européia destinada ao trabalho da lavoura de café. A falta de qualificação, o desconhecimento das atividades desenvolvidas no cafezal e a opção em não seguir para o interior levaram os imigrantes espanhóis a eleger a cidade santista como local de chegada.

Apresentamos, inicialmente, no primeiro capítulo, a descrição da urbanização santista que abriu espaço para os recém-chegados. Muitos dos imigrantes desembarcados no porto santista eram originários de lugares empobrecidos da Espanha, que atravessaram o oceano Atlântico em busca de melhores oportunidades de vida, fugindo das dificuldades agrícolas e do receio de seguirem para alguma das guerras colônias, na qual a Espanha envolveu-se ao longo da segunda metade do século XIX e princípios do século seguinte.

As transformações urbanas levaram a antiga cidade colonial de Santos à condição de Porto mais importante do país, principalmente, nos anos em que a exportação do café atingia o seu auge, no final do oitocentos e início do novecentos. O próprio porto passou por radicais transformações que o modernizaram e o capacitaram para essa tarefa, pondo fim aos antigos trapiches.

As medidas saneadoras chegaram, juntamente, com as reformas portuárias, já que do enorme lodaçal que cercava o local emanavam epidemias que matavam os habitantes de Santos. A chegada da mão-de-obra imigrante, em substituição ao trabalho escravo, aumentou as inúmeras moradias precárias e coletivas, local onde proliferavam a prostituição e a marginalidade. Os trabalhadores passaram a ocupar, também, os morros em busca de melhores condições de habitação, quando as ações saneadoras passaram a destruir os cortiços.

Observamos um panorama de crescimento nas atividades portuárias e, também, no comércio que se desenvolvia em seu entorno. Nesse momento, percebemos a participação dos imigrantes espanhóis em várias atividades, tanto no cais como no comércio.

Apresentamos, ainda no primeiro capítulo, a descrição dos povoados originários da chamada “emigração tardia” e as condições delicadas enfrentadas por eles ao entrar no Brasil, levando-nos a compreender a expectativa trazida por esses imigrantes no sonho de fazer a América. Nesse mundo de sonhos destacaram-se os agenciadores de imigração que aventavam as vantagens e as possibilidades de a imigração melhorar a vida daquelas pessoas. A motivação deu-se, também, pela possibilidade de ascender socialmente e pela prosperidade financeira, amparada pela comunicação estabelecida com seus compatriotas estabelecidos na cidade de Santos.

Identificamos nos espanhóis uma postura de aceitação para o trabalho no cais, no comércio e na construção civil, onde o trabalho era tão pesado quanto o realizado nas fazendas de café. Como trabalhadores incansáveis, os espanhóis investiram no tempo de trabalho o que lhes faltavam em tempo para os negócios.

A proximidade com o porto e a possibilidade de pronto retorno no caso de arrependimento, o que raramente acontecia, minimizava as dificuldades com o idioma e os costumes enfrentados. Santos apresentava aspectos geográficos muito parecidos com as terras espanholas, fato este que lhe rendeu a alcunha de “Barcelona brasileira”.

No segundo capítulo expusemos a idéia de que os espanhóis se uniram em associações e/ou agremiações assumindo caráter de importância frente às necessidades de muitos que pertenciam às camadas carentes. O Centro Espanhol nasceu para intermediar e abrigar as causas dos seus conterrâneos, apoiando-os nos momentos delicados das várias epidemias ocorridas no período, e até mesmo no direcionamento daqueles que, mesmo tendo se declarado lavrador para conseguir subvenção na passagem de vinda, poderiam dar continuidade em suas verdadeiras profissões.

Dentro dessa associação verificamos a dinâmica desenvolvida por uma minoria que conseguiu certa projeção social que os aproximava das elites que compunham a sociedade santista, levando-os a intensificar suas relações com o país de origem, onde permaneciam longas temporadas.

Cabia às associações desenvolverem atividades que aproximassem os conterrâneos, tais como bailes, festas comemorativas, concertos musicais, apresentações teatrais dramáticas ou amadoras, reuniões familiares, além de emprestar suas dependências a outras entidades menores que não possuíam espaço para realização de algum evento significativo.

A preocupação da associação não recaía apenas nas questões recreativas; eles criaram uma escola para os filhos de seus associados. Verificou-se, também, a preocupação com a assistência financeira prestada aos que ficassem desempregados ou àqueles que necessitassem de atendimento hospitalar. A ajuda, também, esteve presente no momento que algum de seus membros falecia. As ações destinadas à beneficência contavam com doações feitas pelos associados, além do pagamento de mensalidades.

O sonho de “fazer a América” não foi de todo impossível para alguns espanhóis, como vimos ao longo do segundo e do terceiro capítulos, ao participarem ativamente dos eventos patrocinados pelo Centro Espanhol.

Através de seis casos detidamente pesquisados, verificamos a ascensão social desses indivíduos. Ao analisar suas trajetórias de vida, percebemos que, a exceção de Antonio Vazquez Fernandez, todos chegaram a ter projeção na sociedade santista. Ainda que eles representassem a minoria, acreditamos que sua permanência em Santos possibilitou-lhes e a muitos outros imigrantes espanhóis a sobrevivência que, certamente, não lhes seria facultada na Espanha. Seus sonhos se materializaram na trajetória de muitos de seus descendentes.

## ***Fontes***

---

**Centro Espanhol (Santos / São Paulo)**

- Registro dos Sócios – iniciado em 1895 (manuscrito)
- Livro de Memórias e Demonstrativos de Atividades junto à comunidade e aos associados (impressos)

**Fundação Arquivo e Memória de Santos (Santos / São Paulo)**

- Livros de Despesas e Receitas da Câmara Municipal de Santos, de 1882 a 1899 (manuscritos)
- Livros de Arrecadação de Diversos Impostos da Prefeitura Municipal de Santos, de 1912 (manuscritos)
- Atas da Assembléia Legislativa de Santos (manuscrito)
- Livro de Enterramento no Cemitério Paquetá (manuscrito)

**Associação Comercial de Santos (Santos / São Paulo)**

- Relatórios da Associação Comercial de Santos, de 1881 a 1921 (impresso)
- Lista dos Sócios da Associação Comercial de Santos (manuscrito)

**Museu do Porto de Santos (Santos / São Paulo)**

- Livro Folha de Pagamento, de dezembro de 1888 a janeiro de 1891 (manuscrito)
- Livro Histórico dos Empregados Adidos (manuscrito)
- Relatórios da Diretoria, de 1893 a 1986 (impresso)
- Relatórios de Diretoria, de 1895 (manuscrito)

**Companhia Docas de Santos (Rio de Janeiro / Rio de Janeiro)**

- Relatórios Financeiros de Diretoria (impressos)

**Arquivo Nacional (Rio de Janeiro / Rio de Janeiro)**

- Cópia dos livros de desembarques no porto de Santos (microfilme)

**Cartório Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Santos (Santos / São Paulo)**

- Arquivo de Registros de Compra e Venda

## ***Bibliografia***

---

AGUIAR, Cláudio. *Os espanhóis no Brasil: contribuição ao estudo da imigração espanhola no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ALVARO, Guilherme. *A campanha sanitária em Santos*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, 1919.

ALVIM, Zuleika M. F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMARAL, José B. de Souza. *Os efeitos negativos da imigração*. São Paulo: [s.n.], 1952.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Saraiva, 1957.

AZEVEDO, Aroldo (Coord.). *A Baixada Santista*. São Paulo: Edusp, 1965.

BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*. São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os companheiros de São Paulo: ontem e hoje*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord). *São Paulo: uma longa história*. São Paulo: CIEE, 2004. (Série Nossa História).

CANO, Wilson. *Raízes da contratação industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1977.

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *A imigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Hambre de tierra: imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930*. São Paulo: Lazuli, 2005.

\_\_\_\_\_. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. São Paulo, 2007 (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. ; BRIGNOLI, Héctor Perez. *Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CARONE, Edgar. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Martins, 1961.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Da Monarquia à República*. 7. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difel; Edusp, 1971. (Corpo e Alma do Brasil, XXXIII).

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História, v. 3).

DIAS, José Roberto de Souza; TEIXEIRA, Vera Iten; SANCHES, Denise Paraná. *Santa Catarina: imigrantes & indústria*. São Paulo: Rios, 1987.

FALEIROS, Rogério Naques. Homens do Café: Relações de Trabalho em Franca / SP 1890 – 1920. Artigo correspondente à versão reduzida do segundo e terceiro capítulos da dissertação *Homens do Café: Franca 1880- 1920*, Instituto de Economia da Unicamp, 2002.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976.

\_\_\_\_\_. (Org). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

GALLEGO, A. M. *Espanhóis*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 1995.

GARCIA, Emanuel S. Veiga. *O comércio ultramarino espanhol no Prata*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. *As duas Argentinas*. São Paulo: Ática, 1990.

GARCIA GUILLÉN, Mario. Permanente presencia española en Brasil (1824-1914). *Jornal do Imigrante*, São Paulo, p. 18-24, out. 2000.



GATTAZ, André Castanheira. *Braços da resistência, uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GONZALEZ MARTINEZ, Elda Evangelina. Andaluces en São Paulo: un ensayo sobre emigración contemporánea. In: HISTORIA general de la emigración española a Iberoamérica. Madri, 1992, p. 12-24.

\_\_\_\_\_. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 239-271.

\_\_\_\_\_. *Café e imigração: los españoles en São Paulo: 1880-1930*. Madrid: Centro Español de Estudios de América Latina, 1990.

\_\_\_\_\_. Espanhóis em Brasil: características generales de un fenómeno migratorio. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 42, n. 5-6, p. 341-346, 1990.

\_\_\_\_\_. *Espanhóis em Brasil: estudio acerca de la emigración española al Estado de São Paulo, 1880-1950*. Madri, 1988. Tese (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid.

\_\_\_\_\_. Identidad y representación coletiva de un grupo imigrante: Los espanhóis em São Paulo – 1950-1970. In: *Reflexiones en torno a 500 años de historia do Brasil*. Madrid: Catiel, 2001.

\_\_\_\_\_. Presencia española en San Pablo: notas sobre la emigración andaluza. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 42, n. 10-12, p. 780-785, 1990.

GRAHAM, Douglas; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Migrações internas no Brasil, 1872-1970*. São Paulo, 1984.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; VAINFAS, Ronaldo. Sonhos galegos: 500 anos de espanhóis no Brasil. In: *Brasil: 500 anos de povoamento*. IBGE, cap. 5, 2000.

HISTÓRIA da imigração no Brasil: as famílias. 5. ed. São Paulo: SNDCEB, s.d.

HOBBSBAM, Eric. *A era do capital*. Trad. Luciano Costa Neto. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *O mundo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOLANDA, Sérgio B. *Do Império a República*. In: História Geral da Civilização Brasileira, Org, Sérgio B. Holanda. São Paulo: Difel, 1972, t. II, v. 5.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

HUTTER, Lucy M. *Imigração italiana em São Paulo, 1880-89: os primeiros contatos do imigrante com o Brasil*. São Paulo: IEB, 1972.

\_\_\_\_\_. *Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914: o processo imigratório*. São Paulo: IEB / USP, 1986.

IANNI, Constantino. *Homens sem Paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

KALTMAN, Hélio. *Docas de Santos: uma empresa através dos séculos*. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

KULA, Witold. *Problema y método en la história económica*. Barcelona: Península, 1977.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição – Santo: 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ferrovias: progresso e modernidade. História Viva. Edição Especial Temática nº 1 – Temas Brasileiros – Um país chamado café*. São Paulo, p. 38, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LICHTI, Fernando Martins. *Poliantéia Santista*. In: SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. Santos: Prodesan, 1996. 3 v.

LIST, George F. *Sistema nacional de economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

KLEIN, Herbert S. *A imigração espanhola no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1994.

\_\_\_\_\_. *A integração social e econômica dos imigrantes espanhóis no Brasil. Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 457-476, set./dez. 1989

\_\_\_\_\_. *Migração Internacional na História das Américas*. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 13-31.

MARTINS, José de Souza. *A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força-de-trabalho na economia cafeeira: 1880-1930. Revista de História*, São Paulo, n. 121, p. 5-26, ago./dez. 1989.

MELLO, Zélia Cardoso de. *Metamorfoses da riqueza: São Paulo, 1845 – 1895*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

MILLARES, Sérgio. *España en el siglo XX*. Madrid: Edinumen, 1998.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)*. São Paulo: Difel, 1970.

MOTES, Jorgi Maluquer de. A Imigração e o Emprego em Cuba (1880-1930). In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

MOURA, Ana Maria da Silva. *Cocheiros e Carroceiros: homens livres no Rio de senhores e escravos*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Trabalhadoras no lar: reflexões sobre o trabalho domiciliar em São Paulo nos primeiros anos da República*. *Diálogos*. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, v. 4, n. 4, 2000, p. 161-184.

NUNES, Geraldo. *São Paulo de todos os tempos*. São Paulo: RG, 2005. v. 2.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*. São Paulo, 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005.

OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. *Os espanhóis*. Sorocaba: TCM, 2002.

PAUL, Clotilde. *Roteiro poético de Santos*. São Paulo: M. Fontes, 1978.

PRADO JUNIOR, Caio. Contribuição para a Geografia Urbana da cidade de São Paulo. In: *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1971.

\_\_\_\_\_. O fator geográfico na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo. In: *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1971.

\_\_\_\_\_. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1963.

\_\_\_\_\_. História quantitativa e método da historiografia. *Debate & Crítica*. São Paulo, n. 6, p. 1-20, jul. 1975.

RODRIGUES, André Figueiredo. *Como elaborar e apresentar monografias*. 2. ed. atual. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. (Coleção Metodologias, 3).

\_\_\_\_\_. *Como elaborar referência bibliográfica*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2008. (Coleção Metodologias, 1).

\_\_\_\_\_. *Como elaborar citações e notas de rodapé*. 4. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas FFLCH/USP, 2007. (Coleção Metodologias, 2).

SANCHEZ-ALBORNOZ, N. (Org.). *Espanhóis hacia América, la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid: Alianza, 1985.

SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Ricardo Evaristo dos. *La emigración española en la bajada santista (1880-1950)*. Madrid, 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidad Complutense de Madrid.

\_\_\_\_\_. *Política migratória espanhola a Iberoamérica: aporte Brasil, 1890-1950*. Sada: Ediciós do Castro, 1996.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. Memorial do Imigrante. *Breve história da Hospedaria de Imigrantes e da imigração para São Paulo*. São Paulo, 2000. (Resumos, 7).

\_\_\_\_\_. *Imigração espanhola no estado de São Paulo*. 2. ed. São Paulo, 2000. (Resumos, 2).

SILBERSTEIN, Carina Frid de. A imigração espanhola na Argentina (1880-1930). In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 93-126.

SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. Números na história: apontamentos sobre o uso de fontes quantitativas e seriais. *História Unisinos*, v. 7, n. 8, p. 189-223, 2003.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel; Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

VIANNA, Lauro de Brito. *O porto do Rio Grande no séc. XIX através da imprensa (1847-1857): história dos preços e das flutuações econômicas*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VILAR, Pierre. *Desenvolvimento econômico e análise histórica*. Lisboa: Presença, 1982.

## ***Anexos***

---

**1 – Livro de sócios do Centro Espanhol e valores doados**

**2 – Relação dos sócios listados no Livro de Matrícula do Centro Espanhol**

## 1 – Livro de sócios do Centro Espanhol e valores doados

ANO	NOME DO ASSOCIADO	VALORES EM RÉIS
1891 a 1895	Vicente do Pazo	400.000
1891 a 1895	Manuel Ferreira Marques	100.000
1896	José V. Bojart	-
1896	Segundo Lobarriñas Fernádes	100.000
1896	Evasio Pérez Rodriguez	25.000
1896	Juan V. Bojart	50.000
1896	José Pascual Gómez	100.000
1896	Eduardo B. Parada	100.000
1896	Manuel Troncoso	100.000
1896	Gerardo Santiago Alvarez	100.000
1896	Juan Esteves Martinez	100.000
1896	José Maria Molinos	100.000
1896	Antonio Vasquez Quintela	100.000
1896	Miguel Vasquez Martinez	100.000
1896	José Caballero	100.000
1896	Francisco Cañellas Novell	100.000
1896	Urbano Pina	100.000
1896	Secundino Troncoso	50.000
1896	Silvano Troncoso	50.000
1896	Juan Antonio Cividanes	100.000
1896	Francisco Antonio Alonso	50.000
1896	José Fernández Dominguez	100.000
1896	Antonio de Araújo	100.000
1896	Fernando Rodriguez	100.000
1896	Antonio Rodriguez Martinez	100.000
1896	José Rodriguez Pérez	100.000
1896	José Ramón Rodriguez	100.000
1896	Manuel A Carrera	100.000
1896	Mariano Majo y Pi	100.000
1896	Felipe Vidal Rivas	100.000
1896	Gulhermo Linares	124.000
1896	Severo Vázquez Ricón	100.000
1896	Agapito González	100.000
1896	Pablo Lloveras	50.000
1896	Vicente Pérez Castro	50.000
1896	Manuel Alonso Fernández	50.000
1896	Ricardo Fernández Santiago	50.000
1896	Saturnino Alonso Fernández	50.000
1896	Francisco Flores Fernández	50.000
1896	Juan Otero Andrade	50.000
1896	Juan López	50.000
1896	Luis González Vázquez	50.000
1896	Rogelio Montero	50.000
1896	Constantino Losada	50.000
1896	Manuel Pérez Quintas	50.000
1896	Antonio de Dompredo	20.000
1896	Manuel Fernández Santiago	50.000
1896	Antonio Vaz	25.000

1896	Jesus Pérez	25.000
1896	Domingo Prieto	20.000
1896	Manuel Penelas	25.000
1896	Antolin Rocha Fernandez	25.000
1896	Ecequiel Rivas Pagés	25.000
1896	Dámaso Vaz	20.000
1896	Manuel Alonso González	30.000
1896	Manuel Pérez Rodriguez	25.000
1896	Antonio Prieto Martinez	25.000
1896	Antonio Pérez Valeije	50.000
1896	José Gómez Alvarez	25.000
1896	Benito Rodriguez	50.000
1896	Manuel Covas Pérez	20.000
1896	Anastasio Troncoso	25.000
1896	Melquiades Alonso	25.000
1896	Justino Flores Fernández	100.000
1896	José Souto Dominguez	100.000
1896	José Fernández Rama	100.000
1896	Sándalo Martinez	25.000
1896	Miguel Alonso	20.000
1896	Manuel Corbacho Tenorio	50.000
1896	José Martinez Franco	300.000
1896	Pascual Rodriguez	100.000
1896	Sebastián Monte y Benet	25.000
1896	Vicente Pérez Rodríguez	25.000
1896	Manuel Pérez Valeije	25.000
1896	Damaso Vázquez Martínez	25.000
1896	Bernardo Covas Pérez	20.000
1896	Faustino Vázquez	50.000
1896	Manuel Senra Bouzas	25.000
1896	Juan Dominguez Marrero	25.000
1896	Manuel González Vidal	25.000
1896	Celestino Alonso	30.000
1896	José Dominguez Rodriguez	50.000
1896	Benjamin Salgado Martinez	20.000
1896	Juan Carpinteiro	40.000
1896	Diego Crispin	50.000
1896	Benigno Arias	25.000
1896	Benigno López	50.000
1896	Francisco Vázquez	20.000
1896	Antonio González	20.000
1896	Vicente Diaz Fernández	20.000
1896	Miguel Garcia	20.000
1896	Clemente Santiago Estévez	20.000
1896	Ramón Rodriguez Alvarez	25.000
1896	Miguel Justo Vidal	20.000
1896	Cesário Fernández	25.000
1896	Francisco Fernández Alvarez	25.000
1896	Jesus Alvarez Barreiro	20.000
1896	Manuel Camero Lorenzo	20.000
1896	Manuel Alvarez Araujo	20.000
1896	Joaquim Alvarez	25.000
1896	Ciriaco González	20.000

1896	Manuel Dominguez Ubiña	25.000
1896	Manuel Barreiros	25.000
1896	Inocencio Monteiro	20.000
1896	Manuel Martinez	20.000
1896	Angel Malvar	20.000
1896	Ventura Ferro	20.000
1896	Gregorio Iglesias	20.000
1896	Manuel Villaverde	20.000
1896	Manuel Covas	20.000
1896	Gabriel Rodriguez	25.000
1896	Lorenzo Rodriguez Carrera	30.000
1896	Rufino Fernández Dominguez	100.000
1896	Faustino Figueroa	100.000
1896	Manuel Martínez y Martínez	25.000
1896	Angel López Molinos	20.000
1896	Marcial Pérez Ozores	25.000
1896	Melquiades Rocha Pérez	25.000
1896	Graciano Pereira	25.000
1896	Fortunato Pérez	50.000
1896	Constantino Vega	25.000
1896	José Prado	25.000
1896	Ramón Luis de Castro	50.000
1896	Luciano Castro	20.000
1896	Manuel González	20.000
1896	Alejandro Rolán Fernández	30.000
1896	José Rodriguez Prado	25.000
1896	Manuel Carpinteiro	20.000
1896	Generoso Alvarez	20.000
1896	Fernando Barros y Ramos	25.000
1896	José Boullosa Rajó	20.000
1896	Manuel Solles Castillo	25.000
1896	Teolindo Nieves	25.000
1896	Antonio Brunet	50.000
1896	Manuel Prezado	25.000
1896	Candido Rua	25.000
1896	José Rua Alonso	25.000
1896	José Carrera	25.000
1896	Francisco Araujo	25.000
1896	Joaquin Pérez	25.000
1896	Manuel Dominguez González	25.000
1896	José Villar Rua	25.000
1896	Santiago Martinez Martinez	25.000
1896	Castro Cesário	25.000
1896	Candido Araujo Mendez	25.000
1896	José Sanchez	25.000
1896	José Vidal	25.000
1897	Manuel Dominguez Pinto	1.050.000
1897	Bernardino Costa Andrade	780.000
1897	José Cabellero	500.000
1897	José Maria Molinos	750.000
1897	José Maria Bouzas	200.000
1897	Manuel do Lago	90.000
1897	Cristiano Abranches	12.000



1897	Laureano Alvarez	50.000
1897	Ricardo M. Alejandro	18.750
1897	Miguel Vázquez Martínez	60.000
1897	Juan Estévez Martínez	1.215.920
1897	José Enrique Bastos	200.000
1897	Gerardo Santiago Alvarez	15.000
1897	Francisco Cañellas	505.225
1897	Manuel Rodriguez Feijoeiro	50.000
1897	Vicente do Pazo	90.500
1897	Vicente Pérez	100.000
1897	Saturnino Alonso Fernández	50.000
1897	Severino Rodriguez Carrera	200.000
1897	Vicente Rodriguez Carrera	125.000
1897	José Rodriguez Carrera	125.000
1897	Temístocles Pérez Rodriguez	120.000
1897	Juan A Cividanes	140.000
1897	Miguel Alonso González	50.000
1897	Rodriguez & Silva	100.000
1898	José Maria Molinos	100.000
1898	Caldas Graças & Co.	50.000
1898	Miranda & Co.	50.000
1898	Lourenço Sobrinho & Co.	50.000
1898	Costa Godinho & Co.	50.000
1898	Leão de Moura & Co.	50.000
1898	Ceferino Lourenço Martins	50.000
1898	Ramón Luis de Castro	50.000
1898	Brunet & Lloveras	50.000
1898	A. J. Fernández	20.000
1898	A. J. de Moura	20.000
1898	Félix López Araújo	50.000
1898	Severino Rodríguez Carrera	50.000
1898	Vicente Rodríguez Carrera	20.000
1898	Temistocles Pérez Rodriguez	20.000
1898	Joaquim Rodríguez Carrera	20.000
1898	Filemón Pérez	10.000
1898	Manuel Pérez Rodríguez	5.000
1898	Francisco Nicolás Alves	10.000
1898	Avelino Rodríguez	5.000
1898	Manuel Fernández	10.000
1898	Manuel Sobreira Alonso	50.000
1898	Domiciano Monteiro de Barros	50.000
1898	Capitán Pupo de Moraes	50.000
1898	José Antonio da Fonseca	50.000
1898	Antonio J. do Amaral Jr.	50.000
1898	Miguel Francisco Ferreira	50.000
1898	Manuel Antonio Roque Bastos	50.000
1898	Manuel Rodriguez Vieira	50.000
1898	José Gonçalves de Couto Jr.	50.000
1898	Pascual Rodriguez	50.000
1898	Luis Cláudio Pereira	50.000
1898	Manuel Alves Pereira	50.000
1898	Antonio Estévez de Figueiredo	50.000
1898	Luis Fils	50.000

1898	Manuela de Moraes	50.000
1898	Ponzio & co.	50.000
1898	Alves Félix & co.	50.000
1898	Paulino J. Pereira	50.000
1898	Manuel José da Silva	50.000
1898	José Rodriguez Pérez	50.000
1898	F. Goulart	50.000
1898	J. F. França	50.000
1898	Manuel Corbacho Tenório	50.000
1898	Rafael Comesaña Pérez	400.000
1898	Antonio Francisco Russo	500.000
1898	Amadeo José da Costa	100.000
1898	Manuel Gonçalves Vidal	100.000
1898	Victor & Co.	100.000
1898	Samuel de Mello	100.000
1898	Matias Joaquin de Miranda	100.000
1898	Luciano Candido Graça	10.000
1898	Coelho Germano	20.000
1898	José Freire de Oliveira	20.000
1898	Joaquim Pinto Quintão	5.000
1898	Domingo Avaloni	5.000
1898	José Pereira da Silva	20.000
1898	Augusto Maria de Bastos	20.000
1898	Juan Cantrijol	5.000
1898	Narciso Lloves Barros	5.000
1898	José Garrido	10.000
1898	Juan Bento de Souza	10.000
1898	Joaquim Cardoso Ferrão	5.000
1898	Antonio Bermardino	10.000
1898	Filisberto Borges	5.000
1898	J.A. Correa	5.000
1898	Barreiros	10.000
1898	Um brasileiro	5.000
1898	Um brasileiro	10.000
1898	José Benito Prado	5.000
1898	José Gonçalves Portella	25.000
1898	Virgilio da Fonseca	10.000
1898	Brumence	20.000
1898	José Ferreira Gómez	20.000
1898	Um anônimo	20.000
1898	Juan Pauperio	5.000
1898	Higinio de Souza Barros	10.000
1898	Antonio Manuel Mariño	20.000
1898	Argemiro Gonçalves Souza	20.000
1898	Francisco Carvalho Alves	20.000
1898	Bellarmino Ferreira	10.000
1898	Benedicto Pinheiro	20.000
1898	Máximo Cruz Azevedo Marques	10.000
1898	Manuel Ferreira Leão	5.000
1898	Um operário do bem	20.000
1898	Leopoldo Silva	20.000
1898	Antonio Pérez	30.000
1898	Manuel Ferramentos Silva	30.000

1898	Sabino de Aragón	20.000
1898	Andrés Luis de França	10.000
1898	José Souza Craveiro	10.000
1898	Oliveira	10.000
1898	Antonio Teodosio Jr.	10.000
1898	A J. de Almeida	10.000
1898	Fernando Rodriguez Pérez	10.000
1898	Alberto Guissú	2.000
1898	Ursulino Augusto	2.000
1898	Silvio Giusti	2.000
1898	Gerardo Uviña	2.000
1898	Antonio Alonso	2.000
1898	Juan Ambrosio	2.000
1898	José Campos	2.000
1898	Genaro Mandini	2.000
1898	Nicolás Gómez	2.000
1898	Manuel Alonso	2.000
1898	José Coelho	2.000
1898	Damaso Araújo	2.000
1898	Ricardo Nogueira	2.000
1898	Juan Gonçalves Loyo	10.000
1898	Benito Manuel Castro Gómez	10.000
1898	Manuel Gonçalves	10.000
1898	Victor & co.	20.000
1898	Um anônimo	4.000
1898	Francisco Cañellas Novell	107.000
1898	Francisco Cañellas Novell	31.200
1898	Manuel Alonso González	50.000
1898	Juan Azçárate	600.000
1898	Samuel de Mello	100.000
1898	Benito Prieto Cubelas	237.750
1899	Primitivo Martinez	500.000
1899	Francisco Rodriguez Carrera	15.000
1899	Antonio Pinto Couto	10.000
1899	José Antonio	5.000
1899	Manuel Martinez	103.500
1899	Antonio Pérez Valeije	250.000
1899	Manuel Senra Bouzas	14.000
1899	José Maria de Barros	92.000
1899	Juan Estévez Martinez	56.000
1899	Aquilino Estévez Sobreira	17.500
1899	Gersavio Santiago Alvarez	17.500
1899	Manuel Gómez Vazquez	10.000
1899	Victorino Estévez Sobreira	11.000
1899	Francisco Antonio Alonso	75.000
1899	Manuel Covas Pérez	150.000
1899	José Estévez Curty	7.500
1899	Miguel V. Martinez	80.000
1899	Manuel Gil	16.000
1899	Manuel P. Rodriguez	18.500
1899	José Pascual Gómez	9.000
1899	Manuel González	6.000
1899	Manuel Fernández	174.000

1899	Miguel Vázquez Martínez	50.000
1899	Boaventura Alsina	60.000
1899	Juan Estévez Martínez	400.000
1899	Miguel Vázquez Martínez	27.000
1899	Secundino Troncoso	15.000
1899	Antonio Lorenzo da Silva	1.000.000
1899	Delfina M. de Barros	600.000
1899	Emilia Rosales	180.000
1899	Camilo Borges Ratto	100.000
1899	Juan Estévez Martínez	60.000
1899	Francisco A. Antonio	20.000
1899	Bruno Estévez Sobreira	17.500
1900	Saturnino Alonso Fernández	200.000
1900	Augustín, Baron de La Barre	100.000
1900	Juan Estévez Martínez	50.000
1900	Vicente do Pazo	50.000
1900	Juan Antonio Cividanes	200.00
1900	Manuel Pérez Rodriguez	50.000
1900	Julio Conceição	1.000.000
1900	Telles Quirino & Nogueira	1.000.000
1900	Bento de Souza & Co.	200.000
1900	Marques Valle & Co.	200.000
1900	Queiroz Barros & Irmãos	100.000
1900	Rafael Sampaio & Co.	100.000
1900	Almeida Mello & Co.	100.000
1900	Rosse & Knowles	100.000
1900	Oliveira César & Olegario	100.000
1900	Frota & Silveira	100.000
1900	Moura Almeida & Araujo	100.000
1900	The City of Santos Improv. Co. Lt.	100.000
1900	J. Meira & Botelho	100.000
1900	Maia & Ribeiro	100.000
1900	J. Cordeiro	100.000
1900	A. Coimbra	100.000
1900	Cintra Ferraz & Co.	100.000
1900	Estanilau do Amaral & Co.	100.000
1900	Adolfo Bastos	100.000
1900	Leal & Co.	100.000
1900	Thompson & Co.	50.000
1900	Neumann Gepp & Co.	200.000
1900	Coutinho & Ferreira	100.000
1900	Carl Helwig & Co.	100.000
1900	Ferreira de Souza & Co.	100.000
1900	J. Martins	20.000
1900	Francisco Muller & Co.	50.000
1900	Alfredo da Costa Godinho	20.000
1900	Teófilo P. de Mello	20.000
1900	León de Moura & Co.	30.000
1900	Geraldo Leite & Co.	20.000
1900	Araújo Tavares & Co.	20.000
1900	Alves Félix & Co.	20.000
1900	Miranda & Co.	20.000
1900	High Life Billares	20.000

1900	Juan de Abreu	20.000
1900	Juan Furtado Rocha Frota	20.000
1900	Tito Martins	20.000
1900	Souza Santos & Co.	20.000
1900	Anastasio & Co.	10.000
1900	Julio Marques	20.000
1900	Antonio M. Guimarães	10.000
1900	Wolf & Co.	10.000
1900	Manuel Alves & Co.	10.000
1900	Faustino Vázquez	25.000
1901	Registros não encontrados	0
1902	Vicente Pérez Rodriguez	64.000
1902	Manuel da Costa Oliveira	75.000
1902	Manuel Corbacho Tenorio	200.000
1902	José Maria Molinos	5.500
1902	Antonio Rodriguez Merrades	50.000
1902	Saturnino Alonso	500.000
1902	José Maria Molinos	25.000
1902	Elena Krum de Molinos	44.000
1902	Pascual Rodriguez	18.000
1902	Francisco Cañellas Novell	100.000
1902	Vicente Pérez Rodriguez	70.000
1902	Leonardo A. Gutiérrez	50.000
1902	Manuel Nieto Conde	5.000
1902	José Gómez Alvarez	25.000
1902	Leonardo A. Gutiérrez	45.000
1902	Francisco Flores Fernández	15.000
1902	Elena Krum de Molinos	6.000
1903	Francisco Antonio Alonso	18.000
1903	Manuel Troncoso	72.000
1903	Rogelio Monteiro	50.000
1903	Rodolfo M. Guimarães	10.500
1903	Agapito González	60.000
1903	José Maria Molinos	2.500
1903	Manuel Alonso Gonzalez	100.000
1903	Juan Estévez Martinez	250.000
1903	José Maria Molinos	10.000
1903	Elena Krum de Molinos	5.000
1903	Manuel Martinez	100.000
1903	José Maria Molinos	10.000
1903	M. S. Monterroso	12.000
1903	Manuel Carou	5.000
1903	Manuel Martinez Ozores	65.000
1903	Sebastián Munté Bernet	200.000
1903	Saturnino Alonso Fernández	5.000
1903	Rogelio Monteiro	50.000
1903	Manuel Gil	3.200
1903	Julio Conceição	100.000
1903	Juan Lorenzo da Silva	100.000
1903	Manuel Dominguez Pinto	20.000
1903	Francisco Antonio Alonso	50.000
1903	Saturnino Alonso Fernández	120.000
1903	Eduardo B. Parada	11.300

1903	José Ramón Rodríguez	50.000
1903	José Souto Dominguez	500.000
1903	Severino Torrecilla	15.000
1903	Francisco Amaro	135.000
1904	Segundo Lobarriñas Fernandez	50.000
1904	Rodolfo M. Guimarães	11.500
1904	Francisco Antonio Alonso	2.000
1904	José Maria Molinos	7.200
1904	Saturnino Alonso Fernandez	115.000
1904	José Maria Molinos	128.100
1904	José Maria Molinos	44.000
1904	Antonio Araujo	10.000
1904	Francisco Salgado Gallego	20.000
1904	Salvador José Losada	50.000
1904	Ricardo Vazquez	10.000
1904	Segundo Lobarriñas Fernandez	12.000
1904	Antrolin Rocha Fernández	18.000
1904	José Montero Fernández	12.000
1904	Laureano Pereira	6.000
1904	Martin Garcia Hernandez	12.000
1904	Melquíades Alonso	6.000
1904	Felisindo Vallejo	130.000
1905	Rodolfo M. Guimarães	14.500
1905	Manuel Alonso González	5.000
1905	Gervasio Fernández Sobreira	15.000
1905	Ramón Rodríguez Alvarez	6.000
1905	Ciriaco González	12.000
1905	Juan Estévez Martínez	16.000
1905	Urbano Vázquez	6.000
1905	Nicolás Arcos	6.000
1905	Angel Dominguez Pérez	6.000
1905	José Monteiro Fernández	12.000
1905	Segundo Lobarriñas Fernández	12.000
1905	Severino Torricilla	24.000
1905	Melquiades Alonso	6.000
1905	Fernando Rodriguez	12.000
1905	Felisindo Vallejo	12.000
1905	Antonio Rodríguez Mercador	50.000
1905	Antonio Fernández	1.500.000
1906	José Maria Molinos	10.000
1906	Juan Bernils Bernal	60.000
1906	Rodolfo M. Guimarães	10.500
1906	Saturnino A. Fernandez	20.000
1906	Alejandro Rolán Fernández	3.000
1906	Bernils y Fernández	300.000
1906	Delfina M. de Barros	400.000
1906	Geraldo Leite	12.000
1906	José Cabot	12.000
1906	José Pérez Rodríguez	10.000
1906	Juan Estévez Martínez	64.000
1906	Antonio Garcia	24.000
1906	Felipe Jorge	24.000
1906	Eduardo B. Parada	6.600

1906	Fernández & Bernils	3.000.000
1906	Juan Bernils	12.000
1906	Juan Estévez Martínez	20.000
1906	Ciriaco González	16.000
1906	Leandro Fernández	5.000
1906	Secundino Troncoso	5.000
1906	Sergio Blanco	3.000
1906	Jesús Pérez	1.000
1906	Felisindo Vallejo	3.000
1906	Ramón Fernández	2.000
1906	Pedro Lorenzo Figueras	2.000
1906	José Amoedo Vázquez	2.000
1906	E. Fernández	2.000
1906	Pedro Araujo	2.000
1906	José Maria Jorge	2.000
1906	Avelino Alonso González	5.000
1906	Salvador Benitez	1.000
1906	Manuel Soto Monterroso	1.000
1906	José Cabot	1.000
1906	Manuel Alonso González	1.000
1906	José Estévez	600
1906	Francisco B. Román	2.000
1906	Severino Torrecilla	5.000
1906	Marrero	5.000
1906	Felisindo Vallejo	2.000
1906	Ramos	2.000
1906	José Manuel Carou y Suaréz	212.000
1906	Juan Estévez Martínez	114.000
1906	Gerardo Santiago Alvarez	30.000
1906	Secundino Troncoso	30.000
1906	Miguel Vázquez Martínez	20.000
1906	J. M. Nieto Conde	10.000
1906	Felisindo Vallejo	50.000
1906	José Maria Molinos	50.000
1906	Francisco B. Román	20.000
1906	José Fernandez Ramos	10.000
1906	Ciriaco González	30.000
1906	Ramón Rodriguez Alvarez	10.000
1906	Prudencio Sanz	10.000
1906	José Amoedo Vazquez	10.000
1906	Benjamin Alonso	10.000
1906	Dabino Alvarez	5.000
1906	Miguel Alonso	10.000
1906	Constantino Pereira	10.000
1906	José Dominguez Cerdeira	5.000
1906	Salvador José Losada	10.000
1906	Maximino Pascual Gómez	2.000
1906	Urbano Vazquez	55.000
1906	J. Klaning	10.000
1906	Souza Santos & Co.	20.000
1906	Gonçalves & Neves	10.000
1906	Silva & Pereira	5.000
1906	Modesto Nuñez Martínez	10.000

1906	Fernando Rodriguez	10.000
1906	Laurenao Pereira	10.000
1906	Eduardo B. Parada	20.000
1906	José Montero Fernández	10.000
1906	Melquiades Rocha	10.000
1906	Manuel Presado	10.000
1906	Manuel Penelas	10.000
1906	Nicanor Alvarez	5.000
1906	Manuel Guterrez Vázquez	5.000
1906	Severiano Martinez	5.000
1906	Sebastián Munté	5.000
1906	Antonio Penelas	5.000
1906	José Domiguez Méndez	5.000
1906	Gervasio F. Sobreira	100.000
1906	Fernando Rodriguez	20.000
1906	Arturo Valadão	5.000
1906	Pascual Rodriguez	20.000
1906	Narciso de Andrade	5.000
1906	Coelho Germano	20.000
1906	Juan Martins	10.000
1906	Gastão R. Silva	5.000
1906	Tancredo	10.000
1906	Nicolás Arcos	5.000
1906	Angel Dominguez Pérez	10.000
1906	Um anonimo	5.000
1906	José Fontenla	2.000
1906	Firmo Silva Machado	5.000
1906	Hermenegildo D. Pérez	5.000
1906	Leandro Fernández	20.000
1906	José C. Netto	5.000
1906	Ramon Fernández	5.000
1906	Repiado	5.000
1906	Pedro Araujo	5.000
1906	Tinxivaldo Souza	10.000
1906	Justo Fernández	2.000
1906	Joaquin Agustin	2.000
1906	Agapito González	2.000
1906	Manuel Costa	4.000
1906	José Carrera	2.000
1906	H. Souza Barros	2.000
1906	José Nuñez	2.000
1906	Joaquin P. Cardoso	5.000
1906	José Fontenla	2.000
1906	Agapito Pérez	2.000
1906	Don Blás	5.000
1906	José	2.000
1906	Um anonimo	2.000
1906	Anastasio Troncoso	5.000
1906	Maximino Pascual Gómez	5.000
1906	Celso Franco	2.000
1906	Jesús Pérez Rodriquéz	3.000
1906	Antonio Crego	1.000
1906	Gerardo Santiago Alvarez	10.000



1906	Severino Torrezilla	20.000
1906	Saturnino Alonso	5.000
1906	Manoel Pérez Yglesias	5.000
1906	Manuel Martínez	5.000
1906	Antonio A. Jesús Franca	2.000
1906	Juan Martínez Ferreira	10.000
1906	Agapito Pérez	3.000
1906	Ricardo Alvarez	3.000
1906	José Fontenla	2.000
1906	Proença	2.000
1906	Juan Dias Cardoso	1.000
1906	Ramón Ruas	2.000
1906	Um anonimo	5.000
1906	Um anonimo	1.000
1906	Um anonimo	5.000
1906	Tintoreiro	2.000
1906	José Lopez	3.000
1906	A. Rolán	5.000
1906	Quinorio Manuel	10.000
1906	Valeriano Lourenço	2.000
1906	Ramón C. Pérez	2.000
1906	Fortunato Pérez	5.000
1906	Alejandro Pérez	5.000
1906	Pascual Rodriguez	10.000
1906	Coelho	2.000
1906	Antolin Rocha	24.000
1906	Ricardo Sobreira	10.000
1906	A. P. de Andrade	32.500
1906	José Fontenla	2.000
1906	Ciriaco González	10.000
1906	Fernando Rodriguez	10.000
1906	Francisco Flores Fernández	8.000
1906	Ramiro Sierra Rodriguez	12.000
1906	Antonio Crego	12.000
1906	Rios & Ferreira	20.000
1906	Jacinto Pereira	2.000
1906	Francisco Salgado	112.000
1906	Casemiro Santos Vasconcellos	10.000
1906	Francisco J. Mariano	5.000
1906	Juan González Oliveira	5.000
1906	Benedicto Baptista de Oliveira	5.000
1906	Pedro Rodriguez	4.000
1906	Duarte	2.000
1906	Sergio Blanco y Vivián	10.000
1906	Couto y Serra	10.000
1906	Salvador Prieto Blanco	100.000
1906	Antonio Alejandro Rodriguez	10.000
1906	Rogelio Montero	10.000
1906	Manuel Chaves	5.000
1906	Ventura Ferro	10.000
1906	Bruno Rocha	10.000
1906	Ramón Martinez	5.000
1906	Manuel Castro Rodriguez	5.000

1906	Segundo Lobarriñas Fernandez	10.000
1906	Laureano Pereira	5.000
1906	Luis Gómez	5.000
1906	Camilo Rodriguez	5.000
1906	Zeferino L. Lopez	2.000
1906	Nicolás Arcos	2.000
1906	Antonio Parames Blanco	10.000
1906	José Tirso	2.000
1906	Juan Rodriguez	2.000
1906	Baltasar Lima	5.000
1906	Ignacio Guanaza	5.000
1906	Francisco Prieto Blanco	5.000
1906	Manuel Rodriguez Alonso	10.000
1906	Manuel Novoa Amoedo	5.000
1906	José Vazquez	5.000
1906	Urbano Espina Veiga	5.000
1906	Ramón Martinez	6.000
1906	José Rodriguez Pérez	24.000
1906	Constantino Pereira Dominguez	10.000
1906	Evaristo Pérez	3.000
1906	Ramona Alonso Plá	10.000
1906	Gabriela Plá	10.000
1906	Encarnación Gago Nieves	10.000
1906	Gerardo Santiago Alvarez	20.000
1907	José Pascual Gómez	30.000
1907	Manuel Gutierrez	3.100
1907	Manuel Bello Gómez	18.000
1907	Ciriaco González	299.000
1907	Francisco Viu	4.000
1907	Cañellas y Cabot	7.000
1907	Francisco Flores Fernández	8.000
1907	Juan Estévez Martinez	6.000
1907	Ramón Martinez	6.000
1907	Rodolpho M. Guimarães	12.000
1907	Rogelio Monteiro	10.000
1907	Silvano Troncoso	6.000
1907	José Maria Molinos	1.000.000
1907	Felisindo Vallejo	90.000
1907	Manuel Carou	40.000
1907	Gervasio Sobreira	40.000
1907	Angel Dominguez	40.000
1907	Ricardo F. Santiago	40.000
1907	Laureano Pereira	40.000
1907	Miguekl Alonso	40.000
1907	Melquiades Alonso	40.000
1907	Antolin Rocha	40.000
1907	Juan Bojart	40.000
1907	Joaquin Rivas	40.000
1907	José Amoedo	20.000
1907	José Fontenla	20.000
1907	Hermenegildo Dominguez	15.000
1907	Antonio Martínez	15.000
1907	Juan Cividanes	10.000

1907	Antonio V. Ricón	10.000
1907	Gerardo Santiago Alvarez	400.000
1908	Ramón Yaneza Fernandez	50.000
1908	Francisco Viu Garcia	12.000
1908	Ramiro Sierra Rodriguez	24.000
1908	J. M. Nieto Conde	6.500
1908	Rodolpho M. Guimarães	24.000
1908	M. Cid Pérez y Rafael Suarez	11.000
1908	Sociedad Española de Socorros Mutuos	67.500
1908	Juan Estévez Martínez	6.000
1908	Ramón Martínez	6.000
1909	Severino Torrecilla	44.000
1909	Leandro Fernandez	15.000
1909	Ramón Fernandez Carvajal	15.000
1909	Fernando Rodriguez	15.000
1909	Ramiro Sierra Rodriguez	12.000
1909	Juan Estevez Martinez	6.000
1909	Ramón Martinez	6.000
1910	Ramón Fernandez Carvajal	24.000
1910	Ramiro Sierra Rodriguez	12.000
1910	Ramón Martinez	6.000
1910	Pascual Rodriguez	9.000
1910	Francisco Salgado Gallego	201.780
1910	Severino Torrecilla	21.000
1910	José Rodriguez Pérez	12.000
1910	Alvarez y Chicote	10.000
1910	Troncoso y Hermanos	30.000
1910	Rogelio Montero	8.000
1910	Luis França dos Santos	22.000
1910	Juan Antonio Cividanes	90.000
1910	Peixinho & Oliveira	5.000
1911	José Maria Molinos	106.000
1911	Juan Estévez Martínez	106.000
1911	Manuel Carou	100.000
1911	Antolin Rocha Fernández	100.000
1911	Francisco Flores Fernández	106.000
1911	José Montero Fernández	106.000
1911	Gerardo Santiago Alvarez	100.000
1911	Secundino Troncoso	106.000
1911	Ciriaco González	100.000
1911	José Pascual Gómez	100.000
1911	Ramón Fernandez Carvajal	106.000
1911	Rogelio Montero	50.000
1911	Sergio Blanco Troncoso	50.000
1911	Manuel Vallejo Pérez	50.000
1911	Miguel Vázquez Martínez	50.000
1911	Severino Torrecilla	50.000
1911	Francisco Salgado Gallego	50.000
1911	Maximino Pascual Gómez	50.000
1911	Agustin Flores	50.000
1911	Urbano Vázquez	30.000
1911	Luis Requejo	30.000
1911	Benito Prieto Cubelas	30.000

1911	Manuel Cid Pérez	20.000
1911	Eduardo B. Parada	20.000
1911	Coriolano Marrero	20.000
1911	Melchor Maestre Prada	20.000
1911	José Blanco Rodriguez	20.000
1911	Francisco Bouzas	20.000
1911	Manuel Moreno	20.000
1911	Pablo Ramos	20.000
1911	José Amoedo Vázquez	20.000
1911	José Dominguez Méndez	20.000
1911	Manuel Alonso	20.000
1911	J.M. Nieto Conde	20.000
1911	Juan Fernandez Rodriguez	20.000
1911	Nicasio Costillas	20.000
1911	Miguel Chicote	20.000
1911	Ramón Martinez	20.000
1911	Modesto Nuñez Martinez	20.000
1911	Antonio Alonso Gonzalez	20.000
1911	Fernando Rodriguez & Co.	20.000
1911	Um anonimo	20.000
1911	Manuel Cid Pérez	30.000
1911	José Montero Fernández	8.000
1911	Ramiro Sierra Rodriguez	112.000
1912	Registros não encontrados	0
1913	Gerardo Santiago Alvarez	40.000
1913	J. M. Nieto Conde	15.000
1913	Joaquin Vivian Rodriguez	3.000
1913	Troncoso & Hermanos	12.000
1913	José Montero Fernandez	68.000
1913	Francisco Florez Fernandez	22.500
1913	Bruno Rocha Pérez	22.500
1913	José Maria Molinos	36.000
1913	Francisco Flores Fernandez	42.000
1913	José Pascual Gómez	30.000
1914	José Montero Fernández	30.000
1914	José Rodriguez	36.000
1914	Francisco Salgado Gallego	72.000
1914	Nicolás Montero	1.000
1915	Emilio Pérez	20.800
1915	Fernando Rodriguez	10.000
1915	Melquiades Rocha	10.000
1915	Antonio Alonso Gonzalez	10.000
1915	Vicente González Martinez	10.000
1915	Secundino Troncoso	10.000
1915	Manuel Moreno	10.000
1915	Almeida & Mejias	10.000
1915	Alvarez Hermanos & Co.	10.000
1915	José Tesouro	10.000
1915	José Maria Molinos	10.000
1915	Nicolás López	10.000
1915	Aurelio del Valle Garcia	10.000
1915	Antonio Fernández	10.000
1915	Felisindo Vallejo	10.000

1915	Luiz Requejo	10.000
1915	Vicente Moreno	10.000
1915	José Maria Rodriguez Santa Maria	10.000
1915	Ciriaco González	10.000
1915	Melchor Maestre Prada	10.000
1915	Fortunato Pérez	10.000
1915	Ramón Martínez	5.000
1915	Modesto Nuñez Martínez	5.000
1915	Francisco Flores Fernandez	5.000
1915	Serafin Alvarez	5.000
1915	Juan Fernández	5.000
1915	José Cuquejo López	5.000
1915	José Molina Dominguez	5.000
1915	Gervasio F. Sobreira	5.000
1915	Antonio Vazquez Fernández	5.000
1915	Agustin Flores	5.000
1915	Joaquin Vivian	5.000
1915	Manuel Gómez	5.000
1915	Benito Alejandro	5.000
1915	José Fernandez Rodriguez	5.000
1915	J. Piña	5.000
1915	Nicolás Fernández Estevez	5.000
1915	Sergio Blanco	5.000
1915	David Carnicero Movilla	5.000
1915	Severiano Martínez	5.000
1915	Juan Valle	5.000
1915	Eduardo B. Parada	5.000
1915	Odón Vallejo	5.000
1915	Vicente Santiago Pérez	5.000
1915	Juan Puertas	5.000
1915	Manuel Vazquez Ricón	5.000
1915	J.E.M.	5.000
1915	Manuel Alvares Sobreira	10.000
1915	José Ferro	10.000
1916	Antonio Fernández	600.000
1916	Nicasio Costillas	500.000
1916	Fernando Rodriguez	104.000
1916	Juan Estevez Martinez	50.000
1916	José Maria Molinos	50.000
1916	Felisindo Vallejo	50.000
1916	Ciriaco González	50.000
1916	Antolín Rocha Fernández	50.000
1916	Benito Prieto Cubelas	50.000
1916	Secundino Troncoso	50.000
1916	Domingo Mejias	50.000
1916	José Salgado Piña	30.000
1916	Fortunato Pérez	20.000
1916	Melquiades Alonso	20.000
1916	José Martínez Gozende	20.000
1916	Miguel Vazquez Martinez	20.000
1916	Ramón Martínez	20.000
1916	Eduardo B. Parada	20.000
1916	Benito Alejandro	20.000

1916	Severino Torroba	20.000
1916	Odón Vallejo	20.000
1916	José Maria Rodriguez	20.000
1916	Maximino Pascual Gómez	20.000
1916	José Montero Fernández	20.000
1916	Melchor Maestre Prada	20.000
1916	Gerardo Santiago Alvarez	20.000
1916	Pascual Gómez & Co.	20.000
1916	J.M. Nieto Conde	15.000
1916	Emilio Pérez	10.000
1916	Juan Francisco López	10.000
1916	Luiz Gómez	10.000
1916	Miguel Alonso	10.000
1916	Ramón Fernández	10.000
1916	Gervasio Fernández	10.000
1916	Aurelio V. Garcia	10.000
1916	Serafin Solé	10.000
1916	José Rodriguez Pérez	10.000
1916	José Ramón Rodriguez	10.000
1916	Francisco Silva	10.000
1916	José Garcia Balcarcel	10.000
1916	Ricardo Villariño	10.000
1916	Francisco V. Martínez	10.000
1916	Benito Alonso	10.000
1916	Antonio Vazquez Fernández	10.000
1916	Serafín Alvarez	10.000
1916	Requejo Hermanos	10.000
1916	Beselica León	10.000
1916	Manuel Moreno	10.000
1916	Nicolás López	10.000
1916	Joaquin Palomino	10.000
1916	Juan Puertas	10.000
1916	Alfonso Rios	10.000
1916	Pablo Ramos	10.000
1916	Manuel Vazquez Ricón	10.000
1916	Manuel Covas Pérez	10.000
1916	Antonio Rodriguez Castelar	10.000
1916	Sergio Blanco y Vivian	10.000
1916	Teodomiro Vallejo	10.000
1916	Manuel Cadavid	10.000
1916	José Eiras Garcia	10.000
1916	José Manuel Carou	10.000
1916	Francisco Gago	5.000
1916	Servando Feijó	5.000
1916	Juan Ramos Liebana	5.000
1916	Alfredo Martínez	5.000
1916	Modesto Nuñez	5.000
1916	Manuel Chavez	5.000
1916	Agustín Flores	5.000
1916	Felix Flores	5.000
1916	Eutíquio Alvarez	5.000
1916	Temístocles Pérez	5.000
1916	José Cuquejo López	5.000

1916	José Molinos Dominguez	5.000
1916	José Ceclinos	5.000
1916	José Gómez	5.000
1916	José Fernández Rosado	5.000
1916	Juan Valle	5.000
1916	Domingo Novoa	5.000
1916	Ezequiel Ozores	5.000
1916	Vicente Santiago	5.000
1916	Miguel Chicote	5.000
1916	Salvador Prieto Blanco	5.000
1916	Mateo Florez	5.000
1916	Manuel Dominguez Mendes	5.000
1916	Tomás Martin	5.000
1916	Ruperto Ozores	5.000
1916	José Meleiro	5.000
1916	Teolindo Nieves	5.000
1916	Manuel Penelas	5.000
1916	Losada	5.000
1916	Miguel Prieto Cubelas	5.000
1916	José Villariño	5.000
1916	Nicolás Fernández Estevez	5.000
1916	Manuel Fernández González	5.000
1916	Ramón Ovalle	5.000
1916	Vicente Moreno	5.000
1916	Bernardino Moreno	5.000
1916	Manuel Martínez Alvarez	5.000
1916	Juan Pérez	5.000
1916	Celestino Crego	5.000
1916	Elisardo Carnero	2.000
1916	Antonio Rebollo	2.000
1916	Andrés Aguirre	2.000
1916	Ceferino Rodriguez	3.000
1916	Julian Blanco	3.000
1916	Enrique A. Corisco	5.000
1916	Francisco Salgado	5.000
1916	Ludivina Garcia	5.000
1916	Severiano Martinez	10.000
1916	Vicario de Villa Mathias	5.000
1916	José Iglesias	5.000
1917	Lourenço M. Carneiro	30.000
1917	Fernando Rodriguez	72.300
1917	Evaristo Alvarez Moure	75.000
1917	Juan Estévez Martínez	333.340
1918	Registros não encontrados	0
1919	Lourenço Martins	30.000
1919	Antonio Araujo	40.000
1919	Felisindo Vallejo	35.000
1919	Felisindo Vallejo	154.000
1919	Gaspar Soares de Amarin	60.000
1920	Fernando Rodriguez & Co.	35.000
1920	Lourenço Martins & Co.	30.000
1920	Damaso Salgado	15.000

## 2 – Relação dos sócios listados no Livro de Matrícula do Centro Espanhol

<b>Nº MATRÍCULA</b>	<b>NOMBRES</b>			<b>ANO</b>
01	José Valeije Bojart	España	Creciente	1895
02	Segundo Lobariñas Fernández	“	Creciente	“
03	Evasio Perez Rodriguez	“	Tuy	“
04	Juan Valeije Bojart	“	Creciente	“
05	José Pascual Gomez	“	Creciente	“
06	Eduardo Buri Parada	“	Creciente	“
07	Manuel Troncoso Camera	“	Goyan	“
08	Gerardo Santiago Alvarez	“	Goyan	“
09	Juan Estévez Martínez	“	Goyan	“
10	José Maria Molinos	“	Santiago	“
11	Antonio Vázquez Quintela	“	Lugo	“
12	Miguel Vázquez Martínez	“	Creciente	“
13	José Caballero	“	Pontevedra	“
14	Francisco Cañellas y Novell	“	Orense	“
15	Urbano Piña	“	Creciente	“
16	Secundino Troncoso	“	Goyan	“
17	Silvano Troncoso	“	Goyan	“
18	Juan Antonio Cividanes	“	Guardia	“
19	Francisco Antonio Alonso	“	Cañiza	“
20	José Fernandez Dominguez	--		“
21	Antonio de Araujo	--		“
22	Fernando Rodriguez Gil	España	Creciente	“
23	Antonio Rodriguez Martinez	“	Creciente	“
24	José Rodriguez Perez	--		“
25	José Ramón Rodriguez	--		“
26	Manuel A. Carrera	--		“
27	Mariano Majo'y Pi	--		“
28	Felipe Victal Rivas	--		“
29	Guilhermo Linares	--		“
30	Severo Vázquez Ricón	España	Creciente	“
31	Pablo Lloveras	“	Barcelona	“
32	Agapito Gonzalez	“	Creciente	“
33	Vicente Perez Castro	--		“
34	Manuel Alonso Fernandez	España	Goyan	“
35	Ricardo Fernández de Santiago	“	Goyan	“
36	Saturnino Alonso Fernández	“	Goyan	“
37	Francisco Flores Fernández	“	Goyan	“
38	Juan Otero Andrada	--		“
39	Juan López	--		“
40	Luis Gonzalez Vazquez	España		1895
41	Rogelio Montero	“	Creciente	“
42	Constantino Losada	--		“
43	Manuel Perez Quintas	--		“
44	Antonio de Dompiedo	--		“
45	Manuel Fernandez Santiago	--		“
46	Antonio Vaz	España		“
47	Jesus Perez	--		“
48	Domingo Prieto	--		“
49	Manuel Penelas Vazquez	España	Coruña	“
50	Antolin Rocha Fernandez	“		“



51	Ezequiel Ribas Pagés	“	Barcelona	“
52	Dámaso Vaz	“	Orense	“
53	Manuel Alonso González	“	Pontevedra	“
54	Manuel Pérez Rodríguez	“	Pontevedra	“
55	Antonio Prieto Martín	“	Pontevedra	“
56	Antonio Perez Valeije	“	Pontevedra	“
57	José Gomez Alvarez	“	Pontevedra	“
58	Benito Rodriguez	“	Pontevedra	“
59	Manuel Covas Pérez	“	Pontevedra	“
60	Anastasio Troncoso	“	Pontevedra	“
61	Melquiades Alonso	“	Pontevedra	“
62	Justino Flores Fernández	“	Pontevedra	“
63	José Souto Dominguez	“	Pontevedra	“
64	José Fernandez Rama	“	Coruña	“
65	Sándalo Martín	“	Pontevedra	“
66	Miguel Alonso Rodriguez	“	Pontevedra	“
67	Manuel Carbacho Tenorio	“	Pontevedra	“
68	José Martinez Franco	“	Pontevedra	“
69	Pascual Rodriguez	“	Pontevedra	“
70	Sebastián Munté Berret	“	Barcelona	“
71	Vicente Pérez Rodriguez	“	Pontevedra	“
72	Manuel Pérez Valeije	“	Pontevedra	“
73	Dámaso Vazquez Martínez	“	Pontevedra	“
74	Bernardo Covas Pérez	“	Pontevedra	“
75	Faustino Vazquez	“	Coruña	“
76	Manuel Senra Bouzas	“	Pontevedra	“
77	Juan Domínguez Marreso	“	Canárias	“
78	Manuel Gonzalez Victal	“	Pontevedra	“
79	Celestino Alonso Gonzalez	“	Canárias	“
80	José Rodriguez Dominguez	“	Pontevedra	“
81	Benjamin Salgado Martinez	“	Pontevedra	“
82	Juan Carpinteiro	“	Pontevedra	“
83	Diego Crispino	“	Pontevedra	“
84	Benigno Lopez	“	Pontevedra	“
85	Benigno Avias Milán	España	Pontevedra	1895
86	Francisco Vázquez Garcia	“	Pontevedra	“
87	Antonio Gonzalez	“	Pontevedra	“
88	Vicente Diaz Fernandez	“	Pontevedra	“
89	Miguel Garcia	“		“
90	Clemente Santiago Estevez	“	Pontevedra	“
91	Ramon Rodriguez Alvarez	“	Pontevedra	“
92	Miguel Justo Vidal	“		“
93	Cesario Fernandez	“	Orense	“
94	Francisco Fernandez Alvarez	“		“
95	Jesus Alvarez Barreiro	“	Pontevedra	“
96	Manuel Carnero Lorenzo	“	Pontevedra	“
97	Manuel Alvarez Araujo	“	Pontevedra	“
98	Joaquim Alvarez	“	Pontevedra	“
99	Ciriaco González	“	Pontevedra	“
100	Manuel Dominguez Uviña	“	Pontevedra	“
101	Manuel Barreiras	“	Pontevedra	“
102	Francisco Montero	“	Pontevedra	“
103	Manuel Martinez	“	Pontevedra	“
104	Angel Malvino	--		“
105	Ventura Ferro Peón	--		“
106	Gregório Iglesias	--		“
107	Manuel Villa Verde	España		“
108	Manuel Covas	“	Pontevedra	“

109	Gabriel Rodriguez	"	Pontevedra	"
110	Lorenzo Rodriguez Carrera	"	Pontevedra	"
111	Faustino Figueron	"	Coruña	"
112	Manuel Martinez y Martinez	"	Pontevedra	"
113	Angel Lopez Molinos	"		"
114	Rufino Fernandez Dominguez	"	Pontevedra	"
115	Marcial Perez Ozores	"	Pontevedra	"
116	Melquiades Rocha Pérez	"	Pontevedra	"
117	Graciano Pereira	"	Pontevedra	"
118	Fortunato Pérez	"		"
119	Constantino Vega	"		"
120	José Prado	"	Pontevedra	"
121	Ramon Luis de Castro	"		"
122	Luciano Castro	"	Pontevedra	"
123	Manuel Gonzalez	"		"
124	Alejandro Rolan Fernandez	"		"
125	José Rodriguez Prado	"	Pontevedra	"
126	Manuel Carpinteiro	"	Pontevedra	"
127	Generoso Alvarez	"	Pontevedra	"
128	Fernando Barros y Barros	"	Barcelona	"
129	José Baullosa Rajó	"		"
130	Manuel Solis Castillo	España		1895
131	Teolindo Nieves	"	Orense	"
132	Antonio Bemeto	"	Barcelona	"
133	Manuel Prezado	"	Orense	"
134	Candido Ruiz	"	Orense	"
135	José Rua Alonso	"	Orense	"
136	José Lamosa	"	Orense	"
137	Francisco Araujo	"		"
138	Joaquim Pérez	"		"
139	Manuel Dominguez Gonzalez	"	Goyan	"
140	José Hillar Rua	--		"
141	Santiago Martinez y Martinez	--		"
142	Castor Casares	--		"
143	Conrado Araujo Mendez	--		"
144	José Sanches	--		"
145	José Vidal	--		"
146	Ramon Alonso Coelho	--		"
147	Severo Perez Baylon	España	Creciente	1896
148	Julio Fernandez	"	Goyan	"
149	Francisco Gimeno	"		"
150	Fernando Rodriguez Perez	"		"
151	José Ladeira	Portugal		"
152	Vicente Carnero Iglesias	--		"
153	Constante Vazquez Fernandez	España		"
154	Laureano Fuertes	--		"
155	Eliseo Fuertes	--		"
156	Vicente do Pazo	--		"
157	Juan Eboli	Itália		"
158	José Boutareira	--		"
159	José Otero Fernadez	--		"
160	José Alvarez Perez	--		"
161	Antonio Chama Doura	--		"
162	Benito Chama Doura	--		"
163	José Rubiales	--		"
164	José Boloña	--		"
165	Manuel Rivas Cerraño	--		"
166	Joaquim Hervella	--		"

167	Manuel Ozoa Brandarez	--		"
168	Fernando Gonzalez	--		"
169	Ramon Fernadez Rodriguez	--		"
170	Torcuato Rodriguez	--		"
171	Manuel Campos	España	Orense	"
172	Francisco Santos	--		"
173	Domingo Novoa	--		"
174	Antonio Pérez Blanco	España		"
175	Evaristo Fernandez	España	Orense	1896
176	Liberato Marrero Romano	--		"
177	Vicente Gonzalez Martinez	--		1897
178	Eliséo Camba Pérez	--		"
179	José Varela Rodriguez	--		"
180	Nicolás López	--		"
181	Maximo Gonzalez	--		"
182	Alfredo Martínez	España	Creciente	"
183	José Dominguez Cerdeira	"		"
184	Antonio Vazquez Ricón	--		"
185	José Vazquez Rodriguez	--		"
186	José Moreira Camaño	--		"
187	Ignacio Paz Rodriguez	--		"
188	Jesus Villa Verde	--		"
189	Enrique Martinez Alvarez	--		"
190	Curiliano Marrero	--		"
191	Anselmo Valladares	--		"
192	Luciano Castro	--		"
193	Santiago Facet	--		"
194	Temistocles Perez Rodriguez	--		"
195	Laureano Alvarez	--		"
196	José Barros	--		"
197	Rafael Barros	--		"
198	José Fernandez Mendes	--		"
199	José Filloy	--		"
200	Manuel Lago Doriz	--		"
201	Ramón Piña Costal	España	Creciente	"
202	Domingo Suarez	--		"
203	Benito Prieto Cubelas	España	Creciente	"
204	José Canal Alonso	--		"
205	Manuel Rodriguez Vila	--		"
206	Manuel Gil Alonso	España	Creciente	"
207	José Gonzalez	--		"
208	Ricardo Fernandez	--		"
209	Sergio Blanco Troncoso	España	Creciente	"
210	Juan Tudanca	--		"
211	Ceferino Enientas	--		"
212	Francisco Lago	--		"
213	Francisco Viu Garcia	--		"
214	Benito Vazquez	--		"
215	Ramon Perez	--		"
216	Ramiro Alvarez	--		"
217	Modesto Rodriguez Geraldez	Espanã	Creciente	"
218	Francisco Savero	--		"
219	Manuel Loureiro	--		"
220	Juan Moure Rodriguez	--		1897
221	Alejandro Feijo Alvarez	--		"
222	Gerônimo Nóvoa	--		"
223	Manuel Chavez Blanco	España	Goyan	"
224	Vicente Rodriguez Carrera	--		"

225	José Manuel Nieto Conde	--		"
226	Inocencio Gomez Cazapal	España	Creciente	"
227	Joaquim Troncoso Carpinteiro	"	Creciente	"
228	Alberto Veiga	Brasil		"
229	Domingo Otero Lamosa	--		"
230	Antonio Nuñez Fernandez	--		"
231	Miguel Sanchez Suarez	--		"
232	Antonio Rivas Pages	España	Barcelona	"
233	Eloy Bada	--		"
234	Miguel Villarrubia	--		"
235	Benito Campelo	--		"
236	Jacinto Figueroa	--		"
237	José Figueroa	--		"
238	Juan Antonio Vicente	--		"
239	Antonio Nuñez Fidalgo	--		"
240	Manuel Aldir Peteleiro	--		"
241	Juan Lourenço da Silva	Portugal		"
242	Antonio Domingues Pinto	"		"
243	Manuel Domingues Pinto	"		"
244	Juan Manuel Alfaya Rodrigues	Brasil		"
245	Juan Candido Silvariño	España	Coruña	"
246	Clemente Cid Palencia	"		"
247	Maniel Mariño Parada	"	Creciente	"
248	Antonio Perez	--		"
249	Manuel Parada Armada	España	Creciente	"
250	Bernardo Piña Nuñez	"	Creciente	"
251	Victorino Estévez Sobreira	"	Goyan	"
252	Nemesio Alvarez Baños	--		"
253	Benito Alvarez Baños	--		"
254	Constantino Conde Laborido	--		"
255	José Suesada	--		"
256	Amadeo Montero	España	Creciente	"
257	Miguel Salgado Gallego	"		"
258	Lorenzo Rodriguez	--		"
259	Antonio Alejandro Rodriguez	España	Creciente	"
260	Ricardo Alonso Rodriguez	--		"
261	Manuel Torrado Garcia	--		"
262	Ricardo Alvarez	España	Goyan	"
263	Pedro Serra	--		"
264	Ramón Martínez	--		"
265	Evaristo Rodriguez Costa	--		1897
266	Ricardo Rodriguez Hermida	--		"
267	Gomersindo Douxa	--		"
268	Francisco Bouzas	--		"
269	Manuel Torres Lama	--		"
270	José Otero Montero	--		"
271	José Cordosia	--		"
272	Constante Gomez Gil	--		"
273	José Estévez Martinez	España	Creciente	"
274	Antonio Cora	--		"
275	Teodoro Garcia	--		"
276	Constante Pereira Dominguez	España	Creciente	"
277	Ricardo Fernandez Rivela	--		"
278	Antonio Seoane Fernandez	--		"
279	José Alonso Fernández	España	Goyan	"
280	Francisco Salgado Gallego	"		"
281	Antonio Fernandez Arias	"	Tuy	"
282	Claudio Quintero	"		"

283	José Fernandez Ramos	"	Creciente	"
284	Adolfo Costal Ricon	"	Creciente	"
285	Eulogio Silva Milán	"	Creciente	"
286	Saturnino Dominguez Guisardo	--		"
287	Manuel Alejandro Dominguez	España	Creciente	"
288	José Ferro Vazquez	"	Creciente	"
289	Antonio Marrero	--		"
290	Juan Fornos	--		"
291	José Antonio Gacifo	--		"
292	José Maria Fernandez Alvarez	--		"
293	Diego Miño	--		"
294	Luis Pérez Quesada	--		"
295	José Alvarez Calso	--		"
296	Ramón Batán Varela	--		"
297	Manuel Rodriguez Hernandez	--		"
298	José Rivero Arnais	--		"
299	Tomas Gonzalez	--		"
300	Manuel Perdegon	--		"
301	Francisco Perdegon	--		"
302	Felix Rodriguez	--		"
303	Antonio de Veras	--		"
304	Antonio Sobrado	--		"
305	Antonio Suarez	--		"
306	José Moura Rodriguez	España	Creciente	"
307	Manuel Hernandez Espinosa	"		"
308	José Morales	--		"
309	Juan Alonso	--		"
310	Eusebio Martinez Perez	--		1897
311	Manuel Gutiérrez	España	Orense	"
312	Antonio Garcia	--		"
313	Manuel Hermida Espinosa	--		"
314	Joaquim Martinez	--		"
315	Juan Nogueira Miguez	--		"
316	Manuel Fernandez Alvarez	--		"
317	Juan Hernandez Diaz	--		"
318	Rosendo Alonso Martinez	--		"
319	Manuel Pazos Vazquez	España	Creciente	"
320	Joaquim Rodriguez Carrara	--		"
321	Domingo Pereira Alvarez	--		"
322	Manuel Pazos Gomez	España	Creciente	"
323	José Nieves Blanco	--		"
324	Francisco Perez Villalobos	--		"
325	Manuel Piñeiro	--		"
326	Manuel Malvas	--		"
327	Jesus Troncoso	España		"
328	Candido Souza	--		"
329	Carmelo Fernandez	--		"
330	Anastacio Pardo	--		"
331	Antonio Amador Rodriguez	--		"
332	Gabriel Lopez Fernandez	--		"
333	Ramón Gonzalez	--		"
334	Doménico Lebrero	Itália		"
335	Rafael Comesaña Pérez	España	Goyan	"
336	Julio Dominguez	--		"
337	Nicolas Fernandez	--		"
338	Elias Nevoa Mendes	--		1898
339	Dimas Gonzalez	--		"
340	Severino Torreciela Martinez	--		"

341	Ramón Comesaña Perez	--		"
342	Gregorio Martinez Rodriguez	--		"
343	Juan Mendez	--		"
344	Manuel Castillo	--		"
345	Enrique Salgado	--		"
346	Pedro Corch	España	Barcelona	"
347	Antonio Fernandez Diaz	"	Goyan	"
348	Modesto Fernandez	--		"
349	Rafael Agueló Bondia	--		"
350	Manuel Vergara Rivero	--		"
351	Manuel Gomez Vergara	--		"
352	Juan Garcia	--		"
353	Ramón Fernández Carvajal	--		"
354	Antonio Barreiro	--		"
355	Francisco Rodriguez Carrera	--		1899
356	Enrique Gonzalez Siqueira	--		"
357	Aquilioso Estevez Ozores	España		"
358	Gervasio Santiago Estevez	--		"
359	Bruno Estevez Sobraisa	--		"
360	Manuel Gomez	--		"
361	Manuel Castro	--		"
362	Casimiro Nieto	--		"
363	Antonio Lourenzo da Silva	Portugal		"
364	Luís Perez Vazquez	España	Creciente	"
365	José Carrera Ozores	"	Goyan	"
366	Erinelo Rocha	--		"
367	Claudio Mendonza	--		"
368	Juan Bouzas	--		"
369	Martin Garcia Hernandez	--		"
370	Silverio Gomez Nielo	--		"
371	Manuel Cabrera	--		"
372	Juan Reyes Delgado	--		"
373	Rosendo Alonso	--		"
374	José Alvarez Martinez	--		"
375	Jesus Estéves y Curty	España	Goyan	"
376	Gines Barreto	--		"
377	Elias Mariño Vázquez	--		"
378	Isidro Garcia	--		"
379	Juan Rodrigues Matos	--		"
380	Juan Marrezo Garcia	--		"
381	Angel Fernandez	--		"
382	Domingo Lopez Arcos	--		"
383	Zacarias Garcia	--		"
384	Bruno Rocha Perez	España	Goyan	"
385	Nicolás Troncoso Carrera	"	Goyan	"
386	Emilio Ramon y Ramon	"		"
387	Santiago Espina Del Valle	--		"
388	José Gonzalez Vazquez	--		"
389	Serafin Alvarez	--		"
390	José Maria Santiago	España	Goyan	"
391	Germano Vázquez Rodríguez	--		"
392	Marcos Diaz Gómez	--		"
393	Juan Santana	--		"
394	Nicolás Arcos	--		"
395	José Pasada Gonzalez	--		"
396	Santos Alvarez Pérez	España	Goyan	"
397	Camilo Gonzalez Alvarez	--		1900
398	Manuel Vázquez Ricón	España	Creciente	"

399	Clemente Santiago	--		"
400	Jesus Suega Perez	--		1900
401	José Cabot Gusils	España	Barcelona	"
402	Gerardo Fuentes	--		"
403	José Blauer	--		"
404	Guilhermo Lopez	--		"
405	José Salgado Piña	España	Creciente	"
406	Alfonso Fernandez	"		"
407	Delfina de Barros	--		"
408	Eva Canel	--		"
409	Manuel Martinez Onorez	España	Goyan	"
410	Manuel Fernández González	"		"
411	Generoso Alvarez	"	Goyan	"
412	Manuel Bello Gómez	--		"
413	Goumersindo Perez	--		"
414	Gonzalo Ferrin Carrara	--		"
415	José Soto Alvarellos	--		"
416	Avelino Agenor	--		"
417	Virgilio Diaz	--		"
418	Rafael Cores y Gonsalez	--		"
419	Antonio de Barros	--		"
420	Antonio Fernandez	--		"
421	José Manuel Caron y Suárez	--		"
422	Salvador José Lozada	España	Creciente	"
423	Manuel Novoa Amoedo	"	Creciente	"
424	Manuel Gómez Vázquez	"	Creciente	"
425	José Montero Fernández	"	Creciente	"
426	Camilo Fernandez	--		"
427	Modesto Nuñez Martínez	--		"
428	Nicolás Lorenzo	--		"
429	Jesus Cobas Perez	España	Creciente	"
430	Manuel Elias Ruiz	--		"
431	Eulógio Estevez Oliva	España	Creciente	"
432	Francisco Perez Rodriguez	--		"
433	Júlio Rios Delgado	--		"
434	Claudio Blanco Fernandez	--		"
435	Filisindo Valeijo	--		"
436	Nicanor Alvarez	--		"
437	José Tirso Alvarez	España	Creciente	"
438	Miguel Farias	--		"
439	Manuel Rios Diaz	--		"
440	Afonso Faba	--		"
441	Francisco Calixto Mesa	--		"
442	Urbano Vázquez	España	Creciente	"
443	Augustin, Baron de la Barre	--		"
444	Júlio Conceição	Brasil		"
445	José Carlos Silva Teles	Brasil		1900
446	Manuel Rodriguez Castro	España	Creciente	1901
447	Aurelio del Valle Garcia y Gutiérrez	"		"
448	Cayetano Estévez	"	Creciente	"
449	Severino Sierra del Fuego	--		"
450	Manuel Corval Vázquez	España	Creciente	"
451	Eduardo Jimenez Diaz	--		"
452	Francisco Carril	--		"
453	Laureano Pereira	España	Creciente	"
454	Indalicio Fonseca Cividanes	"	La Guardia	"
455	Casiano Viñoli y Silva	"	Canárias	"
456	Maximino Pascual Gómez	"	Creciente	"

457	José Pérez Rodríguez	"	Creciente	"
458	Manuel Castro Rodríguez	"	Zamora	"
459	Francisco Prieto Blanco	"	Zamora	"
460	José Troncoso y Troncoso	"	Creciente	"
461	Salvador Prieto Blanco	"	Zamora	"
462	Carlos Gallego García	"	Orense	"
463	Francisco Gomez	"	Orense	"
464	Melchior Lobarriñas Fernández	"	Creciente	"
465	Fernando Barros y Barros	"	Barcelona	"
466	Camilo Rodríguez	"	Cartagena	"
467	Juan Lobarriñas	"	Creciente	"
468	José Pazos	"	Creciente	"
469	Pedro Fernández Estevez	--		"
470	Delmiro Rodríguez	España	Cartagena	"
471	Antonio Penelas	"	Coruña	"
472	Manuel Domínguez Pereira	"	Creciente	"
473	José Gómez Campaña	--		"
474	Juan Gómez Campaña	--		"
475	Francisco San Martín	España	Coruña	"
476	Manuel Ruiz Fraga	"	Coruña	"
477	Lisardo Carnero Lama	--		"
478	Domingo Rodríguez	--		"
479	Silverio Quintas	--		"
480	Antonio López Pazos	--		"
481	José Carlos Estévez	España	Creciente	"
482	Antonio Padrón	"	Creciente	"
483	Franco Panoce	"	Creciente	"
484	Argemiro Corti Fernández	"	Cartagena	"
485	José Fernández	--		"
486	Constantino Fernández Anadi	--		"
487	Valentín Conde Estevez	--		"
488	Eduardo Beldron Álvarez	--		"
489	Antonio Gómez Barreiro	--		"
490	Benito Martínez	--		1901
491	Manuel Carrera Méndez	--		"
492	José Cáceres	--		"
493	Enrique Rodríguez	España		"
494	Primo Merino Suárez	--		"
495	Manuel Pizara	--		"
496	Agustín Creo Romero	--		"
497	Luiz Requejo	--		"
498	Luis Varela Vázquez	--		"
499	Antonio Lorenzo Balado	--		"
500	Emilio Blanco	--		"
501	Albino Padrón	--		"
502	Juan Vázquez	--		"
503	Frabcusci Vázquez	--		"
504	Valentín Nóvoa Amoldo	--		"
505	José Monterroso Pereira	--		"
506	José Reigada Bermúdez	--		"
507	Manuel Pereira	--		"
508	Manuel Soto Monterroso	España		"
509	José Gómez Montero	"	Creciente	"
510	Eliás Ribela	--		"
511	Antonio Pazos Vázquez	--		"
512	Baltasar Sánchez	--		"
513	Rafael Fernández Luna	--		"
514	José Blanco	--		"



515	Martin Farina Rodriguez	--		"
516	Mariano Majó Ribas	--		"
517	Camilo Fernandez Rodriguez	--		"
518	José Canda	España	Creciente	"
519	José Mendez Alvarez	--		"
520	Evaristo Castro	--		"
521	Severino Olero Perez	--		"
522	Alejandro Fernandez Rodriguez	--		"
523	Jesus Martinez Fernández	--		"
524	Bertolo Rocha Perez	--		"
525	José Ramos Garcia	--		"
526	Manuel Rodriguez Alonso	España	Creciente	"
527	José Diaz Reyes	--		"
528	Baltasar Amado	--		"
529	Franco Martinez Santin	--		"
530	Francisco Barreira Ruiz	España		"
531	Emilio Alvarez Fernandez	--		"
532	Eulogio Villariño Rodriguez	--		"
533	Bautista Blanco Troncoso	España		"
534	Antonio Ramirez	--		"
535	Manuel Guerrero Garcia	--		1901
536	Ramón Rua Ferro	--		"
537	Manuel Rodriguez Socas	--		"
538	José Lozano	--		"
539	Francisco Borrego Román	--		"
540	Juan Suarez Mateo	--		"
541	Pedro Rodriguez	--		"
542	Manuel Tubis Gonzalez	--		"
543	Fortunato Perez	--		"
544	Manuel Troncoso y Troncoso	España		"
545	Alfredo Velozo	--		"
546	José Rua Fernandez	--		"
547	Norberto Pintor Rodriguez	--		"
548	Enrique Rodriguez Socas	--		"
549	Benjamin Garcia	--		"
550	José F. Fontenla	--		"
551	Rogerio Castro	--		"
552	Domingo Alonso	--		"
553	José Rodriguez	--		"
554	Severino Castro	--		"
555	Rogerio Lozelo Fernandez	--		"
556	José Guillen Galindo	--		"
557	José Ruiz Cano	--		"
558	Pedro Alvarez Estevez	--		"
559	Enrique F. Paz	--		"
560	Jacob Cliou	--		1902
561	José Padrón Armada	--		"
562	Francisco Corballo	--		"
563	José Cordero Duran	--		"
564	José Rodriguez Palomino	--		"
565	Estevan Caroles	--		"
566	José Gonzalez	--		"
567	José R. Lorenzo	--		"
568	Miguel Illa	--		"
569	Manuel Covas Roga	--		"
570	Domingo P. Oliveira	--		"
571	Eduardo Adan Garcia	--		"
572	Castor Fernandez Munaiz	--		"

573	Ramon Rodriguez Fernandez	--		"
574	Juan Vazquez Claro	--		"
575	Manuel Monteiro Bouzas	--		"
576	Franco Conde y Conde	--		"
577	Franco Pazos Cerradelo	--		"
578	José Garcia Parava	--		"
579	Indalicio F. Alvarez	--		"
580	Antonio Fernandez Melvino	--		1902
581	Pablo Palauca Rizaro	--		"
582	Maximino Cota Paz	--		"
583	Antonin Otero Pazos	--		"
584	Ramón R. Alvarez	--		"
585	Antonio Regadas	--		"
586	Aquilino Regadas	--		"
587	Andrés Carvalleda Ovilleira	--		"
588	Manuel Carvalleda Ovilleira	--		"
589	Manuel Carvallal Perdiz	--		"
590	Emilio Fernandez	España	Creciente	"
591	Manuel Fernandez Estevez	--		"
592	Miguel Carroliva Oviedeina	--		"
593	Miguel Carvallal Perdiz	--		"
594	José Cobián	--		"
595	Bruno Lorevan Gil	--	Creciente	"
596	Veríssimo Fernandez	--		"
597	Enrique Dorna	--		"
598	Manuel Pérez Iglesias	--		"
599	Manuel Martinez Perez	--		"
600	José Eiras Garcia	--		"
601	José Maria Gonzalez	--		"
602	Nicanor Fernandez	--		"
603	Manuel Martinez Alvarez	--		"
604	Amadeo Valeijo	España	Creciente	"
605	Ramon Dominguez Mendez	"	Creciente	"
606	Ronanzo Galego Garcia	--		"
607	Manuel Martinez Alvarez	--		"
608	Franco Alfonso	--		"
609	Ramon Ferzura Fernandez	--		"
610	Hermenegildo Perez Dominguez	España	Goyan	"
611	Ramiro Sierra Rodriguez	--		"
612	Agapito Perez Iglesias	--		"
613	Juan Francisco Lopez Conde	--		"
614	Pablo Grañe Madurell	--		"
615	Manuel Rocha Gonzalez	--		"
616	Bautista Vazquez Fernandez	--		"
617	Antonio Crego Gonzalez	--		"
618	Gomersindo Garica Cochou	--		"
619	Ramón Gomez Perez	--		"
620	Baldomiro Alvarez Valle	--		"
621	Nemesto Rodriguez Montero	España	Creciente	"
622	Melchior Maestro Prada	--		"
623		Portugal		"
624	Manuel Cabalar Vilas	--		"
625	Manuel Perdiz Piñeiro	--		1902
626	José Rodriguez	--		"
627	Armando Perez Rodriguez	--		"
628	Ricardo Requejo	--		"
629	Manuel Fernandez Garcia	--		"
630	Avelino Montero Alfonso	--		"

631	Julian Sanchez Prioza	--		"
632	Juan Blanco Alonso	--		"
633	Manuel Dominguez Rodriguez	--		"
634	Manuel Guimán	--		"
635	José Espina Vega	--		"
636	Manuel Nóvoa	--		"
637	Manuel Martinez Rodriguez	--		"
638	Manuel Rodriguez Veloso	--		"
639	Casiano Martinez	--		"
640	José Manuel Fernandez	--		"
641	Ignácio Requejo Gonzalez	--		"
642	Juan Miguel Guimarães	--		"
643	José Bouzas Potas	--		"
644	José Rodriguez Gil	España	Creciente	"
645	Alfonso Cortis Montero	"	Creciente	"
646	José Rodriguez Perez	"		"
647	Nilo Bouzas da Costa	--		"
648	Pedro Lorenzo Figueiras	--		"
649	Enrique Alvarez Curisco	--		"
650	Antonio Martinez Carrera	--		"
651	Evaristo Martinez Rodriguez	--		"
652	José Bouzas Molinos	--		"
653	Luis Senla Rodriguez	--		"
654	Ricardo Diaz do Cabo	--		"
655	Manuel Fernandez Fariñas	--		"
656	Manuel Moreno Barbolla	--		"
657	Lisardo Devares Sorice	--		"
658	Gines Cascales Carrillo	--		"
659	Ramón Cornero	--		"
660	Celestino Crego Gonzalez	--		"
661	Manuel Tato Vamonde	--		"
662	Enrique Gueiga Gómez	--		"
663	Antonio Gusman	--		"
664	Severino Atanes	--		"
665	Marcial Lorenzo Adan	--		"
666	Joaquim Bibian Rodriguez	--		"
667	Juan Bernadino	--		"
668	Nicanor Martinez Santiso	--		"
669	Celestino Rodriguez Fernandez	--		"
670	Luis Rodriguez Gil	--		1902
671	Ferando Rozava	--		"
672	Benito Gonzalez Perez	--		"
673	Emilio Piña Nuñes	--		"
674	Manuel Fernandez Armada	--		"
675	Bernardo Alonso Luna	--		"
676	Antonio Fernandez Barrero	España		"
677	Benjamin L. Gómez	--		"
678	Manuel Corradelo Diaz	--		"
679	Pedro Muños Serrano	--		"
680	José Colmenero Vaz	--		"
681	Ramon Torres Carpinteiro	--		"
682	Leandro Alvarez Rodriguez	--		"
683	Benito Vazquez Cocide	--		"
684	José Martinez Gozende	--		"
685	Juan Pedro Ramos	--		"
686	Joaquim Dominguez	--		"
687	Fernando P. Blanco	--		"
688	Manuel Mira Rojo	--		"

689	Eloy Alvarez Pio	--		"
690	Primitivo Raymundo Suarez	--		"
691	Lauriano Purtoz Rodriguez	--		"
692	Epifanio Fernández	--		"
693	José Pérez Vázquez	--		"
694	Francisco Castro Pereira	--		"
695	José Simón Ramiro	--		"
696	José Campos	--		"
697	Celestino Cosa Lavandeira	--		"
698	Praxedes Gil Orozco		España	"
699	José Borges	--		"
700	Matias Gonzalez	--		"
701	Albino Espina Vega	--		"
702	Abrahan Mobilla Jimenez	--		1903
703	Dámaso Parada	--		"
704	Camilo Salgado Piña	--		"
705	Antonio Fernández Rodriguez	--		"
706	Aniceto L. Sanchez	--		"
707	Manuel Rodriguez Caballa	--		"
708	Juan Pelegrén Andrés	--		"
709	Feliciano Alvarez Castro	--		"
710	Juan Sales	--		"
711	Amaranto Rodriguez	--		"
712	Celso Vazquez Conde	--		"
713	Luis Gayoso Alvarez	--		"
714	Sergio Pérez Alvarez	--		"
715	Albino Bañeira Gomez	--		1903
716	Manuel Carrera Barros	--		"
717	Miguel Noya Martin	--		"
718	Antonio Rodriguez Martinez	--		"
719	Eugenio Gonzalez	--		"
720	Plácido Silva Santamarina	--		"
721	José Fernandez	--		"
722	Vicente Rodriguez	--		"
723	Manuel Perez Salgado	--		"
724	Antonio Lorenzo Puentes	--		"
725	Pedro Requejo	--		"
726	Ricardo Gonzalez	--		"
727	Jesus Hernandez	--		"
728	Ramón Garcia Rodriguez	--		"
729	Jesús Garcia Rodriguez	--		"
730	Manuel Prieto Cubelas	--		"
731	Francisco Valeije Bogartq	--		"
732	Manuel Rodriguez Perez	--		"
733	Manuel Gozende Garcia	--		"
734	Aparicio Rodriguez	--		"
735	José Gomez Nuñez	--		"
736	Juan Arias		España	"
737	Juan Bernils Bernal	--		"
738	José Rodriguez Valeije	--		"
739	Alfredo Cid Gonzalez	--		"
740	Manuel Alonso Alvarez	--		"
741	Antonio Gomez Besada	--		"
742	Avelino Alonso Gonzalez	--		"
743	Bernardino Rodriguez	--		"
744	Manuel Reynaldo Couto	--		"
745	José Fernandez Perez	--		"
746	Placido Ruiz	--		"

747	Ramon Fernandez y Fernandez	--		"
748	Perfecto Rodriguez Gonzalez	--		"
749				"
750	Manuel Blanco Perez	--		"
751				"
752				"
753	Angel Dominguez Perez			"
754				"
755	Oscar Serantes Echegaray			"
756	José Amoedo Vazquez			"
757			Orense	"
758	José Atanes Parada			"
759				"
760	Avelino Oliva Martinez	España	Creciente	"
761	José Molina	"	Málaga	"
762	José Estevez Mendez	"	Creciente	"
763				
764	Aquilino Garcia del Valle	--		"
765				
766	Manuel Vazquez Estevez	--		"
767	José Maria Alonso Trigo	--		"
768	Antonio Reynaldo	--		"
769	Andrés Bello Feo	--		"
770	Celso Franco	--		"
771	Pedro Gil Perez	--		"
772	Benito Alonso Ubeira	--		"
773	Juan Benito Moure	--		"
774	Hercules Buscaglia	Itália		"
775	Ana de Buscaglia	"		"
776				
777	José Manuel Souza Souto	--		"
778		España	Creciente	1904
779	José Martin Placeres	España	Canárias	"
780	Joaquim Rivas	"	Vigo	"
781		"	Orense	"
782	José Carolo	"	Coruña	"
783		"	Creciente	"
784	Fernando Cabot	Argentina	Buenos Ayres	"
785		España	Orense	"
786	Juan Gonzalez Estevez	"	Orense	"
787	Vicente Lorenzo Figueras	"	Vigo	"
788	Alejo Gomez Alvarez	"	Creciente	"
789	José Bello Gomez	"	Coruña	"
790	Mariano Lamaña	"	Barcelona	"
791	Manuel Perdiz Suarez	"	Pontevedra	"
792			Orense	
793	Benjamin Alonso	--		"
794	Eduardo Sellera Jaraba	España	Malaga	"
795	Manuel Sellera Jaraba	"	Malaga	"
796	Davino Alvez Paz	--		"
797	Manuel Maria Aranguren			"
798	Joaquin Requejo Pérez	España	Pontevedra	"
799	Ricardo Alonso Lopez	"	Goyan	"
800	Mariano Gulias Gomez	"	Pontevedra	"
801	Manuel Garcia Salvador	"	Leon	"
802	Eloy Carreira Ozores	"	Goyan	"
803	Amadeo Mendez Castro	"	Puente	"

			Areas	
804	Gervasio Fernandez Sobreira	"	Goyan	"
805	Manuel Borrego Román	España	Málaga	1904
806	José Adan	"	Pontevedra	"
807	Manuel Souto Fernandez	"	Goyan	"
808	Marcos Gardon Rodriguez	"	Orense	"
809	Elisardo Estévez	"	Alvarellos	"
810	Rogelio Pérez	"	Creciente	"
811		"	Orense	"
812	Juan Rodriguez Quintero	"	Pontevedra	"
813	Manuel Pérez Castro	"	Creciente	"
814		"	Jerez de La Frontera	"
815	Andrés Fernández Martínez	"	Pontevedra	"
816	Alejandro Pérez Blanco	"	Pontevedra	"
817	Jesús Pérez Rodríguez	"	Pontevedra	"
818	Severino Martínez	"	Pontevedra	"
819	Agustin Roca y Masip	"	Tarrogona	"
820		"	Pontevedra	"
821	Nicasio Rodriguez Santana	"	Canárias	"
822	Demetrio Dominguez Alvarez	"	Pontevedra	"
823	Manuel Alonso Sanchez	"	Orense	1905
824		"	Orense	"
825	José Pampillón Leiras	"	Orense	"
826	José Dominguez Méndez	"	Creciente	"
827	Luis Gómez	"	Pontevedra	"
828		"	Orense	"
829	Manuel Salgado Gallego	"	Orense	"
830	José Fortes Paz	"	Pontevedra	"
831	Augustín Pérez Campos	"	Orense	"
832	José Sanchez	"	Orense	"
833		"	Orense	"
834	Manuel Cortizo Diz	"	Orense	"
835	Emilio Pérez	"	Pontevedra	"
836	José Martínez y Martínez	"	Creciente	"
837	Juan Sierra Rodriguez	"	Tenerife	"
838	Manuel López Fernandez	"	Goyan	"
839	Constantino Alonso González	"	Pontevedra	"
840	Bruno Amado Alvarez	"	Pontevedra	"
841	Manuel Jaronez	"	Caceres	"
842	Isidro Carnero	"	Orense	"
843	Vicente González	"	Pontevedra	"
844	José Valeije	"	Pontevedra	"
845	Vilermimo Novoa	"	Pontevedra	"
846	Francisco Martínez	"	Pontevedra	"
847	Ricardo Rodríguez Lamas	"	Orense	"
848	Daniel Fortes Paz	"	Pontevedra	"
849	Dorindo Pato Farilde	"	Orense	"
850	Carlos Garcia	España	Orense	1905
851	Prudencio Sanz	"	Pontevedra	"
852	Agustín Flores Nieto	"	Leon	"
853	Emilio Martínez González	"	Pontevedra	"
854	Fulgencio Fernández	"	Orense	"
855	José Requejo Pérez	"	Pontevedra	"
856	Manuel Rodríguez Gil	"	Orense	"
857	José Dominguez Alejandro	"	Creciente	"
858	Antonio Fernández	"	Goyan	"
859		Italia		1906

860	José Vazquez	España	Pontevedra	“
861				“
862	Angel Martinez y Martinez			“
863	Manuel Martinez y Martinez			“
864	Rutilio Fernandez Parada	España	Orense	“
865	Lino Rivera Gil	“	Creciente	“
866	Francisco Martinez Pérez	“	Goyan	“
867	Manuel Martinez Pose	“	Coruña	“
868	Manuel Pérez	“	Orense	“
869	Vicente Santiago Pérez	--		“
870	Antonio Fernández Claro	España	Creciente	“
871	Odón Vallejo	“	Orense	“
872	Rafael González	“	Leon	“
873	Manuel Rivera Alonso	“	Orense	“
874	Rafael Suarez	“	Cadiz	“
875	Juan Alonso Alvarez	“	Goyan	“
876	Antonio Paramés Blanco	“	Pontevedra	“
877	Juan Lenguazen	“	Málaga	“
878	Baltasar Lima	“	Orense	“
879	Julián Blanco	“		“
880	Lisardo Gonzalez	“	Leon	“
881	Antonio Garcia	“	Orense	“
882	Carlos Rodriguez	“	Orense	“
883	Miguel Viu Garcia	“	Barcelona	“
884	Angel Viu Garcia	“	Barcelona	“
885		“	Goyan	“
886		--		“
887	Antonio Alvarez	España	Orense	“
888	José Blanco Rodriguez	“	Sevilha	“
889				“
890				“
891	Modesto Sanchez Martinez	España	Madrid	“
892	José Alvarez Diaz	“	Leon	“
893	Manuel Rodriguez Alonso	“	Goyan	“
894	Román Ovalle	--		“
895	Jesús Alvarez Barreiro	España	Goyan	1906
896	Constante Mendez	“	Orense	“
897	Ricardo Gómez	“	Orense	“
898	Jacinto Alvarez	“	Goyan	“
899	Juan Fernandez Ramos	“	Creciente	“
900	José Pereira Dominguez	“	Creciente	“
901	José Rocha Pérez	“	Goyan	“
902	Maximo Perdiz	“	Pontevedra	“
903	Justo Alonso Plá	“	Orense	“
904	Joaquim Orguen	“	Orense	“
905	Francisco Gómez Frois	“	Orense	“
906	Manuel Vázquez Gil	“	Orense	“
907	Miguel Martinez Pereira	“	Creciente	“
908	Alfonso Rios Delgado	“	Orense	“
909	Jeremias Martinez Rodriguez	“	Pontevedra	“
910	Serafin Solé	“	Barcelona	“
911	Alejandro González Pérez	“	Goyan	“
912	José Marrero Garcia	“	Canárias	“
913	Benito Alberto	“	Orense	“
914	Evaristo Pérez	“	Pontevedra	“
915	Delmiro Arcas	“	Orense	“
916	José Augusto Forniel	“	Málaga	“
917	José Losada Montero	“	Creciente	“

918	Paulino Fernández	“	Orense	“
919	Manuel Carrera	“	Orense	“
920	Miguel Gómez Román	“	Málaga	“
921	Rafael Fernández	“	Pontevedra	“
922	Pedro Villaverde Lopes	Brasil		“
923		España	Pontevedra	“
924	José Piña Rodríguez	“	Creciente	“
925	Ramón Farias	Argentina		“
926	Elias Veloso	--		“
927	José Fernandez Rosado	--		“
928	José Gonzalez Troncoso	España		“
929	Camilo Francisco Durán	“		“
930	Ramón Pascual Gómez	“	Creciente	“
931	José Carreras Perez	--		“
932	Agustín Guzmán	--		“
933	Julio Rocha	España	Goyan	“
934	Germán Fernandez Gómez	“	Orense	“
935	Teófilo Poentes	“	Creciente	“
936	Dimas Firbeda	“	Orense	“
937		“	Orense	“
938	José Alvarez Raylo	“	Orense	“
939	Antonio Pérez Gómez	“	Creciente	“
940	Florencio Francisco Rodriguez	España	Orense	1906
941	Manuel Seoane	“	Orense	“
942	Juan Cortegoso	“	Pontevedra	“
943	Manuel Vazquez Rodriguez	“	Orense	“
944	Adolfo Rodriguez Rua	“	Orense	“
945	Manuel Vallejo Pérez	“	Creciente	“
946	Andrés Feijó Cortéz	“	Orense	“
947	Juan Valle Martin	“	Salamanca	“
948	Ermínio Soutelo	“	Orense	“
949	José Perdiz Suarez	“	Pontevedra	“
950	Jesus Montero	“	Pontevedra	“
951	Juan Bouzas	“	Pontevedra	“
952	Eugenio Navarro	“	Alcoy	“
953	Benito Feijó Ochegabias	“	Orense	“
954	José Baylón Cousiño	“	Creciente	“
955	Serafin González Justo	“	Orense	“
956	José Rodriguez Sobreira	“	Goyan	“
957	Severino Fernández	“	Goyan	“
958	Manuel Treviño Gusman	“	Granada	“
959	José Rodriguez	“	Creciente	“
960	Juan André Franco	“	Pontevedra	“
961	José Meleiro	“	Pontevedra	“
962	Luis Blanco Pérez	“	Creciente	“
963	Rigoberto Doval Pérez	“	Goyan	“
964	Eduardo Sellera Muñoz	“	Málaga	“
965		“	Málaga	“
966	Manuel Barbeiro	“	Coruña	“
967	Luis Blanco Pérez	“	Pontevedra	“
968	José González Silva	“	Creciente	“
969	José Ruiz Fernández	“	Zamora	“
970	Francisco González	“	Madrid	“
971	Manuel Ruiz Fernández	“	Pontevedra	“
972	José Sotelo Fernández	“	Orense	“
973	José Cubelas Gil	“	Creciente	“
974	Juan Vivián	“	Orense	“
975	Manuel Rubiales	“	Málaga	“



976	Antonio Presas Rodriguez	"	Orense	"
977	Francisco Pereira Araujo	"	Goyan	"
978	Santiago Rodriguez Lopez	"	Pontevedra	"
979	Zeferino Rodriguez Lopez	"	Pontevedra	"
980	Domingo Gómez	"	Orense	"
981	José Lorenzo	"	Orense	"
982	Ramón Pérez Fernández	"	Coruña	"
983	José Pérez Carnero	"	Goyan	"
984	Manuel Fernandez	"	Pontevedra	"
985	José Pose Torrado	España	Coruña	1906
986	Manuel Estévez	"	Coruña	"
987	Francisco Pérez	"	Pontevedra	"
988	Miguel Moure Santiago	"	Pontevedra	"
989	Zacarias Pérez Martinez	"	Goyan	"
990	Joaquim Moure Santiago	"	Pontevedra	"
991	Tomás Moure Santiago	"	Pontevedra	"
992	Agustin de la Fuente	"	Leon	"
993	Juan Novoa Balbuena	"	Leon	"
994	Manuel Castro Fernández	"	Creciente	"
995	José Garcia Barcarcel	"	Orense	"
996	José Trelle Barreiro	"	Coruña	"
997	José Ventura Lorenzo	"	Orense	"
998	Adolfo Estevez Pérez	"	Orense	"
999	Gerardo Martinez Pérez	"	Goyan	"
1000	Servando Atanes Parada	"	Orense	"
1001	Pedro González	"	Orense	"
1002	José Pérez	"	Pontevedra	"
1003	Rotilio Péres Pereira	"	Goyan	"
1004	Fortunato Rodriguez	"	Pontevedra	"
1005	Juan Marba Ferreira	"	Leon	"
1006	Antonio Carballal	"	Orense	"
1007	Agustín Calvo Fernandez	"	Orense	"
1008	Alejandro Rocha	"	Goyan	"
1009	Benigno Claro	"	Creciente	"
1010	Benjamin Gómez	"	Finesterre	"
1011	Francisco Suarez	"	Málaga	"
1012	Francisco Fernández Vidaurreta	"	Orense	"
1013	Felix Florez	"	Leon	"
1014	Faustino Ferro Fernandez	"	Goyan	"
1015	Cipriano Gonzales Justo	"	Orense	"
1016	José Pérez y Pérez	"	Pontevedra	"
1017	José Barreal Ribela	"	Pontevedra	"
1018	José B. Ferrer	"	Pontevedra	"
1019	José Maria Ozores Fernández	"	Goyan	"
1020	José Vidal Paredes	"	Pontevedra	"
1021	Jesús Figueroa Esteiro	"	Coruña	"
1022	Manuel Bieytes	"	Pontevedra	"
1023	Manuel Dominguez Méndez	"	Creciente	"
1024	Manuel Vazquez Claro	"	Creciente	"
1025	Nicasio Costillas	"	Zamora	"
1026	Constantino F. Vaamonde	--		"
1027	Ricardo Pérez	España	Orense	"
1028	Emilio Cepa	"	Salamaca	"
1029	Juan Almon	--		"
1030	Benito Morán Mendez	España	Orense	1907
1031	José Rodriguez	"	Pontevedra	"
1032	Ildelfonso Fernández	"	Orense	"
1033	Rogelio Gonzalez	"	Pontevedra	"

1034	Manuel Cid Pérez	--		"
1035	Fernando Peres	Portugal		"
1036	Francisco Checa	España	Málaga	"
1037	Claudio de Aguiar	"	Orense	"
1038	Rogelio Areas Rodriguez	"	Orense	"
1039	José Pallares	"	Almeria	"
1040	Herminio Alvarez	"	Pontevedra	"
1041	Antonio Vazquez Fernandez	"	Orense	"
1042	José Taboada Gonzalez	"	Pontevedra	"
1043	José Prada Alvarez	"	Orense	"
1044	Alfredo Mendez	"	Orense	"
1045	Benito Rodriguez	"	Orense	"
1046	Benito Vazquez Conde	"	Pontevedra	"
1047	Felipe Vasalo Ermida	"	Pontevedra	"
1048	José Rodriguez Carrera	"	Pontevedra	"
1049	Isauro Martinez y Martinez	"	Pontevedra	"
1050	Jesús Sobrinho Moure	"	Pontevedra	"
1051	Arturo Dominguez	"	Pontevedra	"
1052	Zenon Estevez	"	Pontevedra	"
1053	Francisco Vázquez Martínez	"	Pontevedra	"
1054	Benjamin Gomez Fernandez	"	Orense	"
1055	Alvaro Rivan Blanco	"	Orense	"
1056	Pablo Gil	"	Madrid	"
1057	Manuel Salgado	--		"
1058	José Gonzalez Pazos	--		"
1059	Bartolomeu Rocha Fernández	--		"
1060	Nicanor Palomino Fernández	--		"
1061	Pablo Ramos	--		"
1062	Ernesto Barga	--		"
1063	Nicolás Rodriguez Sánchez	--		"
1064	Daniel Montero y Montero	--		"
1065	José María Fernández	--		"
1066	Ramón Yaneza Fernández	--		"
1067	Juan Pérez	España	Creciente	"
1068	Nicolás Montero	--		"
1069	Benito Rodriguez Soto	--		"
1070	Constante Estevez	España	Orense	"
1071	Manuel Gonzalez y Gonzalez	"	Orense	"
1072	Eulogio Fernandez Alvarez	"	Orense	"
1073	José Pérez Alvarez	"	Orense	1908
1074	Higinio Pérez	"	Orense	"
1075	Antonio Alonso Gonzalez	España	Canárias	1908
1076	Ricardo Gonzalez Gomez	"	Orense	"
1077	Joaquim Fernández Gomez	"	Pontevedra	"
1078	Rogelio Dantas	España	Orense	"
1079	Juan Valeije Fernandez	"	Pontevedra	"
1080	Francisco Castro	"	Pontevedra	"
1081	Ricardo Carnero	"	Pontevedra	"
1082	Secundino Novoa	"	Orense	"
1083	Manuel Rodriguez Palomino	"	Pontevedra	"
1084	Camilo Blasco	"	Alicante	"
1085	Manuel Varela Moreira	"		"
1086	Francisco Alvarez Alonso	"	Pontevedra	"
1087	Juan Ramos Liébana	"	Leon	"
1088	Gervasio Martinez González	"	Pontevedra	"
1089	Juan Alvarez	"	Pontevedra	"
1090				"
1091	Marcelino González	--		"

1092	Adelino A. Garrido	--		"
1093	José A. Alvarez	--		"
1094	Juan Gonzalez Vázquez	--		"
1095	José Vázquez Gonzalez	España	Orense	"
1096	Pedro Ribas	"	Orense	"
1097	Felisindo Casado	"	Orense	"
1098	Ricardo Blanco Alvarez	"	Málaga	"
1099	Benigno Campos	"	Orense	"
1100	Juan Antonio Prado	"	Orense	"
1101	Augustín A. Fernández	"	Orense	"
1102		"	Pontevedra	"
1103	Julio Parada	"	Orense	"
1104	Horacio Rolán	"	Málaga	"
1105		"	Málaga	"
1106	Manuel Vázquez Fernandez	"	Pontevedra	"
1107	Antonio Prado Vázquez	"	Orense	"
1108	Francisco Yebra López	"	Leon	"
1109	Perfecto Gil López	"	Orense	"
1110	Pedro Carpinteiro	"	Orense	"
1111	Antonio Rodriguez Dominguez	"	Orense	"
1112	Ricardo Vallejo Cubelas	"	Creciente	"
1113	Domingo Pérez	"	Orense	"
1114		"	Pontevedra	"
1115	Miguel Estévez	"	Pontevedra	"
1116	Recaredo Gonzalez Martinez	"	Pontevedra	"
1117	David Pérez	"	Lugo	"
1118	Luis Yañez	"	Orense	"
1119	Francisco Alonso Sánchez	"	Orense	"
1120	Enrique Pazos	España	Orense	1908
1121	José Amado Alvarez	"	Goyan	"
1122	Manuel Dominguez	"	Pontevedra	"
1123	Manuel C. Alvarez	"	Goyan	"
1124	Rafael González Torquemada	"	Pontevedra	"
1125	Nicasio Costillas	"	Coruña	"
1126	Marcos Rodriguez	"	Goyan	"
1127	Domingo Mejias	"	Caceres	"
1128		"	Murcia	"
1129		"	Orense	"
1130	Atanasio Rodriguez	"	Orense	"
1131	Gumersindo Regos	"	Coruña	"
1132	José Gómez Pardo	"	Pontevedra	"
1133	Francisco Fernandez	"	Pontevedra	"
1134	José Campos	"	Vigo	"
1135	Juan Diaz Santiago	"	Canárias	"
1136		"	Orense	"
1137		"	Pontevedra	"
1138	Manuel Cerrejón	"	Pontevedra	"
1139	David Alvarez	"	Pontevedra	"
1140	Andrés Gómez Pardo	"	Pontevedra	"
1141	Genaro Salgado	"	Orense	"
1142	Francisco Garcia	"	Orense	"
1143	Higinio Presas	"	Pontevedra	"
1144	Catalina Sánchez	"	Málaga	"
1145	Antonio Navarro de Marba	"	Alicante	"
1146	Josefa León de Navarra	"	Barcelona	"
1147	Claudino Vázquez Fernandez	"	Orense	"
1148	Redosindo Rodríguez	"	Orense	"
1149	Carlos Ganoso	"	Orense	"

1150	José Cuquejo López	“		“
1151	Castro A. Gago	“	Orense	“
1152	Julio Vázquez	“	Orense	“
1153	Julian Yañez	“	Orense	“
1154		“	Orense	
1155			Orense	
1156			Salamanca	
1157	Rogelio Prado	“	Orense	“
1158		“		“
1159	Candido Fernández	“	Orense	“
1160	Camilo Francisco Durán	“	Cataluña	“
1161	Benito Pérez	“	Orense	“
1162	Angel Pérez	“	Orense	“
1163		“	Orense	“
1164	Manuel Seoane	“	Orense	“
1165	Alejandro Fernández	España	Zamora	1909
1166		“	Las Palmas	“
1167		“	Orense	“
1168	Teodomiro Vallejo Román	“	Orense	“
1169	José Ribeiro	“	Pontevedra	“
1170	Eduardo Pérez Gómez	“	Creciente	“
1171	Ricardo Puga	“	Pontevedra	“
1172	José Parada Armada	“	Creciente	“
1173	Candido Garcia	“	Orense	“
1174	Manuel Muradás	“	Pontevedra	“
1175	Aniceto Barjas	“	Orense	“
1176	Castor Linia Guizo	“	Orense	“
1177	Nemesio Pérez	“	Leon	“
1178	José Benito Vazquez	“	Orense	“
1179	Lucio Pérez	“	Leon	“
1180	José Valenzuela	“	Murcia	“
1181	Claudino Rodríguez Carrera	“	Goyan	“
1182		“	Creciente	“
1183	Ramón Nuñes Garcia	“	Orense	“
1184	Manuel Barros Silva	“	Orense	“
1185	Manuel Guerra	“	Orense	“
1186	Luis Camba	“	Orense	“
1187		Brasil		“
1188	Juan Caballero Estevez	España	Pontevedra	“
1189	Gumersindo Garcia	“	Orense	“
1190	Gumersindo Fernandez	“	Orense	“
1191	Miguel Chicote	“	Salamanca	“
1192	José Iglesias	“	Pontevedra	“
1193	Francisco Serrador	“		“
1194	Tomé Villariño	“	Orense	“
1195	Santiago Rodríguez	“	Orense	“
1196	Santiago Alvarez	“	Goyan	“
1197	José Novoa Conde	“	Orense	“
1198	Candido Vallejo Pérez	“	Pontevedra	“
1199	Nicolás Alfonso	“	Tenerife	“
1200	Eliseo Pérez	“	Orense	“
1201	Leopoldo Alvarez	“	Orense	“
1202	Leonardo de Santiago	“	Goyan	“
1203	Evaristo Varela Morera	“	Orense	“
1204	Nicolás Fernández	“	Goyan	1910
1205		“	Creciente	“
1206	Vicente Moreno	“	Salamanca	“
1207	José Sotelo Gonzalez	“		“

1208	Barnabé Alvarez	"	Orense	"
1209		"	Creciente	"
1210	Eduardo Martinez	España	Goyan	1910
1211	Guillermo Fernandez	"	Orense	"
1212	Manuel Raña	"	Pontevedra	"
1213	Antonio Fernandez	"	Orense	"
1214	Genaro Barros	--		"
1215	Genaro Rodríguez	España	Orense	"
1216	Avelino Vamonde	"	Orense	"
1217	Jesuz Fernandez	"	Orense	"
1218	Arturo Amado Portagero	"	Orense	"
1219	Fernando Castello Veiga	"		"
1220	José Sanpedro	Brasil		"
1221	José Gallego Garcia	España	Orense	"
1222	Nabor Alvarez Hermida	"	Orense	"
1223	Gumersindo Suarez Alvarez	"	Orense	"
1224	Claudio Amado Portajero	"	Orense	"
1225		"	Orense	"
1226	Umbelina Parada	Brasil		"
1227	Patricio Pérez	España		1911
1228		"	Orense	"
1229	José Pérez Alonso	"	Zamora	"
1230		"	Creciente	"
1231		"	Orense	"
1232	José Sanz Girona	"	Orense	"
1233	Juan Fernandez Rodríguez	"	Goyan	"
1234	Julian Portal y Portal	"		"
1235	Isaias Fernandez Garcia	"	Salamanca	"
1236		"	Leon	"
1237	Juan Guerrero Correa	"	Málaga	"
1238	Abelardo Losada	"	Orense	"
1239		"	Orense	"
1240	Juan Fernández y Fernandez	"	Goyan	"
1241	Severino Torroba Pascual	"		"
1242	Lucas Diez Garcia	"	Orense	"
1243	Adelino Rodríguez	"	Orense	"
1244		"	Orense	"
1245	Arturo Freire Rodríguez	"	Orense	"
1246	Severino Corval	"	Pontevedra	"
1247	Angel Garcia	"	Orense	"
1248	Mateo Lara	"	Cordoba	"
1249	Ezequiel Ozores	"	Goyan	"
1250	Ruperto Ozores	"	Goyan	"
1251	José Benito Garcia	"	Orense	"
1252	Santos Fernandez	"	Pontevedra	"
1253	Mateo Florez	"	Leon	"
1254	Felipe Pérez	"	Orense	"
1255	Eduardo Fernandez	España	Orense	1912
1256	José Molinos Domínguez	"	Coruña	"
1257	Manuel Alvarez Sobreira	--		"
1258		España	Málaga	"
1259		"		"
1260		"		"
1261		"	Orense	"
1262	Senen Gómez	--		"
1263	Juan N. Solórzano Costa	España	Cadiz	"
1264		"	Orense	"
1265	Joaquim Blanco	"	Orense	1913

1266	José Gomez Bouza	“	Pontevedra	“
1267	Juan Puertas	“	Málaga	“
1268	Antonio Vila	“	Barcelona	“
1269	Ramón Bazo	“	Sogeirol	“
1270	José Alonso Plá	“	Orense	“
1271	Eduardo Fernandez Segundo	“	Orense	“
1272	Adolfo Cerdeiriña	“	Orense	“
1273	Manuel Rodríguez Alonso	“	Goyan	“
1274	Dositeo Rodríguez Piñeiro	“	Lugo	“
1275	Antonio Fijoó	“	Orense	“
1276	Eloy Garcia	“	Leon	“
1277	Ricardo Sobreira	“	Goyan	“
1278		“	Lugo	“
1279	Emilio Rodríguez Martinez	“	Pontevedra	“
1280	José Marín González	“	Pontevedra	“
1281	Victorino Dieguez	“	Orense	“
1282	Antonio Gil	“	Pontevedra	“
1283		“	Orense	“
1284	Francisco Alvarez	“	Orense	“
1285	Lucindo Fernández	“	Orense	“
1286	Benigno Martinez	“	Leon	“
1287		“	Cáceres	“
1288	Rosendo Rodríguez Pérez	“	Goyan	“
1289	Manuel Riesca	“	Orense	“
1290	Angel Vaz	“	Orense	“
1291	Evaristo Alvarez Moure	“	Pontevedra	“
1292		“	Pontevedra	“
1293	Silverio Cerdeiriña	“	Orense	“
1294		“	Orense	“
1295	Joaquin López	“	Orense	“
1296		“	Orense	“
1297	Antonio Fernandez Claro	“	Creciente	“
1298	Ramón Rodríguez	“	Orense	“
1299	Manuel Rodríguez	“	Orense	“
1300	Antonio Rodríguez	España	Leon	1913
1301	Manuel Rua Pensara	“	Orense	“
1302	Domingo Lera Castaño	“	Zamora	“
1303	Urbano Cuquejo López	“	Orense	“
1304	José Ferro	“	Goyan	“
1305	Francisco Silva	“	Pontevedra	“
1306	Hipólito Fernández	“	Orense	“
1307	José Sáez	“	Almeria	“
1308	Eliseo Alvarez	“	Orense	“
1309		“	Malaga	“
1310	Antonio Ozores Flores	“	Goyan	“
1311	Remigio Ozores Flores	“	Goyan	“
1312	Amador Vázquez	“	Orense	“
1313	Manuel Rodríguez Segundo	“	Orense	“
1314	Jesús Diaz Salamanca	“	Madrid	“
1315	Joaquim Castelar	“	Leon	“
1316	Francisco Giral dez Losada	“	Orense	“
1317	Angel Flores Carrillo	“	Almeria	“
1318	Alvaro Canal	“	Orense	“
1319	José Tesoro	“	Orense	“
1320	Rosendo Amado	“	Goyan	“
1321	Ricardo Villarino Rodríguez	“	Orense	“
1322	Juan Alvarez Rodríguez	“		“

1323	Juan Bouguesa Roig	"	Barcelona	"
1324	Francisco Cecilio Navarro	"	Almeria	"
1325	Francisco Nieto Bustelo	"	Coruña	"
1326	Francisco Giradles	"	Orense	"
1327		"	Orense	"
1328	Salvador Sanchez	"	Málaga	"
1329		"	Barcelona	"
1330	Serafín Lamas	"	Orense	"
1331		"	Barcelona	"
1332		"	Barcelona	"
1333		"	Creciente	"
1334		"	Orense	"
1335		"	Leon	"
1336		"	Orense	"
1337		"	Orense	"
1338	Pedro Blanco	"	Orense	"
1339		"	Orense	"
1340	Manuel Rodríguez	"	Creciente	"
1341		"	Orense	"
1342		"	Orense	"
1343	Valentin Alejandro	"	Cañiza	"
1344		--		--
1345		España	Orense	1914
1346	David Carnicero Movilla	"	Orense	"
1347		"	Orense	"
1348		"	Alicante	"
1349	Manuel Borines	"	Pontevedra	"
1350		"	Goyan	"
1351	Eduardo Vega	"	Cañiza	"
1352	Mateo Pérez	"	Cádiz	"
1353	Rmón Rodríguez y Rodríguez	"	Goyan	"
1354	Barnabé Armesto	"	Leon	"
1355	José Pérez	"	Pontevedra	"
1356		"	Orense	"
1357	Manuel Cendon Fernandez	"	Pontevedra	"
1358		"	Pontevedra	"
1359	Adolfo Fernández Quintas	"	Orense	"
1360		"	Pontevedra	"
1361		"	Orense	"
1362		"	Goyan	"
1363	Antonio Ribela	"	Orense	"
1364		"	Orense	"
1365		"	Orense	"
1366	Emilio Salgado	"	Orense	"
1367		"	Leon	"
1368		"	Orense	"
1369		"	Pontevedra	"
1370		"	Orense	"
1371	Primitivo Rodríguez	"	Pontevedra	"
1372	Domingo Nocelo	"	Orense	"
1373	Antonio Garridos Pérez	"	Alicante	"
1374	Severo Domínguez Doval	"	Goyan	"
1375	Juan Rodríguez	"	Orense	"
1376		"	Cáceres	"
1377	Modesto Simon	"	Salamanca	"
1378		"	Orense	"
1379	Alberto Arias	"	Leon	1915
1380	Abilio Carnicero Movilla	"	Orense	"

1381	Antonio Garcia	"	Coruña	"
1382	Odilo Rodríguez	"	Orense	"
1383	Manuel Arias	"	Leon	"
1384	Anacleto Rodríguez Sobreira	"	Goyan	"
1385	Gelasio Costa	"	Orense	"
1386		"	Orense	"
1387		"	Orense	"
1388		"	Orense	"
1389	Gerardo Gómez	"	Orense	"
1390	A. Gonzalo G. Trevijano	España	Biargos	1915
1391	Celestino Vazquez	"	Orense	"
1392	Juan Alonso Gonzalez	"	Tenerife	"
1393		"	Orense	"
1394		"	Goyan	"
1395	Antonio Losada	"	Orense	"
1396		"	Orense	"
1397	Pedro de la Fuente	"	Zamora	"
1398	Demetrio Rodríguez	"	Orense	"
1399		"	Pontevedra	"
1400		"	Pontevedra	"
1401	Severo Martinez Rodríguez	"	Goyan	"
1402		"	Goyan	"
1403	Eduardo Pan	"	Orense	"
1404	Cesario Rodríguez	"	Orense	"
1405	Andrés A. Aguirre	"	Orense	"
1406	José Salgado Martinez	"	Orense	"
1407	Fernando Cerezuela Pérez	"	Zaragoza	"
1408	Bernardino Moreno	"	Salamanca	"
1409	Miguel Parada Alonso	"	Orense	"
1410	Daniel Cupeiro López	"	Coruña	"
1411	Miguel Rodríguez Alvarez	"	Leon	1916
1412	Antonio Rodríguez Cautelar	"	Goyan	"
1413	Román Rodríguez Mariño	"	Creciente	"
1414	Benigno Alvarez	"	Goyan	"
1415	José Alonso Alfonso	Brasil		"
1416		España	Barcelona	"
1417	Serafín Rodríguez Gonzalez	"	Pontevedra	"
1418	Bautista Fernandez	"	Pontevedra	"
1419	José Fernandez	"	Pontevedra	"
1420	Antonio Fornos	"	Orense	"
1421	Tomás Hernandez Benito	"	Salamanca	"
1422	Manuel Ferro Peón	"	Pontevedra	"
1423	Pablo Araujo Domínguez	"	Cresciente	"
1424	Candido Valle	"	Cáceres	"
1425	Gerardo M. Alvarez	Brasil		"
1426	Adolfo Franco Guijarro	España	Orense	1917
1427	José Majó Ribas	"	Leon	"
1428	Antonio de Souza Garcia	Brasil		"
1429	Antolin Rodríguez Alvarez	--		"
1430	José Sieiro	España	Pontevedra	"
1431	Severo Alvarez Couto	"	Pontevedra	"
1432	Camilo Salgado	"	Orense	"
1433	Joaquim Labariñas	"	Pontevedra	"
1434		"	Granada	"
1435	Antonio Losada Vazquez	España	Salamanca	1917
1436		Brasil		"
1437	Maximino Martinez	Espanã	Pontevedra	"
1438	Temistocles Pérez	"	Goyan	"



1439		Brasil		"
1440	Ceferino Yañez Vallamil	España	Pontevedra	"
1441		"	Orense	"
1442		"	Orense	"
1443	Constantino Lamela	"	Pontevedra	"
1444	Alfonso P. Rios	Brasil		"
1445	Augusto Pascual Gómez	España	Creciente	"
1446	José Estevez Meleiro	"	Almeria	"
1447	José Diz	"	Orense	"
1448	Manuel Fernandez	"	Orense	"
1449		Brasil		"
1450	Cesar Gonzalez Vidal	España	Orense	"
1451	José Bojart Rodríguez	"	Creciente	"
1452	José Martinez Vázquez	"	Coruña	"
1453	Balbino Armesto	"	Leon	"
1454	Juan Bojart Silva	"	Orense	"
1455		Brasil		"
1456	Juan Doménech Mateo	España	Almeria	"
1457	Francisco Fernandez Gomez	"	Pontevedra	1918
1458	Juan Troncoso Carrera	--		"
1459	Secundino Troncoso Hijo	España		"
1460	Jorge Troncoso Carrera	"		"
1461	Feliciano Rodríguez Alejandro	"	Creciente	"
1462		"	Pontevedra	"
1463	Cesário Pérez	"	Orense	"
1464	Santos Cubelas	"	Creciente	"
1465	Ramón Pérez	"	Goyan	"
1466	Miguel Prieto Cubelas	"	Creciente	"
1467	Salustiano Turienzo	"	Leon	"
1468	Augusto Martinez	"	Orense	"
1469	Luciano Bravo Rodríguez	"	Huelva	"
1470	Rodrigo Borrero Pulido	"	Huelva	"
1471	Ramão Alvares	Brasil		"
1472	José Anselmo Moreno	España	Salamanca	"
1473	Benigno Fornos	"	Orense	"
1474	Benito Cerderiño Villalobos	"	Orense	"
1475	Nicolas Gago Lorenzo	"	Orense	"
1476	Rafael Fernandez	"	Málaga	"
1477	Damasio Reynaldo	"	Pontevedra	"
1478	Enrique Araujo	"	Creciente	"
1479	José Gil Castro	"	Pontevedra	"
1480	Luis Garcia	Brasil		1918
1481	Honorato Carpinteiro	España	Creciente	"
1482		"	Orense	"
1483	Evaristo Florez	"	Leon	"
1484	Leoncio Perez Moral	"	Orense	"
1485	Gumercindo Domínguez Alejandro	"	Pontevedra	"
1486		"	Orense	"
1487	José Rodriguez Alejandro	"	Creciente	"
1488	Rosendo Fernandez Alonso	Brasil		"
1489	José Pérez Ferreira	"		"
1490	Casiano Rodríguez Troncoso	España	Pontevedra	"
1491	Manuel Pérez Alvarez	"	Orense	"
1492		"	Pontevedra	"
1493		Brasil		"
1494	José Marques	"		"
1495	Fernando Alconero Garcia	España	Valladolid	"
1496	Antonio Moral Jurado	"	Cordoba	"

1497	Avelino Portilla	"	Pontevedra	"
1498	Enrique Vivian Rodríguez	"	Orense	"
1499	José Juliano	Brasil		"
1500	Antonio Penellas Ribas	España	Zamora	"
1501		"	Creciente	"
1502	José Carvallido Estevez	"	Pontevedra	"
1503	Eduardo Armesto Sanchez	"	Leon	"
1504	Ricardo Vidal	"	Pontevedra	"
1505	Arturo Veiga Iglesias	"	Orense	"
1506	Julio Fernández	"	Orense	"
1507	Andrés Solé	"	Zaragoza	"
1508	Ramón Fernandez	"	Orense	"
1509	José Pedro Araujo Rodríguez	"		"
1510	Manuel Fernandez Farias	España	Orense	"
1511	Avelino Rodríguez Nieves	Brasil		"
1512		España	Barcelona	"
1513	Salvador Otero Conde	"	Pontevedra	"
1514	Manuel Lobariñas Fernandez	"	Creciente	"
1515	Máximo Martinez	Brasil		"
1516	Manuel Cadavio	España	Orense	"
1517		"	Orense	"
1518		Brasil		"
1519	José Vázquez Rios	España	Granada	"
1520	Emilio Flores Guimaraes	Brasil		"
1521		"		"
1522	Antonio Penellas Diégues	España	Barcelona	"
1523	Benito Gonzalez	"	Orense	"
1524	Antonio Cano Milano	Brasil		"
1525	Alberto Campos Outón	España	Pontevedra	1918
1526	Joaquin Baza Madorran	"	Logroño	"
1527	José María Rodríguez Santa María	"	Orense	"
1528	Francisco Montero Frade	"	Cáceres	"
1529	Luis Gómez Vivián	"	Orense	"
1530	Bernardo Esteves Esteves	"	Pontevedra	"
1531	Perfecto Castro Conde	"	Pontevedra	"
1532	Vicente Garcia	Brasil		"
1533		"		"
1534		España	Oviedo	"
1535	José Rodríguez Meleiro	"	Orense	"
1536	José Rocha Veloso	"	Orense	"
1537	Valentin Gago Rodríguez	"	Orense	"
1538	Manuel Rodríguez Gonzalez	"	Orense	"
1539		"	Pontevedra	"
1540	Francisco Garcia Antonio	"	Creciente	"
1541	Francisco Garcia Alvarez	"	Orense	"
1542	Blas Campos	"	Orense	"
1543		"	Granada	"
1544		"	Pontevedra	"
1545	Fidel Peña Sanchez	"	Salamanca	"
1546	Aurelio Garcia Rivero	"	Orense	"
1547	Castor Rodríguez	"	Orense	"
1548		"	Granada	"
1549		"	Valdepeñas	"
1550	Delmiro Soto Suárez	"	Orense	"
1551	Francisco Pujol Pagés	"	Barcelona	"
1552		"	Badajos	"
1553	Manuel Gonzalez	"	Creciente	"
1554	Florentino Martinez Veloso	"	Pontevedra	"

1555	Frederico Magdalena López	“	Salamanca	“
1556	Francisco Gomez	“	Orense	“
1557	Odélio Soane	“	Orense	“
1558	José Péres Lavoran	“	Coruña	“
1559	Alfredo Ruiz Sierra	Brasil		“
1560	Sebastián Cramer Filho	Brasil		“
1561	Francisco Salgado	España	Orense	“
1562		Brasil		“
1563	Manuel Mondelo	Portugal		“
1564	Antonio López	España	Orense	“
1565	José Estevez Rodriguez	“	Creciente	“
1566		Brasil		“
1567	Francisco Del Rio Lopez	España	Orense	“
1568	Ernesto Camba Delgado	“		“
1569			Cuenca	“
1570		España	Orense	1919
1571	Hermetes Estevéz	“		“
1572	Luis Verges	“	Madrid	“
1573	Antonio Vazquez Rodriguez	“	Orense	“
1574		Brasil		“
1575	Benito Sotelo Cortés	España	Orense	“
1576	Isidro V. Mendoza	“		“
1577		“	Orense	“
1578	Juan Cruz	“	Almeria	1920
1579		Brasil		“
1580	Miguel Alvarez	España	Pontevedra	“
1581	Gregorio Robles Estevez	“	Salamanca	“
1582	Antonio Garcia de Castro	“	Oviedo	“
1583	Alfonso Romero	“	Orense	“
1584		“	Huelvas	“
1585		“	Lugo	“
1586	Ecequiel Varela Quintela	“	Coruña	“
1587		“	Leon	“
1588	Marcelo Miranda Alonso	Brasil		“
1589	Rodrigo Borjas Pérez	España	Orense	“
1590	Benito Pérez	“	Orense	“
1591	Augusto V. Martín	“	Orense	“
1592	Franciso Gil Troncoso	“	Creciente	“
1593	Pedro Calvo Durán	“	Sevilha	“
1594	Constantino Calvelo	“	Coruña	“
1595	Antonio Linares	Brasil		“
1596	Pablo Gil	España	Madrid	“
1597	Miguel Pérez Pinto	“	Orense	“
1598	Ventura Casado Ferrero	“	Madrid	“
1599		“	Orense	“
1600	Francisco Castro	Brasil		“